

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - DOUTORADO**

VALDINEIA FERREIRA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA MÍDIA IMPRESSA LOCAL:
*EXPRESSÃO NOTÍCIAS E CORREIO CACERENSE***

**Porto Alegre/RS
2024**

VALDINEIA FERREIRA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA MÍDIA IMPRESSA LOCAL:
*EXPRESSÃO NOTÍCIAS E CORREIO CACERENSE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Cultura, Política e Significação.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Maria Müller.

Porto Alegre/RS
2024

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA MÍDIA IMPRESSA LOCAL:
*EXPRESSÃO NOTÍCIAS E CORREIO CACERENSE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Karla M. Müller (orientadora) – PPGCOM/UFRGS

Profª. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow – FABICO/UFRGS

Profª. Drª. Daiane Bertasso Ribeiro – PPGJor/UFSC

Profª. Dra. Flávia Melo da Cunha – PPGAS/UFAM

Profª. Dra. Iraildes Caldas Torres – PPGSS/UFAM

Profª. Drª. Ilza Maria Tourinho Girardi (suplente) PPGCOM/UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Valdineia Ferreira dos
A representação social da mulher na mídia impressa
local: Expressão Notícias e Correio Cacerense /
Valdineia Ferreira dos Santos. -- 2024.
207 f.
Orientadora: Karla Maria Müller Müller.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Jornal impresso. 2. Mídia local. 3.
Representação social. 4. Gênero. 5. Prática
discursiva. I. Müller, Karla Maria Müller, orient.
II. Título.

A Deus, meu socorro nos momentos de angústias,

E força na fraqueza;

À Tata - minha mana - (*in memoriam*/2009);

Ao meu pai – Nelson - (*in memoriam*/2024)

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo fôlego de vida, saúde, e por suprir todas as minhas necessidades para chegar até aqui.

Ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), pela oportunidade e acolhimento para me qualificar como pesquisadora em nível de doutorado.

À secretaria do PPGCOM pela agilidade e atenção, sempre que precisei.

Aos funcionários do Restaurante Universitário (RU) pelas deliciosas refeições, pela simpatia e atenção no atendimento.

À iluminada professora Karla, minha querida e admirável orientadora, muito obrigada pelas valiosas orientações, pelas contribuições para meu percurso acadêmico, pelos momentos de aprendizado e descontração, pela generosidade, compreensão e paciência: todo meu respeito e admiração!

Aos membros examinadores da banca de qualificação e de defesa da tese.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Instituto de Natureza e Cultura (INC), por ter me permitido cursar o doutorado com dedicação, especialmente, aos colegas do Colegiado de Letras. Embora, *In memoriam*, quero expressar toda minha gratidão à saudosa Selma Baçal, que idealizou uma universidade com docentes pós-graduados.

Aos amigos/as e colegas de estudos do PPGCOM, obrigada pela atenção, preocupação, acolhimento, especialmente, a galera do DINTER (Cristiane, Judy, Carlos, Lucimery, Carla, Gleilson, Alberto) pela força dada nos meus momentos de fraqueza e pelas gargalhadas, pessoas que criei laços afetivos e apoio para amenizar as tensões de quatro anos de doutorado.

À cidade de Porto Alegre que, por meio das pessoas/anjos, dentro e fora da UFRGS, me acolheu tão calorosamente, obrigada pelos passeios e lugares maravilhosos, pelos cafés, pelo chimarrão, pelos momentos de lazer, cultura e aprendizado.

Ao meu esposo e meus filhos pela compreensão e apoio: AMO VOCÊS!

A todos os meus familiares e amigos: minha querida mãe por tudo, especialmente pelas suas orações; irmãos, irmã, cunhadas, cunhado, sobrinhos e sobrinhas, sogro e sogra, à Igreja Batista Central (IBC), enfim, a todos que torceram e oraram por mim.

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas [...]

ErasmO Carlos

RESUMO

Esta pesquisa enfrenta o desafio de investigar as relações entre o jornal impresso local, as representações sociais e gênero, com objetivo de compreender como a mulher é representada e como o discurso jornalístico participa da construção dessas representações. Para tanto, foi constituído um *corpus* de unidades discursivas a partir dos jornais *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*, ambos produzidos no município de Cáceres/Mato Grosso. Foram analisadas 38 notícias entre os períodos de março de 2019 e março de 2021. Para dar conta da proposta, utilizamos a *Semântica do Acontecimento* (Guimarães, 2002; 2005) como referencial teórico-metodológico. A sustentação teórica foi estruturada em três eixos: jornalismo, representação social e gênero. O jornalismo é considerado sob a ótica construcionista (Traquina, 2001), (Alsina, 2009), entendendo-o como um dos atores responsáveis por transformar os fatos em acontecimentos e, assim, reforçar ou questionar normas sociais; e como prática discursiva (Benetti, 2008) para fundamentá-lo como lugar de produção e circulação de sentidos. Recorremos aos conceitos de Müller (2004) e Dornelles (2006, 2010, 2012) para refletir sobre as características dos jornais impressos interioranos. Para abordar o conceito de representação social e a relação com a cultura, recorremos aos estudos de Moscovici (2007), Jodelet (2001), Hall (1999; 2005; 2016), entre outros. Por fim, para entender o conceito de gênero, enquanto construção social, nos filiamos aos estudos de Bourdieu (2012), Muraro (2002) e Scott (1990). A pesquisa revelou que, embora os jornais analisados reconheçam tanto as adversidades enfrentadas pelas mulheres, quanto suas conquistas, o que prevalece é a predominância da representação social da mulher como vítima de violência. O discurso jornalístico é atravessado por uma base patriarcal que enfatiza a vulnerabilidade feminina. Essa dualidade nos discursos dos dois jornais destaca um desafio central do jornalismo contemporâneo: equilibrar a representação das realidades, muitas vezes duras, enfrentadas pelas mulheres com a promoção de discursos que fortaleçam a imagem de mulheres autônomas, empoderadas e agentes ativas de mudança.

Palavras-chave: Jornal impresso; mídia local; representação social; gênero; prática discursiva.

ABSTRACT

This research faces the challenge of investigating the relationship between the local printed newspaper, social representations and gender, with the aim of understanding how women are represented in the local printed newspaper and how journalistic discourse participates in this construction. To this end, a corpus of discursive units was assembled from the newspapers *Expression News* and *Mail Cacerense*, both produced in the municipality of Cáceres/Mato Grosso. We analysed 38 news items from March 2019 to March 2021. We used the *Semantics of the Event* (Guimarães, 2002; 2005) as our theoretical-methodological framework. The theoretical framework was structured around three axes: journalism, social representation and gender. Journalism is considered from a constructionist perspective (Traquina, 2001), (Alsina, 2009), understanding it as one of the actors responsible for transforming facts into events and thus reinforcing or questioning social norms; and as a discursive practice (Benetti, 2008) to ground it as a place of production and circulation of meanings. We used the concepts of Müller (2004) and Dornelles (2006, 2010, 2012) to reflect on the characteristics of inland printed newspapers. To approach the concept of social representation and its relationship with culture, we used the studies of Moscovici (2007), Jodelet (2001), Hall (1999;2005; 2016), among others. Finally, to understand the concept of gender as a social construction, we used the studies of Bourdieu (2012), Muraro (2002), Scott (1990), among others. The research revealed that although the newspapers analysed acknowledge both the adversities faced by women and their achievements, what prevails is the predominant social representation of women as victims of violence. The journalistic discourse is permeated by a patriarchal base that emphasises women's vulnerability. This duality in the discourses of the two newspapers highlights a central challenge facing contemporary journalism: balancing the representation of the often harsh realities faced by women with the promotion of discourses that strengthen the image of women as autonomous, empowered and active agents of change.

Keywords: Print newspaper; local media; social representation; gender; discursive practice.

RESUMEN

Esta investigación se enfrenta al desafío de investigar la relación entre el periódico impreso local, las representaciones sociales y el género, con el objetivo de comprender cómo las mujeres son representadas en el periódico impreso local y cómo el discurso periodístico participa en esta construcción. Para ello, se reunió un corpus de unidades discursivas de los periódicos *Expressão Notícias* y *Correio Cacerense*, ambos producidos en el municipio de Cáceres/Mato Grosso. Analizamos 38 noticias de marzo de 2019 a marzo de 2021. Utilizamos la Semántica del Acontecimiento (Guimarães, 2002; 2005) como marco teórico-metodológico. El marco teórico se estructuró en torno a tres ejes: periodismo, representación social y género. El periodismo es considerado desde una perspectiva constructorista (Traquina, 2001), (Alsina, 2009), entendiéndolo como uno de los actores responsables de transformar los hechos en acontecimientos y así reforzar o cuestionar las normas sociales; y como práctica discursiva (Benetti, 2008) para fundamentarlo como lugar de producción y circulación de significados. Utilizamos los conceptos de Müller (2004) y Dornelles (2006, 2010, 2012) para reflexionar sobre las características de los periódicos impresos del interior. Para aproximarnos al concepto de representación social y su relación con la cultura, recurrimos a los estudios de Moscovici (2007), Jodelet (2001), Hall (1999; 2016), entre otros. Por último, para comprender el concepto de género como construcción social, utilizamos los estudios de Bourdieu (2012), Muraro (2002), Scott (1990), entre otros. La investigación reveló que aunque los periódicos analizados reconocen tanto las adversidades que enfrentan las mujeres como sus logros, lo que prevalece es la representación social predominante de las mujeres como víctimas de la violencia. El discurso periodístico está impregnado de una base patriarcal que enfatiza la vulnerabilidad de las mujeres. Esta dualidad en los discursos de los dos periódicos pone de relieve un reto central para el periodismo contemporáneo: equilibrar la representación de las realidades, a menudo duras, a las que se enfrentan las mujeres con la promoción de discursos que refuercen la imagen de mujeres autónomas, empoderadas y agentes activos del cambio.

Palabras clave: Periódico impreso; medios de comunicación locales; representación social; género; práctica discursiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia).....	64
Figura 2 - Cáceres/MT.....	64
Figura 3 - Cáceres/MT.....	65
Figura 4 - San Matías/Bolívia.....	65
Figura 5 - San Matías/Bolívia.....	66
Figura 6 - Fachada do Jornal <i>Correio Cacerense</i>	68
Figura 7 - Capa da versão impressa da edição nº 10.457 do Jornal <i>Correio Cacerense</i> , de 14 a 17 de abril de 2022.....	69
Figura 8 - Fachada do Jornal <i>Expressão Notícias</i>	71
Figura 9 - Capa da edição nº 760 do Jornal <i>Expressão Notícias</i> , de 09 de junho de 2019..	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de matérias publicadas no jornal <i>Expressão Notícias</i> (2019/2021).....	82
Tabela 2 - Relação de matérias publicadas no jornal <i>Correio Cacerense</i> (2019/2021).....	83
Tabela 3 - Relação de matérias publicadas nos dois veículos.	85
Tabela 4 – Títulos e recortes das matérias analisadas no jornal <i>Expressão Notícias</i>	91
Tabela 5 – Títulos e recortes das matérias analisadas no jornal <i>Correio Cacerense</i>	112
Tabela 6 – Relação das matérias publicadas por ano e por editoria - <i>Expressão Notícias</i>	150
Tabela 7 – Relação das matérias publicadas por ano e por editoria – <i>Correio Cacerense</i>	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matérias por editoria no jornal Expressão Notícias.	90
Gráfico 2 – Matérias por editoria no jornal <i>Correio Cacerense</i>	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	27
1.1 O papel da mídia na sociedade	27
1.1.1 Jornalismo como construção da realidade social e cultural.....	30
1.1.2 Mídia local	39
1.2 Representação Social, Cultura e Identidade: relações compartilhadas	41
1.3 Gênero: um conceito em desconstrução	50
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	60
2.1 O objeto em foco	61
2.2 Análise Semântica como metodologia de interpretação.....	73
2.1.2 Espaços de Enunciação e Cena Enunciativa.....	77
2.3 A Constituição do <i>corpus</i> : coleta e sistematização	79
3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER: memória e sentidos	87
3.1 Jornal <i>Expressão Notícias</i> : Representação Social da Mulher	90
3.2 Jornal <i>Correio Cacerense</i> : Representação Social da Mulher.....	111
3.3 Olhares possíveis sobre a mulher	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	160
ANEXOS	169

PRÓLOGO

Certa vez, li no site “thinkolga.com”, uma frase que diz: “É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo. Para viver como uma. Para escrever sobre elas”. Concordo plenamente, pois como mulher, tenho experimentado os sabores e dissabores que nos cercam e nos constituem diariamente. Mas quero aqui acrescentar que, é preciso ter mais coragem ainda para escrever sobre a mulher em regiões do interior pelo viés comunicacional, dado que, além de ser regiões que, muitas vezes, excluem e invisibilizam a mulher enquanto sujeito, a mídia local apresenta várias possibilidades de existência de modos de ser mulher, povoando no imaginário social mulheres que devem corresponder às expectativas masculinas, criadas em função da condição histórica de que a mulher tem o dever de acompanhar o homem e fazer-se sempre em relação a ele.

O presente trabalho é fruto de uma caminhada de inquietações e angústias, somadas à maturidade e coragem para falar sobre o assunto, ou seja, falar sobre representações sociais naturalizadas que conduzem a práticas de exclusão, práticas cruéis de todo tipo de violência: física, emocional, simbólica. A história a ser narrada nas próximas linhas é longa, não caberia em um prólogo, por isso tentarei expor, de forma resumida, a minha trajetória profissional e acadêmica e, em alguns momentos, enveredando pelo pessoal.

Fui criada e praticamente vivi quase toda minha vida em região de fronteira, na cidade de Mirassol D’Oeste, estado de Mato Grosso/Brasil, que faz fronteira com San Matias/Bolívia. Nasci em uma família de homens extremamente machistas, com pai, tios, avôs que não respeitavam suas esposas, nem como pessoa. Os patriarcas da casa tomavam toda e qualquer tipo de decisão sozinhos, principalmente sobre “negócios” (compra e venda de gado, terras, casa). As esposas não participavam em nada, o único direito e/ou obrigação que elas tinham era cuidar da casa, manter limpa e arrumada, cuidar dos filhos, deixar o almoço na mesa, sem dar palpite em nada, muito menos reclamar, pior ainda se reclamassem sobre a infidelidade dos maridos. Não existia diálogo, geralmente as coisas eram resolvidas à base da agressão verbal ou física.

Nesse contexto familiar nasci, cresci e fui atrevida por não querer envelhecer nessa realidade, fui atrevida por ter sonhos: sonhava em trabalhar fora de casa, em fazer uma faculdade, ter uma profissão, ter independência financeira, não depender de ninguém, principalmente de marido. Todos esses sonhos foram alimentados pela minha mãe, que enfrentou o marido e a sociedade para que os filhos estudassem, principalmente as filhas,

pois, nessa família, “mulher” não precisava estudar, o máximo que precisava era aprender a ler, o aprendizado valorizado era “ser dona de casa e obediente ao marido”.

Nem a família (exceto minha mãe) acreditava em mim. Uma vez minha mãe disse para uma pessoa da família que eu tinha um sonho de trabalhar no Banco do Brasil, a pessoa disse: “só se for em banco de praça”. Minha mãe chorou, ficou triste e nunca esqueceu isso. Depois de décadas, eu já tinha independência financeira, tinha duas faculdades, duas especializações e um mestrado (Linguística), ela compartilhou essa situação comigo, ficando calada por muitos anos, pois tinha medo de eu saber do comentário de descrédito e desistir dos sonhos.

Com muitas dificuldades fiz a primeira faculdade em Pedagogia (sendo a primeira dos irmãos e dos primos por parte de pai e mãe a ingressar numa faculdade). Morava há 75 km da faculdade e viajava toda noite às 17h45 e ia dormir entre 00h30 e 01h da manhã. Mas como já havia passado, com 18 anos, no concurso do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, entrava no trabalho às 12h e podia dormir até mais tarde. Importa dizer que, desde os 13 anos, eu já trabalhava em lojas, mercados, e aos 15 anos comecei a trabalhar na Ordem dos Advogado do Brasil/OAB/MT. Bem antes disso, já vendia leite, verduras e peixe em meu bairro, pois meu pai caçava e pescava e minha mãe plantava verduras, nunca fiz concurso para ingressar no Banco, achava que os funcionários trabalhavam sob muita pressão.

Em busca de melhores salários, fiz o concurso da Polícia Judiciária Civil do Mato Grosso e fui aprovada (fui muito criticada por sair do Fórum para assumir o concurso na Polícia). Aos 21 anos fui morar numa região bem mais próximo da fronteira com a Bolívia, praticamente há dez minutos cruzava a linha de divisa, sendo a única mulher na polícia civil e militar daquela região. Fui muito respeitada e admirada por uns, e discriminada por outros.

Com a minha conversão do catolicismo para a igreja evangélica, conheci vários casais e famílias da igreja que eram felizes, as mulheres eram respeitadas, bem diferente do padrão de casamento e relacionamento entre marido e mulher que eu conhecia. Então aos 25 anos, mudando o conceito de casamento, me casei e fui embora, para acompanhar meu marido, para o estado de Rondônia, morando em outra região de fronteira com a Bolívia. Pedi exoneração da Polícia Civil e comecei a ministrar aulas numa escola particular por dois anos.

Depois passei no concurso do município, trabalhando por aproximadamente 12 anos na educação infantil, alfabetização, educação de jovens e adultos e como professora

substituta na Universidade Federal de Rondônia e em faculdades particulares, ministrando a disciplina de Fundamentos e Prática da Educação Especial, e outras, pois já atuava com alunos com deficiência na Educação Básica.

Em 2008, fiz a segunda graduação em Letras e, em 2011, iniciei o mestrado em Linguística. Mas, por falta de maturidade e coragem de expor minhas inquietações e angústias como mulher, desenvolvi minha pesquisa sobre designação/nomeação da pessoa com deficiência, com objetivo de analisar em documentos oficiais como leis e decretos, se e como a mudança de nome influenciava às práticas preconceituosas contra a pessoa com deficiência. Com a conclusão do mestrado, novamente mudei de cidade para acompanhar meu esposo, sendo cedida para outro município, ocasião em que fui trabalhar diretamente na Secretaria Municipal de Educação do município de Ariquemes/RO, ministrando cursos sobre educação inclusiva para professores da escola do campo e para os coordenadores das escolas da zona urbana.

Em 2017, fui aprovada no estado como professora de Língua Portuguesa, quando fui atuar no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio. Um ano depois, fui aprovada no concurso para Universidade Federal do Amazonas, assumindo em março de 2019. Fui morar novamente em outra região de tríplice fronteira (Brasil, Peru e Colômbia), região do Alto Solimões, onde vive a etnia Ticuna, o povo mais numeroso da Amazônia brasileira.

Nesse momento, inquietações, revoltas e angústias que estavam adormecidas afloraram novamente, por perceber a forma como as mulheres da região são tratadas, independente da raça, etnia, classe social. Não sei se, por se tratar de uma fronteira mais distante das capitais, ou por ser de difícil acesso, chegando apenas por navio ou avião, a falta de respeito com as mulheres é ainda mais visível, menos sutil, e pior ainda foi perceber que muitas mulheres acham natural a forma como são tratadas, algumas dizem até que é cultural e não tem como mudar. Ao conviver com as alunas da universidade, pude conhecer um pouco da história de cada uma, história de lutas, de batalhas, de confrontos contra família e sociedade para estudar e conquistar seu espaço, seus direitos. Muitas desistem no meio do caminho, acreditando no que a sociedade diz e acha: que seu lugar é em casa, procriando, ajudando na agricultura. No fim de 2019, vi a chance de fazer o sonhado doutorado (que outrora seria algo impossível, e até um atrevimento da minha parte, somente pensar em fazer um doutorado).

Ao analisar a linha de pesquisa enxerguei possibilidade perfeita para tentar compreender a representação social da mulher, como essas representações influenciam

práticas preconceituosas, e analisar o papel da mídia na construção dessas representações, pois ela é um dos mecanismos mais poderosos de veiculação de representações sociais em nossa sociedade. A mídia tem o poder de desestabilizar ou arraigar representações e estereótipos, e ainda, vi também a oportunidade de contribuir com reflexões no campo da comunicação, promovendo novas interpretações e possibilidades.

Atualmente, muitos pesquisadores estão promovendo discussões acerca de temáticas sobre identidade, principalmente de gênero, diversidade cultural, convivência e aceitação do “outro”, e a mídia, principalmente o jornal local de regiões interioranas, como instituição inserida nesse contexto, também aciona essas temáticas em suas práticas comunicacionais. Nesse sentido, são postas em circulação representações específicas, que podem ou não mobilizar práticas preconceituosas, de exclusão e de violência.

Sobre a maturidade e coragem para abordar essa temática, penso que ela chegou com muito sofrimento, pois em 2019, ao mesmo tempo que assumi o concurso na UFAM, passei por um divórcio de um casamento que já estava mal desde 2013. Em março de 2020, era para iniciar as aulas do tão sonhado doutorado, ocasião em que a pandemia da Covid-19 atingiu o Brasil de forma devastadora, sendo decretado o isolamento social. Eu passava pela dor do divórcio e principalmente pela dor de ver o sofrimento dos meus filhos, perdi alguns familiares e amigos queridos para a Covid-19, também fui submetida a duas cirurgias nos rins. Assim, por muitas vezes pensei em desistir do doutorado, ou mudar o projeto, pedir exoneração, enfim, pensei em desistir da vida, mas graças a minha fé em Deus, busquei forças e fui caminhando com ajuda de alguns “anjos” que cruzaram meu caminho.

Em março de 2021 me reconciliei com meu esposo, casamos novamente e junto com ele e meus amados filhos tive forças para continuar a viver e a sonhar. Hoje, me sinto mais forte e preparada para expor minhas angústias como mulher e meu desejo de mudança, desejo de mudar e de lutar para que outras mulheres não passem o que passei ou que tenham mais apoio. Sei que a caminhada é e será árdua, mas “não posso não fazer nada”, e esta pesquisa é uma forma de fazer alguma coisa, de não me calar diante do que já vivenciei e presencio.

Tenho um casal de filhos, e às vezes, me pego cometendo algumas práticas inconscientemente e me questiono como mudar isso, como agir diferente, como parar de transmitir a herança do patriarcado, como agir com minha filha e meu filho de forma a exterminar essas atitudes tão preconceituosas e violentas, já que fomos gerados e criados

numa cultura tão machista e tal herança está impregnada em nós por meio das representações que construímos do mundo e dos sujeitos desde a mais tenra idade.

Esta pesquisa se desenvolve numa interface entre comunicação, gênero, e linguagem, me levando a transitar por vários campos do conhecimento, entre eles, da comunicação, da antropologia, da sociologia, da psicologia entre outros. Todo o percurso empreendido até aqui, o cumprimento das disciplinas, a participação em eventos, as inúmeras leituras, as riquíssimas orientações recebidas, estão sendo de grande relevância para meu crescimento, tanto como pesquisadora, quanto como mulher. Espero, por meio desta pesquisa, contribuir com reflexões sobre a atuação da mídia, enquanto partícipe da construção de identidades culturais e sua influência na (re)produção ou transformação de representações sociais sobre a mulher.

INTRODUÇÃO

Desde as sociedades mais antigas, as mulheres foram sistematicamente colocadas à margem e privadas de participação social. A narrativa feminina é essencial para a compreensão plena da história em sua totalidade, abordando diversos temas que permeiam a experiência humana. Os grupos em situação de opressão foram e continuam sendo retratados de diversas maneiras ao longo da história, na literatura e na mídia, mas, invariavelmente, as representações advindas da classe dominante prevaleceram. Nessa direção, nos anos sessenta surge o movimento feminista juntamente com outras lutas sociais.

Conforme Hall (2005) nesse período, o enfraquecimento e a fragmentação das organizações políticas deram origem a diversos movimentos sociais distintos, onde cada movimento buscava representar a identidade de seus seguidores, como as mulheres no feminismo, a comunidade LGBT na política sexual, os negros nas lutas raciais, entre outros. Segundo o autor, o movimento teve início com uma resistência à desigualdade social de gênero, ampliando-se para abranger a construção da identidade de gênero e sexual, questionando a “noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘Humanidade’, substituindo-a pela questão da *diferença sexual*” (Hall, 2005, p. 46).

A comunicação desempenha um papel crucial na instituição de realidades compartilhadas, bem como, na mediação social. Além disso, juntamente com diversas formas de discurso, o jornalismo tem o poder de influenciar a criação, manutenção, transformação, fortalecimento ou a negação representações sociais e, associado a outras formas de discurso, o jornalismo pode tanto criar, transformar, reforçar ou refutar novas representações (Hall, 1999). A trajetória da evolução da mulher na sociedade ao longo da história é evidente, inegável, porém, existe muita discriminação e preconceito (Muraro, 2002). Na mídia, a propaganda de alguns produtos, especialmente sobre bebidas e automóveis, privilegiou a objetificação da mulher por muito tempo. Atualmente, mudanças positivas têm acontecido, inclusive com a valorização da liberdade da mulher com o direito de fazer suas escolhas e ser o que ela quiser.

O processo de globalização tem impulsionado os movimentos globais, encurtando distâncias. As repercussões dos eventos e acontecimentos afetam diretamente as pessoas, questionando seus conceitos, crenças, identidades, comportamentos, entre outros. Nesse

cenário, os meios de comunicação têm desempenhado papel essencial como facilitador nesse processo, acelerando e revolucionando a disseminação do conhecimento, como também, tem influenciado diretamente nas tradições e práticas culturais, estimulando a transformação de identidades, culturas e representações.

A cidade de Cáceres, situada no estado do Mato Grosso, extremo oeste brasileiro, tem seus acontecimentos locais narrados na imprensa escrita. Em razão da interação diária com diferentes realidades, esses relatos evidenciam vivências socioculturais com maior destaque e autenticidade. Cáceres, como uma cidade interiorana, apresenta uma dinâmica social peculiar onde a convivência com o "outro" é frequentemente mediada por uma série de normas e expectativas sociais que são, em parte, disseminadas e reforçadas pela mídia local. A questão da alteridade, ou seja, a forma como o "outro" é percebido e tratado, é crucial numa sociedade que ainda está navegando nas águas da diversidade e inclusão.

Em cidades menores, como Cáceres, o "outro" pode ser qualquer um que se desvie das normas culturais predominantes, incluindo mulheres, que desafiam papéis de gênero tradicionais. Essas trocas nos estimularam a escolher este espaço para realização da presente pesquisa. Outro fator que contribui na escolha da cidade cacerense, foi por observar que as abordagens dos jornais locais, com frequência, reproduzem uma representação estereotipada sobre a mulher que remete a discursos do sistema patriarcal. Tal prática jornalística vai contra o processo histórico do movimento feminista, que entre suas reivindicações, está o combate à violência contra a mulher, acreditando que a educação é um meio para desconstrução de estereótipos relacionados à mulher. Assim, essa pesquisa se torna relevante pela possibilidade de estimular um debate/reflexão sobre as questões de gênero, essencial para edificar uma sociedade mais igualitária, baseada na equidade entre homens e mulheres.

Os meios de comunicação, enquanto mediadores de conhecimento, exercem grande influência como agentes de representação e difusão na dinâmica cotidiana dos sujeitos. Müller e Raddatz (2009) defendem que a mídia local, mais especificamente o jornal impresso, atua como uma expressão palpável das interações sociais presentes na comunidade, refletindo os anseios e preferências decorrentes dos desafios, confrontos e demandas do cotidiano. Por mais que quisesse, o jornal impresso local, não seria capaz de escapar das influências do "outro" na comunidade. É por meio do jornal que o leitor tem acesso ao mundo, e o jornalismo se torna uma forma de narrar a realidade mediada pelos indivíduos em suas próprias subjetividades, "a partir dos movimentos realizados pelo jornalista, a mídia apresenta ou omite, através de estratégias discursivas, o que interessa a

seus enunciados” (Müller, 2003, p. 43). Mesmo que os indivíduos responsáveis pela produção dos periódicos sejam influenciados por suas próprias perspectivas e visões, a identidade cultural da região e a preocupação do leitor se destaca como um dos elementos que preservam a relevância da imprensa local.

As dimensões simbólicas atuam na representação social da realidade, no modo que cada sujeito significa a cultura, a sociedade, o outro e a si mesmo. Segundo Hall (2005, p. 48), o processo de globalização está impactando e alterando as identidades culturais. O autor argumenta que “as identidades não são coisas com as quais nós nascemos”; elas são criadas e modificadas no interior de um sistema de representação simbólica. É esse elemento simbólico que orienta nossa percepção da realidade e como representamos o mundo. E esse sistema de representações coletivas atribui significado ao real e orienta as práticas e valores. Goffman (2002), sugere um método para compreender a sociedade através da observação das interações pessoais e dos detalhes que as envolvem. O autor compreende a vida social como um cenário onde diversos papéis sociais são representados, e assim o indivíduo se transforma de acordo com cada momento, cada situação exige papel e linguagem específica do sujeito.

Dentre as diversas teorias sobre representação, escolhemos a abordagem da Psicologia Social, elaborada por Sérgio Moscovici (2007). O autor define representação social como um conjunto de valores, ideias e práticas e destaca que as representações sociais ajudam a compreender um objeto específico e fornece ao sujeito (seja um indivíduo ou um grupo) a capacidade de definição e uma função de identidade, expressando um valor simbólico. Nessa perspectiva, as representações surgem a partir da interação e comunicação, assumindo formas e configurações distintas em momentos determinados, como resultado do equilíbrio dos processos de influência social.

Jodelet (2001) acrescenta que a representação é uma forma de conhecimento prático, servindo como ligação entre um sujeito e um objeto, para agir tanto no mundo quanto nos outros. De acordo com ela, as representações consistem em elementos informativos e imagéticos, organizados como um tipo de saber que reflete a realidade. Nessa ótica, as representações sociais estão em constante movimento e são compartilhadas pelos grupos sociais, interligando-se com a realidade para fornecer explicações ou até mesmo levantar questionamentos sobre ela (Jodelet, 2001).

Não há neutralidade nesse mundo simbólico, pois cria sistemas de interpretações e significados que norteiam e conduzem nossa forma de agir diante dos lugares, objetos e pessoas. Nessa relação entre a construção das representações sociais e o mundo, a

comunicação entra como uma mediadora, pois atua diretamente na formação de crenças, opiniões, interpretações e representações do que compreendemos como realidade. Assim, a atividade jornalística pode reproduzir ou transformar discursos e representações sociais, e nesse viés, o jornal local é inserido como mediador social, num espaço público midiático, contribuindo significativamente na construção de realidades por atuar num local de diálogo e conexões que contribuem na instituição de sentidos comuns, isto é, de significados compartilhados (Jodelet, 2001).

Em seus estudos sobre Gênero, sexualidade e educação, Louro (1997, p. 89) afirma que a escola é atravessada pelos gêneros, “é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Essa afirmação a autora estende a qualquer instituição social (igreja, governo, política, práticas educativas), uma vez que, as diversas instâncias, práticas ou espaços sociais são generificados: “isso significa que essas instituições e práticas não somente ‘fabricam’ os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero [...]” (Louro, 1997 p. 88). Nessa mesma linha teórica, Veiga da Silva (2010) constatou que o jornalismo, enquanto instituição social, é constituído por sujeitos generificados, cujos procedimentos selecionados na produção das notícias são perpassados por concepções de gênero e relações de gênero e poder,

o fato de os profissionais estarem constituídos por gênero (e também por geração, religião, classe) tem ingerência direta nos modos de produção das notícias e também nas relações hierárquicas, de poder e de prestígio entre eles, bem como as próprias notícias são discursos produzidos com bases em concepções de gênero [...] (Veiga da Silva, 2010, p. 64).

Segundo a autora, pelo fato de se relacionar com os saberes legítimos e produzidos nas instâncias de poder, o jornalismo torna-se como um dos sistemas de representação social evidente, influenciando diretamente nas configurações das convenções sociais.

As discussões sobre questões de gênero estão ganhando cada vez mais destaque entre os meios de comunicação, especialmente no jornalismo, o que pode ser desafiador: por ser uma prática generificada como exposto acima, ele caminha entre trajetórias de ruptura e manutenção, ou seja, oscila entre a transformação, reforço ou perpetuação das diferenças e desigualdades sexuais e de gênero. Portanto, refletir sobre questões de gênero abre uma possibilidade de compreender algumas desigualdades e problemas da nossa sociedade. Conforme Dias (2020), a cobertura de questões de gênero pelos meios de comunicação teve um alcance significativo, uma vez que muitos tópicos que eram

ignorados, atualmente apresentam uma rotina, como a violência baseada no gênero, oportunidades de emprego, salários, direitos reprodutivos e a saúde das mães. Questões como objetificação das mulheres ou a naturalização de uma hierarquia heteronormativa têm se tornado pauta cada vez mais comum se comparado há duas décadas. Para o autor, as pesquisas acadêmicas têm revelado tanto uma melhoria nas coberturas, quanto, como e por que as discussões de gênero são importantes para o jornalismo nas culturais democráticas.

As perspectivas, brevemente expostas, conduziram e impulsionaram o caminho investigativo da presente pesquisa, contribuindo com perguntas relevantes, dentre elas: **quais representações sociais sobre a mulher são veiculadas em jornais impressos locais de Cáceres e de que modo o discurso jornalístico participa da construção dessas representações?** Para responder essas indagações e, a partir dos objetivos estabelecidos, nos propomos a desenvolver um estudo semântico filiando-nos à *Semântica do Acontecimento*, de Guimarães (2002; 2005) como referencial teórico-metodológico.

Partindo do princípio de que os meios comunicação, entre eles, o jornal impresso local, exercem um papel fundamental no enfrentamento de desafios sociais, não apenas transformando fatos em acontecimentos jornalísticos, mas também questionando os agentes envolvidos, oferecendo sentidos e mobilizando o debate público, esta pesquisa dedica-se a analisar os discursos e seus efeitos de sentidos que circulam nas matérias/acontecimentos referentes à mulher, incluindo a transexual (independente de raça, cor e orientação sexual), os quais constituem representações sociais feminina (Moscovici, 2007).

Para a realização do estudo, escolhemos dois veículos impressos locais presentes na cidade de Cáceres: *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*. No período da coleta de dados, os dois veículos tinham a versão impressa. Atualmente, apenas o jornal *Correio Cacerense* continua com a versão impressa, enquanto o *Expressão Notícias*, assim como os demais jornais da região, está na versão *online*. Portanto, a pesquisa contempla o jornal impresso local.

O período delimitado para seleção das notícias são dois anos - os meses entre março de 2019 e março de 2021 - um ano antes da pandemia Covid-19 e o primeiro ano da pandemia para observar se houve mudança nos acontecimentos/fatos sobre a mulher. Entendemos que este recorte temporal é adequado, pois representa um momento singular na história do Brasil e do mundo, uma vez que os primeiros casos de coronavírus foram registrados na China, em dezembro de 2019. A disseminação mundial da doença foi tão rápida, que em 11 março de 2020, a então epidemia, foi caracteriza como pandemia Covid-

19 pela Organização Mundial da Saúde¹ (OMS), uma vez que, mundialmente, a doença atingiu vários países e regiões, levando o Ministério da Saúde, no Brasil, regulamentar medidas de isolamento social e quarentena, trabalho remoto, aulas virtuais, entre outras medidas.

O ano de 2020² é considerado o ano em que o mundo parou em consequência da pandemia - contaminação e morte de milhares de pessoas. A preocupação com a sobrevivência à Covid-19 passou a direcionar as relações entre as pessoas, que foram forçadas a trocar o dinamismo das ruas pela privacidade de seus lares. Confinados em suas residências, os sujeitos passaram a enfrentar dramas pessoais que, talvez já tivessem, mas foram intensificados pela pandemia. Nesse cenário, todos foram negativamente afetados – homens, crianças, jovens e, especialmente, mulheres -, no caso da violência doméstica, realidade já preexistente, que se agravou durante o período de quarentena, resultando em um aumento do número de vítimas. Desta forma, delimitamos o recorte temporal desta tese entre março de 2019 a março de 2021 que, além de podermos observar se houve ou não mudanças nos fatos/acometimentos, após as análises, será possível constatar com precisão como o estado pandêmico foi abordado pelo jornalismo local nos acontecimentos sobre as mulheres.

O *corpus* é composto por 57 notícias, sendo 12 do jornal *Expressão Notícias* e 45 do jornal *Correio Cacerense*. Destas notícias, 38 foram analisadas discursivamente, as quais rememoraram diversos discursos históricos sobre a mulher, cujos sentidos foram reforçados, deslocados, transformados e alguns, silenciados.

Após expor os questionamentos, o objeto, os motivos pela escolha da região (Cáceres) e lapso temporal, é importante esclarecer que este estudo tem como objetivo geral compreender como a mulher foi/é representada nos jornais *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*. Analisaremos a abordagem adotada pelo jornal e seus dizeres sobre a mulher, numa perspectiva discursiva, assim, utilizando a *Semântica do Acontecimento* (2002; 2005) nos procedimentos metodológicos, os objetivos específicos são:

➤ Verificar como o discurso jornalístico da imprensa local reflete os acontecimentos nos quais a mulher está presente;

¹ Histórico da Pandemia de COVID 19. Disponível em: [² Como a pandemia afetou e continua expondo nossas fragilidades. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/como-a-pandemia-afetou-e-continua-expondo-nossas-fragilidades/>. Acesso em 29 mar.2024.](https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo. Acesso em: 22 abr. 2024.</p></div><div data-bbox=)

- Identificar quais representações sociais da mulher são predominantes nos textos analisados;
- Analisar como a representação social da mulher é (re)construída e significada nos discursos dos jornais impressos locais de Cáceres.

Propomos, neste estudo, explorar a linguagem, confrontando-nos com seus limites, tensões e silenciamento. Iremos além do simples dito, do que é explicitamente comunicado, como também do não-dito, mergulhando nos múltiplos discursos possíveis que constituem sujeitos. Esse esforço permite estabelecer uma relação menos ilusória e mais crítica com a linguagem (Guimarães, 2002).

Considerando que a proposta de pesquisa consiste em refletir sobre as discursividades constitutivas que significam e representam a mulher no jornal impresso local, as análises serão fundamentadas na *Semântica do Acontecimento* (Guimarães, 2002; 2005). Por meio dessa proposta de análise, poderemos compreender a constituição baseada na tendência sócio-histórica da representação da mulher nos discursos jornalísticos das notícias veiculadas. Para Guimarães (2002), a linguagem não é transparente e está sujeita ao equívoco, uma vez que os sentidos são abertos e não evidentes, embora pareçam ser. Não há sentidos sem interpretação e “as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos” (Orlandi, 2007, p.11).

As questões teórico-metodológicas estão detalhadas no capítulo metodológico. A originalidade desta pesquisa reside na proposta de uma análise que, ao utilizar conceitos de uma teoria semântica para extrair sentidos ofertados pelos veículos, permite correlacioná-los a práticas sócio-históricas que constituem discursos e identificam sujeitos. A pesquisa traz um diferencial na triangulação entre jornalismo, representação social e gênero, permeados pela língua/gem.

Como forma de justificar as escolhas da presente pesquisa, realizamos um mapeamento do estado da arte nos últimos anos entre 2017 a 2021, para conhecer os conceitos-chave, concepções teóricas e metodológicas utilizadas sobre pesquisas relacionadas ao jornalismo impresso local, mulher e representação social. Recorremos ao Repositório de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Repositório Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/LUME e à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), com objetivo de fazer um levantamento e análise das produções realizadas e legitimadas na área sobre o tema “mulher/gênero, identidade/representação social, comunicação/jornal impresso”, e que, de alguma forma, se

aproximasse da especificidade e objetivos de nossa pesquisa. Os descritores (palavras-chave) utilizados na busca foram “mulher/gênero”, “representação/social” (com objetivo de localizar abordagens que versem sobre representação social), e “mídia/jornal”. Foram utilizados diferentes filtros, devido à dificuldade de encontrar pesquisas semelhantes aos objetivos propostos.

No catálogo de teses e dissertações/CAPES, apareceram 483 produções, sendo 291 dissertações e 192 teses. Após leitura dos títulos, palavras-chave e resumo, foram selecionados três (03) trabalhos que serviram de fato como referencial teórico por abordar a representação social da mulher.

Após buscas, sistematização e análise das produções no Repositório Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/LUME, e na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/COMPÓS, não foram encontradas pesquisas que investigam a representação social da mulher no campo da Comunicação, os trabalhos encontrados sobre a mulher não tinham como foco a representação social, abordavam representação cultural, política, agrária, entre outras. Desta forma, não estamos assumindo que este estudo seja pioneiro na academia ao abordar a intersecção entre jornalismo impresso local, representação social e gênero, uma vez que tem a possibilidade de alguma pesquisa já ter sido publicada antes desta, mas acreditamos estar diante de um cenário desafiador: analisar e refletir sobre representações sociais da mulher, nas discursividades do jornal impresso local.

Esse levantamento revelou que atualmente não tem como tratar de problemáticas relacionadas à mulher, sem discutir questões de gênero, cultura e identidade. Os temas abordados no meio acadêmico representam as preocupações e/ou problemáticas sociais. Nesse sentido, é fundamental investigar como a mídia jornalística aborda a problemática relacionada à representação social referente à mulher enquanto gênero, bem como, as contribuições do jornal impresso local na construção e circulação desses sentidos e seus efeitos na sociedade.

Neste momento, é relevante mencionar os fundamentos teóricos que nos filiamos para sustentar esta pesquisa, bem como, sua estrutura divisória, a fim de guiar o leitor nas direções que iremos seguir. A tese está organizada em três capítulos. Iniciamos pela Introdução, que elucida componentes formais da pesquisa, tais como os questionamentos a serem respondidos; objetivos - geral e específicos -, os quais direcionaram os procedimentos realizados; os objetos empíricos selecionados para as análises e reflexões

críticas; as justificativas, que revelaram a relevância acadêmica e social do presente estudo e a metodologia utilizada para alcançar êxito na pesquisa.

No capítulo um contextualizamos o jornalismo sob a ótica interacionista, como um campo discursivo. Autores como Traquina (2005), Alsina (2009), e Berger e Luckmann (2004) são fundamentais para situar a prática a partir de uma abordagem construcionista do jornalismo, tomando-a como um dos agentes responsáveis por transformar fatos em acontecimentos, perpetuando, transformando e desafiando normas sociais. Também foram acionados Benetti (2008) para dar suporte ao jornalismo como prática discursiva e Melo e Assis (2016) para classificação de textos conforme gêneros e formatos. Para abordar as características da mídia local, especificamente, dos jornais impressos, recorreremos aos estudos de Müller (2004; 2010) e Dornelles (2006, 2010, 2012). Os estudos de Hall (1999; 2005; 2016), Moscovici (2007) e Jodelet (2001; 2003) foram essenciais para abordar o conceito de representação social, cultura e identidade. Por fim, faremos uma reflexão sobre o conceito de gênero enquanto construção social e a forma que esse conceito afeta as relações e práticas sociais. Para essa discussão nos filiamos às abordagens de Muraro (2002), Scott (1990), Butler (2003), Louro (1997), Bourdieu (2012) e Buitoni (2009).

No capítulo dois detalhamos a metodologia adotada para o trabalho, ou seja, a *Semântica do Acontecimento* (2002; 2005) e suas filiações, que nos ajudaram a compreender como a mulher é representada no discurso jornalístico impresso local, justificamos os recortes, e detalhamos o *corpus* da pesquisa. Também apresentamos os veículos selecionados para o estudo.

No capítulo três apresentamos o percurso analítico, por meio das análises discursivas das notícias, com os resultados alcançados. Por fim, tecemos considerações finais, compreendendo uma visão mais ampla do trabalho, respondendo aos questionamentos e objetivos, e refletindo, a partir dos resultados encontrados. E por último, as referências que sustentaram a pesquisa, apêndices e anexos. Considerando que refletir sobre a representação social da mulher, é refletir sobre a sociedade, seus valores e crenças, acreditamos que os resultados da pesquisa fornecem elementos para promover uma análise e/ou discussão mais crítica sobre o impacto da atuação do jornalismo local na construção de sentidos e formação de conceitos que projetam a imagem feminina, bem como, influenciam na transformação de valores e instituição de convenções normativas da sociedade.

1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O objetivo deste capítulo é apresentar conceitos que se relacionam com a mídia e o jornalismo como fonte de produção e troca de sentidos através de construções simbólicas, aprofundando-se no papel social do jornalismo como construtor da realidade social e cultural. Para isso recorreremos aos estudos de Guareschi (2005; 2012), Traquina (2005; 2001), Alsina (2009), Berger e Luckmann (2004), Müller (2003; 2010) e Dornelles (2006, 2010 e 2012). Abordaremos também o conceito de representação social de Moscovici (2007), Jodelet (2001; 2003; 2009), Hall (1999; 2005; 2016), entre outros. Em seguida trataremos sobre o conceito de gênero enquanto construção social, conforme os estudos de Muraro (2002), Butler (2003, Louro (1997). Vamos estabelecer as interações entre as diversas abordagens teóricas selecionadas.

1.1 O papel da mídia na sociedade

Atualmente, todas as esferas sociais são atravessadas pelo fenômeno da mídia. Cada camada da sociedade mantém uma ligação intrínseca com os meios de comunicação, sendo influenciada por eles. Por meio de suas diversas abordagens e procedimentos, pode destacar temas específicos, contribuindo para a formação e propagação de elementos socioculturais. A mídia é o centro da sociedade de informação, sob a qual estamos imersos. Na sociedade atual, não há instância que não tenha uma conexão intensa com a mídia, onde ela não interfira de modo específico, como na “economia, a educação, religião, e chegando, de maneira mais profunda, à própria política” (Guareschi, 2005, p. 38).

Assim, a mídia firma-se como parte principal da informação na atualidade, pois ela se torna responsável pelo cotidiano das pessoas. Ainda prosseguindo nessa mesma linha de pensamento, (Guareschi, 2005) diz que os meios de comunicação alteram o modo como os sujeitos interagem, como por exemplo, como adquirem conhecimento, consomem, exercem o direito ao voto ou como procuram assistência médica. Enfim, é possível afirmar que a mídia exerce impacto significativo na vida das pessoas.

Para Moraes (1998, p. 09 *apud* Guareschi, 2005, p. 39) presenciamos hoje “incontroláveis acelerações tecnológicas” que desafiam a vida social com uma explosão de informações. A variação progressiva da velocidade da informação impressiona e impacta pelas transformações que ocorrem nos dias atuais. Por vivenciarmos essa realidade, torna-se imprescindível tomarmos conhecimento dessas informações e sabermos discerni-las,

pois elas ocupam lugar de destaques em nossas vidas. Segundo Guareschi (2005) é necessário interpretar e dar sentido às informações para integrá-las em nossa visão de mundo.

Conforme Guareschi (2005) grande parte do tempo livre das pessoas nos dias atuais é ocupado pelo uso da mídia, bem como, a forma como elas se relacionam com os meios de comunicação é fundamental para o acesso à informação. Nos últimos tempos, a política perdeu seu local tradicional - o espaço público das ruas e praças -, pontos de encontro para debates e troca de ideias. Atualmente, esse diálogo acontece principalmente por meio da mídia, conferindo assim um grande poder de persuasão aos veículos de comunicação (Thompson, 2003 *apud* Guareschi, 2005).

A afirmação que Bourdieu (1997) faz sobre a televisão, Guareschi (2005) estende aos outros meios de comunicação, ou seja, tornaram-se um instrumento de criação da realidade. Segundo o autor, a comunicação constrói cada vez mais a realidade, ou seja, “significa o que existe, o que tem valor, aquilo que nos propicia as respostas, o que legitima e dá densidade significativa ao nosso cotidiano” (Guareschi, 2005, p. 41). Nessa perspectiva, algo (ideias, sujeitos, representações) passa ou deixa de existir, se é ou não mediado.

Além disso, os meios de comunicação não apenas informam sobre a realidade, mas também atribuem juízos de valor. Isso influencia na criação e validação de valores específicos que nos motivam a tomar atitudes, “não colocamos nenhuma ação sem que por detrás nos movam motivações, interesses, valores” (Guareschi, 2005, p. 42). Para o autor, a mídia cria e reproduz, de igual modo, crenças e valores motivando as ações. E por último, a mídia constrói nossa subjetividade, pois somos o resultado das relações que vivenciamos e construímos ao longo da vida.

Em suma, na sociedade contemporânea, os meios de comunicação não se limitam apenas a transmitir informações, como também introduzem novas maneiras de nos relacionarmos com o mundo. Através de sua capacidade de simultaneidade e instantaneidade, que influenciam as experiências, moldam percepções e processos cognitivos, a comunicação midiática está vinculada aos processos de globalização e expansão do capitalismo. Portanto, além das interações convencionais, experimentamos hoje também formas de interação mediadas pelos meios de comunicação, que alteram a forma como interagimos no espaço e no tempo. Para obtermos uma compreensão mais profunda do mundo e as pessoas, é essencial analisar o impacto da mídia na sociedade,

assim como as conexões que ela estabelece como fonte e difusora de cultura e valores simbólicos.

Para Hall (2016), ao se constituir como forma de conhecimento prático e poder simbólico, os discursos midiáticos são fontes de produção e troca de significados, relacionando-se diretamente com a cultura. Hall (2016, p. 20) enfatiza que “os significados culturais não estão somente na nossa cabeça – eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais, práticos”, e assim instituem valores e importâncias sociais que estabelecem conexões possíveis de moldar o comportamento e a percepção das pessoas em relação ao poder simbólico da mídia e hierarquias sociais. Nessa mesma direção de pensamento, para Thompson (2011) a cultura está ligada à dimensão simbólica das relações sociais, aos padrões de significado presentes nas formas simbólicas compartilhadas durante as interações sociais. Portanto, os fenômenos culturais podem ser compreendidos como representações simbólicas.

As formas simbólicas são criadas e compartilhadas pelos sujeitos em circunstâncias particulares (Thompson, 2002). Portanto, elas são repassadas de um produtor para um receptor, cujo processo é considerado como uma transmissão cultural de significados simbólicos. Nessa perspectiva, a compreensão de uma determinada cultura está diretamente relacionada à interpretação dos símbolos e da ação simbólica. Segundo o autor, os veículos de comunicação possuem uma evidente importância simbólica e estão constantemente envolvidos na criação e disseminação de significados, sendo essencialmente culturais, pois se preocupam tanto com o aspecto representativo das formas simbólicas, quanto com a sua inserção na sociedade, ou seja, os meios de comunicação atuam ativamente na construção da sociedade, criando eventos que talvez não surgiriam sem sua presença (Thompson, 2002).

Dessa forma, as pessoas estão constantemente interagindo entre si e compartilhando mensagens simbólicas. Quando pessoas transmitem ou recebem mensagens, elas utilizam não apenas as habilidades necessárias para a comunicação, mas também diferentes tipos de conhecimentos e pressupostos que fazem parte de sua bagagem cultural e ajudam no processo de troca de informações simbólicas. A compreensão ocorre de maneira mútua entre as mensagens transmitidas e os receptores envolvidos, sendo que estes últimos sempre contam com o respaldo de seus recursos culturais para auxiliar nesse processo. Desse modo, o simbólico permite a relação do homem com o mundo de forma que ele seja capaz de interpretar que o significado é sempre mutável, podendo, portanto, ser alterável.

Para Thompson (2002) de maneira profunda e definitiva, o avanço da mídia alterou completamente o modo de produção e a troca simbólica na sociedade contemporânea. Porém, sabemos que no mundo moderno, o modo que os meios de comunicação são usados não estabelecem relações análogas entre as pessoas. Assim, podemos dizer que na sociedade moderna é difícil a imposição de qualquer tipo de poder. Apesar disso, para o autor, a imprensa tradicional, um dos principais atores legitimados à negociação de significados, embora atenuado o poder de construção simbólica devido ao digital, segue presente na sociedade contemporânea e moderna.

1.1.1 Jornalismo como construção da realidade social e cultural

Frequentemente o jornalismo é limitado à especialização técnica de uma linguagem e seus padrões, enquanto os profissionais são vistos apenas como funcionários em uma linha de produção de informações. Segundo Traquina (2005, p. 22) em “Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são”, o jornalismo ultrapassa o conhecimento das técnicas jornalísticas, “o jornalismo é uma atividade intelectual”. Trata-se de uma prática criativa, evidenciada pela periodicidade e pela “construção do mundo em notícias”, ou seja, as notícias são as narrativas dos acontecimentos do mundo.

Traquina (2005), nos oferece uma compreensão teórica sobre as notícias como um produto de interações sociais, isto é, uma construção social, produto da influência de vários agentes sociais que utilizam as notícias como um instrumento para alcançar seus objetivos de comunicação. Nessa perspectiva, a abordagem teórica construcionista do jornalismo analisa a vida em sociedade como um processo de criação de significados e valores que norteiam as práticas e percepções dos diferentes grupos humanos. Essa visão pressupõe que a realidade é produto de interações sociais e, portanto, é moldada pela história e pela cultura (Traquina, 2005).

Berger e Luckmann (2004, p. 38) enfatizam em seus estudos que as pessoas tendem a encarar a realidade como algo externo e anterior às suas experiências individuais, o que não permite uma objetivação da realidade, já que a relação entre institucionalização e legitimação revela que a realidade é um constructo, “a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada em cena”.

Para os autores, entre as diversas realidades existentes, há uma que se destaca como sendo a principal. Trata-se da realidade do dia a dia, uma posição de destaque que

podemos chamar de realidade predominante. Assim, a vida cotidiana não passa de uma realidade organizada, imposta, com seus fenômenos já dispostos em padrões independentes da nossa compreensão. Ela surge objetivada, composta por uma ordem de objetos que foram identificados como tais e a linguagem usada no dia a dia constantemente fornece as objetivações necessárias e determina a ordem em que elas fazem sentido e a maneira como a vida cotidiana se torna significativa para o indivíduo (Berger e Luckmann, 2004).

Berger e Luckmann (2004, p. 36) destacam que a realidade diária é aceita como verdadeira pelos indivíduos que atribuem sentidos às suas existências, “é um conjunto que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles”. Conforme os autores, as manifestações dos processos e significados pessoais que contribuem para a construção da realidade compartilhada do senso comum é a base dos alicerces do saber cotidiano.

Desta forma, o nosso dia a dia se configura como uma realidade interpretada de forma subjetiva pelos indivíduos, sendo significativa na medida em que cria um mundo coerente para eles, e o senso comum, que abrange diversas interpretações, são baseadas em percepções da vida diária, as quais são consideradas como verdades absolutas. Para os autores, “toda atividade humana está sujeita ao hábito” (Berger e Luckmann, 2004, p. 77). A etapa fundamental, de acordo com os autores, para criação de um hábito na vida humana está intimamente ligada à criação de instituições, que são sempre compartilhadas. E a institucionalização surge quando ações habituais são definidas mutuamente pelos atores sociais. Portanto, a ação humana é influenciada pelo hábito e qualquer ação repetida frequentemente cria um padrão que pode ser reproduzido pelo sujeito posteriormente.

Além disso, “o homem se produz a si mesmo” (Berger e Luckmann, 2004, p. 72). Conforme os autores, com todas as suas constituições socioculturais e psicológicas, os sujeitos criam um ambiente social, e, nenhuma dessas constituições pode ser atribuída à biologia humana, a qual estabelece apenas os limites externos da atividade produtiva. Dessa forma, a interação entre o ser humano, o criador e o ambiente social é caracterizada por uma relação dialética, em que o homem (coletividade) e seu ambiente atuam reciprocamente um sobre o outro. Em síntese, a sociedade é um resultado da ação humana, enquanto o ser humano é moldado pela influência social (Berger e Luckmann, 2004).

Nessa direção, os veículos de comunicação exercem uma função extremamente relevante na construção das percepções e formação das representações sociais, que podem tornar-se senso comum, isto é, amplamente aceitas, “as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e

servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (Moscovici, 2007 p. 08). Desta forma, o jornalismo em suas práticas diárias, atua diretamente na construção do real, de representações sociais, culturais, políticas e principalmente, sobre a representações da mulher.

Logo, a realidade que nos parece comum, natural, é uma construção, e o campo jornalístico ocupa um lugar central nessa representação de mundo, pois se fundamenta em um conjunto de pressupostos, convicções e crenças partilhadas, e o jornal impresso local, atua diretamente como agente do processo de institucionalização das práticas cotidianas, conforme diz Bourdieu (1997) o âmbito jornalístico impulsiona sobre os variados setores de produção cultural uma série de consequências que estão associadas, em sua configuração e eficácia, à sua estrutura característica.

Franciscato (2005, p. 167) aponta algumas características do jornalismo, entre elas destacamos sua instituição social, “a instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo [...]”. Para o autor, a notícia é o “principal objeto produzido” pelo jornalismo (Franciscato, 2005, p. 171), definindo-a como objeto complexo constituída por expectativas e influências culturais.

Conforme Franciscato (2014, p. 102), “o jornalismo não apenas produz relatos sobre eventos, mas sua inserção social faz com que ele esteja imerso no processo de construção da experiência social do presente”. Nessa perspectiva, a criação de conteúdos atuais proporciona à comunidade modos únicos de como as pessoas e a sociedade participam da vida social do momento presente, podendo ser considerada um dos requisitos essenciais para que essa participação aconteça em determinados contextos de interação social. O autor considera que o “tempo presente” é o tempo de referência para a ação humana ocorrer, e “eventos” é uma construção social baseado em situações com características e reconhecimento coletivo por meio de operações simbólicas.

Consequentemente, ele informa que “os eventos têm o seu regime de tempo, e ambos são constituídos, em boa parte, a partir de fatores institucionais” (Franciscato, 2014, p. 103). Desta forma, a elaboração de um acontecimento jornalísticos requer, desde o seu início uma delimitação temporal. Os fatos jornalísticos não se limitam a marcos simbólicos do tempo atual, mas representam definições temporais de como vivenciar o momento presente. Para o autor, as notícias e suas diversas manifestações oferecem um conjunto de dados que auxiliam na construção de ações sociais, seja, influenciando a definição de

prioridades, promovendo discussões ou contribuindo para a criação e implementação de tomada de decisões públicas.

Franciscato (2014) define o jornalismo como prática social de mediação, uma vez que atua como mediador interpretando os acontecimentos e expondo à sociedade: “O jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente” (Idem, 2014, p. 97). Nesse sentido, ele desempenha um papel fundamental ao reforçar uma ordenação temporal da sociedade, contribuindo para a construção de formas particulares de convivência. Segundo o autor, o jornalismo representa uma estrutura institucional estabelecida pela qual tanto o indivíduo quanto a coletividade moldam a sua experiência social na atualidade, tornando-se um dos elementos indispensáveis para que essa experiência se concretize em determinadas formas de interações sociais (Franciscato, 2014).

Para Genro Filho (1988), a função do jornalismo consiste em proporcionar uma compreensão ampla das informações, mantendo o leitor contextualizado, e, construir conhecimentos sobre diferentes facetas da realidade, conectando uma multiplicidade de vozes, códigos e sentidos. O autor define o fato jornalístico como sendo uma construção interpretativa, elaborada a partir de um fenômeno: “O jornalismo deve cumprir o papel de interpretar e analisar a realidade porque não basta apresentar a singularidade dos fatos. É preciso contextualizar e inserir os fatos no quadro mais geral que explica as suas condições de existência” (Genro Filho, 1987, *apud* Reginato, 2019, p. 231). Em uma abordagem discursiva, são considerados diferentes fatos, dependendo dos interesses, opiniões e procedimentos envolvidos. Ao navegar entre a estrutura e o acontecimento, o jornalismo carrega consigo uma visão de mundo, uma interpretação dos fenômenos e relações guiadas pela mídia. E nesse cenário de tensões que são estabelecidos e conflitados os sentidos e interesses que permeiam as várias camadas do universo imaginário.

Desse modo, as produções jornalísticas com sua influência social e sua capacidade simbólica, devem ser voltadas para o bem-estar da comunidade, comprometidas ao interesse público, “todos os dias jornalistas escrevem notícias e disponibilizam textos que são tomados como conhecimento por alguém, acarretando questões para a vida prática das pessoas e para a compreensão de mundo que elas têm” (Reginato, 2019, p. 222). De acordo com Reginato (2019, p. 227) o jornalismo possui várias finalidades, porém, a principal delas é a de informar, uma vez que a informação é essencial para o funcionamento de uma sociedade democrática, “Entendo que informar de modo qualificado é a finalidade central do jornalismo, porque ela é necessária par o cumprimento das outras finalidades”. A autora

faz uma reflexão sobre a informação jornalística qualificada, revelando que ela deve ser verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente; tais requisitos tornam a informação qualificada, uma vez que apenas o conceito de “informar” remete à ideia do processo de transmissão de notícias, reduzindo assim a uma prática jornalística ultrapassada numa sociedade democrática.

Reginato (2020, p. 44) informa que ao estudar sobre as atribuições do jornalismo, concluiu que existem dois níveis de percepção sobre a função de informar: “como um processo finalístico, que possui um fim em si mesmo e não precisa ser explicado”. Nesse primeiro nível, a informação é vista como transmissão, como se os acontecimentos fossem um reflexo da realidade, e o jornalista tem a função apenas de informar a realidade. No segundo nível a informação é considerada “como um processo qualificado, que deve cumprir certas exigências e distingue informação de *informação jornalística*” (Reginato, 2020, p. 44). Nesse estágio o termo “informar” é predicado pelo termo “qualificado”, cuja ausência impossibilita classificar uma certa informação como jornalística. Dessa maneira, para os profissionais da área, informar representa divulgar dados relevantes, com critérios de escolha, precisão, coerência e autenticidade. Para a autora, conforme exposto acima, o jornalismo deve levar a informação de forma qualificada.

Traquina (2005) informa que a preocupação com a imparcialidade e objetividade nas informações divulgadas, surgiram no século XX, tornando-se relevantes e necessárias na prática jornalística. Era esperado que os profissionais da área fossem responsáveis por transmitir os fatos de forma precisa e sem influências, de forma objetiva. Embora complexo, o autor afirma que a notícia é o principal produto do jornalismo, visto que, os eventos são descritos/narrados a partir de uma perspectiva selecionada pelo profissional. Contudo, mesmo que de forma involuntária, muitas vezes elas refletem os interesses da classe dominante.

Para o autor, os textos jornalísticos são frutos de um processo de construção da realidade social, surgidos a partir das relações entre os diversos atores sociais. Todavia, é importante ressaltar que o jornalismo não abrange toda a realidade, tendo em vista que, “os jornalistas partilham estruturas invisíveis, ‘óculos’, através dos quais veem certas coisas e não veem outras” (Bourdieu, 2012, *apud* Traquina, 2005, p.30).

Em sua análise, Traquina (2005) entende que a notícia é uma construção social da realidade. Ele argumenta que, ao relatar um evento, a notícia não apenas o atualiza, mas também o molda, contribuindo assim para a criação da realidade social. Para ele, “as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais:

os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (Traquina, 2005, 173). Nesse sentido, as notícias resultam de um processo envolvendo percepção, seleção e transformação de eventos em produtos noticiosos (Traquina, 2005). À vista disso, como um evento específico origina uma notícia, a própria notícia também influencia o evento, uma vez que reflete diferentes aspectos do processo de sua produção.

Conforme defende a Escola Britânica de Cultura, Gaye Tuchman, defensora da abordagem construcionista, sublinha, segundo Traquina (2001), que o “valor notícia” é o resultado de diversas negociações e serve para legitimar o *status quo*, ou seja, tem o propósito de validar a estrutura dominante. As comunidades que operam fora das normas estabelecidas são consideradas como desviantes e seu desvio aumenta à medida que se distanciam das normas sociais aceitas.

Alsina (2009) também partilha de perspectivas similares nos estudos do jornalismo. O autor questiona o discurso jornalístico, colocando em dúvida a ideia de que o jornalismo se limita a mera transmissão das informações e reflexo da realidade, tendo como principal argumento a legitimação de objetividade. Para ele, o discurso jornalístico se define como “transmissor de um saber muito específico: ‘a atualidade’” (2009, p. 09) A atualidade é definida como acontecer social cotidiano, e não importa como sua definição é concebida: “o que o que acontece no mundo e que poderia ser transformado em notícia” ou unicamente “como os acontecimentos aos quais tem acesso a mídia”, a atualidade transmitida em forma de notícias representa uma parcela ínfima desses acontecimentos.

Ainda sobre o discurso jornalístico informativo, o autor destaca que sua efetividade está em transmitir a informação, “embora sem deixar de lado que também poder fazer crer (persuadir), fazer (manipular) e fazer sentir (emocionar)” (Alsina, 2009, p. 10), além de ser considerado que é um discurso social inserido num sistema produtivo. Nesse viés, ele descreve a prática do jornalismo como um papel socialmente legitimado pela sociedade para criar construções e interpretações da realidade que sejam de interesse público, devendo-se levar em consideração a interação da audiência, ou seja, a prática jornalística tal como é, uma expressão aceita e difundida socialmente (Alsina, 2009).

Em seus estudos, Alsina (2009) se apropria do pensamento de teóricos, tais como Grossi (1985b) para fazer uma distinção no conceito de realidade social como algo que já existe objetivamente, estando fora, independentemente da subjetividade, e é também o resultado das interações sociais intersubjetivas, “a realidade não pode ser completamente diferente do modo como os agentes a interpretam, a internalizam, a re-elaboram, e a

definem histórica e culturalmente” (Grossi, 1985b, p. 378 *apud* Alsina, 2009, p. 45). A objetividade considerada como independente, entra em crise e se torna um construto social resultante dessas interações (Schaff, 1976 *apud* Alsina, 2009). O autor também destaca a teoria do relativismo linguístico de Rodrigo (1999), ressaltando sobre a influência da linguagem no pensamento e no conhecimento humano, visto que é por meio dela que um grupo influencia sua cultura e afeta a forma como seus falantes percebem e representam a realidade, “as diversas línguas não só nos levam a diversas culturas, mas também a estruturas intelectuais e emocionais diversas” (Alsina, 2009, p. 45).

Em seus estudos, o autor focou na notícia, utilizando o conceito de representação social de Berger e Luckmann (1978) para conceituar a construção da notícia por meio dos acontecimentos cotidianos, propondo a seguinte definição “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (Alsina, 2009, p. 299), ressaltando a sua particularidade, visto que não é a única instância onde ocorre a construção social da realidade, isto é, apesar de existir outras instituições, a notícia age como mediadora, impactando diretamente na construção da realidade social: “No entanto, apresso-me em frisar a sua especificidade, pois ela não é a única instância onde se produz a construção social da realidade” (Alsina, 2009, p. 12). Assim, construção social da realidade depende da prática jornalística, embora não seja determinada por ela.

Nessa perspectiva, o autor entende a construção da notícia “como algo especial pertencente à realidade: é a realidade simbólica, pública e cotidiana” e os jornalistas, “como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor” (Alsina, 2009, p. 11), ou seja, produtores da realidade social. Ainda que, os jornalistas atuam enquanto mediadores na construção da realidade ao seu redor, eles fornecem estilo narrativo nessa construção, e ao torná-la pública, transformam-na em uma realidade social do cotidiano.

Alsina (2009, p. 12) faz algumas distinções entre notícia e acontecimento: a notícia “é a narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa” ou “a produção do discurso e que como tal requer um processo de elaboração textual” que se inicia por meio dos fatos diários selecionados (Idem, p. 15) ou ainda “mensagem emitida” (Idem, p. 133); enquanto o acontecimento “é a percepção do fato em si ou da notícia” (Idem, p. 12) ou “mensagem recebida” (Idem, p. 133). Portanto, o autor reconhece o acontecimento como a percepção do sistema e a notícia como a geração desse sistema.

O autor também acrescenta que um acontecimento “não é uma realidade objetiva externa nem alheia ao sujeito que percebe esse acontecimento”, uma vez que, a mídia

divulga notícias que são filtradas por diferentes agências (Alsina, 2009, p. 13). Adicionalmente, mesmo que o profissional tenha consciência dos fatos, ele vai analisar a realidade baseada em sua bagagem cultural. Ele também destaca a importância de compreender os acontecimentos como “realidades históricas determinadas socioculturalmente”, como evidenciado nas diversas interpretações históricas desses mesmos acontecimentos (Alsina, 2009, p. 13). Nesta perspectiva, a realidade que nos é transmitida pelos meios à disposição não é transparente, mas antes, mediada entre os que lhe dão forma de narração, convertendo-a numa realidade pública.

Sobre a construção social da realidade, conceito definido por Berger e Luckmann (1978), Alsina (2009) diz que “é um processo de institucionalização das práticas e dos papéis na vida quotidiana”, sendo “socialmente determinado e intersubjetivamente construído” (Alsina, 2009, p. 22). Isso faz com que o processo da comunicação seja visto como uma atividade socialmente legitimada, criando construções da realidade de relevância pública. Em síntese: a mídia institucionalizada tem legitimidade para criar a realidade social.

Nessa mesma direção Hall (1999, p. 224) diz que “Os *media* não relatam simplesmente e de uma forma transparente acontecimentos que são por si só ‘naturalmente’ noticiáveis”. Para o autor, as notícias são o resultado de um processo elaborado que começa com a seleção e escolha cuidadosa de eventos e temas de acordo com categorias estabelecidas socialmente, e, os fatos, quando transformados em notícias, são analisados dentro de contextos que se originam, em parte, da ideia de consenso como parte fundamental da rotina diária, “o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade com um consenso” (Hall, 1999, p. 226).

Dessa forma, compartilhamos um conjunto de saberes culturais com os nossos companheiros, com acesso aos mesmos “mapas de significados” e isso nos conecta como uma comunidade e cultura e o aspecto consensual vai além do que nos separa e identifica como um grupo. O autor acrescenta que é por meio da linguagem que conseguimos estabelecer essa conexão: “ Se não fossemos membros da mesma comunidade linguística, não poderíamos comunicar uns com os outros” (Hall, 1999, p. 226). Hall (2016) assevera que tanto a produção quanto a transformação dos sentidos são elementos fundamentais das interações culturais na sociedade – “organizam como o senso comum e o ‘conhecimento’ cotidiano do mundo social são estruturados, e o constante jogo de poder – de dominância e subordinação – que atravessa e permeia esse campo” (Hall, 2016, p.43b).

Apesar de não ser a única instância agindo na elaboração e circulação das representações sociais (Alsina, 2009), o jornal local tem dupla atuação - tanto reflete os acontecimentos, apresentando-os na comunidade, no caso específico de nosso estudo, no município de Cáceres, cidade interiorana, quanto como sujeito social, exerce papel fundamental na formação e desenvolvimento de princípios e valores no seio da comunidade, (re)produzindo e/ou desconstruindo representações sociais estabelecidas.

No contexto em análise, a mídia local, ao criar determinadas formas simbólicas, estabelece sistemas de representações que transmitem conceitos, valores e pensamentos de modo a contribuir na preservação e manutenção da vida (Muller, 2006). Podemos dizer que: “Mais do que um reprodutor do que se passa no mundo, os meios de comunicação assumem, cada vez mais, o papel de sujeitos, inserindo-se como agentes, participando ativamente dos rumos que tomam a sociedade” (Müller e Oliveira, 2004, p. 09). Nessa perspectiva, o jornal local produz sentidos, promovendo e estimulando ressignificações ao público, que, de algum modo, absorve e utiliza esses significados na formação de suas ideias sobre os acontecimentos.

Dornelles (2012) aborda sobre a relevância de notícias locais veiculadas em jornais de cidades do interior, que possuem alcance restrito ao âmbito municipal. Ela aponta que a preferência da imprensa local por notícias que impactam diretamente a comunidade pode ser atribuída à ligação com o território e os estilos de vida que o caracteriza. A pesquisadora argumenta que a escolha das notícias locais é determinada mais pela localização geográfica do que pelo conteúdo em si. É notável que a mídia é produzida visando atender às demandas e necessidades da região e essa característica torna a delimitação territorial o principal influenciador do que será veiculado e a pauta construída é baseada nos interesses da comunidade. Assim, o jornal local é o responsável pela disseminação das informações locais (Dornelles, 2012).

Portanto, a partir da compreensão do jornalismo enquanto produtor de sentidos, por meio da reprodução de construções simbólicas no seio de uma sociedade, poderemos compreender como a mulher é representada nas notícias dos jornais impressos locais *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*. Após abordar o jornalismo e sua relevância na apreensão do cotidiano e na construção social da realidade, a seguir, trataremos das particularidades do jornal local, com foco nos jornais impressos.

1.1.2 Mídia local

Conforme Beltrão (2013, *apud* Kobori e Pádua, 2018), os veículos de comunicação local exercem uma função fundamental na transmissão de informações e na influência social, pois impactam tanto na formação do pensamento coletivo, quanto no comportamento humano, e ainda, analisam as ações dos responsáveis pela gestão da comunidade, reconhecendo ou denunciando suas práticas. Assim, ao participar na vida social, também contribuem na busca de soluções dos problemas ou conflitos existentes. Nessa perspectiva, ao atravessar o local, interior e regional, Kodori e Pádua (2018) atribui ao localismo uma das características mais relevantes da imprensa local.

Dornelles (2010) caracteriza o localismo pela condição geográfica e pela região de circulação dos veículos do interior, o que limita sua capacidade de atuação, uma vez que os jornais estão vinculados às questões territoriais, “que é também o lugar de produção e de cobertura dos acontecimentos; ao espaço de circulação do impresso; aos conteúdos locais; à informação disponível; ao interesse do público local e, especialmente, à economia da região por onde circula” (Dornelles, 2010, p. 238). Para a autora, é fundamental o papel desempenhado pela geografia na caracterização da informação local. Esta pode ser compreendida a partir do contexto geográfico em que está inserida, em vez de suas especificidades de conteúdo.

Conforme Dornelles (2010), a comunicação local engloba a maioria dos habitantes de um determinado sistema local, mantendo-se de forma regular. O termo - local – se refere à informação sobre um distrito urbano, uma vila ou cidades de menor porte. Para ela, “os profissionais da imprensa interiorana devem reforçar a coesão social e procurar a justiça”, como também, “defender o interesse geral, os direitos e a dignidade das pessoas”, e adicionalmente, “promover a tolerância e o respeito pela diversidade” (Dornelles, 2010, p. 241-242). Nessa perspectiva, podemos observar que a autora corrobora com a visão de Mathien (2004) ao dizer que o jornal local do interior exerce um conjunto de funções.

Dornelles (2010) sustenta que a imprensa do interior, “funciona em um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pelo partilhamento dos fatos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações políticas etc” (Dornelles, 2010, p. 242). Nesse sentido, o jornal tem como missão primordial que é de atender aos anseios legítimos da sociedade que o abriga e o financia.

Dornelles (2012, p. 27) também se apoia no pensamento de Mathien (2004) para abordar sobre as funções da imprensa do interior, alegando que a singularidade da mídia

local/regional está presente em sua abordagem direcionada ao cidadão, como parte de uma comunidade geograficamente restrita, sendo possível compreender as particularidades, tais como: “mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes etc”. Portanto, o jornal impresso local desempenha um papel crucial na veiculação de matérias/acontecimentos sobre a mulher, tendo em vista que podem perpetuar visões tradicionais que as posicionam em papéis de submissão e objetificação.

Para Müller (2003), o jornal impresso exerce grande importância, é considerado como um dos meios mais antigos de comunicação, tem força de entrada e credibilidade nas comunidades, podendo sua distribuição ser limitada a uma localidade/cidade menor, alcançando áreas e/ou regiões vizinhas e criando um ambiente característico, sendo considerado, dessa forma, como recurso de comunicação gerado em grupos específicos. Ele torna dinâmica as trocas (informações) entre grupos e comunidades. A partir do que é veiculado em suas páginas, ele tem a capacidade tanto de promover discussões, quanto de silenciar outras.

Müller (2006) em seus estudos sobre jornais impressos, percebe a importância da conexão que eles possuem com a comunidade, por meio de seus conteúdos, dos temas abordados e postura editorial. A autora destaca que o jornal impresso atua tanto como um cenário quanto como um participante dos eventos locais. Por meio de sua principal ferramenta - o jornal, a mídia registra as práticas e os movimentos que vão moldando as relações sociais. Além disso, também desempenha um papel importante na articulação desse espaço, uma vez que uma parte significativa da estratégia se desenrola em seu discurso, em suas reportagens, alinhando-se com as estratégias próprias de regiões interioranas. Assim, os jornais exercem duas funções fundamentais: atuam como veículo de informação no qual a realidade é representada, enquanto, por meio de sua legitimação e forma de abordagem, também se tornam atores dos fatos (Müller, 2006).

Nesse viés, os jornais locais utilizam o conhecimento sobre a comunidade de atuação, quando selecionam os acontecimentos que possuem caráter valorativo para serem considerados notícias. Em que pese, os jornais sejam impulsionados pela própria subjetividade e refletem a identidade cultural local, o foco no interesse do leitor continua sendo um dos fatores que conserva a relevância do jornal impresso local. Ao atuar dentro de estruturas sociais e culturais que frequentemente valorizam tradições e papéis de gênero conservadores, o jornal local têm uma oportunidade única de moldar a discussão sobre a emancipação feminina e igualdade de gênero, dependendo de como apresentam as notícias por meio de suas abordagens focadas no localismo, bem como, exercem grande influência

na construção de identidades e na representação das diversas realidades sociais de seus leitores. Eles não são apenas reflexos das normas e valores comunitários, mas também agentes potenciais de mudança social e cultural, capazes de desafiar as estruturas de poder tradicionais e promover uma maior igualdade e representação para todos, incluindo as mulheres.

Nesse sentido, dada fundamental importância sobre as diversas discussões e debates de gênero na sociedade contemporânea, acontecimentos sobre a mulher fazem parte e ocupam espaços editoriais nos jornais *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*, uma vez que, refletir questões de gênero, mais especificamente sobre as representações sociais da mulher, é contribuir na desnaturalização das desigualdades de gênero e na construção de uma cultura sem violência contra as minorias. Após compreender a forma de atuação do jornal impresso local e sua importância na construção da realidade social e seu poder de colocar em circulação e legitimar representações sociais, apresentaremos a seguir, o conceito de Representação Social filiados nesta pesquisa e como eles se relacionam com o jornalismo.

1.2 Representação Social, Cultura e Identidade: relações compartilhadas

O termo “representação” é polissêmico, pois dependendo do contexto de enunciação, pode apresentar vários sentidos. Enquanto conceito científico, o termo também apresenta diferentes perspectivas, cada uma de acordo com a corrente teórica a ser seguida.

Nesta pesquisa, optamos pela noção de representação social, teoria ligado ao campo da Psicologia Social de Serge Moscovici. O conceito foi desenvolvido em 1960, durante um estudo sobre as representações compartilhadas da psicanálise na França. Para o autor, as representações compartilhadas têm esse caráter porque seus componentes são elaborados através da interação, bem como, estão interligados por meio dela também, “todo indivíduo isolado não pode representar para si mesmo o resultado da comunicação do pensamento” (Moscovici, 2007, p. 206).

As representações sociais impactam diretamente nossa percepção da realidade diária. A formação de uma representação social é influenciada por vários elementos presentes em uma cultura/comunidade. Conforme Moscovici (2007, p. 198-199), nossas experiências e ideias passadas se refletem em nossas experiências e ideias futuras, pois continuam presentes na nossa mente, “são, até certo ponto, as representações sociais que combinam nossa capacidade de perceber, inferir, coisas, ou para explicar a situação de alguém. Elas são tão ‘naturais’ e exigem tão pouco esforço que é quase impossível

suprimi-las”. Para o autor, nossas interpretações são tão óbvias e claras, que geralmente esperamos que as pessoas ao nosso redor concordem com a realidade dos acontecimentos aos quais assistimos e significamos.

Moscovici (2007) argumenta que há uma interligação entre comunicação e as representações sociais, alegando que os meios de comunicação interferem nas atitudes e ações dos indivíduos,

uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar sem que compartilhem determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação. Sem isso seríamos levados à atrofia e, no final, tudo desapareceria (Moscovici 2007, p. 364-365).

Nesse sentido, as representações sociais são estabelecidas em relação a um modelo cognitivo abstrato, ligado aos princípios e valores culturais compartilhados por meio da memória e da comunicação, como a cultura do patriarcado. Considerando que até os dias de hoje, as práticas, valores e tradições patriarcais permanecem enraizados na sociedade, atravessando séculos e deixando marcas na constituição familiar, podemos dizer que a sociedade atual ainda é regulada e moldada pelas estruturas do patriarcado, simbolizando a supremacia e predominância masculina, enquanto categoria social.

Desta forma, um dos principais desafios em relação à maneira como as mulheres são retratadas na mídia está na forma como são representadas e nos discursos que contribuem para manter sua objetificação. A comunicação é parte do estudo das representações, uma vez que elas são criadas durante a comunicação e posteriormente compartilhadas por meio da linguagem, pois “existe uma interdependência entre linguagem e representações sociais” (Moscovici, 2007, p. 364).

Segundo o estudioso (Moscovici, 2007), as representações coletivas do sociólogo Émile Durkheim são anteriores às representações sociais. Conforme Martins e Freitas (2021), Durkheim, para analisar melhor e compreender a vida do operário e sua estrutura social do século XIX, criou o conceito de “representações coletivas”, com objetivo de referir-se às formas de saber constituídos no interior dos grupos sociais, e conseqüentemente, guiavam práticas e comportamentos dos sujeitos. Para o sociólogo, a existência em grupos era composta por interpretações, as quais divergem de outros acontecimentos naturais por atributos específicos. Nesse sentido, nossas ações são guiadas pelas representações:

Aquilo que nos dirige não são as poucas ideias que ocupam presentemente nossa atenção; são, isto sim, os resíduos deixados por nossa vida anterior; são os hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências que nos movem sem que disso nos apercebamos, são, em uma palavra, tudo aquilo que constitui nossa característica moral (Durkheim, 1979, p. 20 *apud* Martins e Freitas, 2021, p. 170-171).

Nessa direção, as representações eram autônomas, pois, uma vez constituídas, persistiam por si mesmas, independentemente do funcionamento dos sistemas nervosos que as originaram na memória cognitiva. Portanto, as representações coletivas surgem a partir da interação entre os sujeitos, indo além das suas consciências individuais, já que não são originadas de maneira isolada. Dessa forma, durante a integração do fenômeno social, as características individuais são anuladas e desaparecem, ficando somente os aspectos mais amplos da natureza humana (Durkheim, 1979 *apud* Martins e Freitas, 2021).

Segundo Moscovici (2007), Durkheim apresenta um conceito estático que não consegue acompanhar a diversidade e a dinâmica da sociedade contemporânea. A utilização do termo “social” destaca que as representações são construídas por meio da interação e comunicação social, porém, Moscovici coloca o indivíduo como um agente autônomo na escolha das representações entre os variados grupos aos quais pertence. Logo, o sujeito não é passivo, mas, ativamente produz e compartilha representações juntamente como seu grupo. Moscovici (2007) se apropria dos postulados de Durkheim (1979), fazendo alguns deslocamentos da teoria no campo da Psicologia Social, dando uma nova aparência, possibilitando assim, a compreensão dos fenômenos de uma sociedade industrializada, em que fenômenos como a comunicação e a informação atravessam as representações, transformando-as constantemente.

Para a Psicologia Social, nossos dizeres, convicções, pensamentos, crenças, imagens e representações se constituem atravessadas por outros discursos e representações anteriores que nos precedem e se originam a partir delas, “é uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças ou pré-concepções” (Moscovici, 2007, p. 242). Nessa perspectiva, as representações sociais são a interface entre cognitivo e social. Apesar de serem moldadas e difundidas pela sociedade, dependem também da forma como cada sujeito interpreta a realidade social e individual, as práticas, valores, vivências. As representações são acontecimentos que nos motivam a reinventar a realidade, sistemas em evolução que influenciam interações e condutas. Elas se fazem presentes em nossa rotina e afetam significativamente nossa postura diante do próximo e do ambiente, assim como nossa forma de existir e agir.

Por meio de seus estudos sobre as representações sociais, Moscovici (2007) se filiou aos postulados de Berger e Luckmann, para investigar como é que criamos uma realidade previsível e natural, ainda que ela se origine ou derive de uma sociedade plural. Nesse sentido, criamos a expectativa de uma realidade inata, natural, porém, ela é moldada pelas interações sociais, ou seja, socialmente construída (Berger e Luckmann, 2004). Esses estudiosos abordam sobre os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana e alegam que, “as objetificações dos processos (e significações) subjetivas graças às quais é construído o mundo intersubjetivo do senso comum” (Berger e Luckmann, 2004, p. 36) e que “entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana” (Berger e Luckmann, 2004, p. 38).

Para eles não há existência na vida cotidiana sem estar em interação e comunicação com outros indivíduos, uma vez que a linguagem pode ultrapassar completamente a vida diária “a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros” (Berger e Luckmann, 2004, p.46). Assim, “a linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo” (Berger e Luckmann, 2004, p. 60). Logo, ela pode criar representações simbólicas complexas da nossa vida diária e também trazer estes símbolos de volta, mostrando-os como elementos concretos na nossa rotina. Portanto, “o simbolismo e a linguagem simbólica tornam-se componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade. Vivo em um mundo de sinais e símbolos todos os dias” (Berger e Luckmann, 2004, p. 61).

Ao investigar sobre o processo de construção social da realidade, os autores revelam uma sociedade em duas vertentes que se complementam - a realidade objetiva, que é moldada pela sociedade; e a realidade subjetiva, que envolve a interpretação individual da realidade. Assim, “O universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais” (Berger e Luckmann, 2004, p. 132). Desse modo, embora compartilhem da mesma realidade, cada sujeito possui vivências pessoais que influenciam sua percepção da realidade. Nessa perspectiva, Moscovici (2007) afirma que as ideias possuem uma grande influência ou poder sobre as práticas sociais, pois são pautadas nas percepções comum de mundo, que muitas vezes são desconsideradas ou menosprezadas pela ciência. Ainda que devemos aprender a questionar a sabedoria popular, respeitar o senso comum, é respeitar teorias aceitas implicitamente. Segundo o autor, nenhuma mente escapa dos impactos dos padrões previamente estabelecidos pela nossa forma de representar o mundo, pela linguagem, cultura, costumes

e tradições. Nossa forma de pensar é moldada pela linguagem. Assim, enxergamos somente o que as convenções subjacentes nos permitem enxergar, ficando inconscientes dessas convenções (Moscovici, 2007).

Embora não consigamos nos libertar das convenções e nem acabar com todos os preconceitos, para Moscovici (2007), podemos tentar nos conscientizar de algumas e então escapar de exigências que elas impõem em nossas percepções e pensamentos, apontando uma estratégia, que seria descobrir e explicitar uma única representação.

Vale ressaltar que as representações sociais são formadas a fim de nos familiarizar com o estranho, o não-familiar, numa tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar. Entretanto, elas têm como finalidade primeira e fundamental reduzir a margem de não-comunicação. Essa margem, também denominada como “o vago”, é reconhecida por meio das ambiguidades das ideias, da fluidez dos sentidos, da incompreensão das imagens e crenças do outro, ou seja,

tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente *não-problemática* e reduzir o “vago” através de certo grau de consenso entre seus membros. Sendo que essa é a questão, as representações não podem ser conseguidas através do estudo de alguma crença ou conhecimento explícito, nem ser criadas através de alguma deliberação específica. Ao contrário, elas são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos. Nesse processo, as pessoas adquirem um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana, do mesmo modo que as expressões linguísticas são acessíveis a todos (Moscovici, 2007, p. 205-206).

O armazenamento de representações sociais é o que possibilita a sociedade se comunicar ou se relacionar e definir a realidade, elas são realimentadas: “essas representações adquirem uma autoridade ainda maior, na medida em que recebemos mais e mais material através de sua mediação – analogias, descrições implícitas e explicações dos fenômenos, personalidades, a economia etc.” (Moscovici, 2007, p. 95).

Ao explorar seus estudos sobre a perspectiva Moscoviciana, Jodelet (2003), considera as representações sociais como um conhecimento prático, pois direciona nossas atitudes em relação aos sujeitos e ao ambiente, isto é, influencia nossas escolhas e posturas. Jodelet (2003) afirma que Moscovici (2007) não propõe uma definição fechada ou definitiva sobre as representações sociais. Ele faz uma caracterização que é aceita pelos estudiosos da área: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado,

que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Moscovici, 2007, *apud* Jodelet, 2003, p. 04).

É por meio das múltiplas significações que as representações retratam, caracterizam e/ou refletem indivíduos ou grupos, que os moldam e conferem ao objeto representado uma identidade singular (Jodelet, 2003). Na concepção desta estudiosa, a forma como as pessoas percebem um objeto específico é fundamental para a criação de representações, sendo influenciada pela forma que os símbolos são interpretados. Quando nos referimos às representações sociais, estamos considerando aspectos físicos e cognitivos, e também considerando a subjetividade envolvida na interpretação das representações que as pessoas, individualmente ou em grupo, concedem aos sujeitos, conceitos e objetos que fazem parte do seu ambiente social. Portanto, as representações sociais atuam como um referencial no modo de identificar, nomear, rotular, designar e determinar coletivamente os diversos elementos da realidade diária (Jodelet, 2003).

Jodelet (2003) diz que na ótica do indivíduo, as representações são produzidas por ele alicerçadas nas lembranças que guarda na mente, na perspectiva social, as representações surgem em agrupamento devido a existência de uma memória compartilhada que influencia a interação das lembranças entre os sujeitos. Conforme a pesquisadora, há uma distinção entre as representações que o indivíduo cria por conta própria daquelas que ele absorve sem participação ativa, nas situações do dia a dia ou influenciado pelas normas sociais ou tradição.

Para Moscovici (2007), as representações ajudam a categorizar e convencionalizar objetos, acontecimentos e pessoas, facilitando a comunicação entre os membros de uma comunidade além de moldarem nossa compreensão da realidade. A importância dada ao aspecto cognitivo é crucial para a presente pesquisa, pois as representações constituídas sobre a mulher direcionam e/ou influenciam as atitudes e práticas não somente dos sujeitos, mas de toda sociedade local, incluindo a mídia.

Hall (2016), em seus estudos sobre representação, diz que a representação estabelece uma conexão entre os significados e a linguagem com a cultura: “representação significa utilizar a linguagem, para inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (Hall, 2016, p. 33). Representar algo consiste em descrevê-lo ou ilustrá-lo. Trata-se do processo pelo qual os sujeitos de uma cultura usam a linguagem para produzir sentidos, com uma importante premissa:

coisas, objetos, pessoas, eventos no mundo, não possuem, neles mesmos nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, dentro das culturas humanas – que fazemos as coisas terem sentidos, que lhes damos significados. Sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão, de uma cultura ou período ao outro (Hall, 2016, p. 56).

Para o autor, os significados de um objeto numa cultura, pode ser diferente em outra. Como já exposto, as culturas podem se distinguir significativamente em seus sistemas de códigos e no modo como interpretam o mundo. Assim, por meio da linguagem, a representação desempenha um papel fundamental no processo de criação e compartilhamento de significados entre os integrantes de uma cultura. Ou seja, para o autor, a representação social é constituída por meio de significados culturais. No entanto, isso não implica que se dois indivíduos compartilharem a mesma cultura, terão uma compreensão unificada de ideias e/ou pensamentos, já que outros elementos influenciam nesse processo, “não há garantia alguma de que todo objeto em uma cultura terá sentido equivalente em outra, precisamente porque culturas diferem, às vezes radicalmente, umas das outras em seus códigos [...]” (Hall, 2016, p. 61). Nessa direção, conforme a cultura e o tempo, os sentidos passam por mudanças e são transformados nas construções sociais e culturais, não tendo significado definitivo, tampouco estável, e a linguagem é o meio pelo qual esses sentidos são (re)construídos.

Hall (2016) destaca a importância da conexão entre representação e cultura, ressaltando que a cultura é baseada em significados compartilhados. A linguagem é o principal instrumento utilizado para atribuir significado às coisas, sendo a responsável pela produção e troca de sentidos. O compartilhamento de significados ocorre por meio do uso cotidiano da linguagem, tornando-a essencial para a construção de sentidos e da cultura, sendo vista como o principal depósito de valores e significados culturais. Através da linguagem, empregamos sinais e símbolos, tanto sonoros quanto escritos, para expressar e representar a outros indivíduos nossos conceitos, ideias e emoções.

O autor enfatiza que, “significados compartilhados” pode deixar a cultura aparentemente homogênea em alguns momentos. Todavia, existe em toda cultura, uma ampla variedade de interpretações sobre qualquer tema e várias maneiras de representá-lo ou incorporá-lo, relacionando-o a sentimentos, emoções, identidade, conceitos e ideias (Hall, 2016). Ele acrescenta que a cultura é um agrupamento de práticas, “a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – ‘o compartilhamento de significados’ - entre os membros de um grupo ou sociedade” (Hall, 2016, p. 20), e seus participantes interpretam os acontecimentos dando sentido às coisas de forma semelhante.

Hall (2016) também reflete sobre o conceito de tipificações e estereotipagem. O estudioso considera que a produção de sentidos também ocorre na estereotipagem e o jornalismo encontra-se em uma posição privilegiada, com a capacidade de reforçar ou desconstruir estereótipos que povoam o imaginário coletivo da sociedade. Tais estereótipos, contrariando alguns pensamentos sociais, não são inofensivos, ao contrário, tem impacto significativo, pois determinam como uma pessoa deve se comportar na sociedade, limitando-se a poucas características que posteriormente são simplificadas ou distorcidas. Simbolicamente, a estereotipagem estabelece fronteiras entre o normal e o pervertido, pois pode generalizar, naturalizar e perpetuar a diferença, promovendo a exclusão de tudo que não se encaixa nos padrões estabelecidos culturalmente (Hall, 2016).

Além disso, Hall (2016) estabelece uma relação entre a estereotipagem, representação, diferença e poder, explicando que nesse contexto, o conceito de poder vai além da dominação econômica ou física, mas como uma forma de representação simbólica ou cultural, incluindo a capacidade de representar uma pessoa ou objeto de modo específico no interior de um sistema de representação. O autor também informa que a concepção dualista de gênero fundamentada nos aspectos biológicos como argumento para a desigualdade, carrega os estereótipos femininos e masculinos que orientam as dinâmicas sociais. Logo, tanto a linguagem quanto o discurso podem impactar socialmente a vida dos sujeitos, bem como, suas relações e a forma que interagem dentro de uma cultura.

Hall (2005) faz uma abordagem sobre o conceito de identidade, na sua obra “Identidade cultural na pós-modernidade”, com uma crítica ao conceito de identidade, pois denota um indivíduo constituído de forma única, ou seja, uma identidade de forma homogênea, deixando de considerar a multiplicidade que nos constitui. Para o autor,

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2005, p. 07).

Nessa perspectiva, é indiscutível que as transformações históricas que ocorreram no término do século XX causaram constantes transformações na conjuntura social, cultural, e, conseqüentemente, na identidade dos sujeitos. Para Hall (2005), tais transformações estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e

nacionalidade, que, no passado, tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”, causando a perda de um “sentido de si estável”, mudando nossas identidades pessoais, chamada pelo autor de “deslocamento ou descentração do sujeito”, constituindo uma “crise de identidade” (Hall, 2005, p. 09).

Hall e Woodward (2000) argumentam que a representação influencia na construção da identidade individual e social, e, como é fundamentada nos sistemas simbólicos, podem oferecer *insights* sobre quem somos, ou seja, pode fornecer uma compreensão mais profunda sobre nossa existência. É por meio das representações que a identidade adquire sentido. Em momentos singulares, os meios de comunicação podem auxiliar na formação de identidades inéditas, as quais podemos adotar e reformular, orientando-nos sobre como agir de maneira específica, abrangendo interpretações e códigos simbólicos pelos quais os significados são gerados.

Segundo Moscovici (2007 e Hall (2005; 2016) a cultura na qual o sujeito está imerso exerce influência direta na forma como ele interpreta os signos e códigos, resultando em percepções da sociedade moldadas pela cultura e pela linguagem, bem como, que ambas as teorias não tomam as representações sociais como algo único e estático, mas sim como algo mutável e dinâmico:

Nós vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação. (Moscovici, 2007, p. 202-203).

Para Moscovici (2007), isso ocorre porque elas, as representações, se constituem como um sistema estruturado de conhecimentos, atitudes ou crenças elaboradas, individual ou coletivamente, sobre uma circunstância, objeto, ou o conceito sobre um conjunto de pessoas ou alguém individual, manifestando-se como uma interpretação subjetiva e social da realidade, como algo natural. Sendo assim, as representações sociais não refletem simplesmente a realidade, no caso da mulher, elas podem ser vistas como diferentes formas de retratar identidades e papéis sociais, pois são influenciadas por normas e valores prevalentes no contexto cultural, tornando-as assim, muito mais abrangentes e complexas.

No contexto interiorano, por exemplo, a representação da mulher pode ser influenciada por valores tradicionais e estereótipos culturais que são perpetuados ou contestados por meio do jornalismo local. Nessa perspectiva, analisar como as mulheres são representadas no discurso jornalístico local, pode revelar não apenas as normas sociais

vigentes, mas também processos de homogeneização ou diferenciação cultural, uma vez que a identidade é um processo de construção, nunca completo e sempre ligado ao poder e à representação (Hall, 2016).

Considerando que as notícias não são espelhos da realidade, mas uma construção desta (Traquina, 2005), os jornalistas selecionam eventos que refletem o que a localidade considera importante (Dornelles, 2012), logo, o que é, e como é noticiado o fato pode reforçar estereótipos ou desafiá-los, pois as notícias serão interpretadas de várias e distintas maneiras, desempenhando papel fundamental na construção da realidade. E no contexto de um jornal local interiorano, as representações podem ser particularmente conservadoras ou progressistas, refletindo as tensões entre tradição e modernidade naquele espaço específico.

As notícias são como um campo de batalha simbólico onde diferentes imagens e ideias sobre a mulher são negociadas. Deste modo, as representações têm implicações profundas não somente para a forma como as mulheres são vistas, mas também como elas próprias se veem e agem dentro de seus espaços sociais. O jornal local não apenas informa fatos sobre a mulher, mas também participa ativamente da construção da sua imagem pública, podendo reforçar ou subverter os papéis de gênero estabelecidos. Moldadas pela mídia local, as representações sociais, podem refletir ou resistir às dinâmicas de poder local. Nessa linha de raciocínio, as notícias auxiliam na construção de normas e identidades sociais, elas influenciam, mas também são influenciadas pelo contexto em que opera. Assim o discurso jornalístico pode atuar como instrumento poderoso na modelagem das percepções e relações de poder dentro de uma comunidade.

Nessa abordagem, a pesquisa se insere no campo do jornalismo para compreender as representações da mulher (re)construídas nas notícias dos jornais impressos local. Para fins teóricos, a seguir, faremos uma breve explanação sobre o conceito de gênero enquanto construção social.

1.3 Gênero: um conceito em desconstrução

Não é nosso objetivo aqui contar toda a trajetória de lutas da mulher em busca de direitos, nossa intenção é fornecer alguns elementos para contextualizar esse sujeito, a partir do conceito de gênero e sua influência nas práticas sociais.

Abriremos um parêntese aqui para destacar que a “violência de gênero” é definida como qualquer tipo de agressão física, sexual, psicológica ou simbólica contra uma pessoa por causa de sua identidade de gênero ou orientação sexual. O conceito “violência de

gênero” ampliou o conceito de “violência contra a mulher”, uma vez que, além de mulheres (*cis* e *trans*), qualquer pessoa pode ser vítima de violência de gênero, independente do sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou idade, incluindo as crianças e adolescentes. Todavia, historicamente, como fruto das relações desiguais, as mulheres são as mais atingidas pela violência de gênero. Nessa perspectiva, a violência contra a mulher ou violência doméstica e familiar contra a mulher é uma das expressões da violência de gênero³.

As expressões “gênero”, “identidade de gênero” e “orientação sexual”, são confundidos frequentemente:

Gênero: é a construção social atribuída ao sexo biológico, sendo um elemento constitutivo das relações sociais. É também uma forma de significar as relações de poder; Sexo ou sexo biológico: diz respeito ao órgão sexual daquele indivíduo; Identidade de gênero: é como a pessoa se identifica, independentemente de seu sexo biológico; Orientação sexual: se refere ao desejo afetivo e erótico que uma pessoa tem por outra. Este pode se direcionar ao sexo oposto (heterossexual), ao mesmo sexo (homossexual) a ambos os sexos (bissexual), entre outras formas de afeto (Bianchini, *online*)⁴.

Assim, observamos que, embora haja proximidade de sentido, são categorias diferentes.

Iniciamos nossa reflexão com Beauvoir (1967), ao afirmar que as mulheres desafiam o antigo conceito da feminilidade. Apesar de ainda existir muitas barreiras e dificuldades, elas começaram a buscar independência dos homens, “não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano” (Beauvoir, 1967, p. 07). Conforme a autora, essa libertação é importante tanto para a mulher quanto ao homem, pois este não precisará mais empreender tempo e força para demonstrar sua virilidade e/ou superioridade. Para Beauvoir (1967, p. 09) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”.

Na perspectiva da autora, nenhuma dessas circunstâncias deveriam de antemão determinar a função da mulher na sociedade, seu estilo de vida, sua conduta. Em síntese, o

³ Violência de Gênero. Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/202303/08151200-cartilha-de-violencia-de-genero.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

⁴ BIANCHINI, Alice. **Violências contra mulheres**: tudo o que você precisa saber. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Violencias-contra-mulheres%3Dtudo-o-que-voce-precisa-saber.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

gênero/identidade dos seres humanos não deveriam ser definidos pela sociedade/cultura, ser homem ou mulher deve constituir-se numa aprendizagem, não se associando ao sexo biológico. Segundo ela, é no ambiente familiar que ocorre a primeira manifestação da hierarquia dos sexos.

Conforme Bourdieu (2012, p. 18), a estrutura social “funciona como uma imensa máquina simbólica”, legitimando a hierarquia de gênero e perpetuando a subordinação das mulheres e a supremacia dos homens, resultando na divisão social de atividades específicas a cada um de acordo com o sexo. O autor revela que a diferença biológica entre os sexos pode ser utilizada para explicar as desigualdades sociais de gênero. Nessa perspectiva, as diferenças entre os órgãos sexuais são/foram historicamente construídas fundamentadas nos princípios da lógica patriarcal – não reconhece os seres humanos como igualitários -, ao contrário disso, tem como base a supervalorização do homem. Assim,

a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças (Bourdieu, 2012, p. 23).

Embora atualmente, o patriarcado tenha enfraquecido devido aos movimentos feministas, sua estrutura continua refletindo nas relações sociais, mesmo que inconscientemente. Sobre a dominação masculina Bourdieu (2012) diz que

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 7).

Para o autor, a dominação masculina é uma consequência da violência simbólica, e mais do que imaginamos, ela permeia as relações inconscientemente, pois acontece de forma sutil e invisível para quem sofre. Essa prática – a divisão entre os sexos -, ficou tão enraizada em nosso modo de viver – “a ponto de ser inevitável” -, que historicamente foi perpetuada e “incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 2012, p.17). O autor destaca que, embora, o indivíduo, enquanto um ser dinâmico e em constante

evolução, não esteja restrito a essa estrutura preestabelecida, aos poucos os comportamentos são naturalizados por meio das repetições.

Retomamos aqui, mais uma vez, ao pensamento de Berger e Luckmann (2004, p. 77) para reafirmar que “toda atividade humana está sujeita ao hábito. [...] na atividade não social assim como na atividade social”. O hábito sugere que a ação pode ser repetida no futuro, e sua formação “é coextensiva com a institucionalização”, ou seja, “ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores”, lembrando que “as ações habituais que constituem as instituições são sempre partilhadas” (Berger e Luckmann, 2004, p. 79). Nessa perspectiva, o sistema social do patriarcado, bem como, sua cultura, pode ser visto como uma construção social que foi instituído e solidificado ao longo dos tempos, gerando comportamentos que sugestionam e nutrem a desigualdade de gênero.

Dentro do cenário da violência de gênero, implica dizer que práticas abusivas e discriminatórias podem se tornar habituais e, conseqüentemente, tornar-se naturais, despercebidas ou aceitáveis no interior de uma sociedade patriarcal. A normalização da violência de gênero é, portanto, resultado de um processo de interações sociais que mantém a desigualdade, exclusão e silenciamento da mulher. Por meio dessa lente teórica, é possível compreender que a violência de gênero, enquanto prática ou hábito social, não é apenas um ato individual, não se resume a uma ação isolada, mas sim, a um fenômeno que é socialmente construído e sustentado. A estrutura patriarcal cria o ambiente e as justificativas para a violência, ao passo que, a perspectiva da construção da realidade social e cultural revela como esses comportamentos são incorporados e legitimados na sociedade por meio da repetição de padrões.

Louro (1997) aborda em seu livro a origem das diferenças e desigualdades sexuais e de gênero. Conforme a autora, a argumentação de que homens e mulheres têm características biológicas distintas e que suas interações decorrem dessas diferenças, tem sido utilizada historicamente para justificar os papéis específicos de cada gênero perpetuando as desigualdades sociais entre homens e mulheres: “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem ‘científica’, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social” (Louro, 1997 p. 20-21). Para a autora, é crucial confrontar esse tipo de argumento. Não são as características biológicas em si, mas a maneira como essas características são significadas e representadas, ou seja, o que se fala ou se pensa sobre elas no contexto social, irá determinar o que é feminino ou masculino.

Nessa perspectiva, não são os sexos que devem ser observados para compreender as relações e o lugar entre homens e mulheres, é mais relevante analisar toda a construção social em torno dos gêneros. Assim, as discussões devem ser estabelecidas com uma nova roupagem, um novo lugar – no campo do social -, lugar este que constrói e reproduz as desigualdades entre os sujeitos (Louro, 1997).

Conforme Louro (1997), as identidades de gênero e identidades sexuais são construídas em relação umas às outras, não se trata de uma simples dicotomia. Segundo a autora, as diversas manifestações de sexualidade e de gênero estão entrelaçadas, se influenciando mutuamente. Para a autora, a concepção dos gêneros implica numa ideia singular de masculinidade e feminidade, negando os sujeitos sociais que não se enquadram em uma dessas formas.

O conceito de gênero começou a ser discutido no Brasil por volta dos anos 80. Porém, foi “através de feministas anglo-saxãs que *gender* passou a ser usado como distinto de sexo” (Louro, 1997, p. 21). O objetivo era “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” e acentuar, por meio da linguagem, o caráter social das diferenças baseadas no sexo (Scott, 1995, p. 72 *apud* Louro, 1997, p. 21). Conforme a autora, a característica fundamental do conceito não deve ser associada à construção de papéis sociais masculinos e femininos: “Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...” (Louro, 1997, p. 24).

Nessa lente teórica, o aprendizado dos papéis sociais significa conhecer o que é considerado apropriado e inapropriado para o homem e para a mulher em uma sociedade e cumpri-los. Connell (1995, p.190) diz que cada cultura tem sua definição sobre os comportamentos e sentimentos adequados para os homens: “os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto”.

Portanto, os rapazes e homens internalizam esse padrão social, adotando modos e interesses masculinos, reprimindo frequentemente seus sentimentos numa tentativa de corresponder à norma masculina, levando à violência ou à crise pessoal e nas relações com as mulheres. Assim, toda cultura tem uma representação do que é ser homem e do ser mulher (Connell, 1995).

Segundo Butler (2003), “a distinção sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído:

consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tão pouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (Butler, 2003, p. 24). Nessa perspectiva, sexo está associado à estrutura física do corpo, e gênero está relacionado a um conjunto de valores culturais atribuídos a um corpo com características sexuais específicas. Para a escritora, a ideia de um sistema binário é sustentada pela associação entre gênero e sexo. Entretanto, esses conceitos deveriam ser separados, pois, historicamente, suas associações são arbitrárias. Dessa forma, não há justificativa para restringir o gênero em dois (Butler, 2003).

Rubin (1975, p. 11), estava atenta para as questões e discussões sobre o sistema binário, elaborando o conceito de um sistema chamado “sexo/gênero”, o qual faz parte da vida social em que reside a “opressão sexual das mulheres”, é um sistema que “consiste em uma série de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”, ou seja, baseada no sexo, a sociedade transforma as relações humanas e reforça o sistema binário e a heteronormatividade. Para a autora, toda sociedade tem um sistema sexo/gênero.

Conforme Scott (1990) pesquisas diversas sobre a história das mulheres faziam uso do “gênero” como sinônimo de “mulheres”.

Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica (Scott, 1990, p. 06).

O conceito “história das mulheres” deixa em evidência a postura política ao destacar que as mulheres são sujeitos históricos, enquanto no “gênero” elas são incluídas sem serem especificamente mencionadas, adicionalmente, o termo também é utilizado para referir as relações sociais entre os sexos. De acordo com Scott (1990), “gênero” passou a ser entendido como uma construção social que vai além das características biológicas, ou seja, seu uso dispensa as justificativas biológicas. Esse conceito permite uma visão ampla e flexível das relações, possibilitando distinções de forma mais abrangente. Segundo a escritora, o termo “gênero” teve sua origem no movimento feminista nos Estados Unidos com o objetivo de enfatizar a importância do aspecto social das distinções de gênero, em contraposição às explicações biológicas associada aos termos “sexo” ou “diferença sexual”.

Ao discorrer sobre os valores heteronormativos, Butler (2003) apresenta o conceito de heteronormatividade como algo que designa a heterossexualidade compulsória, ou seja, uma norma estabelecida nas diferenças sexuais. Considerando que é por meio da repetição das práticas sociais que se estabeleceu o binarismo baseado nas características biológicas de homem e mulher, também é dentro dessas práticas de significado que podemos desafiar essa lógica de identidade de gênero (Butler, 2003). Logo, é imprescindível que setores responsáveis por interpretar e comunicar informações, como o jornalismo, avaliem e revejam sua atuação e influência na construção e preservação de princípios, crenças e percepções.

Para Louro (1997), o conceito de gênero funciona tanto como um instrumento de análise, quanto como uma estratégia política. A autora aborda sobre a importância do aspecto fundamentalmente social, não se busca negar que o gênero é formado com base em corpos sexuados, isto é, a intenção da autora não é apagar a biologia, mas destacar de maneira consciente, a construção social e histórica que surge a partir das características biológicas. Louro (1997) se apropria do pensamento de Robert Connell para dizer que “no gênero, a prática social se dirige aos corpos” (Robert Connell, 1995, p. 189 *apud* Louro, 1997, p. 21-22) ou seja, o conceito se refere à forma como as particularidades relacionadas ao sexo são interpretadas, integrando a sociedade e fazendo parte da história (Louro, 1997).

Conforme Louro (1997), os gêneros são construídos no âmbito das relações sociais, ressaltando a importância da discussão acerca do seu conceito na esfera social, uma vez que é nela que as disparidades entre os sujeitos são criadas e mantidas, afirmando ainda que a justificativa para tais disparidades não deveria ser buscada nas características biológicas, mas nos modos de representação, nos arranjos sociais, na história, entre outras.

Considerando o exposto acima, é essencial refletir sobre a diversidade do conceito de gênero. É no âmbito cultural e simbólico que tais desigualdades são mantidas ou reproduzidas. O conceito de sexo biológico cria expectativas em relação ao gênero das pessoas e à forma como devem se comportar na sociedade. Essas formas estão relacionadas ao que é considerado como padrão normativo em uma sociedade, e não necessariamente aos cromossomos individuais (Louro, 1997).

Scott (1990) revela que as pesquisadoras do patriarcado direcionam seus estudos para a posição de submissão das mulheres. Assim, a organização patriarcal, presente em vários países, explica a necessidade do homem em dominar a mulher. Todavia, os movimentos feministas tem se destacado na batalha e oposição a essa estrutura. Esse fenômeno teve origem entre o século XIX e início do século XX, chamado de “primeira

onda do feminismo”, foi marcado pela busca de diversos direitos que já estavam sendo discutidos, mas que os homens já haviam garantido, entre eles, a participação política e o direito ao voto.

Mundialmente, na década de 60, os movimentos sociais, em especial o das feministas, que estavam insatisfeitas com as disparidades sociais, batalhavam por mudanças, dando origem à chamada "segunda onda do feminismo", que perdurou até a metade dos anos 90 do século XX. Foi nesse período que as feministas começaram a pleitear não apenas questões políticas e sociais, mas também a debater e problematizar o conceito de gênero. Surgiram então demandas que enfatizavam a diversidade feminina, com reivindicações específicas, advindas fortemente dos movimentos negro, homossexuais, transexuais, entre outros (Louro, 1997).

Discussões sobre a prevenção, punição e erradicação da violência contra mulher entraram em cena como resultado das conferências mundiais, particularmente a Conferência de Direitos Humanos em 1993 e a Conferência de População e Desenvolvimento em 1994, que também proporcionaram a criação de diversos canais de informação e troca de experiências. As intensas lutas e mobilizações femininas culminaram em alterações no Código Penal Brasileiro (Miranda, 2015).

Compartilhando o pensamento de Miranda (2015), com as conquistas femininas, emergiu uma nova concepção de sexualidade pautada na autonomia e valorização da mulher, o que contribuiu para diminuir as desigualdades de gênero. Dessa maneira, a questão de gênero passou a ser entendida como algo relacionado intimamente a elementos como sexualidade, etnia, classe social, entre outros, sob a ótica de que as desigualdades sociais são resultados das diversas relações de poder. Cada momento histórico teve e tem suas particularidades com demandas diversas. Atualmente, é evidente que as mulheres conquistaram direitos como liberdade de expressão, participação política, ocupação de posições de destaque nos poderes judiciário, executivo e legislativo, atuando em diversas áreas profissionais e ocupando variadas funções (Carmo *et al*, 2021).

Diversas abordagens, como as de Scott (1990) e Muraro (2002), discutem as origens do patriarcado, que é descrito como um sistema social hegemônico que assegura a supremacia de um grupo - os homens - sobre outro grupo - as mulheres. Esse domínio se manifesta de diversas formas, seja por meio de instituições como a religião, a política e a cultura. Dessa forma, o patriarcado cria uma estrutura profunda que limita a vida das mulheres a uma posição de inferioridade e marginalização na sociedade.

Para Muraro (2002), a dominação masculina não é algo natural, quanto à maneira biológica que as mulheres dão à luz. O patriarcado é o responsável por tentar reforçar a dominação masculina como algo natural e biológico, atuando historicamente de modo tão eficaz que os indivíduos, incluindo as mulheres, têm dificuldades em conceberem um sistema social fundamentado em uma cultura que não seja a patriarcal, isto é, em que o homem detém o poder legítimo e efetivo sobre a mulher em diversos contextos sociais. A autora menciona Marx e Engels como pensadores renomados do século XIX ao analisarem este tema. Ambos afirmam que a, “divisão sexual do trabalho dava origem a uma divisão social do trabalho” (Marx e Engels, *apud* Muraro, 2002, p. 62), o que resultou no desenvolvimento de tecnologias que geravam lucros. Isso levou à criação de um Estado centralizado, autoritário e violento. A elite econômica defendia a propriedade dos excedentes e da terra (por meio da expansão da agricultura), e da mulher, que fica reduzida ao âmbito privado para gerar os filhos, trabalhar na agricultura e defender a terra e o Estado (Muraro, 2002).

Nesse sentido, “a competição, pois, pelas mulheres, pelos excedentes e pela propriedade foi pouco a pouco dando origem à supremacia masculina e a uma cultura competitiva” (Muraro, 2002, p. 62). Segundo a escritora, por muito tempo foi considerado como algo “natural” as mulheres serem trocadas entre famílias para criar e fortalecer alianças. Observamos assim que o sistema patriarcal se desenvolveu de maneira progressiva e lenta e que prevalece até os dias atuais, influenciando fortemente as práticas relacionadas à identidade de gênero.

No entanto, na década de 60 inicia a revolta generalizada, quando as mulheres entram no mercado de trabalho e começam a fazer vários questionamentos, entre eles, a má qualidade de suas relações com os homens, insatisfeitas por serem tratadas como objetos sexuais, e a discriminação econômica (Muraro, 2002). Os antigos estereótipos começam a desconstruir e lentamente as mulheres iniciam conquistas relativas a direitos sociais, principalmente na vida política. Sua entrada no domínio público, promoveu uma mudança cultural significativa na mentalidade de homens e de mulheres e, simultaneamente, provocou uma transformação das estruturas econômicas e sociais de forma inesperada, “na medida em que a mulher entra para o domínio público, o homem se vê obrigado a entrar para o domínio do privado, ajudando a companheira nos trabalhos domésticos e no cuidado com os filhos” (Muraro, 2002, p. 193).

Para Muraro (2002) esta simples mudança acarreta consequências significativas, pois rompe com as estruturas concreta e antigas que ligavam a sociedade ao patriarcado,

uma vez que a criança não presencia o pai dando ordens e a mãe cumprindo-as, ela vê dois núcleos de poder distintos, agindo com igual valor. Ela deixa de se identificar como opressor, identificando-se como um aliado, um igual. Portanto, deixa de ser “natural” a sociedade de dominantes e dominados, tornando-se, uma sociedade democrática, com a existência de consenso, lideranças partilhadas e solidariedade. Vale destacar que esta é uma mudança “ideal”, mas em nossa sociedade, muito ainda temos que caminhar para alcançá-la.

Diante de todo o exposto acima, e, com base no conceito de gênero, é possível afirmar que as percepções formadas em torno da figura feminina, estão em constante revolução à medida que as mudanças sociais ocorrem. Segundo Bauman (2005), embora a identidade faça parte de uma convenção social necessária, ela pode ser contraditória, uma vez que cria a ilusão de pertencimento e revela a frustração da exclusão. Assim, ela tanto liberta, quanto oprime. Buitoni (2009) afirma que no século XIX há duas representações distintas na imprensa feminina sobre a mulher: a tradicional/conservadora, que enaltece as qualidades domésticas, restringindo a liberdade de atuação fora do ambiente familiar; e a progressista, que promove os direitos femininos, destacando a importância da educação.

Para Hall (2005), a representação é um processo para se atribuir sentido à identidade, assim essas representatividades se manifestam no contexto social e posteriormente são internalizadas na consciência. E os meios de comunicação, através das diversas abordagens, contribuem para a formação e disseminação de elementos socioculturais, assumindo um papel central nas interações relacionadas às culturas e representações, atuando como facilitadora desses cenários.

Portanto, ao adotarmos o conceito de jornalismo enquanto construtor da realidade social e cultural, exercendo grande influência no sistema de representação social e no modo como os sujeitos se constituem, acreditamos que ele – o jornalismo - participa diretamente da construção das relações de gênero, colaborando para o processo de (re)produção de conceitos e representações sociais sobre a mulher. Desta forma, nosso objetivo nesta investigação é compreender como a mulher foi/é representada nos jornais impressos local *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense* atuantes no município de Cáceres. No capítulo a seguir, apresentamos os passos metodológicos para alcançar os objetivos.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Cada pesquisa acadêmica tem especificidades que devem ser incorporadas aos processos metodológicos escolhidos, a fim de adaptá-los à investigação. Para cumprir os objetivos desta tese, a metodologia foi construída de forma a reconhecer as peculiaridades do objeto e, então, identificar a maneira mais profícua para responder à pergunta que guia essa tese: **quais representações sociais sobre a mulher são veiculadas em jornais impressos locais de Cáceres e de que modo o discurso jornalístico participa da construção dessas representações?** Para responder essas indagações e, a partir dos objetivos definidos na presente pesquisa, nossa proposta é desenvolver um estudo semântico, utilizando à *Semântica do Acontecimento* de Guimarães (2002; 2005) como referencial teórico-metodológico.

Fundamentados na concepção de que a linguagem é resultado da interação social, os estudiosos têm recorrido às teorias linguísticas para analisar e entender temas do cotidiano. Isso nos faz perceber que diversos problemas enfrentados pela nossa sociedade, têm origens ligadas ao contexto sócio-histórico e são refletidos na forma como nos expressamos, “[...] a significação é histórica, não no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência” (Guimarães, 2002, p. 66). É por meio da linguagem que os sujeitos se significam, significam o próprio mundo e suas práticas, simultaneamente, a realidade se forma por meio dos nossos sentidos, os quais praticamos e exercemos como indivíduos: “É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real” (Orlandi, 2013, p. 95).

Desta forma, o sujeito se expressa e se torna significativo através da história. As palavras não estão necessariamente relacionadas às coisas, nem são um reflexo da realidade/evidência, é a história por meio da linguagem que possibilita a relação entre palavra e coisa, “[...] a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta” (Orlani, 2013, p. 96), e a significação é construída simbolicamente, “esta construção se dá porque a linguagem funciona por estar exposta ao real enquanto constituído materialmente pela história (Guimarães, 2005, p. 91).

Nessa perspectiva, o objetivo deste capítulo é expor o caminho seguido no desenvolvimento da trajetória metodológica. Inicialmente apresentamos os objetos empíricos escolhidos para a pesquisa, expondo as características de cada um. Em seguida abordamos os fundamentos teórico-metodológicos da *Semântica do Acontecimento*

(Guimarães, 2002; 2005) como metodologia de análise adotada para compreender a constituição de sentidos evocados nas representações sociais da mulher no discurso jornalístico. E por último, expomos as notícias que compõem o *corpus*.

2.1 O objeto em foco

Atualmente, as culturas são vistas como fronteiriças, já que se expandem em conexão com outras, libertando-se da ligação com um território, enriquecendo-se no compartilhamento e nas trocas. As interações entre as comunidades promovem a troca de práticas repletas de diversos elementos, presentes na maneira de pensar, agir, representar e se expressar, atribuindo características particulares a diferentes grupos sociais (Canclini, 1990).

Nessa direção, Hall (2005, p. 48) diz que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Para o autor, sabemos o que significa pertencer a uma nação, como por exemplo, a nação brasileira, através do modo como a essa nação (brasileira) é representada, ou seja, como um agrupamento de significados no interior dessa cultura. Cabe destacar aqui, que, Brennan (1990, p. 45 *apud* Hall, 2005, p. 58) menciona a palavra “nação”, “tanto ao moderno estado-nação quanto a algo mais antigo e nebuloso – a *natio* – uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento”.

Nesse sentido, uma nação ou comunidade não se limita a uma entidade política, mas algo que cria significados, produzindo sentidos – “um sistema de representação cultural” (Hall, 2005, p. 49), o que a torna simbólica. Hall (2005) acrescenta ainda que, independente da classe, raça ou gênero, uma cultura procura unir todos em uma mesma identidade cultural, representando-os como parte de uma mesma família. Em síntese, as identidades são formadas dentro das representações, por meio da cultura, e não fora delas.

O objeto de estudo desta pesquisa é o jornal local impresso. Seguindo as considerações de Dornelles (2012), o que particulariza a imprensa local/regional é ter por base o ser humano como cidadão, fazendo parte de um grupo social estabelecido em um espaço geográfico demarcado, todavia tendo costumes, bem como padrão de vida semelhantes. Desse modo, seus pensamentos e suas preocupações sociais são mais difundidas. Podemos dizer que o jornal impresso tem como função primordial servir à comunidade, pois aspira ser o elemento integrador aos acontecimentos cotidianos de seus leitores, tanto nos de pequenas distâncias quanto aos longínquos. Outro objetivo da

imprensa local é ser o canal fornecedor de conhecimento, para torná-lo mais vasto (Dornelles, 2012).

Há um vínculo evidente entre leitores e jornalistas do jornal local, fato que sustenta uma familiaridade entre as partes envolvidas. Dessa forma, torna-se um fato fundamental essa ligação que propicia credibilidade à informação. Na visão de Dornelles (2012), a informação foca apenas em sujeitos que fazem parte do sistema. Logo, o sujeito é analisado a partir das organizações que ele representa, ganhando relevância através da sua atuação. Todavia, ele também pode ser ignorado, caso não ocupe um papel significativo na estrutura dessas organizações.

À vista disso, esse conjunto de diversos meios de comunicação, ou seja, o jornal local, desempenha um papel crucial na definição e manutenção das estruturas vigentes. Por meio de suas práticas específicas, ele interfere e molda os eventos.

Segundo França (1997, *apud* Müller e Oliveira, 2005, p. 10), podemos dizer que o discurso jornalístico pode ser considerado como um metadiscurso, ou seja,

um discurso que se constitui a partir de outro, não uma simples repetição, sua construção cria uma nova realidade. Na construção do acontecimento, há uma profunda imbricação entre a palavra do veículo jornalístico e a palavra social. Essa palavra vai viabilizar um movimento de reconhecimento por parte da recepção e inscrever o veículo, no seio da vida social, decidindo quem são os atores convidados, qual o cenário a ser apresentado, influenciando e participando dos movimentos em curso.

Podemos observar que a mídia local é vista como um instrumento de visibilidade social, criando conteúdos e produzindo conhecimento que são percebidos como elementos que contribuem para a construção de significados. Por meio dela a realidade é transmitida, mas também é elaborada.

Como já dito acima, nossa pesquisa é voltada para os jornais impressos *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*. Ambos localizados na cidade brasileira de Cáceres/Mato Grosso. A região compõe a fronteira oeste que faz divisa com a Bolívia. Portanto, os objetos do nosso estudo, estão localizados num contexto de região fronteira e interiorana. A cobertura de eventos da comunidade e de assuntos relacionados à cultura, são elementos essenciais para a sobrevivência desses jornais (Dornelles, 2012).

A fronteira entre o Brasil e a Bolívia (figura 1) estende-se por aproximadamente 3.423,2 quilômetros, sendo 2.609,3 km ao longo de rios e canais; 63,0 km por meio de lagoas e 750,9 km por linhas convencionais. Os estados brasileiros que fazem fronteira

com a Bolívia⁵ são Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Acre e Rondônia. Desde os tempos coloniais, Cáceres/MT (figura 2 e 3) funciona como polo regional na região fronteiriça, servindo não apenas como um importante ponto central para cidades brasileiras, mas também para San Matías/Província de Ángel Sandóval/Bolívia (figura 4 e 5). Cáceres e San Matías, articulam-se por uma fronteira terrestre, com uma distância de cerca de 90 km entre seus centros urbanos. A principal rota de ligação é a rodovia BR-070. Existem outras estradas disponíveis e transitáveis que cortam diversas propriedades rurais ao longo da divisa seca, porém com pouco fluxo, uma vez que não são pavimentadas.

A proximidade entre essas cidades a outras localidades importantes de seus respectivos países, e especialmente as capitais estaduais, fez com que os vínculos se estreitassem. Cáceres está aproximadamente 1.253 km de Brasília/DF e 220 km de Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso. O acesso pode ser feito pela BR-070, que é completamente asfaltada; Já San Matías está a 301 km de San Ignacio de Velasco (Bolívia), sendo a cidade mais próxima, com acesso pela *carretera 10* (todo o percurso sem pavimentação), e a 693 km da capital da Bolívia - Santa Cruz de la Sierra, chegando pela Rota Nacional (RN) 4. Entre São Ignacio e a capital do país, a pavimentação está em construção. Após atravessar a fronteira boliviana, a estrada de ligação não é pavimentada. Todavia, é uma rota terrestre essencial para entrar no país, com opções de transporte coletivo a partir de San Matías. A interação entre Cáceres e San Matías é impulsionada principalmente pela busca de emprego e de produtos relacionados ao comércio e aos serviços públicos, principalmente saúde e educação⁶.

⁵ Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/informacao-e-analise/fronteiras-terrestres-brasil.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

⁶ BRASIL. Estudo técnico sobre a viabilidade de criação da “cidade gêmea” Cáceres (Brasil) – San Matías (Bolívia). Ministério do Desenvolvimento Regional. IPEA. Brasília: DF, 2020. Disponível em: [file:///D:/Downloads/Estudo%20t%C3%A9cnico%20sobre%20a%20viabilidade%20de%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20Cidade%20G%C3%A7%C3%A1ceres%20\(Brasil\)%20-%20San%20Mat%C3%ADas%20\(Bol%C3%ADvia\)%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/Estudo%20t%C3%A9cnico%20sobre%20a%20viabilidade%20de%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20Cidade%20G%C3%A7%C3%A1ceres%20(Brasil)%20-%20San%20Mat%C3%ADas%20(Bol%C3%ADvia)%20(1).pdf). Acesso em: 01 jul. 2022.

Figura 1 - Fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia).



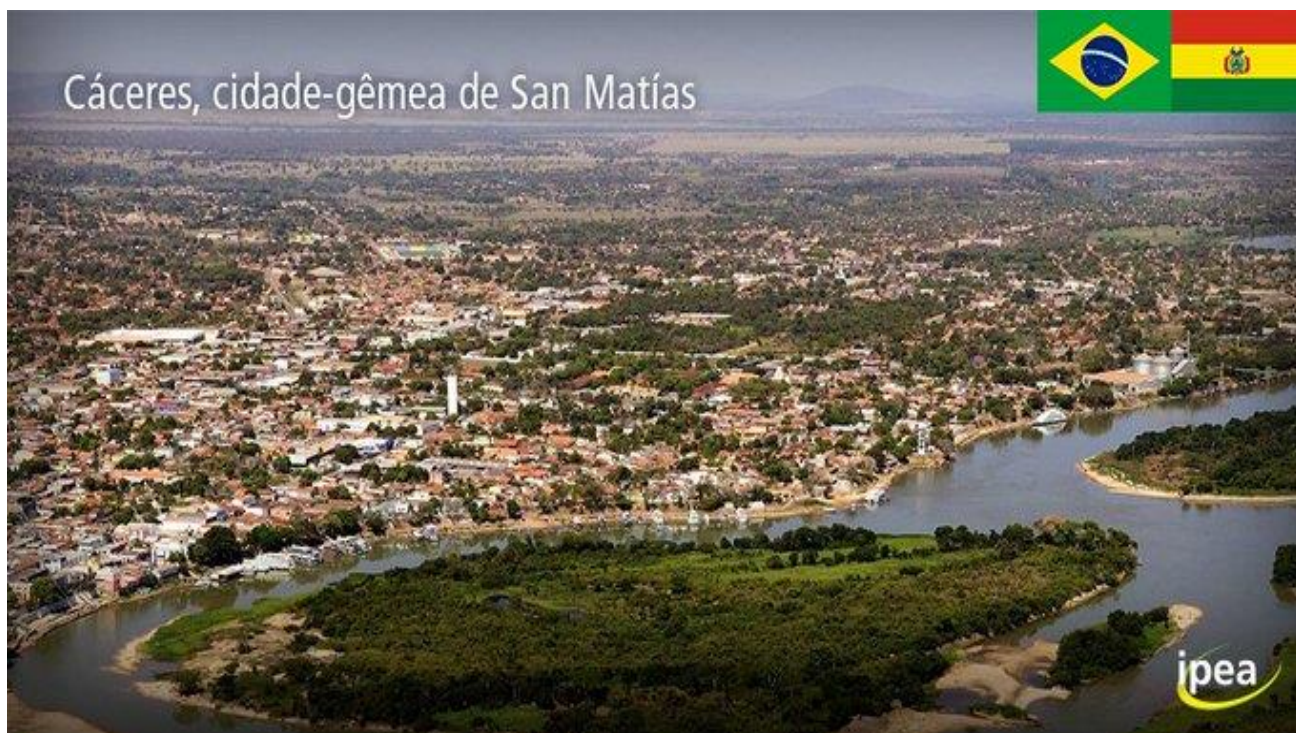
Fonte: http://www.jornalcorreiocacerense.com.br/ver_noticia.php?noticia=23413

Figura 2 - Cáceres/MT.



Fonte: <https://www.caceres.mt.gov.br/A-Cidade/Conheca-Caceres/>

Figura 3 - Cáceres/MT.



Fonte: <https://twitter.com/ipeaonline/status/1125583589515591680>

Figura 4 - San Matías/Bolívia.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2391967194147881&set=a.1271410499536895>

Figura 5 - San Matías/Bolívia.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/rbonates/922390483>

Cáceres tem vários meios de comunicação de abrangência local e regional, incluindo emissoras de rádios, televisão e canais digitais da prefeitura⁷⁷. Entre as rádios estão a Nova Difusora FM 97,3; Rádio Difusora FM 102,3; Hits Centro América FM 103,1 e a Super Rádio Jornal FM 107,3. O município também tem a emissora de televisão TV Descalvados, conhecida também como SBT Cáceres, que transmite tanto a programação nacional do SBT, quanto programas com acontecimentos locais e regionais: Olho Vivo na Cidade e SBT Cáceres. Além dos veículos objeto desta pesquisa, o município tem o Jornal Oeste, Cáceres Notícias, Diários de Cáceres, entre outros veículos de comunicação.

Faremos a seguir a apresentação dos jornais *Correio Cacerense* e *Expressão Notícias*, conforme exposto acima, ambos estão localizados no município brasileiro de Cáceres/MT. Vale informar que, embora na fase da coleta de dados, os veículos estavam na versão impressa, atualmente, dos cinco jornais impressos da região de Cáceres, todos passaram exclusivamente para versão *online* e somente um jornal – *Correio Cacerense*, permanece com versão impressa e *online*, porém, com periodicidade reduzida, principalmente, após a Pandemia Covid-19. Raramente encontramos alguém no jornal, cada profissional trabalha da sua casa em *home office*. Quanto ao município de San Matias,

⁷⁷ Guia de mídia. Disponível em: <https://www.guiademidia.com.br/mato-grosso/jornais-de-caceres.htm>. Acesso em: 23 out. 2024.

a cidade não tem nenhum formato de jornal, ou seja, nem impresso e nem *online*, os fatos que ocorrem dentro do município são noticiados pelos jornais brasileiros, principalmente de Cáceres ou pelos jornais bolivianos da capital Santa Cruz de la Sierra, ou de San Ignacio.

➤ O jornal *Correio Cacerense* (figura 6 e 7) está em circulação desde o ano de 1961, tem origens em um ideário formulado por seu fundador José Wilson de Campos. Na internet, atua no mercado desde 2000, veiculando informações nas mais diversas áreas de interesse do público. Em 1986, o jornal mudou de proprietário, sendo comprado pela jornalista Orfélia Michelis (*in memoriam*). Com sua morte, Rosane Michelis, filha e herdeira, assumiu os trabalhos no jornal. Segundo informações fornecidas pelo veículo⁸, o jornal mantém uma distribuição dirigida a profissionais liberais locais e regionais, a todos órgãos públicos e assinantes em Cáceres e região da fronteira (Mirassol D'Oeste, São José dos Quatro Marcos, Araputanga, Porto Esperidião), cidades brasileiras, além de toda divulgação do jornal impresso no site.

As editorias são divididas em variedades, política, polícia, opinião, esportes, editorial, economia, cidade, artigo, social, cultura, editais e atos oficiais. Contudo, tais editorias não estão presentes em todas as edições, isso muda de uma edição para outra, funciona de acordo com os conteúdos/matérias disponíveis. Quanto à periodicidade, o jornal tinha edições diárias, mas aos poucos foi reduzindo e atualmente tem entre uma e duas edições semanais. O veículo continua com a versão impressa, por acreditar que é acessível a todos em qualquer lugar, diferente da versão *online* que precisa de um aparelho eletrônico e internet. Todavia, o custo para manter a versão impressa, além de ser alto, com material e mão de obra, a informação demanda mais tempo para chegar ao leitor, ao contrário da versão *online*, que, além da informação ser divulgada quase imediatamente ao acontecimento, o custo financeiro é bem menor, inclusive, o jornal que tinha oito profissionais trabalhando, atualmente conta com apenas três, cada um da sua casa, ou onde lhe for melhor. A seguir, dados sobre o *Correio Cacerense*.

Razão Social: Rosane Michelis Saravy-ME.

Nome Fantasia: Jornal Correio Cacerense.

Circulação: terça e sexta-feira/sábado, (dependendo dos acontecimentos, pode ter apenas uma edição por semana).

⁸ Informações fornecidas pelo veículo em abril de 2021.

Tiragem Média: 1.500 exemplares.

Edição Especial: 2.000 exemplares.

CNPJ nº: 24.823.041/0001-46.

End: Rua Coronel Ponce nº266 –Centro.

CEP: 78.210-178 Cáceres/MT.

Site: <http://www.jornalcorreiocacerense.com.br/>

Versão impressa: <http://www.jornalcorreiocacerense.com.br/impresso.php>

Figura 6 - Fachada do Jornal *Correio Cacerense*.



Fonte: <http://www.jornalcorreiocacerense.com.br/exped.php>

Figura 7 - Capa da versão impressa da edição nº 10.457 do *Jornal Correio Cacerense*, de 14 a 17 de abril de 2022.



Foto da capa: Valdineia F. Santos (2022).

➤ O Jornal *Expressão Notícias* (figura 8 e 9), começou a atuar no mercado na versão *online* entre os anos de 2020 e 2021, é uma extensão do antigo Jornal Expressão, que ficou em circulação no formato impresso de 2005 a 2021, com razão social Jesuína dos Santos-ME⁹. Sua missão continua sendo a de levar informação de forma rápida e eficiente. Porém, com isenção, sensatez e responsabilidade. O objetivo do veículo é oferecer aos leitores um jornal informativo e de boa qualidade. As editorias são divididas em artigos, Cáceres e região, economia, esportes, política, saúde, polícia, galeria e geral. O jornal estava com periodicidade de duas vezes por semana, passando para uma vez semanal, porém, com a pandemia e suas consequências, migrou para o formato *online* para conter gastos. No formato impresso, o jornal tinha cinco profissionais trabalhando presencialmente, atualmente, no formato *online*, tem apenas dois, sendo o próprio jornalista/editor e o web designer, que gerencia o visual do site, organiza os conteúdos de forma a desenvolver a navegação dos leitores. Ambos trabalham de forma remota. Ao contrário do Jornal *Correio Cacerense*, este é um jornal de atuação recente e de pequena circulação.

Razão Social: Sinésio Nunes de Alcântara.

Nome Fantasia: Jornal Expressão Notícias.

Circulação: inicialmente era quinta-feira e domingo, posteriormente ficou apenas na quinta-feira.

Tiragem Média: 1000 exemplares.

CNPJ:40.527.633/0001-77.

End: Avenida José Palmiro da Silva, n.20, Lavapés.

CEP 78210-774 – Cáceres/MT.

Site: <https://www.expressaonoticias.com.br/>

⁹ Informações fornecidas pelo veículo em maio de 2021.

Figura 8 - Fachada do Jornal *Expressão Notícias*.



Fonte: Valdineia F. Santos (2022).

Figura 9 - Capa da edição nº 760 do Jornal Expressão Notícias, de 09 de junho de 2019.



Foto da capa: Valdineia Ferreira dos Santos (2022).

Temos assim, dois veículos de comunicação impressos, que nasceram e continuam ativos em áreas limítrofes e interioranas. Com o avanço da globalização e o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação, cabe ressaltar que o jornal local impresso permanece como veículo de comunicação mais antigo que continua em vigência

A seguir faremos a apresentação da metodologia de análise adotada.

2.2 Análise Semântica como metodologia de interpretação

O semanticista Eduardo Guimarães dá início aos seus estudos sobre a enunciação em 1987, com a publicação do livro “Texto e Argumentação”, e do texto “Enunciação e História” (1989). Já na obra “Os Limites dos Sentidos” (2002), o autor revelou diversas problemáticas por meio de diálogos que a Linguística definiu para construir a semântica, “diálogos com a filosofia, a lógica, a filosofia da linguagem, a semiótica a análise do discurso” (Guimarães, 2002, p. 07), que o levou a denominá-la de Semântica Histórica da Enunciação. O escritor argumenta que as conversas entre as diversas áreas do conhecimento desempenharam um papel fundamental na formação da semântica no Brasil, “são responsáveis pela construção de conceitos que foram se pondo como incontornáveis para o tratamento da significação e acabaram por identificar um conjunto de questões pertinentes para a semântica (*Idem*, p. 07).

Guimarães (2002, p. 07) informa que “o sentido de um elemento linguístico tem a ver com o modo como este elemento faz parte de uma unidade maior ou mais ampla”. A análise do sentido da linguagem deve concentrar-se no estudo da enunciação, considerando a constituição histórica do sentido. Assim, o sentido de um enunciado não está na língua, mas no seu funcionamento, sendo o sujeito determinado pela língua que fala, “falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo de espaço de enunciação” (Guimarães, 2002, p. 18). Logo, os sujeitos enunciam como seres afetados e imersos em um universo simbólico.

Na *Semântica do Acontecimento* (2005), o autor redefine acontecimento enunciativo a partir das relações entre línguas e falantes no espaço de enunciação, bem como, da relação da linguagem com aquilo sobre que ela fala e constrói: “a linguagem fala de algo” e “o que se diz é incontornavelmente construído na linguagem” (Guimarães, 2005, p. 07)

Guimarães (2002) mobiliza os conceitos de discurso, interdiscurso e silenciamento de Pêcheux (1969; 1975) e Orlandi (2013) para dizer que a relação do funcionamento da língua é com o interdiscurso, o dizível, e não com a situação “o sentido deve ser trado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo” (Guimarães 2002, p. 66). O autor acrescenta que “Entre os conceitos que a análise de discurso desenvolve, é crucial para nós o conceito de interdiscurso” (Idem, p. 66). Para ele, o interdiscurso consiste na conexão de um discurso com outros diferentes, e, a relação entre ambos é que confere a singularidade a cada novo discurso, ou seja, um discurso é construído a partir da interação com outros.

Guimarães (2002) reitera o conceito de Orlandi (2013) que define o interdiscurso como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (Orlandi, 2013, p. 31). Para que as palavras tenham sentido é necessário que antes, elas já façam sentido, “elas já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (Idem, p. 20). Assim, o interdiscurso é entendido como uma memória de sentidos produzida no acontecimento (memória discursiva) e “o sentido em um acontecimento são efeitos da presença do interdiscurso. Ou melhor, são efeitos do cruzamento de discursos diferentes no acontecimento” (Guimarães, 2002, p. 67).

Os discursos são constituídos pelos já-ditos em outros momentos e lugares, e seus dizeres são atualizados no acontecimento de linguagem em razão da sua historicidade. Portanto, a ação do interdiscurso envolve a relação entre textos distintos, viabilizando sentidos que influenciam a maneira que um indivíduo interpreta ou atribui significado em um contexto discursivo específico. Nesse sentido, “a enunciação de um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados” (Guimarães, 2002, p. 68).

Já o “silêncio”, conceito também construído por Orlandi na Análise do Discurso, Guimarães (2002) diz que proporcionou uma perspectiva inédita sobre a linguagem e o sentido, por ser reconhecido como essencial na criação de sentidos: “o silêncio é a própria condição na produção do sentido. E o é como espaço ‘diferencial’ da significação: ‘lugar’ que permite à linguagem significar” (Orlandi, 1992, p. 70 *apud* Guimarães, 2002, p. 68). Não se trata do silêncio enquanto fenômeno físico, mas como totalidade histórico-significativa, “o silêncio é o exterior absoluto da linguagem, que a faz significar (Idem, p. 88). A partir desta noção, o silêncio produz um recorte entre o que é dito e o que não é

dito, produzindo um não-dito essencialmente excluído (Guimarães, 2002). Por meio do silêncio, o que está fora pode significar.

Na perspectiva discursiva, o sentido se faz em todas as direções, e não numa linha reta. Ao dizer algo, apagamos outros sentidos possíveis, em uma dada situação discursiva e, ao não dizer, os sentidos ficam à deriva. O silêncio fundamenta o movimento da interpretação. Dessa forma, parafraseando Guimarães (2002) o discurso não se origina em nós, sua produção se faz sobre o silêncio, o não dito e outros discursos e o sentido em um acontecimento de linguagem é a efetivação da diversidade de discursos no acontecimento. Conforme dito anteriormente, eles já estão em processo e nós é que entramos nesse processo por meio da linguagem, sendo afetados pela língua e a história de modo singular. Temos uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: podemos dizer tudo, desde que nos submetamos à língua.

Guimarães (2005) propõe a *Semântica do Acontecimento* a partir de uma posição materialista, pois compreende a linguagem em sua relação com a história. Por isso, ela não é vista como transparente e dessa forma é sujeita ao equívoco, sendo definida como "uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer" (Guimarães, 2005, p. 7). Assim, para o autor, a teoria é constituída no lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como linguística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia.

A *Semântica do Acontecimento* (2005), é uma posição que traz novidades em relação aos estudos da enunciação. Para essa construção teórica, o autor renova/desloca as formulações dos estudos feitos anteriormente para dizer que a enunciação é um acontecimento que se constitui pela relação do sujeito com a língua. Na constituição deste acontecimento, o autor considera além da língua e do sujeito, outros dois elementos importantes: a temporalidade e o real, a que o dizer se expõe ao falar. O real "não se trata do contexto, da situação, tal como pensada na pragmática", mas sim de "uma materialidade histórica do real", pois, "não se enuncia enquanto ser físico, e nem meramente no mundo físico. Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e, num mundo vivido através do simbólico" (Guimarães, 2005, p. 11).

Sobre a temporalidade, o autor diz que "ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável" (Guimarães, 2005, p. 12). Nessa perspectiva, cada expressão verbal traz consigo uma projeção de futuro, uma vez que carrega em si mesma a

possibilidade de novos acontecimentos, e, tanto o presente quanto o futuro, inerentes a cada situação, são moldados por um passado que lhes confere significado. Falando de outro modo, a presença de um futuro latente que, no desenrolar dos eventos, dá sentido à ação presente, pois o acontecimento de linguagem permeia o passado de forma memorável.

Portanto, a enunciação é atravessada por essa materialidade histórica do real, na qual o sujeito-enunciador é afetado pelo simbólico presente no mundo real vivido. A inclusão da história para Guimarães (2002; 2005) é crucial para conceber o conceito de enunciação, que a caracterize socialmente. Ele ressalta que, “a relação de funcionamento da língua é com o interdiscurso e não com a situação. E é isso que dá a historicidade da língua (Guimarães, 2002, p. 69). O autor explica que não é o sujeito que se apropria da língua, colocando-a em funcionamento. A língua é acionada quando um indivíduo se coloca como sujeito no acontecimento de linguagem, e isso, é suficiente para ativá-la, fazendo-a funcionar ao ser atravessada pelo interdiscurso, gerando significados. Ele acrescenta ainda que, a língua é atravessada pelo interdiscurso no acontecimento, sendo por isso sujeita “à não completude, à falha, ao engano” (Guimarães, 2002, p. 69).

Conforme Guimarães (2002; 2005), é impossível pensar a linguagem, o sentido fora de uma relação, haja vista que é na relação de um enunciado com outros que se dá a historicidade da língua, como modo de produção de sentidos, e isso leva ao aparecimento de outros enunciados, instaurando o acontecimento sócio-histórico, “a linguagem funciona olhando para fora de si, mas este fora só se alcança porque é simbolizado, porque a linguagem não se confunde com a situação em que seus segmentos ocorrem. [...] a linguagem não seria linguagem se se reduzisse a ser reflexo do pensamento” (Guimarães, 2002, p. 85).

Tomando os discursos/textos jornalísticos como acontecimentos de linguagem que dizem sobre a mulher, consideramos que os enunciados contidos neles ganham sentido pela transversalidade que os molda. Ou seja, “a enunciação de um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, “alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os” (Guimarães, 2002, p. 68).

Constituída como disciplina linguística, a *Semântica do Acontecimento* (2005) “considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (2005, p. 07). O autor considera a linguagem como um fenômeno histórico, acrescenta ainda que ao analisar como uma forma produz sentido em um enunciado deve-se “considerar que ela funciona num texto, e em que

medida ela é constitutiva do sentido do texto (Guimarães, 2005, p. 07). Assim, os sentidos são constituídos no acontecimento enunciativo.

Deste modo, a enunciação é concebida como “um acontecimento de linguagem, perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso” (Guimarães, 2002, p. 70). Nesse momento, pessoa é convocada a se reconhecer como sujeito e percebe-se como uma identidade que a língua coloca em ação.

Sob essa ótica, o indivíduo ao ocupar uma posição de sujeito no acontecimento, automaticamente, a língua é ativada e influenciada pelo interdiscurso, produzindo sentidos, e, o interdiscurso, ao agir sobre a língua, atua como memória.

Guimarães (2002) considera o sentido como algo discursivo e determinado a partir do acontecimento enunciativo. Logo, o sentido de uma frase é constituído a partir dos efeitos de sua enunciação, ou seja:

São os efeitos do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento. Assim o sentido não é efeito da circunstância enunciativa, nem é só memória. O sentido são efeitos da memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento (Guimarães, 2002, p. 70).

Resumindo, o sentido são os efeitos do cruzamento entre discursos diferentes no acontecimento de linguagem. Assim, a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência, por sua historicidade, levando em consideração como unidade de análise o enunciado como lugar de observação de sentido (Guimarães, 2002).

2.2.1 Espaços de Enunciação e Cena Enunciativa

Guimarães (2005, p. 18) caracteriza os espaços de enunciação como espaços de funcionamento de línguas, “que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante”. São espaços ocupados por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer, em que a disponibilização das línguas é feita de forma desigual aos falantes. O autor aborda a relação entre línguas e falantes. Para ele, “só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas” (*Idem*, p. 18). As línguas não são entidades ou criações abstratas que um grupo de indivíduos em algum momento escolhe empregar. São manifestações históricas que se relacionam intimamente aos seus falantes. Não existe uma língua, por exemplo, a Língua Portuguesa, sem indivíduos que a

utilizem. Da mesma forma, a existência das pessoas está diretamente ligada ao uso de alguma língua, e de algum modo. Os falantes não são pessoas que falam esta ou aquela língua, são falantes enquanto pessoas determinadas pelas línguas que falam. Assim, o espaço de enunciação é fundamental para considerar o ato de enunciar/discurso como uma atividade política e não pessoal. Falar é tomar a palavra nesta esfera compartilhada de línguas e falantes, representando um consenso, submissão e/ou um conflito.

Nessa perspectiva, Hall (2016) aborda sobre a conexão/relação entre língua, cultura e identidade, enfatizando que tais conceitos estão intimamente ligados, uma vez que a cultura se constitui e se difunde por meio da linguagem e é também por meio dela que ocorrerem os processos de representação dos sujeitos. Conforme o autor, a linguagem é fundamental na construção e fortalecimento dos laços sociais e na transmissão de valores e tradições de uma comunidade. Logo, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da diversidade e riqueza cultural de um povo. Desse modo, não há cultura sem língua e não há língua fora de alguma cultura, refletindo assim, a interdependência entre língua, cultura e identidade, onde cada ato de fala é ao mesmo tempo um ato de negociação cultural e de construção indentitária.

Portanto, enunciar é colocar a língua em funcionamento. Ressaltando que ela funciona no e pelo acontecimento de linguagem, e não pela presença do sujeito. É no acontecimento que se dá o embate entre línguas e falantes, próprio do espaço de enunciação. O semanticista acrescenta ainda que, a apropriação do sujeito na língua ocorre em cenas enunciativas, que se caracterizam “por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Guimarães, 2005, p. 23). Desta forma, o autor considera a cena enunciativa como um espaço de distribuição dos papéis de enunciação no acontecimento de linguagem, “são lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer” (Idem, p. 23), isto é, lugares de dizer que o autor chama de enunciadores que, apesar de se mostrarem constantemente como desvinculados da história ou alheios a ela, possuem lugares próprios dentro da história. Assim, são posições formadas pelos discursos e não sujeitos donos de sua fala.

O enunciado é conceituado como uma unidade discursiva, e seus sentidos são os efeitos de sua enunciação. Desta forma, “o enunciado é um elemento linguístico que tem tanto sentido, integra texto, quanto forma, é constituído por certos elementos (sintagmas)” (Guimarães, 2011, p. 21).

No caso das notícias que designam, representam e identificam a mulher enquanto sujeito social, os enunciados que as integram têm também uma forma e são elementos que significam para além das situações empíricas. No espaço da enunciação – no nosso caso o município de Cáceres – institui-se a cena enunciativa (notícias), caracterizada por constituir formas específicas de acesso à palavra dadas às relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. Nesse sentido, o espaço cacerense é constituído por um espaço de enunciação entendido como um campo dinâmico onde as línguas operam e os significados são negociados.

Desta forma, é na cena enunciativa (notícias) que as diferentes manifestações do jornalista se tornam evidentes, ou seja, é na cena enunciativa que o sujeito jornalista assume a palavra, tornando-se protagonista. Todavia, existe uma regularidade para que os dizeres se efetivem, haja vista que, segundo a teoria semântica ora adotada, as pessoas não são donas do seu dizer, são atravessadas pelos discursos que as constituem historicamente, e como os demais sujeitos, o jornalista, enquanto figura da enunciação, está inserido em um contexto social e é constantemente influenciado por esse ambiente no texto que ele produz e coloca para os leitores do jornal. Reconhecer que os jornalistas operam dentro de um contexto, é essencial para entender que, por meio da fala deles, a realidade se apresenta ao leitor, com tudo que está introjetado na pessoa de quem produz o jornal e relata os acontecimentos/notícias.

Nessa perspectiva, quando um jornalista escreve uma notícia, ele não apenas relata eventos, mas também os interpreta e os recontextualiza, e esse processo se dá por meio do contexto que ele está inserido. Todas as suas intersecções culturais, sociais e políticas, são trazidas ao seu texto, e a realidade que se apresenta aos leitores é uma construção mediada, filtrada através das lentes do jornalista, ou seja, ele pode moldar a percepção da realidade aos leitores.

2.3 A Constituição do *corpus*: coleta e sistematização

Na perspectiva da *Semântica do Acontecimento*, trabalhamos com o conceito de enunciado formulado por Guimarães (2011, p. 21). Segundo o autor, os enunciados

[...] são enunciados por integrarem texto, por terem sentido, mas se apresentam assim por seu caráter de signo, não são simplesmente um elemento da situação, são elementos que significam para além das situações empíricas.

A noção de *corpus* nesta pesquisa será compreendida no sentido que lhe dá Orlandi (2013, p. 63), como “fatos da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursivo”. Nessa direção, o *corpus* da pesquisa constitui-se de textos jornalísticos, mais precisamente notícias, coletadas em dois jornais: *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*, empresas jornalísticas localizadas na fronteira brasileira, município de Cáceres/MT.

A escolha dos veículos, como já explicado, se deve ao fato de serem os únicos jornais impressos naquela região da fronteira¹⁰. Assim, por concordarmos com a perspectiva de Alsina (2009, p.14), que define a notícia como “uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”, nosso *corpus* é restrito ao formato notícia do gênero informativo (Melo e Assis, 2016).

Embora não faça parte do objetivo da presente pesquisa analisar os critérios de noticiabilidade, valores notícias ou a produção das notícias, nos filiamos ao conceito de notícias como construção social da realidade, ou seja, entendemos que “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (Traquina, 2005, p. 180). Vale ressaltar que os fatos representam um vasto campo de possibilidades, os quais serão selecionados de acordo com a relevância jornalística.

O critério para a coleta e seleção dos textos foi bem específico: notícias com menção à temática mulher, incluindo a transexual (independente da raça, cor ou orientação sexual) no título e/ou *lead*, publicadas entre março de 2019 a março de 2021, cujos fatos tenham ocorridos na cidade de Cáceres ou nas adjacências. Assim, nosso frame temporal corresponde a um ano antes da pandemia Covid-19 no Brasil, e o primeiro ano da pandemia – quando as pessoas foram recomendadas a ficarem em casa (os adultos trabalhando em *home office*, as crianças, jovens e adolescentes estudando por meio de aulas virtuais/remotas), para investigar os acontecimentos/fatos relacionados à mulher. Cabe destacar que, em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi declarada pela Organização Mundial de Saúde¹¹ (OMS) como uma pandemia de coronavírus. Ainda em março, o

¹⁰ Apenas o jornal *Correio Cacerense* continua com a versão impressa; enquanto o *Expressão Notícias* passou a ser *on-line*, processo acelerado durante a pandemia Covid-19.

¹¹ Coronavírus. Disponível em:

https://www.paho.org/pt/topics/coronavirus?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gad_source=1&gclid=CjwKCAjw26KxBhBDEiwAu6KXt2iXVUyXr3oZLiM0xxVZKjYhED3JS58gA7agCuNlpuxewI9Af36MXBoCREIQAvD_BwE. Acesso: 18 mar. 2024.

Ministério da Saúde¹² estabeleceu regras de isolamento social e quarentena. Em janeiro de 2021 que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) aprovou o uso emergencial de vacinas, dando início às campanhas de imunização. A partir desse momento, as restrições de segurança foram relaxadas gradualmente. Nesse contexto, a violência contra as mulheres apresentou uma diminuição nas ruas, aumentando dentro de casas. Cerca de 17 milhões de mulheres foram vítimas de violência no ano de 2020, e, a falta de emprego e de recursos financeiros dificultou a saída desse ciclo para muitas mulheres¹³. Diante deste cenário, definimos nosso recorte temporal.

Durante a busca nos jornais, dentro do recorte temporal, encontramos no *Jornal Expressão Notícias* 16 matérias e no *Correio Cacerense* 83 matérias sobre a mulher, que foram submetidas a uma primeira análise. A leitura foi guiada pelos critérios da pesquisa: notícias referentes à mulher, como protagonista ou não, no município de Cáceres ou distritos que pertencem ao município. Desta forma, foram excluídas notícias que faziam menção à mulher, cujos fatos poderiam acontecer com qualquer pessoa, como acidentes de trânsito, roubos no interior de residências e fatos que, embora tivessem a cobertura dos jornais, objeto desta pesquisa, não ocorreram na localidade de Cáceres. À vista disso, 57 notícias atenderam aos critérios da pesquisa, sendo 12 do jornal *Expressão Notícias*, todas analisadas devido ao número reduzido de textos; e 45 do jornal *Correio Cacerense*, sendo 26 delas analisadas. Foram excluídas as matérias com acontecimentos semelhantes, cujos sentidos e discursos eram somente reforçados, não trazendo novos sentidos e/ou discursos: instaurados, deslocados ou silenciados. Assim, a análise discursiva ocorreu em 38 textos.

Uma vez estabelecido o *corpus*, tomamos a noção de “recorte” (**R**), que pode ser caracterizado como um fragmento do acontecimento de linguagem. Sob essa ótica, qualquer fragmento (recorte), ou forma de fragmento significa por integrar textos. Desse modo, um texto “não é um conjunto de enunciados, nem é uma unidade composta de enunciados, o texto é uma unidade de sentido integrada por enunciados” (Guimarães, 2011, p. 43). Nessa perspectiva, a interpretação do funcionamento dos recortes, considera tanto o

¹² Disponível em: <https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em: 03 abr. 2024.

¹³ Violência contra as mulheres nas ruas cai durante a pandemia, mas aumenta dentro de casa. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/797543-violencia-contra-as-mulheres-nas-ruas-cai-durante-a-pandemia-mas-aumenta-dentro-de-casa/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

movimento de sentidos no texto, quanto, evita a noção de todo (unidade como homogeneidade), procurando também elementos específicos, incorporados ao texto.

Para analisar um texto, Guimarães (2011) sugere os métodos abaixo:

1. Toma-se um recorte qualquer e produz-se a descrição de seu funcionamento;
2. interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado;
3. chega-se a, ou toma-se, outro recorte e faz-se dele uma descrição;
4. interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado, tendo em vista a interpretação feita do primeiro recorte; e
5. busca-se um novo recorte etc., até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise (Guimarães, 2011, p. 45).

Deste modo, as análises sobre a representação social da mulher, se darão nos enunciados que integram os textos (notícias) em destaque.

Para facilitar a visualização do *corpus*, elaboramos as tabelas abaixo. Tabela 1, com matérias publicadas no Jornal *Expressão Notícias*; Tabela 2, com material publicado no *Correio Cacerense*; e Tabela 3, um paralelo sobre o que foi publicado nos dois veículos:

Tabela 1 - Relação de matérias publicadas no jornal *Expressão Notícias* (2019/2021).

TEXTOS	PUBLICAÇÃO	EDITORIA	TÍTULO ¹⁴
Texto 1	10/03/2019	Polícia	Aumenta o número de estupros de vulneráveis e mulheres em Cáceres. foram 56 em 12 meses.
Texto 2	10/03/2019	Polícia	Delegada diz que opinião do presidente Bolsonaro tem influenciado a violência contra mulheres.
Texto 3	10/03/2019	Política	Eliene cumpre maioria das metas do PDI 2018; trabalho é enaltecido pelo prefeito.
Texto 4	19/05/2019	Polícia	Vítimas relatam momentos de horror na sala de cirurgia do hospital.
Texto 5	14/07/2019	Polícia	Mato Grosso registra mais de 10 mil casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019.
Texto 6	14/07/2019	Política	Eliene, Valdeníria e Túlio são os mais lembrados em pesquisa interna para sucessão municipal.
Texto7	21/07/2019	Polícia	De janeiro a junho 181 mulheres são vítimas de estupro em Mato Grosso.
Texto 8	04/08/2019	Saúde	Governo promove ações pelo aleitamento materno por todo Estado.
Texto 9	04/08/2019	Política	Eliene deixa o PSDB e se filia ao PSB para ser candidata do partido.

¹⁴ Os textos foram reproduzidos conforme a escrita nos jornais.

Texto 10	08/09/2019	Política	Depois de um ano e seis meses Eliene deixa Educação, Luzinete irá assumir a pasta.
Texto 11	13/10/2019	Saúde	Outubro Rosa: Desencontro de informações entre hospital e secretaria gera prejuízo ao município.
Texto 12	30/03/2021	Política	Prefeita Eliene recebe Mauro Mendes em Cáceres, governador inaugura escola e garante recursos para asfalto da rua Membeca.

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2023)

Tabela 2 - Relação de matérias publicadas no jornal *Correio Cacerense* (2019/2021).

TEXTOS	PUBLICAÇÃO	EDITORIA	TÍTULO
Texto 1	12/03/2019	Polícia	Levantamento aponta 38 casos de feminicídio no Estado em 2018 das 82 mortes de mulheres, entre janeiro e dezembro, os feminicídios correspondem a 46% dos casos.
Texto 2	17/03/2019	Variedades	Grupo Juba promove evento de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade.
Texto 3	20/03/2019	Cidade	Cerca de 300 pessoas participaram da Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres.
Texto 4	20/03/2019	Variedades	Acadêmicos de Direito e Comissão da Mulher da OAB debateram sobre Violência contra a Mulher.
Texto 5	16/04/2019	Polícia	Executou a ex com 3 tiros e tentou matar amigo dela.
Texto 6	30/04/2019	Polícia	Mulher marca encontro com a morte em Cáceres: facadas e pauladas.
Texto 7	09/05/2019	Polícia	Valentão covarde é preso por espancar mulher em Cáceres: Vítima D.O.V, foi espancada pelo companheiro V.A.F várias vezes.
Texto 8	15/05/2019	Polícia	VÍTIMA DOPADA: Sexagenário preso em Cáceres suspeito de estuprar a enteada deficiente.
Texto 9	29/05/2019	Polícia	Mulher de pastor simula um sequestro e foge com amante.
Texto 10	29/05/2019	Variedades	CERVEJA ARTESANAL: IFMT de Cáceres oferece curso para mulheres de assentamentos.
Texto 11	04/06/2019	Polícia	Padrasto é preso acusado de estuprar enteada desde 2012.
Texto 12	15/06/2019	Variedades	Fórum nacional homenageia ex-reitora da Unemat/Cáceres.
Texto 13	04/07/2019	Polícia	Guarda que apalpava alunas na escola foi pro (sic) olho da rua: As quatro alunas vítimas, afirmaram às mães e diretora da escola, que o guarda as apalpava nas nádegas, quando elas passaram pelo portão na saída das aulas.
Texto 14	31/07/2019	Polícia	CANA NO PORTO: Polícia enquadra pai acusado de estuprar a filha e foragido.
Texto 15	06/08/2019	Polícia	VALENTÃO AMARELOU Invadiu casa para estuprar moradora e foi pro (sic) cadeião.

Texto 16	14/08/2019	Polícia	Delegada destaca a escalada da violência contra mulheres.
Texto 17	06/09/2019	Polícia	VOVÔ TARADO: Preso velho acusado de molestar a neta de 12 anos.
Texto 18	12/09/2019	Variedades	CHOPP ARTESANAL: Camponesas participam de capacitação e criam cervejas.
Texto 19	14/09/2019	Cidade	EMPODERADAS: Encontro da mulher rural acontece hoje em Cáceres.
Texto 20	17/09/2019	Polícia	GOLPE DE FACA: Matou o pai no Empa para defender a mãe de agressão.
Texto 21	24/09/2019	Cidade	DIREITO À VIDA: Em Cáceres Câmara setorial debateu segurança da mulher.
Texto 22	24/09/2019	Polícia	CANA DUPLA: Padrasto preso por estuprar enteadas leva amigo em cana.
Texto 23	24/09/2019	Polícia	CHUVA DE BALAS: Polícia continua caça de assassino da ex-mulher que baleou vizinhos - Incorporado no demônio, o tal machão não aceitava a separação, arrebitou a ex companheira e sobrou chumbo pros (sic) vizinhos que tentaram evitar a tragédia.
Texto 24	10/10/2019	Polícia	DESDE 2012: Menina de 12 anos se queixa de ser abusada pelo padrasto.
Texto 25	23/10/2019	Política	ELEIÇÕES 2020: Ato político oficializará filiação de vice-prefeita Eliene no PSB.
Texto 26	17/12/2019	Cidade	AS MIGUXAS: Amigas promovem o Natal das crianças em creche em Cáceres.
Texto 27	15/01/2020	Polícia	Filho mata a própria mãe a facadas em bairro de Cáceres.
Texto 28	22/01/2020	Polícia	Em Cáceres, mulher é esfaqueada pelo companheiro enquanto fazia caminhada.
Texto 29	24/01/2020	Polícia	Polícia Civil prende em Cáceres homem que agrediu ex-companheira com chave de fenda.
Texto 30	29/01/2020	Polícia	Filho ataca mãe com golpes de faca e atea fogo na casa.
Texto 31	06/03/2020	Variedades	Mulheres vão às ruas neste sábado em ato de luta e protesto em Cáceres.
Texto 32	17/03/2020	Polícia	DEDM DE CÁCERS: Polícia Civil proporciona dia de bem-estar e autoestima para mulheres vítimas de violência.
Texto 33	18/03/2020	Cultura	“Será preciso uma geração para mudar a cultura da violência contra mulher”, diz ativista em Cáceres.
Texto 34	07/04/2020	Polícia	Mulher esfaqueia marido para se livrar de agressões.
Texto 35	29/09/2020	Política	CORRIDA ELEITORAL: Eliene e Dr. Odenilson apostam num plano de gestão técnico e humanitário.
Texto 36	05/10/2020	Variedades	CáceresMama realiza Outubro Rosa com alerta para a importância do diagnóstico precoce do câncer de mama.
Texto 37	11/10/2020	Política	PLANO DE GOVERNO: Eliene visita empresas e diz que sua gestão priorizará a geração de emprego e renda.
Texto 38	23/10/2020	Política	IN LOCO: Eliene diz que sua gestão terá geração de emprego e renda como prioridade.

Texto 39	27/10/2020	Política	Eliene e Odenilson apresentam propostas para saúde e projetos para a agricultura família.
Texto 40	17/11/2020	Política	ELEIÇÕES: Eliene Liberato entra para história como a primeira mulher eleita prefeita em Cáceres.
Texto 41	24/11/2020	Política	FORÇA DA MULHER: Professora Mazé é a primeira mulher negra eleita em Cáceres.
Texto 42	09/03/2021	Variedades	Rádio Difusora realiza roda de conversa em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.
Texto 43	09/03/2021	Cultura	Atuação e importância da Mulher no Grupo Juba.
Texto 44	16/03/2021	Cultura	SEMANA DA MULHER: Ao som de violino, alunos do Projeto Lobo Guará prestam homenagens as (sic) mulheres.
Texto 45	23/03/2021	Polícia	PMS prendem homem suspeito de estuprar 'amiga' em Cáceres.

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2023)

Conforme podemos observar a seguir na Tabela 3, o ano de 2019 teve a maior quantidade de notícias sobre a temática mulher.

Tabela 3 - Relação de matérias publicadas nos dois veículos.

ANO	CORREIO CACERENSE	EXPRESSÃO NOTÍCIAS
março a dezembro/2019	26	11
ano de 2020	15	00
janeiro a março/2021	04	01
Total	45	12

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2023)

Acreditamos que essa redução de matérias nos anos de 2020 e 2021, ocorreu como reflexo da Covid-19, uma vez que, a partir desse período as matérias publicadas nos dois jornais começaram a girar em torno da Pandemia. Porém, após as análises das notícias, poderemos obter respostas seguras acerca dessa redução de matérias, uma vez que poderemos observar como o estado pandêmico foi retratado nas matérias e/ou nas fontes ouvidas.

A partir da semântica, analisamos discursivamente os textos observando o deslizamento de sentidos, estabilizados, deslocados e transformados, ou seja, as diferentes formulações de um mesmo dizer já sedimentado, que por um lado, estabiliza sentidos predominantes e por outro, propõem deslocamentos que instauram novos processos de significação (Guimarães, 2005). Assim, compreender a representação social da mulher no discurso jornalístico é pensar nos sentidos historicamente construídos para esse sujeito. Os

modos de representar socialmente um objeto ou sujeito, é fruto de uma construção histórica, com significados que refletem momentos de silenciamento, resistência e lutas pela transformação do papel da mulher na sociedade. Esses significados moldam a imagem da mulher e influenciam ações políticas e práticas sociais.

Pará além de meros divulgadores de informações, os veículos de comunicação atuam significativamente na criação de significados que circulam na sociedade, funcionando como intermediários, responsáveis por organizar redes de comunicação e, por meio delas, fortalecer, disseminar, ou modificar representações, podendo inclusive contribuir para criação, mudança e desconstrução de estereótipos (Strassburger, 2018). Conforme já citado, sabemos que diversas instâncias atuam na elaboração e circulação de representações sociais, entretanto, nesta pesquisa, a finalidade é restringir a observação às elaborações dos jornais *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*. Desse modo, no próximo capítulo, apresentaremos as análises discursivas dos recortes dos textos, com objetivo de compreender como a mulher foi/é representada no discurso jornalístico de periódicos impressos produzidos e em circulação na cidade de Cáceres, interior do Brasil, próximo à fronteira com a Bolívia.

3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER: memória e sentidos

A finalidade deste capítulo é apresentar os resultados das análises discursivas realizadas nos acontecimentos de linguagem com objetivo de compreender como a mulher é representada no discurso jornalístico impresso local, por meio da produção de sentidos e os modos de funcionamento dos textos, e, como esse discurso reflete nos processos discursivos desse sujeito. Ao tratarmos desse recurso jornalístico, as notícias e fatos são diferentes dos acontecimentos? Se considerarmos os aspectos culturais, e seu caráter normativo, é bem possível que a resposta seja sim, porém, ela não se apresenta de forma imediata e clara.

Considerando as diferentes formas de interação e as novas modalidades de mediação criadas pela internet, podemos dizer que a imprensa já não exerce mais o “monopólio das informações”, contudo, o jornalismo local/prática jornalista local continua sendo um instrumento indispensável na construção de discursos que constituem a representação social feminina. Desta forma, analisar como as mulheres são representadas nesse contexto é fundamental, pois proporciona uma dinâmica cultural única que influencia diretamente as identidades sociais. Nesse viés, as representações sociais (Moscovici, 2007), são particularmente suscetíveis à reconfiguração e compreender como as mulheres são percebidas e representadas pode oferecer *insights* sobre os processos de resistência, assimilação ou transformação cultural.

Assim, compreender a representação social da mulher na cidade de Cáceres implica investigar como o jornalismo local contribui para construir, reforçar ou desafiar estereótipos e normas de gênero e essa perspectiva é crucial para entender a capacidade do jornalismo local em influenciar percepções públicas relativa às questões de gênero.

Sobre o conceito de representação social, cabe reforçar que nos filiamos à teoria de Moscovici (2007), ao dizer que as representações sociais consistem em um agrupamento estruturado de conhecimentos, comportamentos e convicções que o sujeito (individual ou em grupo) desenvolve sobre um tema, um conceito, sobre outro sujeito ou grupo, revelando-se como uma interpretação pessoal e compartilhada da realidade.

Segundo Germano e Costa (2019), a forma como as mulheres são representadas na história da humanidade, revela padrões sexistas, evidenciando uma tendência à objetificação, hiperssexualização e desvalorização. O papel desempenhado pela representação é crucial na formação e concepção de conceitos. Assim, auxilia na

perpetuação de laços que desvalorizam identidades que não se enquadram no padrão legitimado historicamente.

O caminho trilhado, até aqui, merece capitular que, os dois veículos escolhidos – *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense* - atuam na cidade e região de Cáceres/MT, e eram os únicos jornais impressos. Os outros já estavam no formato *online*. Atualmente, apenas o jornal *Correio Cacerense* tem a versão impressa e *online*. Essa mudança nos jornais da região foi acelerada com a Pandemia Covid-19, porém, já estava em andamento antes dela.

A principal e única matéria-prima da pesquisa é o gênero informativo e o formato notícia (Melo e Assis, 2016). A escolha pelo formato notícia se deu por ser um gênero jornalístico que tem como principal objetivo informar, limitando-se geralmente a apresentar a realidade dos fatos, sem julgamento pessoal, com linguagem clara, objetiva, acessível e impessoal, facilitando assim as interpretações (Marques de Melo, 2009). No caso específico de nosso estudo, cabe destacar que mesmo o jornalismo, que busca relatar os acontecimentos, não tem posição de neutralidade. Vários fatores estão imbricados no processo, e a comunicação, especificamente o jornalismo, enquanto construtor da realidade social, se faz presente no ambiente público midiático, ajudando a moldar as realidades, uma vez que exerce “um papel fundamental nas trocas e interações que contribuem para a instituição de um universo consensual “ (Jodelet, 2001, p. 12). Portanto, a interação social, em seus contextos individuais, organizacionais e midiáticos, é vista como um fator que influencia e molda as representações e práticas sociais (Jodelet, 2001).

Todavia, a realidade que consideramos como sendo natural, não passa do resultado de uma construção, em boa parte realizada pelos meios de comunicação, que atuam como protagonistas no estabelecimento das atividades cotidianas (Berger e Luckman, 2004). Nesse sentido, se consideramos o jornalismo como instituição que auxilia no funcionamento da sociedade, devemos então considerar que a notícia exerce a função de orientar os agentes, publicando informações importantes para a manutenção da ordem social, logo, ela “não apenas informa, mas orienta o público, dando a todos a notícias do que está acontecendo” (Park, 2008, p. 60).

O discurso jornalístico caracteriza-se por intermediar diversos setores sociais, criando e transmitindo significados, baseado em informações prévias, isto é, a partir de determinados registros históricos (Berger, 1998). Como já explicitado, adotamos o conceito de jornalismo impresso sob a perspectiva construcionista (Traquina, 2005, p. 174), ou seja, considera as notícias como construção social da realidade, questionando a

ideia de que os jornalistas são meros espectadores, “ao contrário, são de fato participantes ativos na construção da realidade”. Dessa maneira, a ação dos jornalistas tem a habilidade de moldar cenários e ambientes fundamentados tanto do que é dito, quanto do que é silenciado. Assim, as análises serão permeadas da historicidade dos discursos sobre a mulher – seu interdiscurso – como os sentidos possíveis e atuais de serem associados ao tema. Vale ressaltar que o sentido de uma palavra ou expressão, não é determinado pelo significado de suas partes individuais, mas sim, é formado pela forma como uma frase se relaciona com outras no texto (Guimarães, 2011). Somente assim, a memória discursiva que atravessa vários trechos de um texto poderá afetar a construção do sentido.

Orlandi (2013) diz que não existe sentido sem interpretação: “Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar [...]. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá” (Orlandi, p. 10). Nesse sentido, somos desafiados a compreender fatos, fenômenos, situações, tudo que nos cerca, contudo, há formas de interpretar, não podemos analisar conforme nossa própria vontade. Embora os significados não sejam fixos, e nem evidentes, mas sim, múltiplos, “os sentidos estão sempre administrados, não estão soltos” (Idem, p. 10). Nessa direção, o mecanismo da interpretação convoca o interdiscurso na relação com o não-dito em cada gesto interpretativo. O não-sentido é da instância do interdiscurso, da relação como o Outro, domínio da memória em que há movimento possível do sujeito e dos sentidos (Orlandi, 2013). Desta forma, a notícia, construída por uma diversidade de enunciados, constitui o centro do processo de produção de sentidos do discurso jornalístico, assim, reclamam sentidos.

A abordagem através de uma teoria semântica - *Semântica do Acontecimento* (2005) -, possibilita entender que o jornalismo, enquanto gênero discursivo (Benetti, 2008), é atravessado por outros discursos – interdiscurso -, e (re)produz sentidos que evocam representações sociais sobre a mulher em Cáceres e região. Benetti (2008, p. 13) disserta sobre as características do jornalismo como gênero discursivo. “O jornalismo é, entre outras definições possíveis, um discurso”. Benetti (2008), assim como Guimarães (2002; 2005), recorre aos conceitos da Análise do Discurso (AD) para dizer que o discurso não se limita ao texto, mas se constitui entre os interlocutores, “a significação se dá no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) *pelos/nos* dois interlocutores” (Orlandi, 1988, p. 9 *apud* Benetti, 2008, p. 17). A autora acrescenta ainda que o jornalismo, enquanto instituição social, desempenha uma função social única, considerando os jornalistas como agentes do discurso, influenciados pela organização social que estão inseridos, com poder

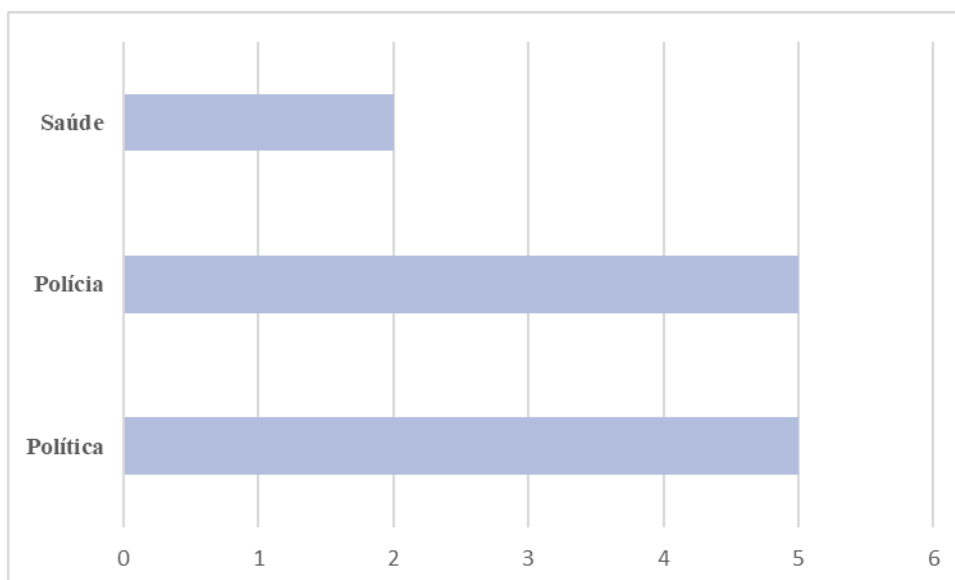
de enunciação condicional, pois está sujeito a normas exteriores e anteriores (Benetti, 2008).

Após identificação de cada matéria a ser analisada, passaremos às análises dos recortes (**R**), ou seja, unidades discursivas (**UD**) carregadas de sentidos. Cada matéria é constituída por um acontecimento de linguagem, por um ato de enunciação cujos sentidos que representam a mulher estão em litígio, incessante disputa, para além daqueles estabelecidos na normatividade, isto é, para além de sentidos apresentados como evidentes, como certezas inquestionáveis, abrindo lugar para o equívoco, para sentidos outros. As matérias serão analisadas por editoria, uma vez que, alguns acontecimentos de linguagem (notícia) reforçam sentidos de outros acontecimentos, da mesma editoria.

3.1 Jornal *Expressão Notícias*: Representação Social da Mulher

As matérias do veículo que fazem menção à mulher são publicadas nas editorias Política, Polícia e Saúde, conforme mostra o gráfico (Gráfico 1) logo abaixo.

Gráfico 1 – Matérias por editoria no jornal *Expressão Notícias*.



Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2024)

Considerando a baixa quantidade de matérias publicadas pelo jornal, ou seja, doze notícias, sendo cinco da editoria Polícia, cinco de Política e dois de Saúde, faremos análise discursiva de todas. Cada matéria será descrita com a data, título e editoria. Vale ressaltar que, embora, façamos recortes das matérias para facilitar a visualização do leitor, os recortes não serão analisados isoladamente, mas dentro da unidade de sentidos que

constitui o texto. Na tabela a seguir (Tabela 4), sistematizamos os textos e respectivos recortes (R) que fazem parte desta análise.

Tabela 4 – Títulos e recortes das matérias analisadas no jornal *Expressão Notícias*.

TEXTOS	TÍTULOS	RECORTES
01	Aumenta o número de estupros de vulneráveis e mulheres em Cáceres; foram 56 em 12 meses.	01 a 03
02	Delegada diz que opinião do presidente Bolsonaro tem influenciado a violência contra mulheres.	04 a 06
03	Mato Grosso registra mais de 10 mil casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019.	07
04	De janeiro a junho 181 mulheres são vítimas de estupro em Mato Grosso.	08
05	Eliene cumpre maioria das metas do PDI 2018; trabalho é enaltecido pelo prefeito.	09 e 10
06	Vítimas relatam momentos de horror na sala de cirurgia do hospital.	11 e 12
07	Governo promove ações pelo aleitamento materno por todo Estado.	13 a 15
08	Outubro Rosa: Desencontro de informações entre hospital e secretaria gera prejuízo ao município.	16 a 18
09	Prefeita Eliene recebe Mauro Mendes em Cáceres, governador inaugura escola e garante recursos para asfalto da rua Membeca.	19 a 24
10	Eliene, Valdeníria e Túlio são os mais lembrados em pesquisa interna para sucessão municipal.	25
11	Eliene deixa o PSDB e se filia ao PSB para ser candidata do partido.	26
12	Depois de um ano e seis meses Eliene deixa Educação, Luzinete irá assumir a pasta.	27

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2024)

TEXTO 01 - (Anexo 01)

Data: 10/03/2019

Título: Aumenta o número de estupros de vulneráveis e mulheres em Cáceres; foram 56 em 12 meses

Editoria: Polícia

(R1) Aumenta o número de **estupros de vulneráveis e mulheres** em Cáceres; foram 56 em 12 meses (título da notícia).

(R2) Uma notícia preocupante na semana em que se comemora – no dia 8 de março, o **Dia Internacional da Mulher**: aumentou **consideravelmente**, o número de estupros de vulnerável e de mulheres em Cáceres (dizer do jornalista).

(R3) Os homens não concordam com os fins dos relacionamentos e se julgam no direito de matar a mulher (dizer da delegada).

O **(R1)** revela discursos de uma mentalidade sexista, da cultura do estupro, do silenciamento de vítimas de assédio e agressão sexual, bem como, do machismo estrutural que, além de ainda fazer parte das relações sociais, contribui para aumentar o número de casos de estupro. Conforme (Turcatto, 2017, p. 2), “A cultura do estupro está incorporada na banalização do crime ao ponto de esse ato não gerar espanto nem admiração pelo fato de acontecer corriqueiramente”. Ou seja, é uma prática que estabiliza sentidos de uma ideologia machista e naturaliza a opressão da mulher, impregnada do discurso de que a mulher é quem deve evitar as situações que justifiquem a violência. Porém, tais sentidos precisam ser simbolicamente desconstruídos, desestabilizados.

Segundo o artigo 217 do Código Penal Brasileiro de 1940¹⁵, o estupro de vulnerável é a conjunção carnal ou qualquer ato de cunho sexual com menores de 14 anos, com consentimento, ou não, e, pessoas que, por enfermidade ou deficiência mental, não possuem o discernimento para a prática do ato, bem como, por qualquer outra razão, não possam oferecer resistência.

Na perspectiva do discurso jurídico é relevante notar que “estupros de vulneráveis e mulheres”, que integra o título da matéria, fazem parte da mesma enunciação, como se o locutor-jornalista falasse da mesma questão, do mesmo sujeito, ou seja, tanto da mulher, quanto vulneráveis - menores de 14 anos e/ou pessoas com enfermidade ou deficiência mental – fossem o mesmo sujeito, ambos com mesmo nível de discernimento. Assim, a falta de clareza na definição e interpretação do termo “vulnerável” leve à transparência dos sentidos e dos sujeitos, sugerindo uma identidade única, num efeito de evidência de um mesmo sujeito, como se todos falassem a mesma língua, deixando à deriva o deslizamento de sentidos que constituem a mulher por meio de suas representações sociais.

O **(R2)** é tomada pelo atravessamento de discursos que rememoram lutas sociais, políticas, econômicas, significando e representando, ora a mulher enquanto vítima, marginalizada, invisibilizada, ora mulher empoderada, combatente, lutadora. Instaura-se, por um lado, sentidos de reconhecimento, igualdade de direitos, liberdade, pertencimento social e político; e, por outro, sentidos opostos, que reforçam o **(R1)**, rememorando a cultura da objetificação feminina, oriunda do patriarcado, em que o homem é visto como provedor do lar e a mulher como cuidadora da casa e da família e, ainda, com a obrigação de satisfazer o homem sexualmente (Butler, 2003). O advérbio “consideravelmente” é

¹⁵ Decreto Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940 - **Código Penal**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 07 dez.2020.

empregado no sentido de intensificar a condição social da mulher, retomando o memorável (interdiscurso) de sociedade machista, mais uma vez deixando à deriva os sentidos de igualdade, de liberdade, de segurança e de proteção.

No recorte (**R3**), é comum nas notícias de violência de gênero o discurso de ciúmes ou o término do relacionamento como um fator externo que leva à agressão, como uma justificativa da ação do homem, revelando sentidos da posição inferior que a mulher possui na estrutura social, pois quando ela é significada como posse do homem, o ciúme se torna uma reação razoável. Dessa forma, os atos do agressor são justificados sob a desculpa de ‘ciúmes’ e acaba responsabilizando a vítima, tornando-a culpada e merecedora das consequências. Observamos aqui o retorno aos mesmos espaços de dizer, constituindo sentidos que retomam a significação da mulher como responsável pela violência sofrida, sentidos de uma ideologia machista e patriarcal, ainda dominante.

Considerando que os sujeitos não falam como indivíduos detentores das palavras, mas são motivados (agenciados) a falar a partir das posições estabelecidas pelas palavras no espaço de enunciação, o enunciador realiza uma prática política que se apresenta como necessária à vida social. Essa prática é constituída na cena enunciativa pelo agenciamento político da enunciação (Guimarães, 2005). Na configuração da cena enunciativa dos recortes de 01 a 03 (**R1**, **R2** e **R3**), o “eu” que enuncia é agenciado pelo lugar social de locutor jornalista que, desse lugar social, expõe seu discurso, utilizando de outras fontes para construir seu texto. Assim, esse acontecimento é atravessado pela voz de um segundo enunciador, também agenciado pelo seu lugar social de locutor (delegada de polícia) que, enunciando, confirma o já dito, ao mesmo tempo que locutor jornalista se exime da responsabilidade sobre os sentidos constituídos na sua fala, deixando na superfície do texto as marcas de embates discursivos, numa relação com o memorável dos dizeres.

Desse modo, o discurso contido nas notícias significa reflexos de uma realidade social, designando uma estrutura social que oscila entre orientações de natureza política e cultural, rememorando sentidos outros de violência autorizada e legitimada pela própria hierarquização patriarcal. A legalização da violência contra a mulher no passado teve impacto direto na sociedade, refletindo no contexto sócio-histórico e conseqüentemente nos Poderes Judiciário e Legislativo, o que justifica a produção de arcabouço legal – civil e penal -, com as sanções e condições de punibilidade expressas, e conduz a um imaginário social de segurança, de proteção à mulher.

Todavia, os casos de violência não apenas continuam acontecendo como têm aumentado, revelando que discursos penalizadores, desacompanhados de políticas públicas

que façam cumprir o discurso legal, não produz efeito, desestabilizando sentidos de segurança e proteção contidos no texto das leis. A locutora delegada de polícia, ao retomar valores da sociedade patriarcal, revela que a tomada da palavra parte do interdiscurso, da memória discursiva, inscrevendo-se na filiação dos discursos de dominação masculina e de subordinação social das mulheres.

O discurso sobre a violência de gênero é atravessado por vários outros, tais como o discurso jurídico, o discurso machista e o discurso sociocultural, os quais contribuem para o modo como a sociedade vê a violência contra a mulher. Observando a evolução feminina na História (Louro, 1997), são incontestáveis as conquistas e os avanços sociais.

TEXTO 02 - (Anexo 02)

Data: 10/03/2019

Título: Delegada diz que opinião do presidente Bolsonaro tem influenciado a violência contra mulheres

Editoria: Polícia

(R4) Delegada diz que opinião do presidente Bolsonaro tem influenciado a violência contra mulheres (título da notícia).

No recorte **(R4)**, configura-se a cena enunciativa na qual o Locutor, enquanto responsável pelo dizer, assume a palavra a partir do lugar social (delegada de polícia), produzindo seu dizer desde uma região do interdiscurso que, ao atualizar uma memória, retoma o discurso do Presidente da República da época, enquanto autoridade do Estado, rememorando discursos misóginos e sexistas. Desse viés, instaura, de um lado, por meio do discurso político, os sentidos de apologia ao estupro, à agressão física e contrário às políticas públicas de dignidade menstrual; e, de outro, os discursos de protesto, como “#elenão #elasim”, numa tentativa de apagamento de sentidos já construídos pelo dizer do mandatário. Importa frisar que o discurso do Presidente da República representa um pensamento político aceito por uma parcela significativa da sociedade brasileira, situação que se reflete, segundo a delegada, no aumento do número de casos de violência de gênero.

(R5) [...]. Eu acho que a razão do aumento da violência contra mulheres seria essa nova ordem de pensamento político, principalmente, no âmbito federal, que tem influenciado diretamente, nas ações dos homens; [...] **com isso, os homens acham que podem matar como antigamente acontecia.** As mulheres eram pegadas em adultério ou que pediam divórcio eram mortas e os homicidas quando condenados eram absolvidos sob alegação que teriam agido em violenta emoção e sem pensar;

(R6) [...] hoje eu percebo que isso está retornando, porque a motivação é a mesma de anos atrás, **mas enquanto existir lei em nosso país, enquanto existir polícia e enquanto eu estiver trabalhando como delegada estarei instaurando procedimentos, pedindo prisões para coibir esse tipo de conduta**, esse tipo de **misógino que é inadmissível em nosso ordenamento jurídico que é regido pelo Estado Democrático de direito**. Não podemos admitir que homens possam sentir no direito de tirar a vida de uma mulher, simplesmente, por ela não querer mais conviver com ele [...].

Podemos observar no (R5) uma disputa de sentidos já postos em circulação, estes constituídos por discursos atuais: político, jurídico, penalizador, protetivo, numa tentativa de desconstruir sentidos e práticas enraizadas socialmente; e por discursos arcaicos: misóginos, sexista, patriarcal, representando e reproduzindo a estrutura simbólica da qual ainda fazemos parte, reforçando estereótipos vigentes da mulher submissa, assujeitada e contribuindo para manutenção de representações sociais que orientam a práticas sociais preconceituosas, de exclusão e de inferioridade. Nesse recorte há uma memória que aponta para as discursividades da Medicina Social¹⁶, que segundo Soihet (2002, p. 08), “por razões biológicas, fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal constituíram-se em características femininas”. Nessa perspectiva, tais características foram estabelecidas como próprias do sexo feminino, ao contrário do homem, que combinava sua natureza autoritária, machista, racional, com a força física e libido descontrolada (Soihet, 2002).

Sobre os dizeres do (R6), “[...]esse tipo de misógino que é **inadmissível em nosso ordenamento jurídico** que é regido pelo **Estado Democrático** de direito[...]”, rememora discursos do Estado e da sociedade como lugar de estabilidade de sentidos evidentes, instaurando-se um efeito de silenciamento de certos sentidos para produção de outros. Desta forma, as discursividades do Código Civil Brasileiro de 1916, que impunha à mulher várias situações absurdas, são evocadas, conforme mostraremos algumas abaixo:

Art. 6. São incapazes, relativamente a certos atos, ou à maneira de os exercer:

II. As mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal.

Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal.

Compete-lhe:

¹⁶ A finalidade da Medicina Social (também pode ser chamada de “pública” ou “coletiva”) é a salubridade social, objetivando-se com o bem-estar geral e um controle total da organização urbana. É definida como o conjunto de práticas técnicas, ideológicas, políticas e econômicas desenvolvidas no âmbito acadêmico, nas organizações de saúde e em instituições de pesquisa vinculadas a diferentes correntes de pensamento (Paim, 2005).

IV. O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do tecto conjugal.

Art. 251. À mulher compete a direção e a administração do casal, quando o marido:

I. Estiver em lugar remoto, ou não sabido.

II. Estiver em cárcere por mais de dois anos.

III. For judicialmente declarado interdito.

Art. 380. Durante o casamento, exerce o pátrio poder o marido, como chefe da família (art. 233), e, na falta ou impedimento seu, a mulher.

Art. 320. No desquite judicial, sendo a mulher inocente e pobre, prestar-lhe-á o marido a pensão alimentícia, que o juiz fixar.

Embora, os artigos acima tenham deixado de vigorar, por meio do texto da Constituição Federal de 1988, que enuncia no artigo 5º que “homens e mulheres são iguais perante a lei em direitos e obrigações”, seus sentidos (dos artigos), rememoram discursos que retornam sob a forma de pré-construído, ou seja, algo dito antes em outro lugar, com efeitos ainda em circulação. Podemos observar o deslizamento de sentidos, pois, embora o locutor legislador da CF/88, tenha silenciado os dizeres do Código Civil 1916, dando igualdade de direitos aos homens e mulheres, seus sentidos continuam impregnados no discurso jornalístico e nas práticas sociais.

Assim, a comunicação, por meio da linguagem, tem o poder de moldar a vida das pessoas e os vínculos no interior de uma cultura. A concepção dualista de gênero que se apoia no aspecto biológico para justificar a desigualdade, carrega os preconceitos e estereótipos de gênero que ainda geram impacto negativo nas relações em sociedade, pois permanecem ativos. Os sentidos passam a existir após se relacionarem com outros discursos que circulam na coletividade, de onde surgem as representações e estigmas em relação às mulheres (Hall, 2016).

Essa posição teórica nos permite, por um lado, conceber o dizer “na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (Orlandi, 2003, p. 33). É desse jogo que se produzem sentidos, ou seja, a partir da historicidade da língua, do interdiscurso, sendo este, segundo Orlandi (2003, pp. 33-34), a base do dizível, o já-dito: “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Também é possível romper a ideia de que o “eu” é a fonte, origem e instância organizadora do dizer, abrindo espaço para entender que a enunciação gera diferentes formas de discurso, e os significados surgem no ato enunciativo entre as partes envolvidas e as afirmações feitas, nas disputas políticas do discurso, em sua conexão com a memória discursiva, nesse campo dinâmico de divisões movimentos, retornos e disputa de normalização.

O dizer da locutora-delegada de polícia orienta argumentativamente para os sentidos de que as mulheres têm direitos inalienáveis, tais como a equidade de gênero e a proteção da vida, de modo que podemos concluir isso no trecho: “não podemos admitir que homens possam sentir no direito de tirar a vida de uma mulher[...]”.

Até aqui pudemos compreender que os discursos jornalísticos produzem sentidos sobre a representação social da mulher e ainda que não o façam explicitamente, apontam para um outro dizer. Ou seja, deixam implícito que existe uma luta pela equidade, uma vez que a desigualdade social entre homens e mulheres ainda faz parte da cultura vigente.

Segundo Buitoni (2009), a organização social passa por um declínio e uma das hipóteses é a de que a mulher vive um meio-termo entre valores tradicionais e valores conquistados, surgindo assim uma nova mulher.

Assim, os dizeres no discurso jornalístico sugerem sentidos de que existe uma distribuição desigual entre homens e mulheres em relação aos direitos e posições na sociedade, instaurando um efeito de sentido do dizer, que a mulher ocupou historicamente, e ainda ocupa, um lugar de inferioridade, enquanto sujeito social.

TEXTO 03 - (Anexo 03)

Data: 14/07/2019

Título: Mato Grosso registra mais de 10 mil casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019

Editoria: Polícia

(R7) [...] A Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP) registrou 10.307 casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019. Apesar de alto número de casos, houve uma redução de 3% em relação ao mesmo período em 2018, [...].

No recorte **(R7)** o número “mais de 10 mil casos” não somente revela a estatística, mas torna tangível um problema real e urgente, atualizando uma memória de sentidos dos discursos sociais preexistentes, tais como, a injustiça social e a violência doméstica. O leitor incorpora essa informação dentro de um contexto mais amplo de desigualdade de gênero e luta pelos direitos humanos.

TEXTO 04 - (Anexo 04)

Data: 21/07/2019

Título: De janeiro a junho 181 mulheres são vítimas de estupro em Mato Grosso.

Editoria: Polícia

(R8) De janeiro a junho deste ano, 181 mulheres foram vítimas de estupro em Mato Grosso, segundo um levantamento divulgado pela Secretaria Estadual de Segurança Pública (SESP-MT), na terça-feira (16).

As discursividades dos recortes **(R7)** e **(R8)** reforçam sentidos dos textos 01 e 02, ou seja, sentidos atravessados pelo discurso da dominação masculina, da violência contra mulher de forma física, sexual, psicológica e simbólica. Essa prática vem sendo perpetuada por um poder oriundo de uma sociedade machista e patriarcal. Na obra *Dominação Masculina*, Bourdieu (2012), diz que a romantização do lugar da mulher na sociedade acaba por justificar a violência que muitas vezes são submetidas, tornando-a algo comum e legitimado.

Entretanto, o sistema legal em vigor, em decorrência da mobilização dos grupos feministas e denúncias pelos meios de comunicação, busca garantir a segurança da mulher diante da violência doméstica e do feminicídio, criando a lei nº 11.340/2006¹⁷, que gera dispositivos para coibir a violência doméstica, assegurando-lhes as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à liberdade e à dignidade, entre outros, e a lei n.º 13.104/2015¹⁸, que torna o feminicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos.

Nesse contexto, é possível notar um deslizamento de sentidos opostos ao que foi estabelecido no discurso jurídico, gerando a contradição, a falha na legislação, que está sujeita ao equívoco, que é próprio da língua (Guimarães, 2002). Esse deslizamento produz um efeito de sentido de proteção e segurança à mulher, porém, os sentidos produzidos nos textos 5 e 6, contrariam os dizeres da lei, uma vez que a violência contra mulher, como ameaça e estupro, aumentou no ano de 2019. Esse deslizamento se dá na perspectiva do que diz Orlandi (2007, p. 60) sobre o funcionamento da língua: “a própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo, o lugar da falha, do equívoco”.

O acontecimento das leis é atravessado pelo interdiscurso que ressoam de outras formulações já-ditas e repetidas pelos sujeitos e estão vinculadas à rede de sentidos que

¹⁷ BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal [...]. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 17 mar. 2023.

¹⁸ BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 17 mar. 2023.

apontam a um cenário em que o discurso de lutas e mudanças foi forjado pelo percurso histórico alicerçado na linguagem e por acontecimentos que mudaram as discursividades de gênero.

TEXTO 05 - (Anexo 05)

Data: 10/03/2019

Título: Eliene cumpre maioria das metas do PDI 2018; trabalho é enaltecido pelo prefeito

Editoria: Política

(R9) Eliene informa que todas as secretarias, a Autarquia Águas do Pantanal e a Previ-Cáceres, que compõem o Executivo Municipal, trabalham com metas do PDI. Para ela, a Secretaria Municipal de Educação **tem se esforçado ao máximo** para cumprir e atingir as metas estabelecidas pelo TCE. **“São metas de curto e longo prazo que temos que atingir”, explica Eliene.** “Tivemos **avanços significativos** nos índices e atingimos a maioria delas, oito de onze metas proposta atingidas. Isso demonstra que estamos no caminho certo. Nossa equipe está **empenhada** em cumprir o que foi estabelecido e o que compete a cada um”, **observa a secretária.**

Nesse acontecimento, o dizer do locutor jornalista produz sentidos para a mulher e seu lugar na sociedade brasileira, sentidos que revelam sua atuação na esfera política e seu sucesso atribuído ao seu esforço para atingi-lo. Vale lembrar que o acesso da mulher à política no Brasil foi marcado por resistências e dificuldades, tanto o direito de votar como o direito de se candidatar a qualquer cargo era negado às mulheres. Desse modo, nesse recorte observamos a figura da mulher constituída e representada pelo discurso político, com uso de vocábulos como “avanços significativos”, “esforçado ao máximo”, “empenhada”, que argumentam e ressaltam a competência, esforço e o sucesso da mulher enquanto profissional. “Estamos no caminho certo”, embora esteja na 1ª pessoa do plural, a fala é da secretária de educação, ocupando um cargo de liderança na secretaria de educação, reforçando sentidos que mais uma vez ressaltam a competência da mulher de saber o que está fazendo no lugar onde está. Os dizeres da locutora secretária e também vice-prefeita se produzem a partir de uma região do interdiscurso que atualiza uma memória de sentidos sobre a baixa representatividade feminina na política e em cargos políticos, propostas de ações para aumentar essa representação política das mulheres, entre outros.

A estrutura da sociedade patriarcal determinou que os homens assumiriam responsabilidades na esfera pública, enquanto as mulheres ficariam responsáveis pelas

tarefas domésticas. Essa divisão resultou em diversos obstáculos para o avanço da democracia e para a participação feminina.

(R10) Para o prefeito Francis, o PDI é uma ferramenta muito importante na Gestão municipal [...]; **Francis enaltece a participação e o envolvimento de todos**, secretários, coordenadores, gerentes, técnicos e servidores que estão comprometidos em alcançar os objetivos do PDI. [...]Este é um diferencial da **nossa Gestão**” finaliza Francis.

Embora no título da matéria diz que “ Eliene cumpre maioria das metas do PDI 2018; trabalho é enaltificado pelo prefeito”, orientando sentidos de que o trabalho da mulher/Eliene é digno de aplausos, de honra e de reconhecimento, o recorte acima apresenta outros dizeres, ou seja, o prefeito enaltece a participação e o envolvimento de “todos”. O uso do pronome indefinido “todos”, não especifica uma pessoa, mas inclui um conjunto de pessoas, orientando argumentativamente que o cumprimento dos objetivos do PDI é consequência do empenho de todos, excluindo assim os sentidos do elogio individual à secretária de educação. No dizer “nossa gestão”, o prefeito atribui a si o sucesso do trabalho, ou seja, o uso do pronome possessivo “nossa” se apresenta enquanto efeito de sentido, com uma afirmação de garantia absoluta, como evidência do sucesso do trabalho relacionado a sua gestão, enquanto prefeito e sua eficiência nas atividades relativas ao cargo.

TEXTO 06 - (Anexo 06)

Data: 19/05/2019

Título: Vítimas relatam momentos de horror na sala de cirurgia do hospital.

Editoria: Polícia

(R11) Em relato ao promotor Rinaldo Segundo, a comerciante Gleice Costa disse que, **além do tratamento desumano a que foi submetida**, durante o trabalho de parto, **o médico a mandava calar a boca**, constantemente, quando reclamava de dor. E, em dado momento, conta e que **o médico ainda questionou a paternidade do bebê**, insinuando que a paciente não teria conhecimento de quem seria o pai da criança.

(R12) As demais Vanessa, Fernanda, Meiriane e Ana Paula, narraram situações semelhantes. E, que além da violência obstétrica a que foram vítimas, afirmaram que **apesar de reclamarem na Ouvidoria, nunca foram chamadas pela diretoria do hospital, nem mesmo para uma solidariedade**. O Conselho Regional de Medicina (CRM) **instaurou um processo administrativo** que até hoje, **próximo de 02 anos não foi concluído**.

No recorte (R11) a violência física que a mulher é submetida é reescriturada por “**além do tratamento desumano a que foi submetida**, durante o trabalho de parto, **o médico a mandava calar a boca**” e “**o médico ainda questionou a paternidade do bebê[...]**”. O procedimento de reescritura consiste em redizer o que já foi dito, isto é, uma expressão linguística reporta-se a outra que as relaciona no texto pelos enunciados em que ambas estão (Guimarães, 2011). Sob a ótica de que a língua funciona afetada pelo interdiscurso, ou seja, as relações entre os discursos que atravessam o relato é que particularizam a constituição de toda a enunciação da narrativa. Dessa forma, o discurso acima evoca sentidos da violência obstétrica, um conceito utilizado para descrever abusos – de natureza física, psicológica ou moral -, enfrentados por mulheres ao buscarem atendimento médico durante a gravidez, parto, pós-parto e em casos de aborto. Atualmente a OMS¹⁹ considerada a violência obstétrica como um problema de saúde pública. Entretanto, a enunciação do Código Civil (1916), a imagem da mulher é vista no âmbito das relações familiares, como observamos abaixo:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial **proteção** do Estado. § 8.º O Estado assegurará a assistência **à família** na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para **coibir a violência no âmbito de suas relações**.

Na enunciação do artigo acima a figura feminina é vista como integrante da estrutura familiar, bem como, os demais membros, devendo receber amparo do Estado que, posteriormente, precisará estabelecer leis eficazes para prevenir, combater e punir a violência. Contudo, a proteção à mulher é silenciada e prejudicada pela falta de recursos legais disponíveis pelo Estado.

Os dizeres do médico, enquanto sujeito detentor do “saber incontestável” e do poder, ao mandar a mulher calar a boca e questionar a paternidade do bebê, tenta silenciar-lhe o sofrimento e a dor, rememorando sentidos do discurso moralista e religioso, com princípios conservadores e misóginos, que coloca a dor como consequência de uma prática depravada, pecaminosa, e o sofrimento como uma espécie de punição para a mulher que exerce sua sexualidade. É frequente que as mulheres vivenciem essas situações de

¹⁹ PALHARINI, Luciana Aparecida. Autonomia para quem? O discurso médico hegemônico sobre a violência obstétrica no Brasil. **Dossiê gênero e Ciência: Histórias e política no contexto Ibero-Americano**. Campinas:SP, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/xpCQkdXRrdcQsZZST5bC99Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2023.

violência, porém, nem sempre as identifique devido à sua naturalização em determinados contextos.

Historicamente a mulher foi a figura de Eva, aquela que ao comer do fruto proibido e incitar o homem a também comer do fruto proibido, relegou à humanidade o pecado. A passagem bíblica de Gênesis 3: 16 retrata esse contexto. Muraro (2002), ao dissertar sobre crença judaico-cristão, alega que é a base da nossa civilização atual, diz que, ao preferir a mulher, Adão foi morto simbolicamente pelo Pai. Por isso surgiu a passagem de que a mulher é tentadora, com a capacidade de desequilibrar a relação entre o Homem e Deus.

Portanto, a mulher é a causa de todo sofrimento da humanidade, uma vez que, o castigo depois da queda foi, ao homem, ter que ganhar o pão com o suor de seu rosto, ou seja, teve que trabalhar, e à mulher, ser submissa ao marido e parir na dor. Segundo a autora, para se persuadir da sua supremacia, o homem se convenceu que, por meio de sua costela, pariu a primeira mulher. Desta forma, ela poderia desde o início ser igual ao homem, mas submissa, e, à medida que o homem vai controlando a natureza, seu poder sobre a mulher vai também aumentando, na mesma proporção. Assim, a humanidade guarda em seu inconsciente mais profundo o que devia ser a vida nas sociedades: a harmonia entre os sexos e a despreocupação com o dia de amanhã: homem e mulher eram iguais. Nessa perspectiva, as enunciações desse acontecimento, funcionam discursivamente para sustentar práticas de violência contra a mulher, remetendo a sentidos de punição.

Os dizeres “**apesar de reclamarem na Ouvidoria, nunca foram chamadas pela diretoria do hospital, nem mesmo para uma solidariedade**” apontam sentidos que desconsideram as mulheres como detentoras de direitos sexuais e reprodutivos, obrigando-as a suportar. O deslocamento do protagonismo para os profissionais da medicina no parto, impede a autonomia da mulher como detentora de um saber e protagonismo na cena do parto. Assim, a memória discursiva aciona sentidos sobre a mulher pecadora, conduzindo a atitudes de controle da sexualidade feminina, que legitima práticas violentas, como as descritas acima.

TEXTO 07 - (Anexo 07)

Data: 04/08/2019

Título: Governo promove ações pelo aleitamento materno por todo Estado

Editoria: Saúde

(R13) [...] A semana mundial da Amamentação (SMAM) é celebrada entre os dias 1º a 7 de agosto. No Brasil, por meio da Lei 13.435/2017, foi instituído o mês do Aleitamento Materno, sendo denominado

“Agosto Dourado”, em referência ao leite materno, que é considerado padrão ouro para a alimentação da criança menor de dois anos. Neste mês, as ações de promoção do aleitamento materno são intensificadas em todo o país.

(R14) “O aleitamento materno contém todos os nutrientes necessário para o crescimento e desenvolvimento, até os seis meses, e, em proporções ideais, a sua capacidade digestiva auxilia na formação das células de defesa[...];

(R15) “[...] para a mãe, o aleitamento ajuda a retornar ao peso pré-gestacional, reduz o risco de hemorragia após o parto e a chance de câncer de mama, além de promover o vínculo afetivo entre mãe e filho”, explica.

Nesse acontecimento de linguagem podemos observar que as campanhas de aleitamento materno vão muito além de divulgar e incentivar ações e serviços, enquanto materializações discursivas, atravessadas pelo interdiscurso, elas têm o potencial de influenciar na configuração da cultura, naturalizando e reafirmando modos de ser e estar no mundo. As enunciações que constituem o texto, rememoram sentidos e imagem da mulher-mãe, buscando produzir um efeito de verdade no discurso.

Assim, os recortes **(13, 14 e 15)** remetem a sentidos que apontam para significados que geram e disseminam os papéis da mulher como mãe. As relações entre os discursos que atravessam este acontecimento é que particularizam a constituição de toda enunciação. O discurso interpreta várias vozes que falam pela mulher: da Secretaria de Estado de Saúde e da Coordenadoria de Promoção e Humanização da Saúde da Superintendência de Atenção à Saúde da SES-MT, silenciando a complexidade da amamentação e seus desdobramentos na inserção familiar e social da mulher, deslocando-a do protagonismo da cena para o bebê, colocando a mulher-mãe em segundo plano. Os discursos proferidos pelos governos e organizações que atuam em prol da causa, apresentam o aleitamento materno como prática naturalizada, evocando sentidos de um comportamento absoluto, ao qual se confere estatuto de verdade.

Ao mencionar as vantagens da amamentação para a criança e a mãe, os argumentos apresentados criam a ilusão de transparência de linguagem, numa tentativa de esclarecer de forma clara e objetiva, argumentando para persuadir a mulher sobre a importância da amamentação, constringendo-a sobre suas possibilidades de escolha. O emprego desse mecanismo de enunciação produz um efeito de sentido de único discurso possível sobre os dizeres, através da naturalização dos sentidos. Contudo, esse discurso não é unânime entre

as mulheres, pois, abrange questões relativas à saúde, subjetividade, sexualidade, trabalho e seus múltiplos papéis na sociedade contemporânea.

No campo interdiscursivo, vários discursos constituem a representação da mulher-mãe e nutriz, sentidos culturalmente criados e compartilhados na sociedade e que funcionam competindo entre si. No entanto, em certos contextos, apenas alguns são reconhecidos como autoridades científicas, tornando-se senso comum e acabamos não mais os vendo como representações, mas como verdades (Moscovici, 2007). E deste modo, os sentidos de mulher como mãe são naturalizados, gerando um efeito de sentido de mãe ideal – aquela que amamenta seus filhos. Tais discursos constituem uma memória de sentidos sobre a mulher-mãe, os quais definem seus papéis sociais e, a partir dessas significações, outras mães são categorizadas.

TEXTO 08 - (Anexo 08)

Data: 13/10/2019

Título: Outubro Rosa: Desencontro de informações entre hospital e secretaria gera prejuízo ao município.

Editoria: Saúde

(R16) Desencontro de informações entre a Secretaria Municipal de Saúde e o Hospital Regional “Dr. Antônio Fontes”, em Cáceres pode gerar **prejuízo financeiro e desconforto a pacientes** que desejam fazer o exame de prevenção ao câncer de mama, a mamografia.

(R17) “Disponibilizamos 300 exames de mamografia, mensalmente, para Cáceres e demais município da região. Equivalente a 11 exames por dia. No entanto, não são realizados nem 50% porque os pacientes não aparecem” reclama o diretor administrativo do Hospital Regional, Onair Nogueira.

(R18) As justificativas para ausência de **pacientes** para realização do exame no Hospital Regional são controversas. **A secretária Silvana Maria diz que, a maioria dos pacientes é encaminhada para Cuiabá, porque recebeu informação da Central de Regulação – órgão que faz o cadastramento dos pacientes – de que o mamógrafo do Hospital Regional estaria quebrado.**

O acontecimento acima é constituído por discursos que são atravessados pelo interdiscurso, entre eles a ineficiência de políticas, órgãos e repartições públicas, ou a falta de qualidade nos serviços prestados pelo SUS, a falta de recursos e profissionais, ou sobre as barreiras e ineficiência na comunicação interna e externa no setor público. Isso tudo daria uma outra tese, porém, vamos voltar ao nosso objetivo e analisar os discursos que

circulam nesse acontecimento sobre a imagem que constituem a representação social sobre a mulher. Vale dizer que Outubro Rosa²⁰ é o período reservado para as iniciativas de conscientização sobre o câncer de mama e incluem ações promovidas pelo Ministério da Saúde e por outras entidades, com objetivo de aumentar a detecção precoce da doença. Segundo o ministério da Saúde, o câncer de mama figura como a quinta maior causa de mortalidade no mundo.

Na materialização simbólica do título da matéria a mulher, que é o centro da campanha, é silenciada, apagada da cena, ficando em evidência o prejuízo causado ao município. No **(R16)** a mulher aparece como a “**pacientes**”, assim como em toda a matéria ela é nomeada/tratada como “**pacientes**”. Agenciado pelo lugar social de locutor-jornalista, o locutor apropria-se simbolicamente de sua “autonomia” em decidir pela nomeação da mulher e nega-lhe a possibilidade de ser nomeada como “mulher”, nomeando-a como “paciente”, com deslizamento de sentidos entre pessoa doente ou enferma ou aquele que espera, que deve ter paciência por ações e intervenções dos profissionais da saúde. Desta forma, no espaço de enunciação, é fundamental a inserção do sujeito na cena enunciativa para ser autorizado a falar e constituir sentidos.

Nos recortes **(R17)** e **(R18)** ocorre um deslizamento de sentidos nas enunciações entre o diretor do hospital e da secretária de saúde, instaurando a contradição, sujeita ao equívoco, próprio da língua e por isso significa. Na voz do diretor, os pacientes (mulheres) não compareceram para fazer o exame, instaurando um efeito de sentido de desprezo e descaso da mulher com a própria saúde. Os dizeres do diretor se exime da responsabilidade, a partir desse lugar individual, orienta para os sentidos de que a o comprometimento da mulher para fazer o exame, é mera falta de interesse e, imprimindo à mulher a (i)responsabilidade individual. Contrariando esses sentidos, na voz da secretária, seu discurso está vinculado à mesma rede de sentidos que aponta para o discurso historicamente construído em torno das condições precárias da saúde pública e das condições de serviços prestados, ou seja, o mamógrafo, aparelho que faz exame de mamografia, “**estaria quebrado**”, e por isso as mulheres deixaram de comparecer ao hospital Regional, sendo encaminhadas pela prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Saúde, para Cuiabá, capital do estado, para realização do exame.

Como no título, a mulher, público-alvo da campanha, é silenciada em toda a matéria, isto é, o locutor-jornalista ouviu o diretor do hospital e à secretária de saúde,

²⁰ Outubro Rosa 2022. **Instituto Nacional do Câncer**. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/campanhas/2022/outubro-rosa>. Acesso em 30 ago. 2023.

sujeitos que enunciam a partir de lugares sociais privilegiados, mas não ouviu nenhuma mulher, silenciando assim a voz feminina. Nessa cena enunciativa surge o embate no centro do dizer, pois a “paciente” não tem a oportunidade de expressar seu “desconforto”, no entanto, dada às circunstâncias, seu silêncio é carregado de significados que rememoram discursos do processo de silenciamento presente ao longo da história das mulheres, em diferentes contextos e de seu afastamento de espaços legitimados de enunciação.

Portanto, o ato de silenciar, é dizer de outra forma, é revelar sentidos que, embora silenciados, estão presentes no discurso (Guimarães, 2005). Segundo Perrot (2007, p. 17), “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. [...] Sua fala em público é indecente”. Conforme a historiadora, o silenciamento da mulher evoluiu para a invisibilidade de tal modo que acabou se transformando em um ato naturalizado e estruturado.

Cabe destacar aqui que, a escolha das fontes, o recorte dos trechos a serem reproduzidos e o contexto no qual são inseridos, também faz parte da constituição do discurso e resultam na oferta de determinados sentidos em detrimento de outros. Apesar de ouvir fontes como o diretor do hospital e a secretária de saúde, o veículo não buscou nenhuma mulher para falar sobre o fato e oferecer ao leitor informações mais amplas. Assim, a pluralidade de vozes tão importante para ofertar sentidos, esteve ausente nessa cobertura.

TEXTO 09 - (Anexo 09)

Data:30/03/2021

Título: Prefeita Eliene recebe Mauro Mendes em Cáceres, governador inaugura escola e garante recursos para asfalto da rua Membeca

Editoria: Política

(R19) A prefeita de Cáceres, Eliene Liberato Dias, recepcionou o Governador Mauro Mendes, na manhã desta terça-feira (29), no Aeroporto Municipal Nelsom Martins Dantas.

(R20) O secretário de estado de Ciência e Tecnologia, Nilton Borgato disse que as obras foram licitadas em 2019 e destacou que o governador Mauro Mendes tem uma posição clara sobre lançar e inaugurar obras. **“Tudo que conseguimos fazer foi graças ao empenho do Governador Mauro Mendes. [...]”, reconheceu Borgato.**

(R21) A prefeita Eliene Liberato Dias, em tom emocionado, disse que Cáceres vivia um momento histórico[...]. **“É muito bom a gente estar à frente, na condução de um município, quando se tem um governo sério, colocando o estado nos trilhos, fazendo justiça social e fiscal. Isso Governador, demonstra a sua responsabilidade e o compromisso que o senhor vem tendo com Mato Grosso e os mato-grossense”, destacou Eliene.**

(R22) Eliene felicitou Mauro Mendes em nome da população cacerense. **“O que me deixa mais feliz é a dignidade que os estudantes vão ter em estudar aqui, [...]. Obrigada por mim e pelo povo de Cáceres”, parabenizou a prefeita.**

(R23) Finalizando, o governador Mauro Mendes disse que as obras que o governo realiza tem um padrão de qualidade e que em respeito aos profissionais que irão trabalhar e aos alunos, [...]. **“Esta escola vai se chamar Professor Adriano Silva, em homenagem a um grande amigo e que muito lutou para a sua conclusão”, assinalou Mendes.**

(R24) Mauro citou todos os projetos que estão em andamento no município destacando a ZPE, [...]. **“São muitas obras e projeto para Cáceres e para a região Oeste de Mato Grosso que tem recebido um grande volume de investimentos através do Programa a Mais MT”, concluiu Mauro Mendes.**

No recorte (R19) do texto 09, observamos a participação e inclusão da mulher nas instituições políticas. Os dizeres estão sedimentados no interdiscurso, que ressoam a outras formulações já-ditas, vinculado a redes de sentidos que apontam para luta das mulheres em busca de igualdade de direitos, entre eles, os direitos políticos, gerando com isso a reforma eleitoral, enunciada pela Lei nº 12.034/2009²¹, que instituiu novas obrigações na lei dos partidos políticos - lei n. 9096/95 -, entre elas, a determinação de recursos do fundo partidário que deviam ser aplicados, no mínimo de 5%, na criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres. Considerando que, uma das finalidades do discurso jurídico é igualar a todos perante a lei, e que foi necessário o Estado criar uma lei (12.034/2009) para instituir obrigações em outra lei (9.096/95), nos deparamos com o equívoco da língua, em que sujeitos e sentidos não estão constituídos por completo, instituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, do movimento (Guimarães, 2005), pois a norma jurídica se deixa escapar pela linguagem, os deslizes da língua acontecem por meio da falha institucional que imaginariamente controla

²¹ BRASIL. **Lei nº 12.034, de 29 de setembro de 2009.** Altera as Leis nºs 9.096, de 19 de setembro de 1995 - Lei dos Partidos Políticos, 9.504, de 30 de setembro de 1997, que estabelece normas para as eleições, e 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12034.htm. Acesso em: 18 mar.2024.

a língua e o sujeito. Vale informar que, conforme dados do Tribunal Regional Eleitoral do estado do Mato Grosso (TRE/MT)²², em 2020, o município de Cáceres teve aproximadamente 64.839 eleitores aptos a votar, desse total 51,71% são do sexo feminino, 48,26% do sexo masculino e 0,03% não informaram o sexo.

Desse modo, afetado pelo movimento feminista, o Estado inaugura outro acontecimento de linguagem, ou seja, cria a lei n. 12.034/2009, produzindo um imaginário de igualdade de gênero, por recortar ao memorável de exclusão, de apagamento do sujeito. Contudo, na década de 1960 as mulheres já debatiam sobre a sua representação em questões políticas e sociais. Segundo Miguel e Queiroz (2006), a sub-representação política feminina é um dos pontos de “estrangulamento” das democracias contemporâneas, pois marginaliza grupos nas esferas representativas, além disso, serem formalmente eleitas, não pressupõe que estejam em par de igualdade de gênero.

Vale ressaltar ainda, os dizeres da lei n 14.192/2021²³, que estabelece diretrizes para evitar, coibir e rejeitar a violência política contra a mulher, nos locais e ocasiões relacionadas ao cumprimento de seus direitos políticos e atividades públicas, garantindo a presença feminina em discussões eleitorais. No discurso jurídico, a mulher tem garantido seu direito de representação política. Nesta perspectiva, as discursividades do **(R19)** estão vinculadas ao efeito de sentido da presença feminina no mercado de trabalho, entre eles, a representação política, que vem progredindo no Brasil com avanços, tais como o direito ao voto, de serem eleitas e terem voz ativa nas tomadas de decisões.

No recorte **(R20)**, o locutor-jornalista dá voz ao secretário de estado de ciência e tecnologia, reproduzindo sua fala “**Tudo que conseguimos fazer foi graças ao empenho do Governador Mauro Mendes[...]**”. No recorte **(R21)** e **(R22)**, a prefeita também tem voz, o locutor-jornalista deixa seu discurso em evidência, nos dizeres “**É muito bom a gente estar à frente, na condução de um município, quando se tem um governo sério, colocando o estado nos trilhos, fazendo justiça social e fiscal. Isso Governador, demonstra a sua responsabilidade e o compromisso que o senhor vem tendo com Mato Grosso e os mato-grossense, destacou Eliene**”. Nessas enunciações, os dizeres são unânimes em enaltecer a figura do governador Mauro Mendes, as formulações dos sujeitos

²² <https://www.tre-mt.jus.br/eleicoes/eleicoes-plebiscitos-e-referendos/eleicoes-2022/eleicoes-2022>. Acessado em: 14 abr. 2024.

²³ BRASIL. **Lei nº 14.192, de 4 de agosto de 2021**. Estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher; e altera a Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 (Código Eleitoral), a Lei nº 9.096, de 19 de setembro de 1995 (Lei dos Partidos Políticos), e a Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997 (Lei das Eleições), [...]. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14192.htm. Acesso em: 20 mar. 2024.

instauram um efeito de sentido de satisfação e aprovação no modo como o governo tem administrado o estado.

Nos recortes **(R23 e R24)** o locutor-jornalista também dá voz ao governador, reproduzindo seu discurso sobre as obras e projetos realizados pelo governo e seu padrão de qualidade, reforçando assim, o discurso dos recortes **(R20 a R22)**, sob efeito de cumprimento de dever enquanto sujeito-governador.

Observamos nas discursividades do texto 09, que, embora a mulher apareça como protagonista na cena, na posição de prefeita, o que fica em evidência é o homem, na posição de sujeito governador, sendo engrandecido, elogiado e aplaudido na fala do secretário de estado, em sua própria fala, e, principalmente, na fala da prefeita, que fala por si e em nome do povo cacerense. Sobre isso, Perrot (2007, p. 146), ressalta que as mulheres passaram por um longo processo de silenciamento e sujeição ao poder patriarcal, sendo imersas em silêncios impostos, restritas ao espaço privado. Assim, atuar no espaço público não é algo fácil ou simples, “criticadas logo que se mostram ou falam mais alto”. Embora a mulher ainda se encontra em processo de resistência: religioso, econômico, entre outros, Perrot (2007) diz que entre todas as fronteiras, a da política, foi a mais difícil da mulher ultrapassar.

Acreditamos que, a mulher ao se inserir no espaço público, sua voz não deve ser a reprodução da linguagem masculina, mas é levar sua nova visão, sua própria linguagem, é fazer-se entender e modificar o que afeta sua liberdade e o direito de igualdade, é mostrar sua capacidade de ocupar e atuar nas esferas do poder público. Desta forma, poderá eliminar a memória que perpetuou discursos machistas associados a estereótipos enraizados de uma visão de mulheres incapazes, restritas às atividades domésticas, com visões que, por longo período, impediram sua entrada no campo do trabalho, especialmente, na ocupação de posições de destaque na política e na administração pública.

TEXTO 10 - (Anexo 10)

Data: 14/07/2019

Título: Eliene, Valdeníria e Túlio são os mais lembrados em pesquisa interna para sucessão municipal

Editoria: Política

(R25) A vice-prefeita Eliene Dias [...], são os nomes mais lembrados para substituir o prefeito de Cáceres, Francis Maris Cruz (PSDB).

O recorte (R25) funciona sob um efeito de popularidade e reconhecimento de Eliene, na função de vice-prefeita, como figura principal na política local para substituição do prefeito da época. Desta forma, dos dizeres do recorte rememora o discurso social que busca promover a liderança feminina em contextos historicamente dominados por homens. Este reconhecimento além de causar uma mudança de sentidos na posição política de Eliene, também altera a percepção social sobre o papel feminino na arena política, redefinindo normas de gênero e poder em seu contexto local, conforme podemos observar nos recortes (R26) e (R27).

TEXTO 11 - (Anexo 11)

Data:04/08/2019

Título: Eliene deixa o PSDB e se filia ao PSB para ser candidata do partido

Editoria: Política

(R26) Depois de 19 anos filiada ao PSDB à vice-prefeita Eliene Liberato Dias, deve deixar o partido e migra para ao PSB.

As discursividades do recorte (R26) instaura um efeito de sentido de estratégia política, revelando não apenas a mudança de partido, mas uma prática significativa de reconfiguração de alianças e percepções políticas, pois desafia estruturas de poder estabelecidas e busca novas plataformas que possam oferecer mais suporte às campanhas.

TEXTO 12 - (Anexo 12)

Data:08/09/2019

Título: Depois de um ano e seis meses Eliene deixa Educação, Luzinete irá assumir a pasta

Editoria: Política

(R27) Acumulando a função de vice-prefeita e secretária municipal de Educação, há um ano e seis meses, Eliene Liberato Dias (PSDB) deve deixar a secretaria, nos próximos dias. “Continuo na gestão trabalhando e defendendo os interesses do município como sempre fiz”

No recorte (R27) temos a transição de Eliene, na função de vice-prefeita, para fora do cargo de secretária de educação, com outra mulher assumindo. Esses dizeres aponta a influência feminina em posições de poder dentro da administração local. A sucessão por outra mulher revela uma ruptura gradual nas normas que tradicionalmente favorecem a liderança masculina, refletindo assim, numa representação social que valoriza a

competência e a liderança feminina, numa tentativa silenciar discursos históricos sobre a (in)capacidade feminina em liderar setores cruciais como a Educação.

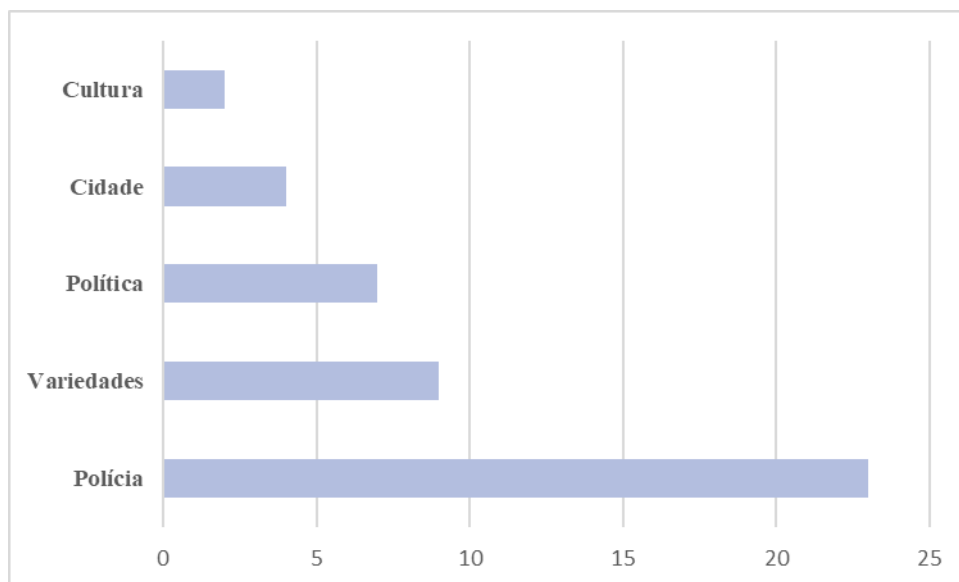
Portanto, os textos 10, 11 e 12 reforçam sentidos semelhantes aos constituídos no texto 09, em que Eliene se encontra no lugar social de prefeita do município. Assim, não existe um discurso de origem absoluta, mesmo estando em uma nova situação discursiva, um novo acontecimento de linguagem, os discursos ressoam de modos semelhantes, acionando a memória discursiva das lutas femininas em busca de igualdade no mercado de trabalho, incluindo, o movimento pelo direito à representatividade nos espaços políticos.

Desta maneira, os dizeres desses acontecimentos orientam argumentativamente para os sentidos de que as mulheres estão alcançando tais direitos na sociedade, se apresentando como evidentes nos discursos do recorte **(R25)**, **(R26)** e **(R27)**. Por fim, o veículo ao informar as ações e movimentos políticos de Eliene, participa na construção de um discurso que tanto desafia quanto reforça as dinâmicas de gênero existentes, demonstrando sua atuação e poder, enquanto jornalismo local, como formadores de opinião e influenciadores de mudanças sociais.

Conforme o objetivo da presente pesquisa, as análises deste veículo estão concluídas, cujas discussões e reflexões serão aprofundadas mais à frente, após as análises do jornal *Correio Cacerense*.

3.2 *Jornal Correio Cacerense*: Representação Social da Mulher

Conforme já comentado em outro momento, o veículo tem uma quantidade maior de matérias que fazem menção à mulher, em comparação ao outro jornal. A maior parte das matérias publicadas estão na editoria Polícia (23), e as outras estão em Variedades (09), Política (07), Cidade (04) e Cultura (02), conforme mostra o gráfico (Gráfico 2) logo a seguir.

Gráfico 2 – Matérias por editoria no jornal *Correio Cacerense*.

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2024)

Desta forma, selecionamos 26 notícias para realização das análises discursivas. As notícias que permitiram compreender a construção das representações sociais da mulher por meio dos discursos e seus efeitos de sentido. Algumas notícias apresentam fatos semelhantes, reforçando os mesmos discursos e sentidos. Desta forma, selecionamos notícias que, não apenas reforçaram sentidos, mas que continham novos sentidos e discursos – instaurados, deslocados ou silenciados. Na tabela a seguir (Tabela 5), sistematizamos os textos e respectivos recortes (**R**) que fazem parte desta análise.

Tabela 5 – Títulos e recortes das matérias analisadas no jornal *Correio Cacerense*.

TEXTOS	TÍTULOS	RECORTES
13	“Será preciso uma geração para mudar a cultura da violência contra mulher”, diz ativista em Cáceres.	28 a 31
14	Semana da Mulher: Ao som de violino, alunos do Projeto Lobo Guará prestam homenagens as (<i>sic</i>) mulheres.	32 a 34
15	Cerca de 300 pessoas participaram da Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres.	35
16	EMPODERADAS: Encontro da mulher rural acontece hoje em Cáceres.	36
17	AS MIGUXAS: Amigas promovem o Natal das crianças em creche em Cáceres.	37
18	ELEIÇÕES 2020: Ato político oficializará filiação de vice-prefeita Eliene no PSB.	38
19	CORRIDA ELEITORAL: Eliene e Dr. Odenilson apostam num plano de gestão técnico e humanitário.	39 a 40

20	IN LOCO: Eliene diz que sua gestão terá geração de emprego e renda como prioridade.	41
21	ELEIÇÕES: Eliene Liberato entra para história como a primeira mulher eleita prefeita em Cáceres.	42
22	FORÇA DA MULHER: Professora Mazé é a primeira mulher negra eleita em Cáceres.	43 a 45
23	Grupo Juba promove evento de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade.	46 a 47
24	CERVEJA ARTESANAL: IFMT de Cáceres oferece curso para mulheres de assentamento.	48
25	CHOPP ARTESANAL: Camponesas participam de capacitação e criam cervejas.	49 a 50
26	Fórum nacional homenageia ex-reitora da Unemat/Cáceres.	51
27	Acadêmicos de Direito e Comissão da Mulher da OAB debateram sobre Violência contra a Mulher.	52 a 53
28	Mulheres vão às ruas neste sábado em ato de luta e protesto em Cáceres.	54 a 56
29	FEMINICÍDIO & CIA: Executou a ex com 3 tiros e tentou matar amigo dela.	57
30	FEMINICÍDIO: Armou cilada para assassinar ex-mulher a pauladas e facadas.	58 a 59
31	TENTATIVA DE FEMINICÍDIO: Em Cáceres, mulher é esfaqueada pelo companheiro enquanto fazia caminhada.	60
32	TRAGÉDIA FAMILIAR: Filho mata a própria mãe a facadas em bairro de Cáceres.	61
33	VÍTIMA DOPADA: Sexagenário preso em Cáceres suspeito de estuprar a enteada.	62
34	Padrasto é preso acusado de estuprar enteada desde 2012.	63
35	CANA DUPLA: Padrasto preso por estuprar enteadas leva amigo em cana.	64
36	CANA NO PORTO: Polícia enquadra pai acusado de estuprar a filha e foragido.	65
37	DEDM DE CÁCERES: Polícia Civil proporciona dia de bem-estar e autoestima para mulheres vítimas de violência.	66
38	Acordo MT/Bolívia firma parceria de combate ao tráfico de pessoas.	67 a 71

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2024)

TEXTO 13 - (Anexo 13)

Data: 18/03/2020

Título: “Será preciso uma geração para mudar a cultura da violência contra mulher”, diz ativista em Cáceres

Editoria: Cultura

(R28) Na última sexta-feira, 13, a **doutora Ana Emília Iponema Brasil Sotero, militante pelo direito das mulheres e uma referência nacional**, deixou isso bem claro em relação à violência contra a mulher, durante uma palestra no Centro de Convenções Maria Sophia Leite (Sicmatur), em Cáceres, promovida em conjunto pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) em parceria com a Faculdade do

Pantanal (Fapan), Comissão da Mulher Advogada (3º Subseção OAB Cáceres) e Caixa de Assistência dos Advogados (CAAMT).

(R29) “Bater, matar e abusar da mulher é uma questão cultural que levará uma geração para mudar”, enfatizou, explicando de forma objetiva que no Brasil existe uma cultura machista patriarcal que instintivamente coloca o homem na condição de 'dono da mulher”. “O filho homem nasce e cresce vendo isso em casa e entende que é normal, mas não é [...]”.

(R30) Ana Emília afirmou durante sua palestra que a Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, batizada de 'Maria da Penha, deu e tem dado uma importante contribuição para redução da violência contra a mulher. Apesar disso, ele (*sic*) disse indiretamente, que **a legislação precisa ser ajustada e endurecida. 'Apesar da Lei, continuam matando, batendo e abusando das mulheres. A Lei precisa ser endurecida para isso acabar'**, frisou.

(31) Para ilustra esta afirmação, ela lembrou que a **Constituição Federal estabelece igualdade entre homens e mulheres, porém isso não existe na prática, as provas foram a (*sic*) criações de leis como a 'Maria da Penha', ECA e o Estatuto do Idoso. 'Bastava apenas obedecer a Constituição, mas isso não acontece'**, lamentou.

Os dizeres dos recortes **(R28)** a **(R31)** funcionam sob um efeito de sentido de reconhecimento da profundidade da violência de gênero enraizada na sociedade. Este acontecimento revela a lentidão percebida na mudança das normas sociais que sustentam a violência de gênero, ao mesmo tempo em que invoca a necessidade de ação e mudança contínua.

TEXTO 14 - (Anexo 14)

Data:16/03/2021

Título: Semana da Mulher: Ao som de violino, alunos do Projeto Lobo Guará prestam homenagens às mulheres

Editoria: Cultura

(R32) O projeto de homenagens, foi pensado com o objetivo de **relembrar as conquistas já obtidas pelas mulheres ao longo da história, bem como sobre os direitos da mulher que continuam sendo violados na busca por um espaço social com igualdade de gênero e oportunidades.**

(R33) O Projeto Lobo guará, desenvolvido pelo IFMT Campos Cáceres em conjunto com a Polícia Ambiental e o Rotary Club de Cáceres, visa uma formação integral, preparando os alunos para um

olhar multiplicador como defensores do Meio Ambiente, sem perder a essência social, trabalhando sempre a valoração da vida.

(R34) Na oportunidade representado as mulheres de Cáceres, foram homenageadas a **prefeita Eliene Liberato, na OAB as advogadas Linnete Dantas e Raquel Mendes, as vereadoras Mazéh e Valdeníria, a empresária e presidente do Rotary Cáceres, Rosane Michelis, a Delegada Judá Maali Marcondes, a tenente Rosana da Força Tática, Dona Sueli e Dona Onilda.**

É interessante notar que os textos 13 e 14 estão na editoria Cultura, por ser tratarem de palestra e homenagem, respectivamente. Entretanto, os dois abordam sobre a violência contra mulher, embora o texto 14 o faça de forma indireta – **“trabalhando sempre a valoração da vida”**, ou seja, a violência aparece com objetivo secundário. Observamos, no **(R28)** e **(R32)** a atuação articulada entre instituições que se unem no combate à violência contra mulher. As instituições desempenham um papel crucial na proteção dos direitos das mulheres e na promoção da igualdade de gênero por meio de campanhas de conscientização, programas educacionais, iniciativas de sensibilização, entre outras. A realização de campanhas e/ou palestras sobre a violência de gênero é rememorar sentidos de uma violência atrelada a questões culturais de uma sociedade patriarcal, instaurando um efeito de sentidos de uma prática natural e cultural, que transcende fronteiras geográficas e culturais, estando enraizada em sistemas de crenças e normas sociais, conforme podemos visualizar no discurso de Ana Emília **(R29)**.

Nos recortes **(R30)** e **(R31)** a palestrante afirma que embora a Lei Maria da Penha tenha contribuído para redução da violência contra mulher, ela precisa ser **“ajustada e endurecida”**, pois, **“continuam matando, batendo e abusando das mulheres”**. Podemos visualizar nesses recortes, um deslizamento de sentidos que instaura a contradição, a falha da lei, que está sujeita ao equívoco e que é próprio da língua, onde tanto sujeitos quanto os sentidos não estão completos, são constituídos pelo jogo do simbólico, pelo equívoco, numa relação sócio-histórica. Ainda podemos dizer que no recorte **(R31)**, a criação de novas leis se deu sob um efeito de imaginário social de cumprimento da lei, de resgate à dignidade humana e de segurança à mulher, à criança e adolescente e ao idoso, sob a ilusão de que a enunciação de novas leis irá garantir o cumprimento de outra lei.

Os recortes **(R32)** e **(R34)** têm seus dizeres sedimentados no interdiscurso que ressoam formulações já-ditas pelos sujeitos, formulações vinculadas à rede de sentidos que aponta para o discurso histórico dos movimentos feministas, de lutas pela equidade de gênero, de superação de barreiras, de conquista dos direitos civis e do mercado de trabalho,

inclusive da ascensão a cargos públicos de domínio exclusivo a homens, conforme vemos no (R34).

TEXTO 15 - (Anexo 15)

Data: 20/03/2019

Título: Cerca de 300 pessoas participaram da Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres

Editoria: Cidade

(R35) Foram dois dias inteiros de programação, mais de 300 participantes inscritos, 3 rodas de conversa, 8 oficinas, 35 pôsteres na mostra acadêmica com diferentes temáticas abordadas nos trabalhos científicos, e ainda, muitos artistas locais que trouxeram sua arte para se juntar a nós nessa importante mobilização evidenciando a **participação das mulheres no cenário político e social**.

O evento foi promovido pelo Centro de Referência de Direitos Humanos (CRDH) da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). O jornal não reproduz a fala de nenhum sujeito e não fornece ao leitor mais informações sobre os participantes, tampouco sobre as temáticas abordadas. No recorte acima, podemos observar um efeito de sentidos positivo da mulher enquanto profissional e da sua presença no mercado de trabalho, diante da história de lutas e conquistas, entre elas a equidade de gênero, por meio da Constituição Federal de 1988, que a mulher foi incluída legalmente como cidadã com os mesmos direitos e deveres dos homens, inclusive exercer direitos políticos e funções públicas.

Os dizeres do periódico estão ligados ao conceito de interdiscurso, que disponibiliza elementos previamente estabelecidos que o sustentam. Esses elementos fazem parte do interdiscurso, equivale ao já-dito, ao pré-construído, que influenciam a percepção da realidade e seus sentidos. Assim, todo discurso fala algo, sempre antes (Orlandi, 2003). Nessa perspectiva, Muraro (2002) destaca que, as mulheres representam mais da metade das matrículas nas universidades e, somada às operárias e camponesas, compõem aproximadamente 40% da força de trabalho, o que fortalece as lutas por igualdade e que resultaram na conquista de direitos na Constituição Federal de 1988. Segundo a autora, a nossa constituição é considerada uma das mais progressistas globalmente no que diz respeito à igualdade de gênero. Muraro ainda ressalta que nas classes trabalhadoras urbanas, a mulher já tem maiores prerrogativas, porém, o preconceito sobre sua condição ainda é grande.

TEXTO 16 - (Anexo 16)

Data: 14/09/2019

Título: EMPODERADAS: Encontro da mulher rural acontece hoje em Cáceres

Editoria: Cidade

(R36) O secretário Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Econômico, Junior Trindade, explicou que é um dia especial para homenagear a **mulher do Campo**, que **planta, colhe, cuida da natureza, da família, é responsável pela renda da família**. “O evento é para valorizar essa **lutadora** que gera o desenvolvimento no agronegócio, fomentando a liderança e o empreendedorismo feminino rural”, finalizou Junior.

O **(R36)** dá visibilidade ao trabalho realizado pela mulher rural. Seus dizeres rememoram sentidos dos movimentos sociais das mulheres rurais em busca do reconhecimento de suas funções como profissionais e cidadãs, já que a agricultura ainda reflete fortemente a divisão de gênero no trabalho. Essa disparidade resulta na valorização pública do trabalho produtivo dos homens, enquanto o trabalho das mulheres permanecem invisíveis (Herrera, 2012). Vale a pena destacar que, em 2001 o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), direcionou 30% dos recursos relativos à linha de crédito do Programa de Agricultura Familiar²⁴ (PRONAF) às mulheres, cujas formas de concessão de crédito poderia ser individual ou coletivo.

O jornal usa como fonte os dizeres do secretário municipal que, ao adjetivar a mulher como “lutadora”, instaura sentidos de guerreira, resistência, de mulher que enfrenta desafios e lutas, marcando uma posição positiva em relação ao trabalho da mulher rural, deixando em evidência sua importância no setor econômico. Também podemos visualizar aqui a representação da mulher no âmbito rural, que ousa ir além e não se restringe aos afazeres domésticos e familiar, mulher que rompe com a normalidade estabelecida, ocupando postos de trabalho predominantemente masculino. Tais sentidos produzem uma “mexida” nas redes de significação, pois (re)significa a imagem da mulher em nossa sociedade, desconstruindo sentidos estabilizados que rememoram os lugares já atribuídos ao homem e à mulher.

TEXTO 17 - (Anexo 17)

Data: 17/12/2019

Título: AS MIGUXAS: Amigas promovem o Natal das crianças em creche em Cáceres

Editoria: Cidade

²⁴ PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf>. Acesso em:

(R37) De acordo com Helena, mais de 100 crianças receberam além do presente, carinho, atenção e amor. **“Essa ação tem crescido a cada ano, por envolver pessoas, calor humano, a busca por Jesus, a partilha e especialmente, a esperança de um Natal feliz e de paz”**, conclui.

Nesse acontecimento, em um tom de solidariedade, o locutor-jornalista expõe uma ação social praticada por mulheres, produzindo, por um efeito de sentido do dizer, como um chamado para o ativismo social das mulheres, instaurando sentidos de satisfação diante da atitude de ajudar crianças. Essas discursividades ressoam sentidos de amor, de instinto materno, de cuidados e proteção às crianças, sentidos que representam a imagem da mulher, mulher-mãe, mulher-solidária. Segundo Martins (2013), as mulheres são seres mais sensíveis por causa da maternidade, em todas as classes sociais elas se envolvem com ações solidárias ou trabalho voluntário, inserindo-as no âmbito das mudanças sociais e das discussões políticas sobre os problemas sociais.

TEXTO 18 - (Anexo 18)

Data: 23/10/2019

Título: ELEIÇÕES 2020: Ato político oficializará filiação de vice-prefeita Eliene no PSB

Editoria: Política

(R38) O Partido Socialista Brasileiro (PSB) realizará, na próxima sexta-feira (25) e sábado (26), **um ato de filiação** com o prefeito de Curvelândia, Sidnei Custódio, **a vice-prefeita de Cáceres, Eliene Liberato**, e o empresário de Comodoro, Hamilton Julio da Silva. Os eventos estão marcados para acontecer às 19h00 na Câmara Municipal de Cáceres, durante a sexta-feira, e às 8h00, do sábado, na Associação Mato-grossense de Magistrados (AMAM).

Este acontecimento de linguagem reforça os sentidos do recorte **(R19)**, em que a mulher, já ocupa o cargo político, exercendo a função pública de chefe do poder executivo municipal. Embora, a mulher, na condição de vice-prefeita seja o foco das discursividades do título da matéria, ela não tem voz, o jornal não dá visibilidade a sua fala, não recorre a nenhuma fonte para sustentar ou contextualizar seus dizeres. No entanto, ao publicar que a mulher tem ascendido a espaços profissionais e/ou políticos predominantemente masculino, rememora-se sentidos que opõem um antes e um depois, ou seja, instaura um efeito de sentido de mudança de paradigma que se desenha a partir da conquista de direitos negados às mulheres em um passado distante. Assim, o jornal produz um imaginário social de equidade de gênero na esfera política, e nessa mesma direção, produz-se um

silenciamento tanto das distorções históricas que colocaram a mulher em segundo plano nesta área, quanto da luta feminina pela participação equitativa nos espaços políticos.

TEXTO 19 - (Anexo 19)

Data: 29/09/2020

Título: CORRIDA ELEITORAL: Eliene e Dr. Odenilson apostam num plano de gestão técnico e humanitário

Editoria: Política

(R39) Dando início na corrida eleitoral pela prefeitura de Cáceres, a **candidata Eliene Liberato (PSB)** e vice Dr. Odenilson (Republicanos), apostam no “melhor plano de gestão para Cáceres” [...]. **“Conhecemos bem nossa cidade e a nossa gente. Nosso propósito é manter o que está bom, mudar o que está ruim e fazer o que não foi feito”**, disse Eliene, em vídeo de campanha ao lado do Dr. Odenilson.

(R40) “Precisamos de saúde, asfalto e educação. **Mas também** sem esquecer **que precisamos de carinho, afeto e atenção**”, aponta a candidata.

Nos recortes **(R39)** e **(R40)** o jornal dá visibilidade à voz da mulher, reproduzindo sua fala para expor suas ideias e propostas durante a campanha. Ao fazer uso da conjunção, **“mas também”**, instaura-se um efeito de sentido positivo de solidariedade como estratégia de persuasão eleitoral ao apelar aos sentimentos e emoções que sensibilizam o leitor, e também uma valorização de características consideradas socialmente como femininas, como “carinho, afeto e atenção”, mostrando que tais aspectos também podem estar presentes em quem ocupa cargos de gestão no espaço público.

TEXTO 20 - (Anexo 20)

Data: 23/10/2020

Título: IN LOCO: Eliene diz que sua gestão terá geração de emprego e renda como prioridade

Editoria: Política

(R41) Nova Era, Vila Real, Junco, Centro, DNER, Vila Irene, Cavallhada, São Luiz, Santa Cruz, **esses foram alguns dos bairros visitados durante essa semana pela candidata à Prefeitura de Cáceres, Eliene Liberato (PSB)** juntamente com seu vice, dr. Odenilson (Republicanos), [...]. **“É um absurdo vocês terem que acordar de madrugada para pegar ônibus e irem para Cuiabá realizar algum tipo de tratamento, sendo que aqui em Cáceres nós temos condições,”** diz Eliene.

Temos neste recorte, mais um discurso vinculado à representatividade feminina na área política, reforçando sentidos dos recortes **(R38)**, **(R39)** e **(R40)**, uma vez que o jornal reproduz a fala da mulher enquanto candidata ao cargo de prefeita, expondo suas ações durante a campanha eleitoral, bem como, demonstrando que conhece os problemas sociais do município, como o desemprego e a precariedade na saúde, e que sabe como resolvê-los, caso seja eleita.

Considerando que, na disputa eleitoral brasileira, ganha quem tem mais votos, podemos verificar assim, que as formulações do locutor-jornalista estão vinculadas a discursividades que produz no imaginário da sociedade uma aproximação e aceitação da candidata ao eleitorado por descrever as condições sociais em que as pessoas vivem – a situação atual de Cáceres -, e depois uma situação futura, melhor, desejável para um determinado grupo do eleitorado, como por exemplo, o grupo dos desempregados e das pessoas que precisam viajar para fazer tratamento de saúde, sob a ilusão de sanar ou minimizar a problemática histórica do desemprego e da saúde. O imaginário faz parte do funcionamento da linguagem, não surge do nada, ele se inscreve nas relações sociais e se constitui em determinadas condições de produção (Orlandi, 2003).

TEXTO 21 - (Anexo 21)

Data: 17/11/2020

Título: ELEIÇÕES: Eliene Liberato entra para história como a primeira mulher eleita prefeita em Cáceres

Editoria: Política

(R42) Mostrando a **força da mulher** e a vontade de mudança por uma gestão mais humanizada, Eliene Liberato Dias, **vence as eleições e entra para história como a primeira mulher eleita par administrar Cáceres.**

Nesse acontecimento o jornal não recorre a nenhuma fonte, não ouvindo assim a mulher, embora enfatize que a vitória de Eliene, enquanto sujeito eleita na função pública ao cargo de prefeita, fará parte da história do município como a primeira mulher a ocupar o cargo. Os dizeres do **(R42)** são afetados pelo interdiscurso que constitui a memória discursiva, ou seja, as relações entre os discursos que atravessam o fato relatado, rememorando sentidos históricos do movimento feminista em busca de direitos, entre eles, os direitos políticos de votar e serem votadas e o discurso da superação de barreiras marcadas pela predominância da figura masculina no cenário político e espaços de poder. Essas discursividades instauram um efeito de sentido que qualificam a mulher para ocupar

cargos de liderança política, o que possibilita o fortalecimento de uma democracia mais sólida e representatividade.

Segundo Agência Senado²⁵, em 2020 aumentou tanto o número do registro de candidaturas femininas para concorrerem à vaga nas prefeituras e câmaras municipais, quanto o total de mulheres eleitas. Este discurso é reforçado nos recortes (R43) e (R44).

TEXTO 22 - (Anexo 22)

Data: 24/11/2020

Título: FORÇA DA MULHER: Professora Mazé é a primeira mulher negra eleita em Cáceres

Editoria: Política

(R43) A professora Maria José da Silva (PT) é a **primeira mulher negra a vencer uma eleição** em Cáceres. [...].

(R44) Ao Cáceres Notícias a professora disse que **terá um mandato dedicado ao respeito às minorias e aos desfavorecidos**. “Na câmara de vereadores vamos levar pautas de luta que há muito tempo o movimento negro vem cobrando do poder público, o enfrentamento da violência contra a mulher além da atenção especial à mulher na saúde, e essas são só algumas das nossas pautas”, afirma a professora.

(R45) [...] **Além da professora Mazé, apenas uma outra mulher foi eleita na cidade**, Valdeniria Dutra (PSC), **que se declara como parda**.

Temos nos recortes (R43), (R44) e (R45) a primeira mulher negra eleita em Cáceres na função de vereadora. A expressão “força da mulher”, utilizada pelo locutor-jornalista no título da matéria, produz um efeito de sentido que rememora o discurso dos movimentos feminista e sua história de lutas, no caso da mulher negra, a luta primeira é contra o racismo, pela conquista do reconhecimento de sua essência humana de depois pela participação equitativa nos espaços sociais e políticos. Se a representatividade política foi negada à mulher, imagina à mulher negra.

A eliminação de determinados grupos revela a estrutura hierárquica da democracia, mantendo-os em uma situação de sub-representação e de marginalização no cenário público e na formulação de medidas governamentais, o que fica evidente no recorte (R44). Assim, ao ocupar o lugar de fala, enquanto vereadora eleita, o discurso reproduzido é direcionado às minorias, inclusive à mulher. Sobre isso, Silva e Silva (2019) aponta que a

²⁵ Cresce número de mulheres candidatas e eleitas no pleito de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/11/16/cresce-numero-de-mulheres-candidatas-e-eleitas-no-pleito-de-2020>. Acesso em: 18 mar. 2024.

mulher negra, ao atuar como participante do legislativo, representa cidadãos de diversos grupos sociais, não se limita apenas ao seu próprio grupo. Entre os grupos excluídos politicamente, a mulher negra, de todas as camadas sociais, é a que enfrenta maior sub-representação nos espaços de poder institucionais (Silva e Silva, 2019).

No recorte (R45) o jornal recorre ao Tribunal Superior Eleitoral para dizer que dos 15 vereadores eleitos em Cáceres, duas são mulheres, sendo uma delas negra. Essas discursividades instauram novos sentidos sobre a representação da mulher (negra), uma vez que a sociedade mantém na memória discursiva significados estabilizados que definem a mulher e seu comportamento social, englobando a posição (público ou não) que ocupa. Observamos um deslizamento de sentidos relacionados aos discursos sobre as mulheres que ocupam cargos anteriormente exclusivos à figura masculina. Levando em conta o movimento de sentidos sobre a representação feminina na esfera política, concordamos com Guimarães (2005) ao dizer que a linguagem é também um lugar de lutas, deslizos e disputas, é capaz de produzir regras para uma sociedade, porém, com a possibilidade de transgressões, de equívocos, enquanto lugar de representações simbólicas, o real significa enquanto simbolizado.

Assim, o campo discursivo é um lugar de confrontos caracterizado por manifestações preconceituosas de gênero, raça, classe, entre outros. Nessa perspectiva, a prática de falar, de se manifestar ao invés de silenciar, é considerada principalmente, um ato de resistência, de subversão das normas e revolta contra o padrão, sinalizando a mudança das mulheres de meros objetos para sujeitos (de direitos), por meio de uma ação política que confronta estruturas de poder que mantêm as mulheres invisíveis e caladas.

TEXTO 23 - (Anexo 23)

Data: 17/03/2019

Título: Grupo Juba promove evento de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade

Editoria: Variedades

(R46) No dia 08 de março foi comemorado o Dia Internacional da Mulher. O Grupo Juba, mais uma vez, **reconhecendo a importância delas no contexto social e familiar**, desenvolveu diversas atividades e reuniu a maioria das 200 mulheres que fazem parte da empresa, para comemorar e refletir o verdadeiro papel delas na sociedade.

(R47) Segundo Marta Luchesi Ribeiro, uma das diretoras da empresa, a participação das mulheres tem se estendido em importantes esferas da sociedade. **“A prova disso é que só no Grupo Juba, 200 mulheres desenvolvem diversas funções e contribuem de maneira significativa**

com nossas empresas e suas famílias”, observa Marta. [...] **“Hoje, as mulheres têm se qualificado mais, chegam mais preparadas ao mercado.** Aqui no Recursos Humanos do Juba constato isso, as mulheres apresentam currículos ricos. [...], destaca a diretora.

No recorte **(R46)** o jornal apresenta uma matéria sobre o papel da mulher na sociedade, dando voz a uma mulher, diretora da empresa que promove o evento, como forma de reconhecer “a importância delas no contexto social e familiar”. Esses dizeres são atravessados pelo interdiscurso, ou seja, pelo viés dos já-ditos e que estão vinculados ao discurso historicamente construído em torno do/s papéis da mulher na sociedade e que contribuíram para produzir determinadas imagens (dona-de-casa, mãe, cuidadora), e, conseqüentemente, certa estabilização via historicização dessas imagens, o que culmina com a produção do estereótipo de como “ser mulher” em nossa sociedade. Nessa perspectiva, Louro (1997), Muraro (2002) e Scott (1990), pesquisadoras de gênero, falam que o papel da mulher é constituído culturalmente e tem passado por várias transformações de acordo com o conceito de gênero. E tal conceito tem explicado as desigualdades existentes entre homens e mulheres.

Conforme Louro (1997) originado no sistema patriarcal, desde que nascem, as mulheres são educadas para serem mães, casar, cuidar dos filhos, dos outros, do serviço doméstico, à submissão. Assim, seu papel social era restrito ao domínio privado do lar, no afeto, no amor, no cuidado, na filantropia, inclusive era responsável até pelas necessidades emocionais e afetivas do grupo familiar. As mudanças marcantes começaram após a Revolução Francesa, quando começam a questionar a condição da mulher. Atualmente, as mulheres se comportam de forma mais permissiva, dada a sua capacidade de sustentarem-se sozinhas, muitas são chefes de família, principalmente as camponesas, cujos maridos migram muito (Louro, 1997).

Temos assim um deslocamento de sentidos na condição da mulher e seu papel social, uma vez que ela subverteu seu papel social exclusivo de cuidadora do lar, dos filhos e do marido, assumindo outros papéis, como da mulher profissional, conciliando múltiplas tarefas – mãe, esposa, mulher, profissional. Cabe ressaltar que, grande parte das mulheres, dedicam-se a uma profissão, querem ser reconhecidas, mas não abrem mão da maternidade (casando ou não). Esse deslocamento do espaço privado para público, mexe na ordem de sentidos postos e estabilizados, constituindo novos sentidos, sentidos que rompem com a normalidade estabelecida sobre a mulher e seu papel, conforme podemos observar nos também recortes **(R48)** e **(R49)**.

TEXTO 24 - (Anexo 24)**Data:** 29/05/2019**Título:** CERVEJA ARTESANAL: IFMT de Cáceres oferece curso para mulheres de assentamento**Editoria:** Variedades

(R48) O Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) abriu inscrições para um **curso de preparadora de cerveja artesanal para mulheres da Reforma Agrária** [...]. O objetivo, segundo a instituição, é **qualificar e aprimorar os saberes das mulheres com formação para cidadania e geração de renda** para as alunas.

Nesse recorte, o jornal apresenta uma matéria curta e o locutor-jornalista não ouve nenhuma fonte, nem do órgão que está oferecendo o curso, tampouco, às mulheres. Seus dizeres reforçam sentidos do recorte **(R47)** sobre a os desafios e a evolução da mulher no mercado de trabalho e a luta por igualdade de gênero, evocando sentidos do discurso político pautado na construção social dos papéis atribuídos às mulheres desfavorecidas. A qualificação profissional ainda é um dos maiores desafios enfrentados quando o assunto é geração de renda para as mulheres, assim, o recorte **(R48)** sustenta um imaginário social, e, principalmente o feminino, de que é possível conquistar sua independência social e econômica ao se qualificar e aprimorar seus conhecimentos, criando-se a ilusão de igualdade no exercício da cidadania e de promover a equidade de gênero por meio do trabalho.

Desde a década de 1980, as mulheres marcam presença no Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST, ressignificando-as como sujeitos políticos, pela participação ativa no movimento. Inicialmente elas eram invisibilizadas, pois se mostravam com identidades submissas à estrutura patriarcal, “a modelos instituídos no tempo histórico e pela cultura, alimentados pela ordem binária e universalizada, e sem o reconhecimento de suas práticas nas instâncias sociais, econômicas, políticas e organizativas do MST” (Sabia e Brabo, 2019, p. 1602). Durante a caminhada, essas mulheres desenvolvem estratégias de luta, como a participação em comissões, em espaços de formação do movimento, inclusão de reivindicações de interesses feminino, nas pautas de negociação, entre outros (Sabia e Brabo, 2019).

Em menos de quatro meses o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) promove outro curso de capacitação, porém, desta vez a bebida é chopp artesanal, direcionado às mulheres assentadas e acampadas, conforme explicitado no recorte **(R49)**.

TEXTO 25 - (Anexo 25)**Data:** 12/09/2019**Título:** CHOPP ARTESANAL: Camponesas participam de capacitação e criam cervejas**Editoria:** Variedades

(R49) Cerca de 30 **mulheres assentadas e acampadas de Cáceres e Mirassol D'Oeste**, respectivamente, participaram de um curso de capacitação e criaram duas cervejas artesanais intituladas Cabocla Serrana e Crioula. [...]. O curso, voltado para mulheres em situação de vulnerabilidade social, **tem o propósito de qualificar e aprimorar saberes no ramo das cervejarias com formação para a cidadania e geração de renda.** [...].

(R50) Além das aulas práticas, **as alunas participam de ciclos de debate e troca de experiências sobre empreendedorismo e economia solidária**, bem como, formas de comercialização da cerveja.

Assim, como no recorte **(R48)**, nesse texto o jornal apresenta uma matéria curta, e não recorre a nenhuma fonte. Observamos no recorte **(R49)** que seus dizeres sobre o objetivo do curso são bem semelhantes “qualificar e aprimorar” saberes para exercer sua cidadania e emancipação econômica. Os discursos sobre a conquista feminina no mercado de trabalho e os desafios na sua qualificação profissional são reforçados neste recorte. Entretanto, observamos no recorte **(R50)**, que além das aulas práticas, as mulheres aprendem a empreender “[...] troca de experiência sobre empreendedorismo e economia solidária”. Tais discursividades instauram um efeito de sentido de preparação e capacitação da mulher para empreender e investir recursos na criação de produtos, identificação de problemas e oportunidades, rememorando sentidos de atividades econômicas organizadas coletivamente, cujo foco da distribuição de riqueza deve ser centrado na valorização do ser humano e não no capital.

TEXTO 26 - (Anexo 26)**Data:** 15/06/2019**Título:** Fórum nacional homenageia ex-reitora da Unemat/Cáceres**Editoria:** Variedades

(R51) O reitor da Unemat, Rodrigo Zanin, e a ex-reitora Ana Di Renzo, participaram do 64º Fórum Nacional de Reitores da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais[...]. Durante a abertura, **a ex-reitora da Unemat, professora Ana Di Renzo, recebeu por parte da Associação o Diploma de Associada Honorária.** A intenção da Abruem foi **reconhecer os trabalhos de excelência desenvolvidos pelos reitores das IES Associadas durante seus anos de reitorado.**

Embora a mulher apareça como foco no título da notícia no papel de “ex-reitora da Unemat/Cáceres”, o locutor-jornalista silencia sua voz, ouvindo como fonte o atual reitor da época. Analisando o material simbólico do título, aparentemente, a mulher/ex-reitora, foi a única homenageada, porém, podemos observar no **(R51)** que tanto a ex-reitora quanto o reitor da época foram homenageados, ocorrendo deslocamento de sentidos em relação ao lugar social da mulher, pois ambos recebem tratamento igual, mas o homem é quem fala, quem tem vez e voz. Todavia, a representação profissional da mulher enquanto professora e ex-reitora de uma universidade atualiza uma memória de sentidos sobre a “ausência” da mulher no mundo da ciência. Não queremos dizer que elas não participaram da produção do conhecimento, podemos citar o conhecimento feminino sobre o uso de plantas e ervas medicinais utilizadas no preparo de remédios, cosméticos. Para Schiebinger (2001) as mulheres não puderam desenvolver pesquisas porque eram impedidas de frequentar instituições de ensino, uma vez que cabia a elas assumir o cuidado da casa, filhos e marido.

Somente no final do século XIX e início do XX que as universidades passaram a admitir mulheres como discentes e docentes. Historicamente, embates foram travados por mulheres que batalhavam para exercer seus direitos de cidadania. Mesmo hoje, com esses direitos assegurados por legislação, é evidente a persistência da desigualdade de acesso e permanência feminina na esfera profissional, comprometendo a renda familiar de mulheres trabalhadoras. Dessa forma, a ciência foi estabelecida em fundamentos praticamente dominados por homens, se estruturou em bases quase que exclusivamente masculinas, através de ações e discursos que marginalizaram as mulheres, tornando-as invisíveis (Schiebinger, 2001).

As dinâmicas intrínsecas à organização dos sentidos em relação ao lugar social da mulher em nossa sociedade, manifestam-se nas práticas sociais e revelam a luta política associada ao espaço que a mulher tem o direito de ocupar na sociedade. Assim, o recorte **(R51)** revela uma representação social vinculada à mulher com autonomia e competência em áreas tradicionalmente dominadas por homens. Observamos assim, o “atrevimento” da mulher em sair do âmbito privado, de romper com sentidos estabilizados historicamente em relação a sua ocupação de postos de trabalho considerados masculinos, deslocando sentidos estabilizados de representações sociais que confinam à mulher papéis secundários na academia e na gestão.

TEXTO 27 - (Anexo 27)**Data:** 20/03/2019**Título:** Acadêmicos de Direito e Comissão da Mulher da OAB debateram sobre Violência contra a Mulher**Editoria:** Variedades

(R52) Os acadêmicos do 1º e 2º semestres de Direito da FAPAN, em parceria com a Comissão da Mulher Advogada da Subseção da OAB de Cáceres/MT, se reuniram no último dia 15 para falar sobre **o mês da mulher**, com o tema: “Mesa–Redonda pelo Fim da Violência Contra a Mulher”. **A presidente da Comissão da Mulher Advogada, Dra. Linneth Mendes Dantas**, presidiu os trabalhos, com os seguintes temas: Evolução do Direito da Mulher no Brasil – **Dra. Juliana Sales Pavini**; Violência On-line Contra a Mulher: Reflexos e Combate – **Dra. Letícia Costa Barros** e a Lei n. 13.718/2018 (Lei de Importunação Sexual) – **Dra. Débora Pacheco Quidá**.

(R53) “Uma reflexão sobre esse assunto é muito importante para os acadêmicos de Direito, uma vez que contribui para a construção de operadores de Direito que abordam esse tema de maneira crítica”, **explicou o Coordenador do curso, Joacir**.

Nesse acontecimento de linguagem, o jornal apresenta um evento que ocorreu no mês da mulher, cujo tema é sobre o fim da violência contra a mulher. No recorte **(52)** o locutor-jornalista informa os temas discutidos, todos sobre a mulher e presididos por mulheres profissionais na área do Direito. Partindo da premissa que o discurso do sujeito se constitui a partir de formulações provenientes de outros discursos, que emergem na exterioridade com o qual o sujeito se identifica. Desse modo, as discursividades do **(R52)** estão atravessadas pelo interdiscurso que aciona a memória de sentidos historicamente construídos em torno da violência de gênero, que envolve várias ações de proteção de órgãos públicos e privados, tais como campanhas, palestras de conscientização até a criação e normatização de leis com a finalidade de prevenir e erradicar a violência contra mulher.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS²⁶), a violência contra mulher é um problema de saúde pública enraizado na desigualdade de gênero, é uma questão sistêmica que envolve todas as camadas e setores da sociedade, não escolhe religião, raça ou classe social, afetando toda a família, principalmente os filhos que se tornam vítimas indiretas. Também é considerada uma violação dos direitos humanos das mulheres e um obstáculo para o exercício da cidadania. Desde o assédio e abuso sexual até

²⁶ Violência contra as mulheres. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 05 jan.2024.

o feminicídio, ela pode assumir muitas formas, porém, todas são consequências de uma injustiça estrutural enraizada em milênio de patriarcado, revelando a memória de sentidos machistas e preconceituosos.

Vale ressaltar que a mulher-vítima de violência de gênero não sofre devido ao local em que se encontra (espaço doméstico ou público). A violência ocorre simplesmente por ser mulher, refletindo uma mentalidade masculina arraigada, mantendo a estabilização de discursos fundamentados no pensamento da sociedade patriarcal e machista ao não permitir a evolução da mulher dotada de dignidade humana, conforme já afirmado em documentos jurídicos, como a Constituição Federal Brasileira de 1988, bem como, em diversas legislações e documentos internacionais, evidenciando assim, o deslizamento de sentidos contrários ao que se estabeleceu, instaurando o equívoco da língua, a falha na lei. Essas “falhas”, surgem quando a relação entre a língua e a história não estão bem articuladas (Orlandi, 2003). Assim, por estar exposta ao interdiscurso, isto é, “ao entrecruzamento de discursos que o atravessam”, a língua está sujeita a “não completude, à falha, ao engano” (Guimarães, 2002, p. 69).

No recorte (53) podemos ver que, embora, todo o acontecimento gira em torno da mulher, como já exposto acima, o jornal dá visibilidade à voz masculina, silenciando a voz da mulher, nenhuma foi ouvida - nem vítima, tampouco as acadêmicas ou as profissionais citadas no recorte (R52).

TEXTO 28 - (Anexo 28)

Data: 06/03/2020

Título: Mulheres vão às ruas neste sábado em ato de luta e protesto em Cáceres

Editoria: Variedades

(R54) Mais juntas do que nunca em defesa da democracia. Esse é o espírito que levará centenas de mulheres às ruas de Cáceres no próximo dia 07 de março em um grande **ato de luta, reflexão e protesto no Dia Internacional da Mulher**[...]. Em Cáceres, o ato conta com uma extensa programação entre **oficinas, marcha, e apresentações**, tudo organizado pela **Associação dos Docentes da UNEMAT (ADUNEMAT)**, por meio de sua subseção local.

(R55) Já é tradição fazer **atos, marchas debates, greves e paralisações em nome de diversos direitos no Dia Internacional da Mulher: liberdade de escolha, direitos trabalhistas, poder sobre seu corpo, empoderamento, luta contra o fascismo, o machismo, contra a lesbobitansfobia, direito de ir e vir, dentre outros**. As pautas são diversas e cada vez mais latentes.

(R56) “Esse ano, vamos expressar nossa contrariedade e desgosto com as atitudes machistas do governo Bolsonaro e seus aliados, vamos dizer que lutamos pela democracia, pela educação e pela vida das mulheres”, reforçou uma das representantes da ADUNEMAT [...].

Conforme enunciados dos textos 27 e 28, o jornal apresenta dois acontecimentos (debate e protesto) que fazem alusão ao Dia Internacional da Mulher. No recorte **(R54)** e **(R55)** o jornal pontua as ações que serão desenvolvidas na programação do evento, organizado pela ADUNEMAT. Embora os dizeres do recorte **(R55)** digam que a realização do evento já é uma tradição, suas discursividades produzem um imaginário social de solução ou minimização dos problemas sociais da mulher, por meio dos atos, ou seja, as questões que impedem o exercício dos direitos são rememoradas, numa tentativa de reduzir a desigualdade de gênero.

No recorte **(R56)**, o locutor-jornalista dá voz à mulher, no papel de representante da ADUNEMAT. A reprodução de seus dizeres, se constitui na região do interdiscurso que, atualiza uma memória de sentidos que retoma o discurso do Presidente da República da época, enquanto autoridade do Estado, rememorando discursos misóginos e sexistas. Ecoa nessas discursividades significados relativamente estáveis acerca da mulher na esfera social, dizeres que se deixam marcas na história e na mulher, revelando o papel fundamental da memória na constituição de sentidos. A violência contra mulher, é fruto de uma construção social e histórica, na qual os sentidos estabelecem relações de poder hierárquicas e desiguais entre homens e mulheres, relações que se marcam na língua e no discurso, refletindo nas práticas sociais, práticas que levam à construção dos enunciados nos recortes **(R54)** a **(R56)**.

Daremos início à análise da última editoria – policial. Na falta de outra mais específica, é incluído nesta editoria, assuntos relacionados a todo tipo de violência, fatos criminais e segurança pública. Entre as matérias que compõem o nosso *corpus*, policial, é certamente, a editoria quem tem mais volume de matérias sobre a mulher.

TEXTO 29 - (Anexo 29)

Data: 16/04/2019

Título: FEMINICÍDIO & CIA: Executou a ex com 3 tiros e tentou matar amigo dela

Editoria: Polícia

(R57) [...] quando a **adolescente Kendra Rayane de Carvalho, 17, foi covardemente assassinada a tiros** em frente da casa onde morava na Rua Hélio Teixeira da Silva[...]. De acordo com o boletim de ocorrência,

registrado pela Polícia Militar que esteve no local cuidando das primeiras providências, o principal suspeito é Ronaldo José de Souza Oliveira, ex-marido da vítima[...].

Nos dizeres do recorte (**R57**), visualizamos o homicídio de uma adolescente de 17 anos, cujo principal suspeito é o ex-marido. O jornal reproduz as informações retiradas do Boletim de Ocorrência, considerado um documento oficial formulado na esfera da Administração Pública. Os acontecimentos históricos que fundamentam os processos de significação da mulher em condição de violência são encontrados nos anos de 1970 e 1980, época em que os movimentos feministas ganhavam força, buscando conscientizar outras mulheres sobre seus direitos. Naquele período se buscou garantir mais destaque para a problemática da violência contra a mulher e na contemporaneidade esse problema é largamente debatido e abordado em diversos ambientes, sejam eles institucionais ou não, sendo considerado um tema de interesse público.

A enunciação do recorte (**R57**) rememora o discurso histórico da violência contra mulher, cujas discursividades estão vinculadas à mesma rede de sentidos da lei Maria da Penha - Lei nº 11.340/06²⁷, que define os crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher. Conforme o Artigo 5º da lei, a violência ocorre quando o sujeito ativo, homem ou mulher, “as relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual”, que possui vínculos com a vítima, pratica “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006, p. 01); e da lei nº 13.104/15²⁸, que alterou o artigo 121 do Código Penal, prevendo o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o artigo 1º da Lei nº 8.072/90, considerando-o crime hediondo (BRASIL, 2015). Podemos observar que, os vários discursos jurídicos foram criados como mecanismos para prevenir e diminuir a violência contra a mulher, sem levar em consideração o gênero do agressor. Tais discursos criam uma ilusão sócio-discursiva de ressignificar o lugar da mulher na sociedade, uma vez que, os comportamentos machistas de subjugação e agressão se tornaram comum, uma prática habitual e corriqueira.

²⁷ Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher;[...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 17 mar. 2024.

²⁸ Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 17 mar. 2024.

Considerando que o homicídio de mulheres não é algo novo, a palavra “feminicídio” é uma palavra nova que nasceu para significar uma prática antiga. Porém, com novas discursividades, pois passou a significar o homicídio de mulher como crime hediondo, ou seja, crime mais grave com penalidades mais severas, bem como, quando envolve a discriminação à condição de mulher e violência doméstica e familiar. Logo, podemos dizer que a construção do discurso da lei Maria da Penha e Feminicídio se deram dentro de uma estrutura social, cuja práticas discursivas estavam em processo de mudança, surgindo novas significações para mulher. A representação social da mulher como vítima está associada a um lugar social desprivilegiado que é ocupado pela mulher em situação de violência. No entanto, essa mudança na identidade cultural deve-se às discursividades dos movimentos feministas, que deram visibilidade à voz das mulheres, vozes que repercutiram nas práticas e discursos.

Embora o objetivo desta pesquisa não seja problematizar as diversas formas de violência contra mulher, mas sim, compreender as representações sociais que circulam no discurso jornalístico, e no caso deste texto, o discurso é sobre violência contra a mulher, vale dizer que a violência doméstica faz parte de uma construção social, fruto de uma sociedade machista e patriarcal que, no Brasil, se desenvolveu desde o processo de colonização. Essas práticas violentas, produzem significações que marcam a vida das mulheres, dos filhos e todos os envolvidos na trama, uma vez que podem continuar com o mesmo comportamento dos pais, perpetuando e/ou transmitindo a violência em outras gerações, ou seja, práticas e discursos são permeados e transmitidos.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS²⁹) crianças que vivem em ambientes familiares marcados pela violência, tendem a desenvolver vários problemas emocionais, e conseqüentemente, comportamentais. Na fase adulta, tais problemas podem resultar na reprodução da violência ou ao sofrimento causado por práticas violentas. Sobre isso, Hall (2016) diz que as pessoas se constituem e são constituídas sócio-historicamente em uma determinada cultura por meio de suas práticas, crenças, e convenções legitimadas e difundidas por elas mesmas.

Nessa linha de raciocínio, podemos observar que as interpretações culturais não estão apenas em nossa mente, elas orientam, moldam comportamentos sociais, afetando as práticas sociais. Assim, a representação social pode ser caracterizada como uma forma de

²⁹ Agência internacional especializada em saúde pública das Américas, que tem como missão liderar esforços estratégicos de colaboração entre os Estados Membros e outros parceiros para promover a equidade em saúde, combater as doenças e melhorar a qualidade e prolongar a vida dos povos das Américas.

conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, influenciando na construção de uma realidade social, levando à aceitação da violência contra mulher como algo naturalizado, o que fica evidenciado nos recortes **(R58)**, **(R59)** e **(R60)**.

TEXTO 30 - (Anexo 30)

Data: 30/04/2019

Título: FEMINICÍDIO: Armou cilada para assassinar ex-mulher a pauladas e facadas

Editoria: Polícia

(R58) Um acerto para suposto pagamento de pensão alimentícia em atraso, **seria a causa de um feminicídio** registrado na manhã de anteontem em Cáceres na Rua Babaçu, bairro Espírito Santo, quando Sabino Guia da Silva, 52, **assassinou sua ex-mulher** Dilma Maria Ribeiro, 50 a golpes de faca e pauladas.

(R59) Para a delegada da Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, Judá Maali Marcondes, um **crime bárbaro e inaceitável**, quando se vê, **alguém retirar a vida de uma mulher**, mãe de 5 filhos, simplesmente, **porque esta não quis mais conviver com ele.**

Os recortes **(R58)** e **(R59)** reforçam os discursos do recorte **(R57)**, em que a mulher é vítima de feminicídio porque o ex-marido não aceita a separação. O jornal reproduz a fala da delegada de polícia. A enunciação “crime bárbaro e inaceitável” instaura um efeito de agravante, ao caracterizar o crime ampliando sua gravidade devido à crueldade da prática, rememorando sentidos dos crimes hediondos, ou seja, mais graves pela sua própria natureza ou pela forma que são cometidos, sem possibilidade de fiança, anistia, graça ou indulto. Mais uma vez, o discurso jornalístico retrata a condição histórica de discriminação e violência da mulher.

No processo discursivo que sustenta o pensamento sobre a mulher em nossa sociedade, figura “um sistema de dominação que passa a considerar natural uma desigualdade socialmente construída, campo fértil para atos de discriminação e violência que se ‘naturalizam’ e se incorporam ao cotidiano de milhares de mulheres” (Brasil, 2004, n. 16). Os dizeres da delegada de polícia no recorte **(R59)**, mais uma vez atualiza uma memória de sentidos de um indivíduo vítima de violência, colocando-o como alguém que necessita de proteção tanto institucional quanto jurídica. Nessa direção, institui-se sentidos baseados em discursos que a retratam a partir de uma perspectiva de defesa para as pessoas que sofrem violência, como algo naturalizado, ou seja, como sendo normal as mulheres serem alvos desse tipo de situação.

A naturalização da violência contra a mulher, motiva e induz a validação do estereótipo da mulher como vulnerável de uma sociedade opressora simplesmente por elas serem do sexo feminino, fruto das relações de gênero estabelecidas e legitimadas historicamente, resultando nas diferentes formas de violência contra a mulher, mantendo-a no lugar social de vítima, e, por se tratar de um problema social público, do Estado e sociedade civil, a delegacia da mulher, nasce na intersecção de vários discursos, entre eles o discurso jurídico, configurando-se como um reflexo dessa transformação histórica, pois visa proteger esse grupo que necessita de amparo legal, social e institucional contra uma cultura de dominação masculina naturalizada socialmente.

TEXTO 31 - (Anexo 31)

Data: 22/01/2020

Título: TENTATIVA DE FEMINICÍDIO: Em Cáceres, mulher é esfaqueada pelo companheiro enquanto fazia caminhada

Editoria: Polícia

(R60) Uma mulher de 27 anos viveu momentos de pânico, quando estava fazendo caminhada pelas ruas do bairro Monte Verde e foi atacada pelo convivente com golpes de faca. Temendo pela própria vida, a vítima conseguiu escapar do agressor e saiu correndo, gritando por socorro pela Rua dos Cabral, quando populares ao verem aquela cena, acionaram o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar.

No recorte **(R60)** temos mais uma vez o retorno do discurso histórico de violência contra mulher, conforme consta no título “tentativa de feminicídio”. Trata-se de uma matéria curta, o locutor-jornalista não recorreu a nenhuma fonte segura para contextualizar melhor o leitor sobre os acontecimentos. Portanto, os dizeres do texto não trazem elementos que justifiquem uma análise discursiva, pois os sentidos reforçam discursos da representação social da mulher-vítima de violência.

TEXTO 32 - (Anexo 32)

Data: 15/01/2020

Título: TRAGÉDIA FAMILIAR: Filho mata a própria mãe a facadas em bairro de Cáceres

Editoria: Polícia

(R61) Uma tragédia aconteceu no Bairro Jardim Guanabara, a dona de casa Marina Garcia Oliveira, de 66 anos, foi morta a facadas pelo próprio filho na noite de segunda-feira. Jomarlei em conversa com a

Guarnição, afirmou que matou a mãe para pegar o cartão dela e comprar cocaína.

Nesse acontecimento, embora o jornal enuncie os acontecimentos como “tragédia familiar”, a mulher é vítima de feminicídio, pois o fato ocorreu no contexto de violência doméstica e familiar, porém, o seu agressor não é um ex-companheiro/marido, trata-se do próprio filho da vítima. Os dizeres do recorte (**R60**) reproduzem sentidos por meio de um insistente retorno de representações que fazem parte do imaginário social, sentidos estabilizados e que circulam em nossa sociedade, da mulher enquanto vítima de violência. Conforme Gomes (2009, p. 33) em sua pesquisa de doutorado, “o fato de muitas crianças terem crescido em núcleos familiares com a visão centrada no poder masculino acabam reproduzindo o que eles vivenciaram, fazendo com que as relações violentas passem de geração a geração”. Nessa linha de raciocínio, crianças e adolescentes costumam repetir, nas suas relações futuras, os padrões que aprenderam com seus pais. Desse modo, acontecimentos negativos vivenciados nessa fase da vida podem ser reproduzidos historicamente, reforçando os discursos de violência contra a mulher como consequência das relações patriarcais e da violência estrutural.

Nessa perspectiva, a cultura é uma construção dos sujeitos que, por sua vez, são igualmente constituídos pelas práticas legitimadas e difundidas por eles mesmos e práticas como o feminicídio que representam socialmente a mulher no lugar de vítima, são resultados de relações estabelecidas entre o meio social, pela própria cultura (Hall, 2016).

TEXTO 33 - (Anexo 33)

Data: 15/05/2019

Título: VÍTIMA DOPADA: Sexagenário preso em Cáceres suspeito de estuprar a enteada

Editoria: Polícia

(R62) A vítima possui problemas mentais e era dopada pelo suspeito antes dos abusos. **Aos policiais, a vítima relatou que convive com o suspeito** em um terreno separado da casa onde reside com a mãe. **A mulher disse ainda que há muito tempo vem sendo estuprada pelo suspeito e que na segunda-feira (13) foi novamente abusada pelo padrasto.**

No recorte (**R62**), o jornal apresenta uma notícia curta, sem contextualizar o leitor, como por exemplo, como o fato foi a público ou o motivo do silenciamento da vítima por tanto tempo. As informações fornecidas pelo veículo são coletadas por meio dos policiais militares. A discursividade desse recorte é atravessada pela memória discursiva que

remete ao discurso histórico construído em torno da violência sexual, considerada, pela lei Maria da Penha, como um dos tipos de violência doméstica e familiar, podendo ocorrer de forma física, psicológica, patrimonial, moral e sexual. O artigo 7º da Lei 11.340/06 conceitua violência sexual como “qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; [...]” (Brasil, 2006, n.p).

Nessa perspectiva, a construção discursiva da lei se deu sob efeito de um imaginário social de proteger a mulher contra qualquer tipo de violência (ação ou omissão). Isto é, sua formulação funciona sob um efeito de sentido de, por meio de mecanismos mais rigorosos, coibir a violência contra mulher. Desta forma, os dizeres desse recorte reforçam os sentidos da cultura do estupro (Turcato, 2017, p. 04), como prática que estabiliza sentidos de uma cultura patriarcal e “que se manifesta quando a violência sexual se torna banal”. Apesar de ser uma das agressões contra a mulher mais combatidas e punidas, a violência sexual ainda faz parte da cultura social, como podemos ver nos recortes (R63) e (R64).

TEXTO 34 - (Anexo 34)

Data: 04/06/2019

Título: Padrasto é preso acusado de estuprar enteada desde 2012

Editoria: Polícia

(R63) Um indivíduo de 40 anos foi preso pela polícia Judiciária civil na última quinta-feira (30) em Cáceres por **estupro de vulnerável**. Ele é acusado de estuprar durante sete anos a enteada que hoje tem 17. [...]. **A menor revelou que vinha sendo abusada pelo padrasto há cerca de 7 anos, com quem perdeu a virgindade.**

No recorte (R63), podemos observar outro caso de estupro de vulnerável, e mais uma vez trata-se de vítima menor de idade. O jornal não ouve nenhuma fonte sobre a notícia, mas informa que a vítima tem duas irmãs mais velhas e tem indícios de serem vítimas de estupro praticado pelo padrasto. Novamente o jornal reforça sentidos da mulher vítima de violência sexual. As discursividades de “estupro de vulnerável”, evoca sentidos tanto da lei 12.015/2009³⁰, que institui novos sentidos nos dizeres do artigo 17 do Decreto-Lei nº. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), ao enunciar “ter conjunção carnal

³⁰ Lei nº 2.015 de 7 de agosto de 2009. Altera o título VI da parte especial do Decreto-Lei n. 2848 de 7 de dezembro de 1940 (código Penal), e o artigo 1º da Lei nº 8072 de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos [...]. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/818585/lei-12015-09>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ou praticar ato libidinoso com menor de 14 anos ou com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tiver o mesmo discernimento para a prática do ato, ou que não possa oferecer resistência por qualquer outro motivo” (Brasil, 2009, n.p); quanto do artigo 1º da Lei nº. 8.072, de 25 de julho de 1990 (Crimes hediondos), uma vez que a penalidade é aumentada nos casos de vítima ser “vulnerável” ou se o agressor for padrasto, irmão, enteado, cônjuge, tutor, entre outros que, por lei ou outra forma tem obrigação de cuidar e proteger. Assim, vulnerável no discurso jurídico é a violência sexual de menores de 14 anos, com consentimento ou não, e pessoas que por deficiência mental ou enfermidade, não têm o discernimento necessário para a prática do ato.

A atitude da vítima em sair do lugar de silenciamento, provoca um deslizamento de sentidos ao romper com a normalidade estabelecida, pois o ato de falar instaura um efeito de sentido de denúncia, possibilitando a construção de novos sentidos e práticas discursivas.

TEXTO 35 - (Anexo 35)

Data: 24/09/2019

Título: CANA DUPLA: Padrasto preso por estuprar enteadas leva amigo em cana

Editoria: Polícia

(R64) Acusado de abusar sexualmente de suas enteadas de 10 e 14 anos, um rural que morava na Comunidade Sadia em Cáceres e gora vai morar um bom tempo atrás das grades, [...]. **O crime foi denunciado na Delegacia**, após uma conversa na escola, **quando uma das vítimas tomou coragem para falar dos abusos praticados pelo padrasto**. Ela revelou situações de estupro sofrido durante anos. Segundo a vítima, o suspeito oferecia presentes com intuito de aliviar os danos causados pelo abuso sexual.

Os dizeres do recorte **(R64)** referem-se outra vez ao estupro de vulnerável, praticado pelo padrasto. Temos mais uma vez a reprodução e o reforço de discursos que instauram uma memória de sentidos da mulher-vítima, vulnerável ou não, mas vítima da violência sexual. Assim, o locutor-jornalista fala enquanto atravessado por essa memória de sentidos (Guimarães, 2002). Cabe aqui esclarecer que, segundo Queiroz (2001) o abuso sexual contra crianças e adolescentes pode ser evidenciado de várias formas, tais como, conversas obscenas, imagens pornográficas, exposição pelo adulto do órgão sexual, contatos sexuais, relações sexuais impostas (estupro), atentado violento ao pudor, exploração sexual (comercial), entre outras formas.

Para a autora, por ocorrer a maioria dos casos no ambiente familiar, essas práticas têm pouca visibilidade, “a maioria dos casos de abuso sexual acontece com autor conhecido pela vítima, podendo ser alguém da família, de um conhecido da família, isto também acontece nos casos intrafamiliares onde o pai está implicado” (Queiroz, 2001, p. 05). Desta forma, o agressor pode ser o pai (biológico ou adotivo), avô, irmão, primo, padrinho, entre outros.

Segundo Louro (1997), a falta de voz, durante o processo de silenciamento que as mulheres foram submetidas, surge como uma forma de manter a norma social. Nessa perspectiva, o ato de falar, de denunciar, representa uma prática subversiva, pois desestabiliza a ordem vigente, se revelando como gera perturbações à ordem estabelecida. O gesto de romper barreiras socioculturais dominantes para se fazer ouvir, rememora sentidos das lutas pelo direito à voz e à escuta. Assim, a mulher vai se constituindo nos/pelos discursos, mesmo tendo a linguagem como objeto de disputa, erguer a voz e enunciar instaura novos sentidos no âmbito da resistência e da subversão da norma, saindo do lugar de vítima para sujeito de direitos.

TEXTO 36 - (Anexo 36)

Data: 31/07/2019

Título: CANA NO PORTO: Polícia enquadra pai acusado de estuprar a filha e foragido

Editoria: Polícia

(R65) Um homem acusado de estupro de vulnerável contra a própria filha, 12 anos, teve o mandado de prisão cumprido pela Polícia Civil na última segunda-feira (29), [...]. A vítima, atualmente com 12 anos de idade, declarou que os abusos praticados pelo pai aconteciam desde que ela tinha 08 anos, perdurando até os dias de hoje, relatando a menor que havia sofrido a violência sexual, na madrugada anterior ao seu depoimento.

O sintagma “foragido” no título da matéria está relacionado ao cumprimento do mandado de prisão efetuado contra um homem foragido da justiça. Acreditamos que o jornal relatou esse acontecimento junto a esta matéria tão somente porque a prisão foi efetuada no mesmo dia da prisão do agressor da vítima de estupro. Assim, nesse acontecimento o locutor-jornalista narra dois acontecimentos isolados na mesma matéria, como se tivesse alguma relação entre ambas, porém, não tem.

O que nos interessa são as discursividades constitutivas do recorte **(R65)**, ou seja, a filha, vítima de estupro desde os oito anos de idade, praticado pelo genitor. O jornal não

reproduz a fala de nenhuma fonte, também não informa ao leitor sobre os motivos do silenciamento da vítima por tanto tempo – quatro anos, tampouco os motivos que levaram a dar visibilidade aos fatos por meio da denúncia. As formulações do recorte **(R65)** são atravessadas pelo cruzamento de discursos envolvendo aspectos sobre a violência sexual como um fenômeno enraizado em questões culturais mais amplas que envolvem a forma como a mulher é vista socialmente, ou seja, os sentidos que constituem a imagem da mulher são construídos e reinterpretados na interação entre diferentes discursos: sociais, históricos, legais, culturais e até religioso.

O discurso legal, por exemplo, condena o abuso e promove a proteção das vítimas, enquanto discursos sociais e culturais podem, contraditoriamente, minimizar a gravidade do abuso ou atribuir a culpa à vítima. Este entrelaçamento de discursos cria uma complexidade de sentidos que afeta diretamente a representação da mulher e sua capacidade de reivindicar justiça e autonomia. Assim, as discursividades da notícia produzem um deslizamento de sentidos, provocando a ruptura na normalidade instituída, o que corrobora ao efeito de denúncia.

TEXTO 37 - (Anexo 37)

Data: 17/03/2020

Título: DEDM DE CÁCERES: Polícia Civil proporciona dia de bem-estar e autoestima para mulheres vítimas de violência

Editoria: Polícia

(R66) Em comemoração ao **Dia Internacional da Mulher**, a Polícia Civil de Cáceres, por meio da **Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, promoveu na sexta-feira um evento para as vítimas atendidas pela unidade** e também para servidoras. [...]. Conforme a delegada titular da Dedm, Judá Maali Pinheiro Marcondes, a atividade que reuniu cerca de 50 pessoas, entre colaboradores e participantes, teve como principal objetivo elevar a autoestima e promover o autorreconhecimento das mulheres assistidas pela delegacia. “A Polícia Civil se preocupa com cada mulher atendida nesta unidade, por isso este evento foi criado para oportunizar o bem-estar a estas vítimas em situação de vulnerabilidade”, destacou a delegada de polícia.

Neste acontecimento de linguagem, observamos a publicação de uma matéria no mês que se comemora o Dia Internacional da Mulher. Aparentemente, ela não tem marcas discursivas que justificasse sua seleção para análise, mas, discursivamente, encontramos questões relevantes que ajudam a compreender representações construídas na reprodução do discurso jornalístico, como veremos no recorte tal, temos uma Delegacia Especializada

de Defesa da Mulher/DEDM, promovendo um evento para seu público-alvo, ou seja, mulheres vítimas de violência. O jornal não especifica que tipo de violência, logo, podemos pressupor que a delegacia atende todo tipo de violência contra mulheres. O locutor-jornalista deu visibilidade à voz feminina - a mulher/profissional, que fala do lugar social de “delegada de polícia”, a qual fala pelas mulheres “vítimas” e “vulneráveis”.

A criação de uma DEDM retoma sentidos sedimentados em nossa sociedade ao longo da história, e que, inconscientemente, o jornal traz à tona. Isso ocorre porque os estereótipos associados à mulher continuam presentes nas práticas sociais por meio dos discursos. Conforme Hall (2016, p. 18), “A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um *sistema representacional*”. É por meio da linguagem que as culturas são reproduzidas. Assim, a representação pela linguagem, é essencial para reprodução dos significados.

Segundo Muraro (2002), a estrutura cultural de nossa sociedade é calcada no modelo patriarcal no qual a mulher se encontra em posição inferior ao homem, resultando na atribuição de responsabilidades específicas para cada gênero. Assim, o sistema patriarcal é tão eficaz que se torna desafiador imaginar outra possibilidade ou alternativa para a organização familiar. Nessa perspectiva, observamos uma distribuição desigual de papéis sociais entre homens e mulheres, pois os homens ocupam predominantemente o espaço público, enquanto as mulheres são relegadas ao espaço privado, responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos e do marido.

Todos esses fatores contribuíram para (re)produzir a representação da mulher na sociedade, culminando com estereótipos perpetuadores, via historicização (Louro, 1997). Nesta perspectiva, algumas representações são baseadas em estereótipos constituídos pelo discurso patriarcal para significar e qualificar a mulher, que segundo Scott (1990) culminaram em outras desigualdades presentes nos dias atuais, influenciando nossas interações ao ponto de naturalizá-las, fazendo parte da rotina diária.

Diante do exposto acima, a criação de uma DEDM nasce num imaginário social de proteção e respeito à mulher como resposta do Estado Brasileiro diante da violência sofrida, instaurando novos sentidos, deslocando padrões já estabelecidos, pois os sentidos se deslocam, e se afastam das interpretações já estabilizadas, levando a rupturas ao que está posto, e conseqüentemente, abre a possibilidade de o diferente se estabilizar. Assim, numa notícia comemorativa ao Dia Internacional da Mulher, há marcas linguísticas que participam efetivamente da produção de um efeito de denúncias, levando a uma cisão: as mulheres que não denunciam, permanecendo nos lugares e discursos a elas atribuídos. E as

que denunciam, rompendo sentidos da normalidade cotidiana, uma vez que começam a sair do lugar do silêncio e da subalternidade secular.

Nessa direção, a partir dos não ditos, mas significados, e que rememoram os discursos históricos sobre a violência contra mulher, cria-se uma DEDM específica à mulher, instaurando uma memória de sentidos, revelando que a deriva de sentidos sobre a representação da mulher nos acontecimentos jurídicos se constitui a partir de um memorável que se instala na temporalidade do acontecimento e os sentidos da representação/imagem da mulher nesses dispositivos se mantêm, mudam ou se alteram, conforme a posição dos sujeitos que enunciam nos acontecimentos do dizer (Guimarães, 2005). Portanto, a ruptura de sentidos na normalidade cotidiana, reclama o retorno dos discursos estabilizados enquanto não-ditos que aí permanecem significando e que, dessa forma, sustenta a formulação da notícia.

TEXTO 38 - (Anexo 38)

Data: 31/07/2019

Título: Acordo MT/Bolívia firma parceria de combate ao tráfico de pessoas

Editoria: Polícia

(R67) “O tráfico de pessoas é algo que envolve muitos setores. É preciso que a importância do assunto seja de entendimento de todos. Estaremos sempre apoiando ações como essa”, **disse Mendes.**

(R68) Um dos eixos da integração internacional é a Política de Assistência em Saúde Pública, com **ênfase na prevenção ao tráfico de pessoas na região de fronteira entre Mato Grosso e a Bolívia.**

(R69) A **secretária-adjunta de Direitos Humanos, Salete Morockoski**, explicou que a 2ª Reunião Bilateral Brasil-Bolívia sobre Tráfico de Pessoas será dividida em três dias, finalizando com a assinatura do termo de intenção entre o governo de Mato Grosso e a Bolívia. “**Estamos discutindo todas as áreas que envolve a problemática, incluindo entidades e representantes que trabalham com o tema, para chegar ao acordo bilateral**”, pontuou.

(R70) A **coordenadora do Comitê Estadual de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (Cetrap-MT), Dulce Regina Amorim**, explicou que o tráfico de pessoas cresceu nos últimos anos **principalmente entre crianças e adolescentes para exploração sexual**, embora muitos casos não sejam quantificados.

(R71) A **representante do governo boliviano, Ana Valeria Escobar**, informou os trabalhos de combate ao tráfico de pessoas realizados na Bolívia, mas destacou a necessidade do apoio bilateral para a

continuidade das ações, principalmente no que se refere a (*sic*) prevenção. “É fundamental essa sincronia de informações para coibir esse crime nos dois países”, pontuou.

Esta matéria não faz menção direta à mulher, todavia, os dizeres “tráfico de pessoas” inclui a mulher, principalmente, “crianças e adolescentes para exploração sexual” (R68). O acordo, discutido entre representantes do estado de Mato Grosso e bolivianos, visa implementar ações preventivas contra o tráfico de pessoas, um crime que desproporcionalmente afeta mulheres e crianças.

Desta forma, seus dizeres são atravessados por vários discursos que rememoram sentidos sobre a mulher enquanto vítima de violência no contexto do tráfico de pessoas, especialmente na região de fronteira entre Cáceres/MT e San Matías. Por meio dos recortes (R67), (69), (R70) e (R71), podemos ver que o jornal deu um destaque especial nesta matéria, ouvindo e reproduzindo os dizeres de várias fontes oficiais, entre elas, Mauro Mendes, governador do estado de Mato Grosso e a representante do governo boliviano, Ana Valeria Escobar.

A exploração humana é vista como uma das piores violações dos direitos humanos, pois fere princípios básicos, onde direitos fundamentais e dignidade são profundamente violados. É também um problema mundial que atinge várias nações, sendo um fenômeno complexo e com várias facetas, não se resumindo a uma única causa, mas sim a diversos fatores sociais e econômicos³¹.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ)³², homens, mulheres e crianças são traficados diariamente para prostituição, trabalho escravo, venda de órgãos, entre outros. No Brasil, as mulheres e as meninas são a maioria das vítimas do tráfico de pessoas para exploração sexual.

Nessa perspectiva, as formulações do locutor-jornalista neste acontecimento, funcionam num efeito de sentido de reconhecimento das vulnerabilidades específicas que mulheres enfrentam nessas regiões, pois são considerados como um ponto estratégico para

³¹ O que é tráfico de pessoas? Ministério da Justiça e Segurança Pública/MJSP. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/trafico-de-pessoas/o-que-e-trafico-de-pessoas>. Acesso em: 09 abr. 2024

³² Tráfico de pessoas, exploração sexual e trabalho escravo: uma conexão alarmante no Brasil. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/07/trafico-de-pessoas-exploracao-sexual-e-trabalho-escravo-uma-conexao-alarante-no-brasil#:~:text=As%20mulheres%20e%20as%20meninas,na%20Justi%C3%A7a%20Federal%20eram%20mulheres>. Acessado em: 09 abr. 2024.

o tráfico de pessoas devido a sua extensa linha fronteira e à complexidade de monitoramento. A enunciação do recorte **(R70)** “principalmente entre crianças e adolescentes para exploração sexual”, instaura um efeito de sentido de preocupação, possibilitando surgimento de novos sentidos e representações sobre a mulher vulnerável, vítima do tráfico, rememorando discursos históricos de questões de gênero e tráfico humano.

Podemos dizer que, ao fazer a cobertura sobre esta matéria, apesar de as construções simbólicas presentes no jornal ressaltarem significações enraizadas sobre a mulher (mulher objeto), retomando representações simbólicas que moldam o senso comum, também causa uma mudança nas redes de significações, o que faz do mesmo, um diferente, produzindo outras/novas imagens e representações sobre mulher, uma vez que suas discursividades funcionam num efeito de sentido de proteção a essa vítima. Cria-se a ilusão de resgatar a dignidade desse sujeito, de segurança e proteção de direitos por meio dos esforços conjuntos entre governos, iniciando-se assim, um processo de ressignificação da mulher, neste caso em especial, da fronteira.

Por fim, a formação de acordos bilaterais se deu sob um efeito de sentido de avanço, produzindo um imaginário social de implementação de ações que alterem as condições sociais, legais, econômicas e culturais que propiciam o tráfico de pessoas, instaurando sentidos que envolvem a educação, a saúde, o empoderamento feminino, oportunidades econômicas para mulheres e meninas e medidas preventivas efetivas. A visibilidade de mulheres e meninas como participantes ativas na formulação e implementação de estratégias de combate ao tráfico é fundamental para garantir que as medidas adotadas reflitam suas experiências e necessidades. Assim, além de combater o crime, essas ações podem contribuir para a construção de representações sociais que valorizam a mulher como agente de mudança em sua comunidade.

3.3 Olhares possíveis sobre a mulher

Socialmente, é legitimada a forma como a mulher é representada, realizando o que Bourdieu (2012, p.07) chama de “violência simbólica”, ocorrendo principalmente por “vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento”. Dessa maneira, é possível entender os sentidos que encobrem as dinâmicas de poder relacionadas às questões de gênero. Nas dinâmicas coletivas imaginárias, essa forma de opressão simbólica se revela, perpetuando estereótipos da mulher, estabelecendo relações desiguais de poder entre os gêneros, que é empregado por um conjunto para manter a ordem social e simbólica.

Retomamos aqui a visão de Hall (2016, p. 190) sobre os efeitos da estereotipagem “reducionistas e naturalizados”, que limita as pessoas a algumas características básicas, fundamentais e imutáveis. Por fazer parte da preservação da estrutura social, simbolicamente, a estereotipagem estabelece os limites, marginalizando tudo que está fora de seu alcance.

Para Germano e Costa (2019) as mulheres são frequentemente colocadas em papéis determinados pela cultura do patriarcado, excluindo aquelas que desafiam as normas de gênero legitimadas socialmente. Isso fortalece a submissão feminina. Portanto, a representação social não se limita a um processo cognitivo, é muito mais amplo, é uma construção social que se perpetua por meio das interações entre os sujeitos. Tais representações, baseadas em estereótipos, acabam moldando as formas como representamos as mulheres. Nessa perspectiva, o modo como as mulheres são representadas socialmente contribui para a propagação de práticas preconceituosas que são incorporadas e posteriormente empregadas e repetidas de forma natural, e os meios de comunicação têm grande contribuição nesse processo.

Para Moscovici (2007) as representações sociais estão sempre agindo na vida social, moldando as condutas e a comunicação social.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circula, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (Moscovici, 2007, p. 41).

Em decorrência disso, para serem compreendidas é necessário iniciar com aquela (s) que deu origem a outras. Não basta começar por determinado comportamento ligado à organização social. Independentemente de sua origem coletiva ou por referir-se um objeto coletivo, uma representação social pode condicionar os sujeitos, por ser compartilhada socialmente e reforçada pela tradição cultural, constituindo uma realidade social. Segundo o autor, quanto mais sua origem for esquecida, mais ela (a representação) se cristaliza e seus significados, aos poucos, se naturalizam, deixando de ser passageiro, passível a mudanças, tornando-se algo constante (Moscovici, 2007).

Assim, ao reproduzir representações, podemos tornarmos vítimas delas, uma vez que ao serem internalizadas pela sociedade acabam sendo reproduzidas e reforçadas em diferentes contextos, desde os meios de comunicação até as interações cotidianas. Podemos

observar nas notícias analisadas, diversos tipos de práticas de violência enraizadas nas representações sobre a mulher, gerando assim um cenário propício de perpetuação e legitimação das mesmas, deixando em evidência a necessidade de desconstruir representações naturalizadas que moldam e orientam tais práticas sociais de violência.

Hall (2016), destaca a importância das palavras utilizadas ao abordar, reportar, classificar ou atribuir conceitos às coisas (objetos, seres), pois atribuímos valores e emoções que passam a ter significado às pessoas, e, conseqüentemente, começam a representar, como por exemplo, a representação da mulher no discurso jornalístico. Segundo o autor, o sentido de ser mulher só pode existir a partir da representação que é feita sobre esta imagem.

Analisar como a mulher é representada no jornal impresso local, nos fornece pistas do que é aceito socialmente de como ser mulher e seus papéis sociais. Podemos identificar o que é considerado válido e o que é deixado de fora nas representações sociais da mulher. Desta forma, as representações sociais (re)produzidas que circulam nos acontecimentos de linguagem do jornal *Expressão Notícias* se apresentam de forma complexa e contraditória, oscilando entre a mulher submissa, oprimida *versus* a mulher emancipada, empoderada.

A teoria do patriarcado postula a existência de um modelo social em que os homens ocupam o papel principal e comandam as funções de destaque política, ética moral, vantagem social e posse de bens. Sugere também que os homens detêm o poder na esfera doméstica e têm autoridade sobre as mulheres e as crianças na estrutura familiar (Muraro, 2002). Esta hierarquia é visível nas notícias que relatam a violência contra as mulheres e os casos de abuso, que não somente destacam a prevalência de tais crimes, como também implicam falhas sistêmicas na proteção das mulheres.

Estes casos de violência podem ser vistos como manifestações de dominação patriarcal, onde as mulheres não são apenas sujeitas a danos físicos, mas também a uma subvalorização sistêmica da sua segurança e autonomia. A frequência e o enquadramento destes fatos não são um mero relato de acontecimentos, mas servem como um testemunho sombrio da construção social do patriarcado que vê as mulheres como subordinadas e muitas vezes perpetua a sua vitimização e objetificação.

Os “momentos de horror” relatados na sala de cirurgia, atualiza uma memória de sentidos vinculados à história de terror social onde as mulheres são, muitas vezes, as personagens principais, reforçando ainda mais a representação social da mulher como vítima dentro de estruturas patriarcais que não salvaguardam suficientemente a sua autonomia corporal e bem-estar. A notícia sobre “Outubro Rosa” revela a discrepância nas

informações entre os serviços hospitalares e a Secretaria de Saúde, apontando outro aspecto da representação social da mulher: a sua saúde e bem-estar não são priorizados, revelando uma negligência sistêmica e enraizada no mesmo solo patriarcal. Moscovici (2003) argumenta que as representações podem ditar os papéis que os indivíduos desempenham e os estatutos que ocupam numa sociedade. Neste caso, a representação social das mulheres vítimas remete a um discurso mais amplo, que muitas vezes as colocam numa posição de desemperramento.

A iniciativa do governo em promover o aleitamento materno rememora um dos papéis tradicionais/essenciais da mulher – mãe, cuidadora, nutridora, essa representação está associada à maternidade e aos papéis de criação. Embora, a promoção da saúde materna seja positiva, pois reconhece a importância do papel da mulher na criação dos filhos e os benefícios da amamentação, também pode ser analisado através de uma lente patriarcal, pois pode reforçar os papéis tradicionais de gênero, limitando sua representação social à maternidade e à prestação de cuidados, ofuscando potencialmente seus outros papéis e contribuições sociais.

Na arena política, como visto na história de Eliene trocando um partido por outro ou após ganhar as eleições, representa a mulher assumindo papel de liderança em espaços tipicamente dominado por homens. As mulheres quebram os moldes e se afirmam em posições de poder ou desafiam o *status quo*, instaurando a construção de novos sentidos e novas representações, desestabilizando representações sociais arraigadas. Essa desestabilização se enquadra no conceito de domínios consensuais de Moscovici (2003), onde as crenças não são estáticas, são sujeitas à renegociação e mudança. Todavia, esses acontecimentos, embora motivadores, ainda enfrentam oposição em um sistema patriarcal que, tradicionalmente, atribui a autoridade e o poder aos homens, pois, a mulher sai do lugar de sujeito a ser protegida e dominada, assumindo o lugar de agente ativo e capaz na sociedade.

Nessa trajetória, as notícias revelam de um modo geral, representações sociais complexas e influenciadas por estruturas patriarcais subjacentes, valores sociais e práticas culturais, e abrange papéis sociais como da **mulher-vítima, de várias formas de violência; mulher-beneficiária e prestadora de cuidados de saúde; mulher-mãe-cuidadora-nutriz e mulher-profissional-empoderada-líder emergente** nos espaços políticos. Por fim, o jornal *Expressão Notícias* produz representações que derivam de raízes patriarcais, porém, cada discurso contribui para representação social geral das mulheres, refletindo e reforçando crenças e comportamentos sociais.

Em um olhar mais geral, sentimos a falta de notícias sobre a mulher em várias editoriais, entre elas, esporte. Sobre o recorte temporal compreendido pelo estudo, o jornal teve poucas notícias publicadas sobre a mulher. Nos atrevemos a dizer que, provavelmente a baixa cobertura se deu pelo fato de ser da propriedade de um homem, uma vez que, no outro veículo, cuja mulher é a proprietária, foi possível selecionar mais que o triplo de notícias para análises, conforme consta no *corpus* no capítulo 03.

O jornal *Correio Cacerense* apresentou uma quantidade maior e mais diversificada de representações sociais sobre a mulher, reforçando representações estabilizadas e reproduzindo novas representações para mulheres que romperam com a normalidade estabelecida. Podemos observar a construção de novas representação em notícias sobre a “semana da mulher” e a “mostra de trabalhos”, que instauram um efeito positivo de homenagem, com sentidos de valorização e reconhecimento da mulher na sociedade enquanto sujeito. Todavia, as discursividades que circulam nos dizeres dessas notícias podem rememorar sentidos de que as mulheres são mais adequadas a papéis sociais de celebração cultural, em vez de participantes plenas em todos setores da vida pública. Enquanto as notícias sobre as “miguxas” acionam sentidos da mulher solidária, e, “mulher rural” acionam representações sociais da mulher-rural, mulher-empoderada. Entretanto, a notícia sobre a mulher rural reflete discursivamente na valorização e empoderamento de mulheres em contextos menos visíveis, em uma tentativa de apagamento de representação social tradicional que invisibiliza as mulheres rurais e suas lutas específicas.

Desta forma, observamos como o jornal impresso local pode desempenhar um papel significativo na transformação de normas sociais, não somente comunicando e/ou denunciando fatos, mas participando ativamente na construção de uma nova imagem social na liderança feminina no cenário político local, exercendo função pública tanto no executivo, quanto no legislativo, como vimos nas notícias sobre a eleição de Eliene, para o cargo de prefeita e Mazé, como a primeira mulher negra eleita vereadora.

Fica evidente nas notícias sobre envolvimento feminino na arena política, que as mulheres não apenas participam, mas são capazes de liderar e efetuar mudanças significativas na política local. Os discursos que circulam nessas notícias revelam a figura da mulher em posição de poder, bem como, sua capacidade em quebrar barreiras históricas e culturais em uma sociedade tradicionalmente dominada pela figura masculina, especialmente no espaço político, contrapondo assim, estereótipos de gênero que excluem mulheres de tais áreas, desqualificando-as como líderes capazes e competentes. Assim, as

notícias funcionam como instrumentos de transformação social, em que a figura da mulher, em posição de poder, é celebrada.

Segundo Muraro (2002), o sistema patriarcal funciona numa organização social que privilegia os homens em detrimento às mulheres, questionando quando elas atuam em papéis de liderança. Nesse viés, o discurso jornalístico produz sobre a mulher uma representação social necessária para o desenvolvimento econômico e social, ao publicar notícias que retratam e valorizam o reconhecimento, a promoção, a educação, a formação profissional e o desenvolvimento de habilidades em áreas que também são tradicionalmente dominadas por homens, como por exemplo, as notícias sobre a produção de cerveja e chopp artesanal, o reconhecimento da rede de supermercados Juba, sobre a importância da mulher na sociedade, bem como, a homenagem à ex-reitora e o debate pelos acadêmicos de direito sobre a violência contra mulher.

As discursividades dessas notícias atualizam uma memória de sentidos vinculadas à luta feminina na atuação no mercado de trabalho, especialmente em espaços acadêmicos e jurídicos, revelando discursos que representam socialmente a mulher de negócios, mulher empreendedora, a mulher acadêmica, pesquisadora e profissional, principalmente em comunidades silenciadas, como a rural. O discurso é a forma mais complexa da linguagem, é nele que ocorre a disputa de sentidos, que por sua vez, orienta, controla e domina uma sociedade em desenvolvimento, em função de discursos dominantes de cada época, uma vez que pode normalizar e estabilizar sentidos e homogeneizar comportamentos.

Vale a pena acrescentar ainda que, o ato das mulheres de irem às ruas em forma de protesto, significa na medida em que destaca uma conscientização e uma recusa em aceitar a violência como norma silenciosa, ou seja, quanto mais as mulheres se assumirem como categoria, menos submissas serão. Funciona num efeito de sentido de mulheres atuantes, como agentes de mudança política e social, essa representação é de fundamental importância, pois silencia estereótipos de mulheres submissas, promovendo uma imagem de força e resistência.

Concluimos que as representações sociais que circulam nas notícias do jornal *Correio Cacerense* são diversas e oscilam entre si, projetando a imagem da **mulher empoderada; mulher rural/camponesa; mulher solidária, mulher afetuosa; mulher profissional, pesquisadora, acadêmica, educadora; mulher ativa, empreendedora; mulher gestora, capaz, competente**, que assume cargos e funções públicos no espaço político; **mulher protagonista de mudanças sociais**. Todavia, a representação social predominante na cobertura do veículo foi da **mulher-vítima** de violências (física,

psicológica, sexual, entre outras). O discurso da violência contra mulher atravessou não somente as notícias enquadradas na editoria Policial, mas também notícias das editorias Variedades, Cidade e Cultura.

Desta forma, as notícias do veículo constroem e reproduzem representações sociais da mulher autônoma, emancipada, que luta pela sua autonomia e liberdade pessoal e profissional, mas também representações sociais previamente estabelecidas pela cultura, que refletem estrutura social mais ampla e opressiva, em que os homens controlam as mulheres e meninas, rememorando sentidos que naturalizam o controle masculino e a subordinação feminina, como no caso das notícias de feminicídio, estupro e abusos sexual.

A repetição dessas notícias pelos meios de comunicação, entre eles, o jornal local, contribui para a instituição, normatização e perpetuação de uma representação do homem enquanto sujeito agressor, predador, e da mulher como vítima, sujeito frágil e vulnerável, reforçando estereótipos de gênero. Ainda sobre o modo como as notícias são apresentadas, fortalecem, por um lado, a visão de que a violência é uma interação comum dentro das relações familiares ou íntimas, silenciando raízes sociais e culturais, e por outro, ao dar a visibilidade à violência por meio de denúncias, podem concomitantemente, propor e estimular uma análise crítica vinculada a tais eventos à necessidade de transformações sociais, como no caso da notícia que relata a parceria entre Mato Grosso e a Bolívia, revelando como as representações sociais podem ser utilizadas para mobilizar recursos e atenção a questões de direitos humanos e igualdade.

Aos analisarmos os discursos reproduzidos e reforçados pelos dois jornais, percebemos representações específicas sobre a mulher em cada veículo. Enquanto o *Correio Cacerense* apresentou representações diversas que revelam a luta feminina pelos seus direitos, bem como, algumas conquistas, porém, o que predominou foi a representação social da mulher-vítima (vulnerável). Já o jornal *Expressão Notícias* apresentou um equilíbrio entre a representação da mulher-vítima e a mulher-profissional, atuante em espaços públicos.

Após todo esse percurso, percebemos que as representações sociais que circulam no discurso jornalístico refletem uma transformação, em andamento na sociedade de Cáceres, onde estruturas e normas impostas são questionadas dando lugar à construção de novos sentidos e discursos que identificam a mulher. A intersecção entre jornalismo e representação social pelo viés da linguagem nos permitiu explorar como o discurso jornalístico reflete e perpetua dinâmicas de poder, podendo simultaneamente, desempenhar um papel significativo na transformação de normas sociais.

É evidente que as notícias ajudam a formar uma realidade social na qual o papel das mulheres está em constante evolução e negociação, estimulando representações que promovem a visão de uma sociedade mais igualitária e justa. Nesse sentido, as notícias tanto podem moldar dinâmicas sociais, quanto contribuir para um diálogo contínuo sobre gênero, poder e mudança social. Conforme já citado anteriormente, para Moscovici (2007) as representações não são estáticas, são sujeitas à dinâmica da mudança social. Entretanto, a persistência de conotações patriarcais no discurso jornalístico significa uma resistência social à redefinição dos papéis e imagens das mulheres. Para desafiar esses discursos, deve haver um esforço consciente para redefinir e diversificar a representação das mulheres, passando do discurso de vitimização e objetificação para um discurso de empoderamento e igualdade. Compreender estas representações por meio de uma teoria linguística, no caso específico, *Semântica do Acontecimento*, proporciona uma leitura crítica para potencializar a mudança e eventualmente eliminar discursos opressivos, abrindo caminho para uma sociedade que valoriza e capacita todos os seus membros igualmente.

Nas notícias analisadas, a mulher emerge como uma figura central, desempenhando papéis que vão desde a sustentação de suas famílias até a participação em atividades econômicas formais e informais. No entanto, o mesmo contexto que proporciona oportunidades, também se configura como espaços de risco, marcados pela violência e vulnerabilidade, particularmente às mulheres. Nesse sentido, refletir sobre representações sociais da mulher no jornalismo impresso local, é dar visibilidade a questões de gênero, onde necessidade e desafios específicos não são adequadamente reconhecidos ou abordados.

Esta pesquisa surpreende ao mostrar a omissão da fronteira e/ou da cidade de San Matías, bem como, da pandemia Covid 19, tanto pelos veículos, como também pela comunidade local, tendo em vista a localização geográfica do contexto social em foco, e o momento do ápice da Pandemia em nosso país. Constatamos uma redução significativa nas matérias referentes à mulher nos anos de 2019 e 2021, conforme podemos visualizar nas tabelas abaixo – Tabela 06, com a quantidade das matérias publicadas por ano e por editoria do jornal *Expressão Notícias*; e Tabela 7, com a quantidade das matérias publicadas por ano e por editoria do jornal *Correio Cacerense*:

Tabela 6 – Quantidade de matérias publicadas por ano e por editoria com relação à mulher - *Expressão Notícias*.

	2019	2020	2021	Total
Polícia	05	-	-	05
Política	04	-	01	05
Saúde	02	-	-	02
Total	11		01	12

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2024)

Tabela 7 – Quantidade de matérias publicadas por ano e por editoria com relação à mulher – *Correio Cacerense*.

	2019	2020	2021	Total
Polícia	16	06	01	23
Variedades	05	02	02	09
Política	01	06	-	07
Cidade	04	-	-	04
Cultura	-	01	01	02
Total	26	15	04	45

Elaboração: Valdineia Ferreira dos Santos (2024)

Como podemos observar, entre os dois veículos, o jornal *Correio Cacerense* publicou uma quantidade significativamente maior de notícias no período selecionado – março de 2019 a março de 2021. E ambos tiveram mais publicações no ano de 2019. O *Expressão Notícias* não teve nenhuma publicação em 2020 e teve uma em 2021; O *Correio Cacerense* teve quinze publicações em 2020 e quatro em 2021. Ou seja, o ano que começou a pandemia no Brasil - 2020. Conforme exposto no capítulo 2, as matérias sobre a mulher diminuíram consideravelmente, e as que foram publicadas não fizeram nenhuma menção à pandemia ou algo relacionada a ela, como distanciamento social, *lockdown*, trabalho *home office*. Presenciamos, por meio da mídia nacional e internacional o impacto do Corona Vírus na vida das pessoas e na sociedade em geral, como na Saúde, Economia, Educação, Cultura, Segurança Pública, entre outros setores, inclusive o Período Eleitoral e a Copa do Mundo foram adiadas em virtude das ações de distanciamento/isolamento social com objetivo de reduzir a propagação do vírus.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no âmbito da violência doméstica durante o período de isolamento social, a violência contra mulher aumentou, assim como as ocorrências policiais e os pedidos de medidas protetivas. Houve diversos fatores que contribuíram para a intensificação da fragilidade das mulheres, incluindo a vítima e agressor limitados dentro das residências, como também a falta de apoio social devido ao afastamento da mulher das redes de suporte e proteção como, amigos, familiares, organizações governamentais³³. Mas se os casos de violência aumentaram, por que não aparecem no discurso jornalístico local? Diante do cenário causado pela pandemia, muitas mulheres temiam em sair do ciclo de violência por causa da dependência financeira e/ou emocional, uma vez que, dependiam de seu agressor. Assim, os casos de violência contra mulher continuaram a ocorrer, todavia, por razões diversas, houve uma diminuição nos registros e na divulgação dos casos³⁴.

E essa situação da mulher conviver com o agressor por dependência financeira não é algo novo. Conforme uma pesquisa realizada pelo Observatório da mulher contra a Violência, 46% das mulheres não denunciam seu agressor para as autoridades pelo fato de serem dependentes financeiramente (Machado, 2015). Esses dados revelam que a autonomia econômica é um dos caminhos para combater a violência contra as mulheres.

Desta forma, a pandemia Covid-19 foi completamente silenciada nas notícias analisadas, embora, tenha afetado todo o planeta, com impactos em todos os setores da sociedade, se espalhando por todas as camadas sociais, atingindo todas os aspectos da vida em grupo e individual e repercutindo em diversos meios de comunicação.

Após todo exposto sobre a pandemia, queremos finalizar o capítulo considerando os sentidos da palavra subversão, que no senso comum é entendida como: ato ou efeito de derrubar, contrário à ordem, se opor a instituições e às normas de ordem social, política e econômica estabelecidas e em vigência.

Concluimos que as novas representações da mulher revelam a mulher-subversiva, ou a mulher em atos subversivos, mulheres que transgridem fronteiras de gênero impostas, fronteiras que historicamente ditam seu lugar social, porém, por meio dos movimentos e denúncias facilitados pelo jornalismo local, enquanto mediador do conhecimento e inserido

³³ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Nota técnica. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 2020. Disponível em: <http://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

³⁴ Pandemia dificulta denúncias de violência contra mulher. Disponível em: <https://periodico.sites.uepg.br/index.php/cidade-cidadania/184-seguranca-publica/2214-pandemia-dificulta-denuncias-de-violencia-contra-mulher>. Acesso em: 08 jan. 2024.

no dia a dia das pessoas, estimulando as mulheres para que saiam deste lugar imposto, ultrapassando fronteiras e limites historicamente demarcados.

Atualmente, ao descrever certas características de objetos, eventos, processos e conexões, utilizando palavras, sons, imagens, entre outros recursos, a mídia atinge o ápice na representação, no que tange à criação de símbolos. Por meio da semelhança entre imagem e objeto, surge um caráter de credibilidade, de realismo. Algo que, antes desses recursos, era impensável em tal escala. Portanto, é fundamental atentar nas maneiras como a sociedade e sujeitos são representados pela mídia, considerando que são construções sociais, realidades produzidas, e não simples reflexos da realidade. Essa interação constante acaba por tornar as representações algo praticamente automático, naturalizado - como no caso das representações sociais da mulher, na nossa pesquisa - podendo, por vezes, contribuir para que seja percebida a perpetuação de estereótipos que afetam as interações e relações sociais (Muraro, 2002; Louro, 1997; Scott, 1990).

Nesse sentido, o discurso jornalístico deve buscar combater e desconstruir imagens negativas que reforçam discursos historicamente construídos e naturalizados sobre a mulher que “justificam” a inferiorização dela, bem como, a desigualdade de gênero. Os meios de comunicação, especialmente, o jornal impresso, como agentes que influenciam a forma como as interações sociais e percepções individual e coletivas são moldadas, necessita rever sua influência na construção de diversas realidades sociais, neste caso, representação social da mulher. Ao desconstruir preconceitos e estereótipos de gênero (re)produzidos historicamente, estará atuando efetivamente na construção de representações sociais fundamentadas nos princípios e valores de igualdade de gênero.

A seguir, nas Considerações Finais, aprofundaremos algumas reflexões presentes aqui e outras de relevância para a finalização da tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por contemplar um cenário pouco abordado nos estudos acadêmicos – jornalismo impresso local associado a questões de gênero - esta pesquisa representa um avanço investigativo, pois analisa o discurso jornalístico local em busca de sentidos que constituem a representação social da mulher. A presente pesquisa se desenvolveu dentro de um contexto social e um recorte espaço-temporal, que contemplam o percurso de doutoramento, entre 2020 e 2024, e o foco de análise selecionado foram os meses de março de 2019 a março de 2021. As motivações destas escolhas já foram explicitadas anteriormente, bem como, a opção de realizar as análises por editoria, ao invés da ordem cronológica dos fatos.

Haja vista que, a abordagem ocorreu em uma região específica interiorana - Cáceres/Mato Grosso, cidade brasileira localizada no extremo oeste do país, as análises não se referem a uma visão completa e/ou generalista dos sentidos que reforçam ou transformam as representações sociais da mulher, mas sim examinam como o discurso jornalístico da imprensa local reflete os acontecimentos nos quais está presente a mulher, destacando algumas conclusões baseadas em um conjunto de abordagens teóricas e metodológicas pré-estabelecidas, visando atingir os objetivos propostos.

Nossa escolha por analisar discursos jornalísticos para compreender a representação social da mulher, teve a intenção de lançar luz sobre o litígio na constituição de sentidos que representam e significam a mulher. A abordagem a partir da *Semântica do Acontecimento*, permitiu evidenciar as potenciais mudanças e deslocamento dos sentidos, ultrapassando os sentidos já estabelecidos pela normatividade a partir de lugares institucionalizados. Com efeito, buscamos ir além das interpretações óbvias e das verdades absolutas, resultando em outros/novos sentidos instituídos pelo deslizamento e equívoco que são próprios da língua, revelando que o discurso jornalístico, assim como outros, é influenciado por vontades anteriores ao dizer, e que não existe imparcialidade mesmo na utilização mais comum dos signos.

As indagações que motivaram os objetivos desta investigação foram os seguintes: **quais representações sociais sobre a mulher são veiculadas em jornais impressos local de Cáceres e de que modo o discurso jornalístico participa da construção dessas representações?** Desde o início, buscamos desenvolver uma reflexão acerca do discurso jornalístico e a produção de sentidos, atravessados pela memória discursiva, ou seja, sentidos que produzem efeito na medida que são atravessados pelo interdiscurso. Assim, o

objetivo geral da pesquisa foi compreender como a mulher foi/é representada nos jornais *Expressão Notícias* e *Correio Cacerense*, produzidos e em circulação no município de Cáceres. Tal objetivo, solicitou os seguintes objetivos específicos: a) Verificar como o discurso jornalístico da imprensa local reflete os acontecimentos nos quais está presente a mulher; b) Identificar quais representações sociais da mulher são predominantes nos textos analisados; e, c) Analisar como a representação social da mulher é (re)construída e significada nos discursos dos jornais impressos locais de Cáceres. Entendemos que o jornalismo local é fundamental para o desenvolvimento das comunidades as quais ele noticia seus acontecimentos e que buscam informações divulgadas pela mídia produzida no local, pois dessa atividade jornalística também se extrai o fortalecimento dos valores, da história e da cultura da região.

Para responder aos questionamentos e alcançar os objetivos propostos, traçamos um trabalho diluído em três capítulos brevemente expostos. No primeiro, contextualizamos jornalismo na perspectiva da notícia enquanto construção social, atuando como um elemento mediador na percepção da realidade social. Compreendemos que o jornalismo além de trazer os acontecimentos sociais sob a forma de notícias, também age num lugar de mediação de diferentes campos sociais.

Abordamos as características da mídia local, especialmente jornais impressos produzidos e em circulação na cidade de Cáceres (MT/ Brasil) e arredores. Tendo em vista que o jornalismo atua na instituição de um universo consensual sobre objetos, pessoas e lugares, ou seja, age na produção e circulação de representações. No segundo momento, abordamos o conceito de representação social e sua relação com a construção social da realidade. Por último, tratamos o conceito de gênero, o que foi fundamental para entendermos as dinâmicas complexas que moldam as sociedades contemporâneas por meio das relações e práticas sociais. Como já exposto em outros momentos da presente pesquisa, gênero é uma construção social histórica que determina expectativas, comportamentos e papéis atribuídos a indivíduos, frequentemente resultando em desigualdades e discriminações sistemáticas.

A escolha pela *Semântica do Acontecimento* como metodologia de análise foi justificada no segundo capítulo, o que se deu pela compreensão de que as palavras trazem em si uma carga semântica, construídas a partir da sua historicidade. Nesse sentido, pudemos analisar os textos não como simples transmissão de acontecimentos, mas como lugar de disputas, deslizamentos de sentidos, analisando tanto o que é dito, quanto o não-dito, o silenciado, e seus efeitos de sentido que emergem por meio do modo que as notícias

são articuladas e apresentadas pelo jornal, ao leitor. Os sentidos de um texto não são fixos, não estão pré-determinados, eles são construídos no momento da interação, influenciados pelo contexto e pela posição do locutor-jornalista, suas escolhas linguísticas e intenções, mesmo que inconscientemente, interferem e guiam a forma como apresentam os fatos. Cabe aqui esclarecer que, embora as fotos das notícias sejam emblemáticas, o foco das análises foi na parte textual, uma vez que a riqueza das imagens daria outra tese, reforçando os conteúdos dos textos.

Assim, como os diversos discursos existentes na sociedade e acumulados historicamente se cruzam e influenciam a produção de sentido em um texto específico, os discursos jornalísticos são atravessados por outros discursos – políticos, econômicos, sociais, culturais, religiosos – e esse cruzamento de discursos afeta a construção da realidade apresentada ao leitor. Portanto, analisar o discurso jornalístico por meio de uma teoria linguística, especificamente, semântica, possibilitou compreender como as mulheres são representadas nos textos dos veículos selecionados para compor nossa pesquisa.

No terceiro capítulo, com os resultados das análises pudemos entender o que é legitimado socialmente sobre a mulher e seus papéis sociais. Os dois veículos apontaram práticas e valores socioculturais que revelaram representações influenciadas por estruturas patriarcais subjacentes. Respondendo aos questionamentos acima sobre quais representações sociais da mulher circulam nas notícias dos jornais locais e como o discurso jornalístico participa da construção dessas representações, os dois jornais apresentaram *nuances* distintas na maneira como abordam e constroem a imagem da mulher. Ambos refletem e reproduzem dinâmicas culturais e sociais, mas o fazem por meio de lentes ligeiramente diferentes, evidenciadas pela diversidade nas representações sociais apresentadas.

O *Expressão Notícias* tende a (re)produzir uma gama de papéis sociais que incluem a mulher como vítima da violência, beneficiária e prestadora de cuidados de saúde, mãe, cuidadora, nutriz e profissional empoderada emergindo em espaços políticos. Essa abordagem revela uma tentativa de cobrir uma visão ampla de experiências sobre a mulher, reconhecendo tanto as adversidades enfrentadas, quanto suas conquistas. Todavia, a persistência de uma base patriarcal nas matérias sugere que, apesar dos esforços para destacar o empoderamento feminino, ainda existem elementos que reforçam estruturas de poder tradicionais, onde as representações podem inadvertidamente perpetuar visões estereotipadas de gênero.

O *Correio Cacerense* também projeta uma imagem diversificada da mulher, destacando figuras como a mulher rural/camponesa, solidária, afetuosa, profissional, pesquisadora, acadêmica, educadora, ativa, empreendedora, gestora, e protagonista de mudanças sociais. Essa variedade reflete uma abordagem editorial que parece valorizar e reconhecer a complexidade e a capacidade multifacetada das mulheres em diferentes esferas da vida. Contudo, o jornal também ressalta a prevalência de uma representação da mulher como vítima de violências, indicando que, semelhante ao *Expressão Notícias*, o *Correio Cacerense* não consegue escapar totalmente dos discursos tradicionais que enfatizam a vulnerabilidade feminina.

Nos dois veículos a presença de temas relacionados à violência contra a mulher é extensiva, permeando diversas editoriais, produzindo um efeito de sentido que reflete uma realidade social preocupante, bem como, uma perpetuação da imagem da mulher como vítima. Ao reproduzir o padrão de informação, os jornais contribuem na construção de estereótipos, reforçando a questão da dominação e submissão da mulher.

Assim, ambos refletem representações sociais que resultam na manutenção de práticas preconceituosas em relação à imagem da mulher, o *Expressão Notícias* ainda reflete uma forte influência de estereótipos tradicionais da mulher submissa, sujeita ao homem. Ao destacar mais as mulheres vítima de violência, contribui para uma visão estereotipada, que perpetua a imagem de submissão feminina, ainda que, tente mostrar o empoderamento; o *Correio Cacerense*, como já explicitado antes, embora reflita a representação da mulher vítima de violências, ao introduzir novas imagens de mulheres que quebram com a normalidade estabelecida, como mulheres em papéis de liderança e como agentes ativos na sociedade, reflete uma visão mais progressista na promoção de uma imagem diversificada e empoderada. Também pudemos observar nos dois veículos analisados, uma redução significativa nas matérias sobre a mulher no ano de 2020, bem como, o silenciamento do contexto da época, ou seja, nenhuma matéria do ano de 2020 ou 2021 citou o estado pandêmico naquele período.

De uma forma geral, a mulher teve ao longo da história um papel na sociedade que (re)significa e se transforma em cada período/época, sendo remodelada e redefinida, devido às diferentes posições sociais que ocupa, surgindo diversas representações, como constatamos nesta pesquisa: esposa, mãe, vítima, profissional, entre outras. Analisar as representações sociais da mulher deve ser feita com uma consciência aguda das complexidades que a comunidade interiorana impõe.

É fundamental que os discursos jornalísticos reconheçam e reflitam sobre como a cultura e as políticas de cada local moldam as realidades das pessoas, especialmente às mulheres. Ao fazer isso, os veículos não apenas fornecerão uma representação mais precisa e completa das experiências das mulheres, como também contribuirão para um diálogo mais informado e eficaz sobre como melhor apoiar e empoderar as mulheres nessas regiões.

Embora essas coberturas possam ter a intenção de denunciar e combater a violência de gênero, elas também correm o risco de reforçar estereótipos que veem as mulheres primordialmente como sujeitos passivos de violência e opressão. Essa dualidade nos discursos dos dois jornais destaca um desafio central do jornalismo contemporâneo: equilibrar a representação das realidades muitas vezes duras enfrentadas pelas mulheres com a promoção de discursos que fortaleçam a imagem de mulheres autônomas, empoderadas e agentes ativas de mudança.

A reflexão sobre essas representações é crucial, pois influencia diretamente a percepção pública sobre o papel da mulher na sociedade, contribuindo para a construção de uma realidade social mais justa e equitativa.

Um aspecto interessante que ressaltamos, é que a cidade de Cáceres, mesmo fazendo fronteira com a cidade boliviana da San Matias, tal fato é silenciado nas notícias, com exceção da matéria sobre o tráfico de pessoas. Vale ressaltar que, o apagamento das fronteiras pela comunidade e pelos veículos, reduz a capacidade de abordar adequadamente questões como violência de gênero, desigualdade, oportunidades econômicas, que em regiões fronteiriças podem ser complexas devido à intersecção de leis e normas sociais de mais de um país. Assim, a indiferença com relação à influência geográfica, social e cultural do outro país, produz um efeito de sentido de homogeneização das experiências vividas pelas mulheres que ignoram as peculiaridades impostas por uma cidade situada no extremo oeste do Brasil, com uma proximidade importante do município boliviano vizinho.

Chamou atenção o modo como se configura a escrita das notícias, com efeito de denúncia. As análises revelaram que não temos uma questão ou motivo para “celebrar”, mas sim de expor os acontecimentos à população/comunidade, funcionando sob um efeito de dar visibilidade a reiteradas situações vividas pelas mulheres diariamente. Outras notícias dão visibilidade social às mulheres que alcançaram sucesso em suas carreiras, mostrando-as como determinadas e vitoriosas, projetando diversos sentidos, como, "vencer preconceitos", "vencer fronteiras", “vencer desafios”, transpondo os obstáculos para alcançar o sucesso na vida pessoal e profissional.

A enunciação dessas matérias, conduz a um imaginário social e, principalmente, o imaginário da mulher de que é possível ultrapassar e vencer limites e barreiras, como por exemplo, assumir uma posição no mercado de trabalho ou função pública, que anteriormente era considerada exclusivamente masculino. O que funciona sob efeito de reforçar o convite à mulher a não desistir, a continuar, a permanecer e insistir na luta pela igualdade de direitos entre os sexos.

Chegamos à conclusão de que os jornais locais (re)tomam sentidos já estabelecidos, estabilizados e enraizados historicamente e que, conscientemente ou não, os levam à superfície. Acreditamos que isso ocorre porque os estereótipos de gênero associados a eles permanecem significando na memória social. Cabe aqui ressaltar que, para que ocorra a reprodução de sentidos, é necessário que antes eles existam nas redes de memória como possibilidade interdiscursiva, resultando assim no atravessamento dos dizeres. Falando de outro modo, se não existe um significado na memória, não há como ser reproduzido nos/pelos discursos. Desta forma, compreender as representações sociais da mulher por meio do discurso jornalístico, implica reconhecer que as notícias veiculadas não apenas refletem acontecimentos, mas têm o poder de moldar as percepções públicas.

Ao repetir notícias sobre a imagem da mulher como vítima, os jornais reforçam normas sociais estabilizadas, perpetuando a condição da mulher por meio de estereótipos que modelam, rotulam, ditam comportamentos e papéis sociais, que, com o tempo, passam a ser naturalizados. Assim, é fundamental que os jornais tenham consciência sobre sua responsabilidade social e o papel que desempenham na formação da opinião pública, para refletirem acerca da prática cotidiana com objetivo de criar estratégias que desconstruam estereótipos e imagens arraigadas na estrutura social, combatendo assim a desigualdade de gênero.

Ainda assim, compartilhamos da convicção de que a imprensa do interior, desempenha um papel vital na promoção e desenvolvimento das comunidades locais, promovendo mudanças e transformações sociais necessárias à comunidade e aos sujeitos. Quanto aos jornalistas, devem atuar informando e formando, criando e estimulando um debate contínuo sobre representação, cultura, gênero e diversidade nas sociedades, para impulsionar uma constante evolução.

Este estudo não pretende encerrar-se como uma crítica à prática dos veículos, mas sim emergir como uma peça importante no quebra-cabeça de estudos que analisam o papel do jornal impresso local nas comunidades, enquanto construtor da realidade social e produtor de sentidos que constituem sujeitos, bem como, oferecer a possibilidade de

estimular um debate/reflexão sobre as questões de gênero, fundamental para edificar uma sociedade mais igualitária, baseada na equidade entre homens e mulheres. E o jornal impresso local, apesar de ser considerado uma mídia tradicional, continua sendo veículo vital para as comunidades, não apenas como fonte de informação, mas como elemento que contribui para coesão social e a identidade cultural.

Em um mundo com informações fragmentadas e muitas vezes duvidosas, o jornal impresso local se destaca por oferecer uma cobertura mais reflexiva, essencial para a compreensão de acontecimentos incompreensíveis e/ou confusos, deixando a comunidade bem informada. Logo, é imperativo persistir na luta simbólica pela construção de sentidos que representem a mulher de forma equilibrada, ou seja, narrar os eventos de modo a desconstruir estereótipos de gênero e práticas culturalmente legitimadas. Assim, a defesa política e social da (des)igualdade de gênero emerge como um ato de resistência que desafia o discurso normativo por meio da linguagem.

Por fim, ao longo das análises, alguns pontos importantes surgiram como inquietações ainda sem respostas consistentes, como por exemplo, o silenciamento da fronteira, ou da cidade de San Matias, e a relação da pandemia com as questões de gênero e da mulher. Desse modo, os debates e os acontecimentos que envolvem o jornalismo local e suas influências e manifestações na sociedade não se esgotam nesta pesquisa, logo, a abordagem aqui apresentada permite a continuação da pesquisa e a procura por novas informações e contribuições sobre o jornal local e seu impacto, influenciando na configuração das interações socioculturais em um mundo cada vez mais globalizado, como também fragmentado.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. Disponível em: file:///D:/Downloads/pdfcoffee.com_alsina-a-construao-da-noticia-pp-9-52-pdf-pdf-free.pdf. Acessível em 27 jul. 2024.
- ARAÚJO, Emanuel. A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia in DEL PRIORE, Mary (org.). **Histórias das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 45-77, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELTRÃO, L. O jornalismo interiorano a serviço das comunidades. *In*: ASSIS, F. **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.
- BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 14, p. 1-11 jan./jul. 2006.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado em sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGER, Christa. **Campos em Confronto**: a erra e o texto. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, p. 499. Disponível em: <https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.
- BOLÍVIA. **Ministerios de Desarrollo Productivo y Economía Plural y de Economía y Finanzas Pública**. Resolución Biministerial n. 006/2012, de 28 de mayo de 2012. Revoca la concesion de la Zona Franca Comercial San Matias del Departamento de Santa Cruz. La Paz, 2012.
- BOLÍVIA. **Ministerio de Economía e Finanzas Públicas**. Resolución Biministerial n. 025. Informe Técnico de Evaluación de Solictud de Prorroga de Concesion CTZF/INF/012/2010 de 9 de septiembre de 2010 del Comité Técnico de Zonas Francas. La Paz, 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 3.071 de 1º de janeiro de 1916**. Institui o Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm. Acesso em: 07 mar. 2022.

BRASIL. **Código Civil**: quadro comparativo 1916/2002. Brasília: Senado Federal, subsecretaria de edições técnicas, 2003. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70309/704509.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848 de 7 de dezembro de 1940**. Institui o Código Penal Brasileiro. Brasília: Senado Federal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 18 ago.2022.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional do Brasil. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. 2009. Disponível em: <https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/publicacoes/cartilha-faixa-de-fronteira.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

BRASIL. Senado Federal. **Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher**. DataSenado, Secretaria de Transparência. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_Contra_a_Mulher_2013.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2023.

BUITONI, Dulcília. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 239 p. 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4300332/mod_resource/content/1/BOURDIEU%20C%20Pierre.%20A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 2007a.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1990.

CARMO, V. M. *et al.* **As quatro ondas do feminismo**: lutas e conquistas. v. 7, n. 1, p. 101-122, jan/jul. Revista de Direitos Humanos em Perspectiva, 2021. Disponível em: <file:///D:/Downloads/7948-22664-1-PB.pdf> . Acesso em: 28 jul. 2023.

CONNELL, Roberto W. **Políticas da masculinidade**. v. 20 (2), p. 185-206, jul/dez. Revista Educação e Realidade, 1995.

DIAS, Ricardo Henrique Almeida. Um estudo global sobre as questões de gênero no jornalismo. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. v. 43, n. 3. Set., 2020.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. *In*: NASCIMENTO, D; REBELO, J. P. **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2013.

DORNELLES, Beatriz. Características do jornalismo impresso local e suas interfaces com jornais comunitários. *In*: *Jornalismo, democracia e tecnologia*. n.14. **Contracampo**, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17422/11059>

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do interior. **Revista Intratexto**, Rio de Janeiro, vol.4, n.º 1, p. 21-36, 2012. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/22507/2/O_futuro_dos_jornais_do_interior.pdf. Acesso em: 18 de março de 2022.

DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do Interior. **Revista FAMECOS**, vol. 17, n. 3, p. 237–243, set./dez. 2010. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.3.8191>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8191/5880>. Acesso em: 18 de mar. 2022.

FERREIRA, Evaldo. A relação entre cidades-irmã na faixa de fronteira: o caso de Cáceres-Mato Grosso/Brasil e San Matías-Bolívia. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 18, n. 62, p. 87-103, jun.2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Contornos do jornalismo contemporâneo. *In*: FRANCISCATO, C. E. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: UFS, Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, p. 164-173, 2005.

FRANCISCATO, Carlos. **O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. *Brazilian journalism Research*. vol. II, n. 2, p. 96-123, 2014.

GADINI, Sérgio Luis. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. *In*: **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 33, ago. 2007.

GUARESCHI, Pedrinho A. Psicologia social: o lugar da crítica, da memória e da afetividade. *In*: JACÓ-VILELA, A.M; SATO, L. (org.). **Diálogos em psicologia social**, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 25-45, 2012.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos**. v. 8, n. 3, p. 249-256, 2000.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1988.

- GERMANO, Grazielly dos Santos. COSTA, Kênia Gonçalves. Representação social das mulheres, relação de gênero, raça e classe: o que as cotas têm a ver com isso? **Revista Humanidades e Inovação** v.6, n. 3, p. 177-187, 2019. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1018-Texto%20do%20artigo-4269-2-10-20190408.pdf>. Acesso em: jun.2021.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação**. Campinas: Pontes, 1987.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2005.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. Análise de texto. **Procedimentos, Análises, Ensino**. Campinas, SP, Editora RG, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro, 2004.
- GOMES, N. P. **Trilhando caminhos para o enfrentamento da violência conjugal**. 178 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9593/1/Gomes_Tese.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.
- HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o mugging nos mefia. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, p. 224-248, 1999.
- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. **A ideologia e a teoria da comunicação**. v.10, n.03 set/dez. São Paulo: MATRIZES, 2016b.
- HERRERA, Karolyna Marin. **Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos). Florianópolis, p. 1-11, 2012. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373328660_ARQUIVO_ArtigoFazendogenerofinal.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

HOIJER, B. Teoria das representações sociais: uma nova teoria para a pesquisa em mídia. *In: Nordicom Review*, n.32, v. 2, 2011. p. 3-16.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In: JODELET, D. (org.). As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 17-44, 2001. Disponível em: file:///D:/Downloads/Representa%C3%A7%C3%B5es%20sociais_%20um%20dom%C3%ADnio%20em%20expans%C3%A3o.%20Denise%20Jodelet%20_.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

JODELET, D. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679- 712, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/bqm4vwYnbPvPy9dDGMWHqZt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 ago.2022.

JUNIOR, A.E.V.P. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 30, ago. 2006. quadrimestral

KOBORI, Nayara; PÁDUA, Aline Ferreira. A heterogeneidade da imprensa do interior: reflexões sobre o tema nas pesquisas latino-americanas. **Temática**: NAMID/UFPB, n. 05, 2018.

LEOBETH, Thaís; MÜLLER, Karla Maria. Mídia local de fronteira no extremo sul brasileiro: o agronegócio como notícia. **Revista GeoPantanal**. UFMS/AGB • Corumbá/MS, N. Especial. p. 383-395, 2017.

LEOBETH, Thaís. **O rural na mídia impressa local fronteiriça**: diferentes formas de abordagem. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS: Porto Alegre, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Maria de Fátima Barbosa. **Dependência financeira da mulher vítima de violência doméstica e o PLS 443/2011**. JusBrasil, Brasília-DF: 2015.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARQUE DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Bondade, substantivo feminino**: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. História: Questões & Debates. Curitiba/PR. Editora UFPR, n. 59, p. 143-170, jul./dez. 2013. Disponível em: <file:///D:/Downloads/37037-136615-1-PB.pdf>. Acesso em 02 abr. 2024.

MARTINS, M. H (org). **Fronteiras culturais**: Brasil, Uruguai e Argentina. São Paulo: Ateliê, 2002.

MARTINS, Ana Taís; FREITAS, Camila. **Pesquisas comunicacionais em interface com arte, tecnologia, religião, meio ambiente**. MARTINS, A. T; FREITAS, C. (Org.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220527/001124288.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 fev. 2023.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MIGUEL, L. F; QUEIROZ, C. Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 2, p. 363-385, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vzPBqZBY8xfJqZ5yHqXnXw/?format=pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024

MIRANDA, Edana Lopes *et al.* Violência contra a mulher: representações do discurso midiático. **Vitória**, v.14, n. 3, p. 137-150, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/35347/26366>. Acesso em: 03 dez. 2023.

MORAES, D. **Planeta mídia**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

MORIGI, Valdir José. Teoria social, comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **Revista Eletrônica e-compos**. n. 01. Dezembro, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MÜLLER, Karla Maria. **Mídia e fronteira**: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. 362f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Disponível em: www.midiaefronteira.com.br; Acesso em: 29 out. 2019.

MÜLLER, Karla Maria. Presença de fronteiras culturais na mídia local de fronteiras nacionais. **Cadernos de estudos culturais**. Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 69 – 81, jan./jun. 2012.

MÜLLER, K. M. Mídia local fronteira: do impresso ao on-line. *In*: RADDATZ, V. L. S.; MÜLLER, K. M. (org.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 117-137.

MÜLLER, Karla M.; GERZSON, Vera R. S.; RADDATZ, Vera L. S.; BOMFIM, Ivan; PRADO, N. do. Práticas socioculturais fronteiriças no jornal A Plateia: do local ao global. *In*: **Revista Intexto**. Porto Alegre: PPGCOM/ UFRGS, 2011.

MÜLLER, Karla Maria; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças. **I Encontro de Pesquisadores em Cultura/ENECULT**, 2005. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/KarlaMariaMullereTitoCarlosMachadodeOliveira.pdf>. Acesso em: 6 set. 2022.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. Ed. Campinas/SP: Unicamp, 1997.

ORLANDI, ENI. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAIM, Jairnilsom Silva. **Desafios para Saúde Coletiva no Século XXI**. Ba, UDUFBA, 2005.

PARK, Roberto E (1976). A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. p. 51-70. *In*: BERGER, Christa.; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. v. 02. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 191

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUHL, João Ivo *et al.* A fronteira mato-grossense entre Brasil e Bolívia no Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. *In*: MICHELI, Paulo Celso e GARCIA, Domingos Sávio da Cunha (org.). **História e Fronteira**. 1ª ed. v. 01, p. 237-255, Cáceres/MT: UNEMAT, 2014.

QUEIROZ, Katia. Abuso sexual: conversando com esta realidade. *In*: ROUSSAN, Yves (org.), **Centro de defesa da criança e do adolescente**. Salvador: CEDECA:BA, 2001. Disponível em: file:///D:/Desktop/QUEIROZ_Abuso%20sexual%20conversando%20com%20esta%20realidade.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Fronteiras culturais: o papel do rádio fronteiriço. *In*: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MÜLLER, Karla Maria (org.). **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 201-218.

REGINATO, Gisele Dotto. **Informar de modo qualificado**: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. Estudos em Jornalismo e Mídia, vol. 17, n. 1, p. 43-53, jan./jun., 2020.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 15. Florianópolis: Insular, 2019.

ROBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo (1975). *In: Políticas do sexo*. Ubu, 2017, p. 9-62. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7586284/mod_resource/content/1/Rubin%2C%20G.%20Tr%C3%A1fico%20de%20mulheres.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

SABIA, C. P. P.; BRABO, T. S.A. M. **Relações de gênero no movimento dos trabalhadores Sem Terra-MST**: perspectivas a partir da concepção pedagógica no movimento. v. 14, n. esp.2. p. 1601-1612, Araraquara: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, jul., 2019. Disponível em: [file:///D:/Downloads/19+12648-37392-1-SP+\(revisado\).pdf](file:///D:/Downloads/19+12648-37392-1-SP+(revisado).pdf). Acesso em: 18 nov. 2023.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3846/3517>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SILVA, Andréa Franco Lima; SILVA, Grécia Mara Borges. Falando a voz dos nossos desejos: os sentidos da representatividade e do lugar de fala da ação política das mulheres negras. **REIS**, v. 3, n.1, p. 42-56, jan./jun., 2019.

SOARES, Murilo Cesar. Representações e Comunicação: uma relação em crise. **Revista Líbero**, ano X, n. 20, p.47-56, dez, 2007. Disponível em: <file:///D:/Downloads/634-1260-1-SM.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SOARES, Murilo Cesar. **Representações, jornalismo e a esfera Pública**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOIHET, Rachel. **Formas de violência, relações de gênero e feminismo**. v. 2, n. 2, p.7-26, 1.sem. 2002. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/02112009-014727soihet.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade*. v.15, n. 2, jul./dez. Porto Alegre: 1990.

STRASSBURGER, Tabita. **A participação da mídia na construção de representações sobre a fronteira São Borja/BR-Santo Tomé/AR** 206f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2018.

TARGIONI, Paolo. **Linhas que separam, linhas que unem**: percepção da fronteira na cidade de Cáceres/MT.234f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos/SP.

TUCHMAN, Gaye. Media, gênero e nichos. **Media e Jornalismo**, Coimbra, n. 15, p. 15-24, 2009.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, p. 74-90, 1999.

TURCATO, Ana Cristina. Pensando a cultura do estupro no jornalismo sob a perspectiva de gênero. *In*: Anais do 15º encontro nacionais de pesquisadores em jornalismo, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2017/trabalhos/pensando-a-cultura-do-estupro-no-jornalismo-sob-a-perspectiva-de-genero?lang=pt-br>>. Acesso em: 03 jun. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2. 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo - A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. v.2. Florianópolis: Insular, 2005b.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, set./dez. São Paulo, SP. p. 17-44, 2018.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias** 250f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 (TEXTO 1) - Aumenta o número de estupros de vulneráveis e mulheres em Cáceres; foram 56 em 12 meses

Aumenta o número de estupros de vulneráveis e mulheres em Cáceres; foram 56 em 12 meses

Editoria - Sinéio Alcântara

Uma notícia preocupante na semana em que se comemora - no dia 8 de março-, o Dia Internacional da Mulher: aumentou, consideravelmente, o número de estupros de vulnerável e de mulheres em Cáceres. Ao todo foram registrados 56 casos desse tipo de violências em 2018 contra 38 em 2017. No mesmo período foram registrados 6 casos de feminicídio - 3 em 2017 e 3 em 2018 - E, o que é pior: nos dois primeiros meses de 2019 já foram registrados 5 casos de tentativas de homicídios contra mulheres.

Os dados são da Delegacia Especializada da Defesa da Mulher. De acordo com a estatística, em média, aproximadamente cinco mulheres ou menores de 14 anos, são estupradas, anualmente, no município. Os casos são relacionados a violência doméstica. O aumento da violência contra a mulher é comprovado através dos requerimentos Policiais. Em 2017 foram instaurados pela delegacia, 247 procedimentos. Já em 2018 esse número quase que triplicou. Foram instaurados e janeiro a dezembro 726 requerimentos.

A exemplo da violência sexual, as lesões corporais

contra mulheres, também aumentaram no ano passado. Foram 449 registros no ano de 2018 contra 438 em 2017. Por outro lado, diminuíram as ocorrências de ameaças. Em 2018 foram registrados 614 casos contra 639 em 2017. Na estatística consta ainda 6 casos de feminicídio, sendo 3 no ano de 2017 e 3 em 2018. Ao todo, de acordo com levantamentos da Coordenadoria de Estatística e

Análise Criminal da Secretaria de Segurança Pública, foram registrados no Estado 38 casos dessa natureza.

Titular da Delegacia Especializada da Defesa da Mulher, Judá Maali Marcondes diz que a maioria das agressões, assim como as tentativas de homicídios e homicídios consumados é à base de faca. E, os motivos são quase sempre os

relacionamentos. “Os homens não concordam com os fins dos relacionamentos e se julgam no direito de matar a mulher”, diz revelando que por esse motivo um homem esfaqueou a vagina da companheira. No outro caso a uma mulher levou oito facadas no corpo.

De acordo com dados divulgados no Mapa da Violência contra a mulher de 2018, organizado pela Comissão

de Defesa dos Direitos da Mulher, da Câmara dos Deputados, o estado de Mato Grosso, ocupa o 2º lugar em número desse tipo de crime contra mulheres.

O mapa diz que foram registrados 3,4 mil casos de estupros durante o ano de 2018. Mato Grosso, conforme os dados, só perde para São Paulo onde foram registrados 5,2 mil casos.



A exemplo da violência sexual, as lesões corporais contra mulheres, também aumentaram no ano passado

ANEXO 2 (TEXTO 2) - Delegada diz que opinião do presidente Bolsonaro tem influenciado a violência contra mulheres.

Delegada diz que opinião do presidente Bolsonaro tem influenciado a violência contra mulheres

A delegada Judá Maali atribui o aumento da violência contra mulheres, ao pensamento do presidente Jair Bolsonaro sobre o caso. Sem citar nome, ela diz que "eu acho que a razão do aumento da violência contra mulheres seria essa nova ordem de pensamento político, principalmente, no âmbito federal, que tem influenciado, diretamente, nas ações dos homens" diz acrescentando que "um presidente que sempre teve como fala uma lisônea influencia os homens e seus cidadãos".

Ela diz que "com isso, os homens acham que podem matar como antigamente acontecia. As

mulheres que eram pegas em adultério ou que pediam divórcio eram mortas e os homicidas quando condenados eram absorvidos sob alegação de que teriam agido em violenta emoção e sem pensar" cita lembrando que "a final qual o homem que suportaria a mulher que o abandonou ou trocou por outro?". Lembra que "diante desses argumentos, os homens eram absorvidos. Ou seja: era legítimo o homem matar mesmo que fosse processado". A delegada enfatiza que "hoje eu percebo que isso está retomando, porque a motivação é a mesma de anos atrás. Estamos vivenciando isso. Mas,

enquanto existir lei em nosso país, enquanto existir polícia e enquanto eu estiver trabalhando como delegada estarei instaurando procedimentos, estarei pedindo prisões para coibir esse tipo de conduta, esse tipo de misógino que é inadmissível em nosso ordenamento jurídico que é regido pelo Estado democrático de direito. Não podemos admitir que homens possam sentir no direito de tirar a vida de uma mulher, simplesmente, por ela não quiser mais conviver com ele".

Em relação a Lei Maria da Penha, a delegada disse que "é importante consignar que ela

(lei) é de fundamental importância porque busca o resgate da autoestima e o empoderamento feminino" diz acrescentando que "ela (lei) vem trazer proteção a mulher, através de medidas protetivas em que o agressor é obrigado a afastar da mulher. Além disso, ela proporciona a interrupção e faz cessar as ameaças. Pois se o agressor desobedecer pode ser preso".

Explica que, além de proteger a vítima, a lei criou uma rede de proteção, buscando através de organismos

atendimento psicológico e até cursos para torna-las independentes para o resgate de sua autoestima. As mulheres que são vítimas de qualquer tipo de violência podem procurar a delegacia mais próxima para registrar a ocorrência. Em Cáceres, o número da Delegacia Especializada da Defesa da Mulher para denúncias é 3223 - 5257. O registro é importante para que as autoridades policiais possam, inclusive, pedir ao Judiciário medidas protetivas contra o agressor, de acordo com a necessidade.



Delegada Judá Maali atribui o aumento da violência contra mulheres, ao pensamento do presidente Jair Bolsonaro

Moço

Dia Internacional da Mulher

Neste Dia Internacional da Mulher, quero reafirmar meu compromisso em dispensar todos os esforços para promovermos as mudanças que Cáceres e o nosso povo tanto precisam, especialmente na vida de todas as mulheres. A você mulher, que esta data seja de comemorações e intensas reflexões sobre o seu papel na sociedade, cada vez mais importante.

Aproveitamos para agradecer e parabenizar uma mulher em especial, aquela que abraçou a educação e tem dedicado os seus dias a formar e desenvolver talentos, a transformar vidas, a compartilhar afeto e a socializar conhecimentos.

Parabéns mulher professora e educadora de Cáceres, que de modo tão humilde vem enriquecendo esta profissão tão nobre e especial.

Feliz Dia Internacional da Mulher!

Antônia Eliene Liberato Dias
Vice-prefeita de Cáceres
Secretaria Municipal de Educação

ANEXO 3 (TEXTO 3) - Mato Grosso registra mais de 10 mil casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019.

MT registra mais de 10 mil casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019

Foto: Instagram

Assessoria

A Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp-Mt) registrou 10.307 casos de ameaça contra mulheres no primeiro semestre de 2019.

Apesar de alto número de casos, houve uma redução de 3% em relação ao mesmo período em 2018, o que significa 307 casos a menor. Em relação aos homicídios de mulheres, ocorreram 34 casos, um a menos que em 2018 no primeiro semestre.

Segundo a Sesp, fazem parte dessas estatísticas mulheres de 18 a 59 anos. Depois das ameaças, os crimes contra mulheres com maior número de registros foram às lesões corporais, com 4.927 casos, contra 5.001

no primeiro semestre de 2018.

Nas denúncias feitas por mulheres, houve um aumento de 6% nos casos de calúnia, com 913 registros nos primeiros 6 meses deste ano.

Nesse período foram denunciados 181 casos de estupro, o que representou uma redução de 8%.

As mulheres também registraram mais casos de assédio sexual, com 112 denúncias, contra 79 no primeiro semestre de 2018.

Já os casos de injúria, em que se faz uma acusação sobre o caráter, foram 2.861 registros, um crescimento de 6% em relação ao ano anterior.

Na Capital houve uma redução de 8% nos casos de ameaça contra mulheres, com 1.952 denúncias. Em relação aos homicídios, foram registrados apenas dois casos.

Outros crimes contra mulheres também sofreram



redução como lesão corporal (-9%) e estupro, com 32 ocorrências, contra 47 no ano anterior. Já em Várzea Grande

houve um aumento de 38% nos casos de estupro, com 18 casos.

Nos casos de ameaça

ouve uma queda de 1% e nas lesões corporais de 3%.

(Com informações da

Assessoria)

ANEXO 4 (TEXTO 4) - De janeiro a junho 181 mulheres são vítimas de estupro em Mato Grosso.

De janeiro a junho, 181 mulheres são vítimas de estupro em MT

Assessoria

De janeiro a junho deste ano, 181 mulheres foram vítimas de estupro em Mato Grosso, segundo um levantamento divulgado pela Secretaria Estadual de Segurança Pública (Sesp-MT), na terça-feira (16). São contabilizados na listagem os casos em que as vítimas têm idade entre 18 e 59 anos de idade.

Em comparação do mesmo período do ano passado, quando foram registrados 196 casos, o número de registros diminuiu 8%.

De acordo com o levantamento, o número de vítimas meninas menores de 18 anos de idade diminuiu. Esse ano foram registrados 93

casos. Em contrapartida, 143 registros foram feitos no ano passado.

Essa classificação de faixa etária engloba os sexos feminino e masculino. Quanto

ao números de estupro de vulnerável, que engloba vítimas menores de 14 anos de idade (meninos e meninas), os dados são considerados pelo governo como alarmantes.

Foto: Ilustração



ANEXO 5 (TEXTO 5) – Eliene cumpre maioria das metas do PDI 2018; trabalho é enaltecido pelo prefeito.

Eliene cumpre maioria das metas do PDI 2018; trabalho é enaltecido pelo prefeito

Editoria - Sinélio Alcântara

A Secretaria Municipal de Educação de Cáceres – SME encaminhou ao prefeito Francis Maris Cruz, na terça-feira (29/1), os resultados anuais da Pasta, referentes ao Programa de Desenvolvimento Institucional Integrado, o PDI de 2018. O PDI foi implantado em 2012 pelo Tribunal de Contas de Mato Grosso – TCE, com a finalidade de contribuir para a melhoria da qualidade dos resultados da gestão, em benefício da sociedade.

Em Cáceres, desde o início da sua primeira gestão, em 2013, o prefeito Francis e segundo a vice-prefeita e secretária municipal de Educação, Eliene Liberato Dias, têm dado atenção especial a este projeto. Pautado pela transparência e controle social, educação continuada, eficiência, inovação e planejamento, o PDI passa a auxiliar a prefeitura a trabalhar com foco nas necessidades da população e na prestação de serviço eficiente.

Eliene informa que todas as secretarias, a Autarquia Águas do Pantanal e a Previ-Cáceres, que compõem o Executivo Municipal, trabalham com metas

do PDI.

Para ela, a Secretaria Municipal de Educação tem se esforçado ao máximo para cumprir e atingir as metas estabelecidas pelo TCE. “São metas de curto e longo prazo que temos que atingir”, explica Eliene.

Entre as metas de curto e longo prazo, todas estabelecidas em percentual estão, aumentar a oferta de vagas para crianças da Educação Infantil, elevar a proficiência de Matemática e Português para os alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, reduzir a distorção idade/ano e a evasão escolar, e elevar o índice de alfabetização até o 3º Ano e aprovação dos alunos do 3º ao 9º Ano.

“Tivemos avanços significativos nos índices e atingimos a maioria delas, oito de onze metas propostas atingidas. Isso demonstra que estamos no caminho certo. Nossa equipe está empenhada em cumprir o que foi estabelecido e o que compete a cada um”, observa a secretária.

Eliene Liberato, explica que na meta de se elevar o índice de aprovação do Ensino Fundamental do 3º ao 9º Ano, ainda não foi possível finalizar os dados, porque algumas escolas ainda não encerraram o Ano Letivo de 2018. “Tão logo haja a conclusão, esse percentual



Entre as metas de curto e longo prazo, todas estabelecidas em percentual estão, aumentar a oferta de vagas para crianças da Educação Infantil, elevar a proficiência de Matemática e Português para os alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, reduzir a distorção idade/ano e a evasão escolar, e elevar o índice de alfabetização até o final do 3º ano, a meta ficou um pouco aquém do estabelecido e proposto, mas foi atingido o percentual de 61,51%.

Apesar de haver uma diminuição da redução de distorção idade/ano dos alunos do Ensino Fundamental, que estava com 07,04 % e o percentual sugerido de 6,09%, a SME atingiu 6,67%.

Um percentual bem próximo ao estabelecido como meta. Na meta de elevar o índice

de alfabetização até o final do 3º ano, a meta ficou um pouco aquém do estabelecido e proposto, mas foi atingido o percentual de 61,51%.

Para o prefeito Francis, o PDI é uma ferramenta muito importante na Gestão municipal, pois auxilia a administração pública no alcance dos seus objetivos, dentre os quais estão o bem estar da população, com políticas públicas planejadas e possíveis de serem executadas. Francis enaltece a participação e

o envolvimento de todos, secretários, coordenadores, gerentes, técnicos e servidores que estão comprometidos em alcançar os objetivos do PDI.

“Para alcançar bons resultados na administração pública é necessário ter uma visão estratégica. Temos indicadores que nos mostram que, com planejamento os resultados aparecem com mais eficiência. Este é um diferencial da nossa Gestão” finaliza Francis.

ANEXO 6 (TEXTO 6) - Vítimas relatam momentos de horror na sala de cirurgia do hospital.

Vítimas relatam momentos de horror na sala de cirurgia do hospital



Dona de casa Rosa Maria Martins Pires, teve o filho morto por, supostamente, violência durante o parto

Dos mais de 30 casos reclamados à Ouvidoria do Hospital São Luiz e, posteriormente, encaminhados ao Ministério Público, em Cáceres, entre os anos de 2017 e 2018, seis se destacaram: o da comerciante Gleice Anne Costa Amorim, que foi atingida, humilhada e discriminada

pelo médico; da dona de casa Rosa Maria Martins Pires, que teve o filho morto por, supostamente, violência durante o parto.

E, ainda da costureira Vanessa Pereira da Silva, que chegou a desfalecer pela brutalidade durante o parto; da assistente Fernanda Pereira Machado

e Meiriane Sodré Domiciliano, que descreveram o tratamento empregado como "trágico e negativamente inesquecível" e a dona de casa Ana Paula Cuiabano Gomes que traumatizada até hoje diz que está sendo acompanhada por psicólogos e psiquiatras.

Em relato ao promotor

Rinaldo Segundo, a comerciante Gleice Costa disse que, além do tratamento desumano a que foi submetida, durante o trabalho de parto, o médico a mandava calar a boca, constantemente, quando reclamava de dor.

E, em dado momento, conta ela, o médico disse "larga de frescura e abre essa porra da perna" e que o médico ainda questionou a paternidade do bebê, insinuando que a paciente não teria conhecimento de quem seria o pai da criança.

De acordo com o promotor, todos os casos relatados pelas vítimas são graves, mas o da dona de casa Rosa Maria Pires foi pior. Ela narrou que, todo trabalho do parto durou cerca de 6 horas.

E, que todo esse tempo sofreu as mais terríveis tortura e humilhações. Lembra que, antes de o bebê nascer, após vários toques, a criança chegou a ser expelida de forma parcial do seu ventre e que teve essa confirmação por sua acompanhante.

Mas, em seguida o médico que havia saído, retornou a sala e se

valendo de sua profissão disse que daria novo toque, firmemente contrariado pela parturiente, que sem forças e meios para impedir, sentiu seu bebê retornando para o seu ventre, momento em que diz ainda ter visto as luvas utilizadas pelo médicos repleta de sangue. Além das torturas e humilhações o bebê faleceu, supostamente, pelo tratamento desumano do médico.

As demais Vanessa, Fernanda, Meiriane e Ana Paula, narraram situações semelhantes. E, que além da violência obstétrica a que foram vítimas, afirmaram que, apesar de reclamarem na Ouvidoria, nunca foram chamadas pela diretoria do hospital, nem mesmo para uma solidariedade.

A informação no hospital é de que os médicos pertenciam a uma empresa terceirizada, cujo contrato foi rescindido após o escândalo das violências contra as mulheres durante o parto.

O Conselho Regional de Medicina (CRM) instaurou um processo administrativo que até hoje, próximo de dois anos não foi concluído.

ANEXO 7 (TEXTO 7) - Governo promove ações pelo aleitamento materno por todo Estado.

Governo promove ações pelo aleitamento materno por todo Estado

José Augusto Corrêa | PROCON-MT

A Secretaria de Estado de Saúde disponibiliza uma série de ações para a promoção do aleitamento materno, voltadas aos 141 municípios. As atividades estão inscritas na Agenda Única do Agosto Dourado 2019, por meio da Equipe de Promoção do Aleitamento Materno e Alimentação Complementar Saudável.

De acordo com a área técnica, 69 municípios realizaram as inscrições de suas atividades no formulário da Agenda Única. O link <http://www.saude.mt.gov.br/informe/546> ainda está disponível para novas inscrições e adesões dos municípios que não se inscreveram.

Criada em 1992, a Semana Mundial da Amamentação (SMAM) é celebrada entre os dias 1º a 7 de agosto. No Brasil, por meio da Lei 13.435/2017, foi instituído o mês do Aleitamento Materno, sendo denominado "Agosto Dourado", em referência ao leite materno, que é considerado padrão ouro para a alimentação da criança menor de

dois anos. Neste mês, as ações de promoção do aleitamento materno são intensificadas em todo o país.

Membro da Coordenadoria de Promoção e Humanização da Saúde da Superintendência de Atenção à Saúde da SES-MT e nutricionista, Rodrigo Carvalho destaca a importância do leite materno para a saúde dos bebês.

"O leite materno contém todos os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento, até os seis meses, e, em proporções ideais, a sua capacidade digestiva auxilia na formação das células de defesa; reduz o risco de alergias; melhora a resposta à vacinação; melhora o desenvolvimento da cavidade bucal; melhora o desempenho em testes de QI e diminui o risco de doenças crônicas.

Para a mãe, o aleitamento ajuda a retornar ao peso pré-gestacional, reduz o risco de hemorragia após o parto e a chance de câncer de mama, além de promover o vínculo afetivo entre mãe e filho e a melhora da qualidade de vida para toda família", explica.

Bancos de leite - Em Mato Grosso, existem dois postos de coleta e três bancos de leite humano. O Hospital Geral

conta com o centro de referência Dr. José de Faria Vinagre e disponibiliza um posto de coleta dentro do Hospital e Maternidade Santa Helena, em Cuiabá.

O Hospital Universitário Júlio Müller também conta com um banco de

leite e disponibiliza um posto de coleta dentro do Hospital Infantil e Maternidade Femina, também na Capital. O terceiro banco de leite está localizado em Rondonópolis, no Hospital Santa Casa.

Foto: Associação



No Brasil, por meio da Lei 13.435/2017, foi instituído o mês do Aleitamento Materno, sendo denominado "Agosto Dourado"

ANEXO 8 (TEXTO 8) - Outubro Rosa: Desencontro de informações entre hospital e secretaria gera prejuízo ao município.

“Outubro Rosa”: Desencontro de informações entre hospital e secretaria gera prejuízo ao município



Editoria – Sinézio Alcântara

Desencontro de informações entre a Secretaria Municipal de Saúde e o Hospital Regional “Dr. Antônio Fontes”, em Cáceres pode gerar prejuízo financeiro e desconforto a pacientes que desejam fazer o exame de prevenção ao câncer de mama, a mamografia. O município aderiu à campanha “Outubro Rosa” levando dezenas de mulheres, semanalmente, para realizar o exame na Santa da Casa de Misericórdia, em Cuiabá, enquanto o Hospital Regional disponibiliza 300 vagas, mensalmente, para esse procedimento e nem 50% são preenchidas.

O “Outubro Rosa” é o mês de conscientização sobre a gravidade do câncer de mama, em todo o país, que o município de Cáceres, através da Secretaria de Saúde, no mês de setembro, foram realizados 48 exames de mamografia, em Cuiabá e 51 no Hospital Regional, em Cáceres. No mês de outubro, até na sexta-feira, foram 106 na Santa Casa e nenhum no município. A secretária Silvana Maria de Souza ressalta que, mensalmente (segunda,

quarta, sexta e sábado) são levados, mais de 100 pacientes para o exame em Cuiabá para assistência através de locomoção dos pacientes, na capital.

“Disponibilizamos 300 exames de mamografia, mensalmente, para Cáceres e os demais municípios da região. Equivalente a 11 exames por dia. No entanto, não são realizados nem 50% porque os pacientes não

Câncer de mama é o tipo mais comum entre as mulheres no mundo e no Brasil

aparecem” reclama o diretor administrativo do Hospital Regional Onair Nonueira. Segundo ele, o hospital oferta também 600 vagas para exames de tomografia.

O diretor salienta que existem, atualmente, em tratamento de câncer de mama no hospital 109 pacientes.

As justificativas para ausência de pacientes para realização do exame no Hospital Regional são controversas. A secretária Silvana Maria diz que, a maioria dos pacientes é encaminhada para Cuiabá, porque recebeu informação da Central de Regulação – órgão que faz o cadastramento dos pacientes – de que o mamógrafo do Hospital Regional estará quebrado. E, que mesmo assim, no mês de setembro foram encaminhados para o H.R 51 pacientes.

Por outro lado, Onair contesta. Diz que, o aparelho está funcionando normalmente e que, a peça danificada do mamógrafo, não impede a realização do exame. Tanto é, segundo ele,

que vários procedimentos dessa natureza foram realizados nos últimos meses. O que falta são pacientes. A peça que estava danificada não impedia de fazer os exames”.

A Secretaria de Saúde esclarece que “o município de Cáceres dispõe de uma cota mensal de exames, conforme compactado pelo Estado. No mês de setembro foram liberados pela Central de Regulação para o Hospital Regional 51 exames. No mês de outubro não foi feita nenhuma liberação porque, não foi liberado o agendamento pela unidade. Em contrapartida, o município está sendo atendido da melhor forma possível pela Santa Casa”.

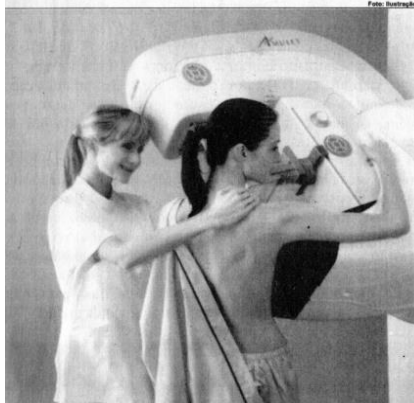
Enquanto, permanece a dissintonia entre o hospital e a secretaria, o município continua gastando para levar pacientes e deixar um veículo à disposição para locomoção na capital. Sem contar o desconforto dos pacientes transportados para outra cidade, quando poderiam realizar o exame em Cáceres.

Outubro Rosa - Outubro é

conhecido mundialmente como um mês marcado por ações afirmativas de conscientização da doença, proporcionando maior acesso aos serviços de saúde e diagnóstico precoce. As ações realizadas durante o mês contribuem para a redução da mortalidade do câncer de mama da mulher cearense.

Câncer de mama é o tipo mais comum entre as mulheres no mundo e no Brasil, depois do câncer de pele não melanoma. O tumor responde, atualmente, por cerca de 28% dos casos novos de câncer em mulheres. Ele também acomete homens, porém é raro, representando menos de 1% do total de casos da doença. Relativamente raro antes dos 35 anos, acima desta idade sua incidência cresce progressivamente, especialmente em mulheres acima de 50 anos.

Existem vários tipos, porém alguns evoluem de forma mais rápida.



ANEXO 9 (TEXTO 9) - Prefeita Eliene recebe Mauro Mendes em Cáceres, governador inaugura escola e garante recursos para asfalto da rua Membeça.

Escola Técnica Estadual é inaugurada depois de 10 anos Prefeita Eliene recebe Mauro Mendes em Cáceres, governador inaugura escola e garante recursos para asfalto da rua Membeça

Assessoria

A Prefeita de Cáceres, Eliene Liberato Dias, recebeu o governador Mauro Mendes, na manhã desta terça-feira (29), no Aeroporto Municipal Nelsom Martins Dantas.

De lá, seguiram em comitiva para visitar a rua da Membeça, no bairro Faracanzinho, onde o Mauro Mendes garantiu recursos superiores aos R\$ 5 milhões de reais para o asfaltamento dessa importante via pública.

Após a visita, a comitiva se deslocou para a inauguração da Escola Técnica Estadual de Cáceres. A unidade faz parte de um pacote de oito escolas padrão, lançadas pelo governo Federal em parceria com o Estado de Mato Grosso e



Escola Técnica Estadual entregue a população

que ficaram paralisadas por mais de 10 anos.

O secretário de estado de Ciência e Tecnologia, Nilton Borgato disse que as obras foram licitadas novamente em 2019 e destacou que o governador Mauro Mendes tem uma posição clara sobre lançar e inaugurar

obras. "Tudo que conseguimos fazer foi graças ao empenho do Governador Mauro Mendes. Esta escola estava com sua construção paralisada a mais de uma década e hoje estamos aqui inaugurando ela", reconheceu Borgato.

A prefeita Eliene Liberato Dias, em tom emocionado, disse

que Cáceres vivia um momento histórico, pelo asfaltamento da Membeça e pela inauguração da Escola Técnica. "É muito bom a gente estar à frente, na condução de um município, quando se tem um governo sério, colocando o estado nos trilhos, fazendo justiça social e fiscal. Isso Governador, demonstra a sua responsabilidade e o compromisso que o senhor vem tendo com Mato Grosso e os mato-grossenses", destacou Eliene.

A prefeita agradeceu os apoios dos deputados estaduais Max Russi, Moretto, Dr. Gimenes, ao suplente Túlio Fontes e o deputado federal Dr. Leonardo, parceiros de primeira hora do município de Cáceres junto ao governo do estado.

Eliene felicitou Mauro Mendes em nome da população cacerense. "O que me deixa mais feliz é a dignidade que os estudantes vão ter em estudar aqui, e a dignidade que vão sentir os moradores da rua da Membeça. Obrigada por mim e pelo povo de Cáceres", parabenizou a prefeita. Finalizando, o Governador Mauro Mendes disse que as obras que o governo realiza tem um padrão de qualidade e que em respeito aos profissionais que

irão trabalhar e aos alunos, estava entregando uma escola de qualidade e com uma estrutura moderna e anunciou o nome do estabelecimento de ensino. "Esta escola vai se chamar Professor Adriano Silva, em homenagem a um grande amigo e que muito lutou para a sua conclusão", assinalou Mendes.

Mauro citou todos os projetos que estão em andamento no município destacando a ZPE MT 343, obras de asfalto, que incluía a Membeça e por último a recuperação administrativas do Hospital São Luiz, que será dirigido pela Secretaria de Estado de Saúde. "São muitas obras e projetos para Cáceres e para a região Oeste de Mato Grosso que tem recebido um grande volume de investimentos através do Programa Mais MT", concluiu Mauro Mendes.

Prestigiaram o evento o vice-prefeito Dr. Odenilson Silva, o deputado estadual Max Russi, o suplente de deputado Túlio Fontes, os prefeitos de Rio Branco, Luiz Carlos, de Salto do Céu, Professor Malto e de Glória D'Oeste, Gheysa Borgato, o presidente da Câmara Municipal, Professor Domingos, vereadores, secretários municipais e autoridades civis e militares.

ANEXO 10 (TEXTO 10) - Eliene, Valdeníria e Túlio são os mais lembrados em pesquisa interna para sucessão municipal.

Expressão CACERES/MT DOMINGO 14 DE JULHO DE 2019 03

POLÍTICA

Eliene, Valdeníria e Túlio são os mais lembrados em pesquisa interna para sucessão municipal



A vice-prefeita Eliene Dias, a vereadora Valdeníria Ferreira, ambas do PSDB, e o ex-prefeito Túlio Fontes (PV) são os nomes mais lembrados para substituir o prefeito de Cáceres, Francis Maris Cruz (PSDB)

Editoria - Sinízio Alcântara

A vice-prefeita Eliene Liberato Dias, a vereadora Valdeníria Dutra Ferreira, ambas do PSDB, e o ex-prefeito Túlio Fontes (PV) são os nomes mais lembrados em uma pesquisa interna, para substituir o prefeito de Cáceres, Francis Maris Cruz (PSDB), nas eleições de outubro, de 2020.

A sondagem, sem valor científico, porque não ter sido registrada em cartório, foi realizada no mês de junho, encomendada pelo próprio prefeito.

Além da vice-prefeita, da vereadora e do ex-prefeito, completam o quadro dos cinco mais lembrados para a sucessão, o ex-secretário Valdeci Rodrigues (PR) e o ex-reitor da Unemat, professor Adriano Silva (DEM). Outros nomes, como do secretário de Meio Ambiente e Turismo, Junior Trindade, vereador Claudio Henrique, ex-vereador, Marcinho Lacerda, o empresário Claudio Oliveira e os médicos Odenilson e Sérgio, também são citados.

A sondagem, de acordo com o prefeito, é uma forma de "monitorar" o desempenho dos eventuais candidatos do seu grupo político à sucessão municipal. Ele reafirma que independente de quem quer que seja, irá apoiar quem estiver maior índice de aprovação junto à população.

"Eu fiz um acordo com os eventuais candidatos do grupo. Não importa quem seja. Iremos apoiar quem tiver maior aprovação junto a população. E, para saber, somente através de pesquisa", justifica acrescentando que essa foi a terceira sondagem - sem valor científico - realizada a seu pedido, neste ano. Nas anteriores os nomes lembrados pela população, foram os mesmos. O que muda constantemente, segundo ele, é a colocação.

"Cada vez um nome se desponta. Mas, o da vice-prefeita, em todas as amostras aparece entre os três mais lembrados" diz revelando que, outro nome bastante citado, entre os eleitores, é do deputado federal doutor Leonardo (SD).

Porém, em contato com a reportagem, o parlamentar representante da região de Cáceres, na Câmara Federal descarta possível candidatura, afirmando que não irá concorrer no pleito municipal. "Fico feliz, afinal é a minha casa."

Da vez passada lembraram o meu nome e agora de novo. Faço parte de um grupo que está em um momento de construção, tem vários nomes bons. Além disso, não é momento de decidir ainda".

Além da vice-prefeita Eliene Liberato, o nome da vereadora Valdeníria Ferreira é o que mais tem crescido junto ao eleitorado, nos últimos tempos, em Cáceres.

De cinco mandatos na Câmara Municipal, ela, inclusive, foi a mais votada para deputada estadual no município, no ano passado, quando obteve 9.440 votos. Embora, se manifeste contrário há algumas ações da administração, o prefeito assegura que irá apoiar quem tiver maior aprovação da população.

ANEXO 11 (TEXTO 11) - Eliene deixa o PSDB e se filia ao PSB para ser candidata do partido.

Eliene deixa o PSDB e se filia ao PSB para ser candidata do partido

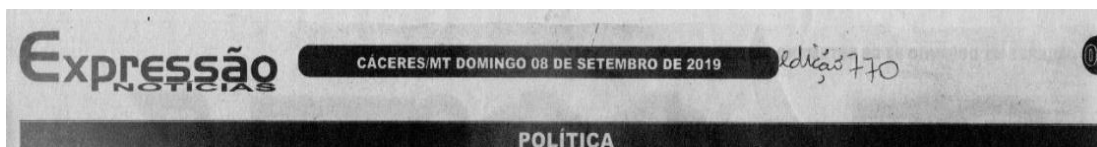
Foto: WEB



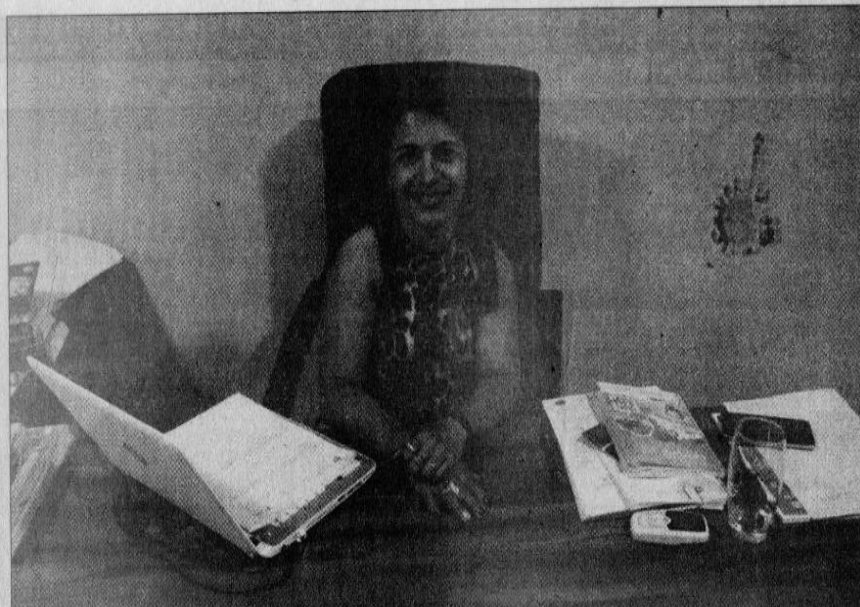
Depois de 19 anos filiada ao PSDB à vice-prefeita Eliene Liberato Dias, deve deixar o partido e migrar para o PSB. As articulações nesse sentido estão avançadas. A proposta seria mudar de legenda para assumir, sua candidatura à sucessão municipal. O anúncio deve ser feito ainda nesta semana. Eliene vinha sendo “sondada” por

vários partidos, mas optou-se pelo PSB em razão, segundo ela, da boa acolhida. A intenção será levar ainda a vereadora Valdeníria Ferreira, que também está no ninho tucano. **Mais informações na próxima edição.**

ANEXO 12 (TEXTO 12) - Depois de um ano e seis meses Eliene deixa Educação, Luzinete irá assumir a pasta.



Depois de um ano e seis meses Eliene deixa Educação, Luzinete irá assumir a pasta



Editoria – Sinézio Alcântara

Acumulando a função de vice-prefeita e secretária municipal de Educação, há um ano e seis meses, Eliene Liberato Dias (PSDB) deve deixar a secretaria, nos próximos dias. A vice-

prefeita será substituída, na pasta, pela diretora da escola municipal do Paiol, professora Luzinete Jesus de Oliveira Tolomeu.

O prefeito Francis Maris Cruz diz que a escolha foi por critérios técnicos. Além de professora, Luzinete é diretora da escola Paiol, já foi coordenadora da Secretaria de Educação,

inclusive, assumindo o cargo de secretária, temporariamente, durante o período de férias de Eliene.

Embora a decisão já esteja tomada, a vice-prefeita diz que permanece na secretaria organizando e concluindo algumas ações. A intenção, segundo Eliene, será deixar tudo organizado para sua sucessora. Diz que,

irá deixar a Educação para auxiliar ainda mais a administração, nos projetos macros do município.

“Continuo na gestão trabalhando e defendendo os interesses do município como sempre fiz. Ainda mais agora, ajudando na execução de projetos macros da nossa cidade” disse afirmando que seu compromisso com o

prefeito foi assumir a secretaria por um ano. E já se passaram um ano e seis meses.

A vice-prefeita lembra que assumiu a secretaria no dia 14 de fevereiro de 2018, dois dias antes do início do ano letivo, num momento de grande dificuldade. “Era uma situação crítica. Havia descontentamentos e indicativo de greve dos professores. Graças à Deus com muito trabalho revertemos a situação”.

Enfatiza que foram elaboradas e executadas inúmeras ações, como reformas nas escolas, chamamento de professores aprovados em concursos, regularização do transporte escolar, entre outros. Mas, destaca que os avanços só foram possíveis graças ao empenho e determinação dos

“A secretaria é uma verdadeira família. Todos trabalham e se dedicam para que os avanços aconteçam. Sou eternamente agradecida à todos que me ajudaram a superar os inúmeros obstáculos da pasta” disse. Maiores detalhes sobre a saída de Eliene e a posse de Luzinete na edição do Jornal expressão.

ANEXO 13 (TEXTO 13) - “Será preciso uma geração para mudar a cultura da violência contra mulher”, diz ativista em Cáceres.

Cáceres-MT, quarta-feira 18 de março de 2020

CORREIO CACERENSE



PALESTRA

Bater, matar e abusar da mulher é uma questão Cultural que levará uma geração para mudar “Será preciso uma geração para mudar a cultura da violência contra mulher”, diz ativista em Cáceres

Assessoria

Foto: Evelyn Borelli De Miranda



Evento foi prestigiado por grande público

Há alguns anos, o juiz Geraldo Fidelis e seu irmão, Nestor, advogado conceituado no Estado, responderam a mesma coisa sobre um questionamento feito sobre uma discussão sobre o combate ao alcoolismo

entre menores. ‘Vai ser preciso uma nova geração para mudar essa cultura’.

Também em um período não tão distante, o respeitado biólogo e professor da Unemat, Cláudio Muniz, também deu a mesma resposta quando questionado

sobre a educação ambiental, e a persistente mania de jogar lixo no rio Paraguai. ‘Será preciso educar uma nova geração para por fim a isso’, declarou a época.

Na última sexta-feira, 13, a doutora Ana Emilia Iponema Brasil Sotero, militante pelo direito das mulheres e uma referência nacional, deixou isso bem claro em relação à violência contra a mulher, durante uma palestra no Centro de Convenções Maria Sophia Leito (Sienmar), em Cáceres, promovida em conjunto pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) em parceria com a Faculdade do Pantanal (Fapan), Comissão da Mulher Advogada (3ª Subseção OAB Cáceres) e Caixa de Assistência dos Advogados (CAAMT).

‘Bater, matar e abusar da mulher é uma questão cultural que levará uma geração para mudar’, enfatizou, explicando de forma objetiva que no Brasil existe uma cultura machista patriarcal que ‘institucionalmente coloca o homem na condição de ‘dono da mulher’. ‘O filho homem nasce e cresce vendo isso em casa e entende que é normal, mas não é. Ninguém é dono de ninguém’,

disparou.

Ana Emilia afirmou durante sua palestra que a Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, batizada de ‘Maria da Penha’, deu e tem dado uma importante contribuição para redução da violência contra a mulher. Apesar disso, ele disse indiretamente, que a legislação precisa ser ajustada e endurecida. ‘Apesar da Lei, continuam matando, batendo e abusando das mulheres. A Lei precisa ser endurecida para isso acabar’, frisou.

Para ilustrar esta afirmação, ela lembrou que a Constituição Federal estabelece igualdade entre homens e mulheres, porém isso não existe na prática, as provas foram a criação de leis como a ‘Maria da Penha’, ECA e o Estatuto do Idoso. ‘Bastava apenas obedecer a Constituição, mas isso não acontece’, lamentou.

Durante a palestra, chamou a

atenção a abordagem de que a violência contra a mulher não se resume a agressões e feminicídios.

Ela mostrou uma dezena de exemplos de violências abusivas consideradas simples, como por exemplo, o ciúme. Ana Emilia também esclareceu que o álcool, drogas e distúrbios psíquicos masculinos não são motivadores da violência contra a mulher. ‘Eles são só o gatilho’, afirmou.

Ela finalizou afirmando que o principal elemento para reforçar o combate à violência contra a mulher são políticas públicas. ‘Dependes, como as mulheres vão abandonar um lar. É preciso de uma casa de apoio, ajuda psicológica’, disse, acrescentando que tanto vítima como agressor, precisam de ajuda. ‘Ambos são vítimas de um sistema familiar culturalmente machista’, concluiu.

ANEXO 14 (TEXTO 14) - Semana da Mulher: Ao som de violino, alunos do Projeto Lobo Guará prestam homenagens as (sic) mulheres.

SEMANA DA MULHER

Ao som de violino, alunos do Projeto Lobo Guará prestam homenagens as mulheres

Da Redao

Em um evento marcado pela emoo, ao som do toque de violino, alunos do Projeto Lobo Guará prestaram homenagens a mulheres de diversos segmentos da sociedade cacerense. Na ao, que faz parte de uma atividade extracurricular, as homenagens foram realizadas com visitas particular a cada mulher, onde devido a pandemia, todos os protocolos de biossegurança foram respeitados.

O projeto de homenagens, foi pensado com o objetivo de relembrar as conquistas já obtidas pelas mulheres ao longo da história, bem como sobre os direitos da mulher que continuam sendo violados na busca por um espaço social com igualdade de gênero e oportunidades.

O Projeto Lobo guará, desenvolvido pelo IFMT Campos Cáceres em conjunto com a Polícia Ambiental e o Rotary Club de Cáceres, visa uma formao integral, preparando os alunos para um olhar multiplicador como defensores do Meio Ambiente, sem perder a essência social, trabalhando sempre a valoro da vida.

O aluno Pedro ao violino

encantou pelo talento, Alisson com sua voz suave cantou para as mulheres e a aluna Raquel relembrou em sua fala bastante emocionada a luta travada até os dias de hoje pelas mulheres.

O rotariano Jorge Rodrigues, coordenador do projeto pelo Rotary, destacou que homenagear as mulheres e comemorar as conquistas faz parte do processo de memória e permanente construo da sociedade. "As dificuldades nos momentos de luta, no qual de forma isolada parecem pedras, se transformam em degraus e a cada comemorao solidificam a confiança após grandes histórias de conquistas".

Na oportunidade representado as mulheres de Cáceres, foram homenageadas a prefeita Eliene Liberato, na OAB as advogadas Linnete Dantas e Raquel Mendes, as vereadoras Mazh e Valdeníria, a empresária e presidente do Rotary Cáceres, Rosane Michelis, a Delegada Judá Maali Marcondes, a tenente Rosana da Força Tática, Dona Sueli e Dona Onilda.

Foto: Divulgao



Homenagens marcou a data em Cáceres

ANEXO 15 (TEXTO 15) - Cerca de 300 pessoas participaram da Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres.

04

CORREIO CACERENSE

Cáceres-MT, quarta-feira 20 de março de 2019

ARTE E CULTURA

O evento, que buscou dar continuidade às discussões iniciadas na primeira edição, foi forte, bonito e potente do ponto de vista político, científico e cultural

Cerca de 300 pessoas participaram da Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres

Assessoria



Mostra reuniu diversos trabalhos com temáticas diferentes

Foram dois dias inteiros de programação, mais de 300 participantes inscritos, 3 rodas de conversa, 8 oficinas, 35 pôsteres na mostra acadêmica com diferentes temáticas abordadas nos trabalhos científicos, e ainda, muitos artistas locais que trouxeram sua arte para se juntar a nós nessa importante mobilização evidenciando a participação das mulheres no

cenário político e social.

O evento, que buscou dar continuidade às discussões iniciadas na primeira edição, foi forte, bonito e potente do ponto de vista político, científico e cultural.

Foi um deleite para os olhos, para as bocas e para os corpos de todxs que estiveram conosco refletindo, colaborando e debatendo sobre as mulheres na atualidade, bem como sua

promoção em todos os espaços sociais e políticos de poder.

A Mostra aconteceu em Cáceres, entre os dias 15 e 16 de março e foi realizado pelo Centro de Referência de Direitos Humanos (CRDH) da Unemat, Campus Jane Vanini, em parceria com a Adumemat.

Contou com o apoio dos parceiros DCE, SINTEP, CMDM Cáceres, SINASEFE e Unopar.

ANEXO 16 (TEXTO 16) – EMPODERADAS: Encontro da mulher rural acontece hoje em Cáceres.

EMPODERADAS

Encontro da mulher rural acontece hoje em Cáceres

Assessoria c/ Redação

A Prefeitura de Cáceres através da Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Econômico e a Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência E Extensão Rural (Empaer), realiza neste sábado, (14), o 6º Encontro de Mulheres Rurais do município de Cáceres, no Centro de Eventos Maria Sofia Leite, na Sicmatur, com início às 7h00, apresentando palestras, almoço dançante, sorteio de brindes e roda de conversas entre mulheres.

Segundo a extensionista social da Empaer Elicineia Aparecida Fortes, a popular Nega, as participantes do evento chegam pela manhã em ônibus ofertados pela organização e o credenciamento acontece logo na chegada, enfatizando que o dia todo será de atividades, com destaque o compartilhamento de idéias e ideais das integrantes do encontro.

O secretário Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Econômico, Junior Trindade, explicou que é um dia especial para homenagear a mulher do Campo, que planta, colhe, cuida

da natureza, da família, é responsável pela renda da família. “O evento é para valorizar essa lutadora que gera o desenvolvimento no agronegócio, fomentando a liderança e o empreendedorismo feminino rural”, finalizou Junior.

Conforme o prefeito Francis, o Brasil é um país do Agronegócio e sua gestão tem como dever, reconhecer a força da mulher rural e dar oportunidade para que ela desenvolva o empreendedorismo.

O gestor municipal de Cáceres, tem valorizado o profissionalismo da mulher com suas habilidades para encontrar soluções de problemas transformando com um jeito especial em oportunidades.

De acordo com o engenheiro agrônomo e coordenador da Empaer em Cáceres, José Antônio Gonçalves, o objetivo deste encontro sabatino, é proporcionar um momento de descontração e união entre as mulheres do campo.

Foto: Arquivo



Evento homenageia a mulher, que planta, colhe, cuida da natureza e da família

ANEXO 17 (TEXTO 17) - AS MIGUXAS: Amigas promovem o Natal das crianças em creche em Cáceres.

AS MIGUXAS

Amigas promovem o Natal das crianças em creche em Cáceres

Da Redação

Natal e solidariedade é uma mistura que combina e muito e neste contexto, quando chega a época das festas alusivas ao nascimento do Menino Jesus, em Cáceres o espírito colaborativo reúne há 5 anos um grupo de amigas, batizado de Miguxas, que se mobilizam com o único propósito de levar alegria a pessoas carentes.

Organizado pela professora aposentada Helena Silva, integram o grupo, as amigas Ana Paula, Aparecida Stefani, Clarice, Cristina, Dilza,

Ryvia, Edileusa, Eliane, Heloisa, Maria Isabel, Jane Belotti, Jaqueline, Jureina, Ana Leny, Maria Conceição, Cristina Serrou, Maria José, Maria Stael, Marli Cintra, Marquesa Paesano, Rosa, Rosália Maciel, Suelen Cuiabano, Suely, Vanda, Viviane Pavini, Zilda, Luciene (dinha), Mara e Daniele, que juntas fazem a diferença.

Esse ano as Miguxas escolheram a Creche Gotinhas do Saber, para receber o Papai Noele com a ajuda dos Correios na pessoa do gerente Machado, escolheram as cartinhas das

crianças, que no sábado, 14, receberam das mãos do Bom Velhinho os presentes e puderam saborear deliciosas guloseimas e participar de divertidas brincadeiras.

De acordo com Helena, mais de 100 crianças receberam além do presente, carinho, atenção e amor. "Essa ação tem crescido a cada ano, por envolver pessoas, calor humano, a busca por Jesus, a partilha e especialmente, a esperança de um Natal feliz e de paz", concluiu.

Com certeza o resultado da ação foi muita emoção e diversão entre os pequenos, que estampavam felicidade ao abrir o presente.



Descontração, alegria e amor na entrega dos presentes pelas Miguxas

ANEXO 18 (TEXTO 18) - ELEIÇÕES 2020: Ato político oficializará filiação de vice-prefeita Eliene no PSB.

ELEIÇÕES 2020

Ato político oficializará filiação de vice-prefeita Eliene no PSB

Da Redação

O Partido Socialista Brasileiro (PSB) realizará, na próxima sexta-feira (25) e sábado (26), um ato de filiação com o prefeito de Curvelândia, Sidnei Custódio, a vice-prefeita de Cáceres, Eliene Liberato, e o empresário de Comodoro, Hamilton Julio da Silva. Os eventos estão marcados para acontecer às 19h00 na

Câmara Municipal de Cáceres, durante a sexta-feira, e às 8h00, do sábado, na associação Associação Mato-grossense de Magistrados (AMAM).

Conforme o Presidente da Comissão Provisória do PSB em Cáceres, vereador Jerônimo Gonçalves Pereira, além da filiação, também será feita uma autorreforma partidária, que irá

abordar o tema “Inovação Policia, Comunicação Digital e Economia Criativa”.

Os encontros contarão também com a presença do presidente nacional do partido, Carlos Siqueira, do presidente estadual, deputado Max Russi (PSB), do vice-presidente da sigla no Estado, deputado Doutor Eugênio Paiva, além do senador e ex-governador do Amapá, João Capiberibe e representantes de outros partidos.



Eliene Liberato Dias troca assim o tucanato pelo socialismo brasileiro

ANEXO 19 (TEXTO 19) - CORRIDA ELEITORAL: Eliene e Dr. Odenilson apostam num plano de gestão técnico e humanitário.

CORRIDA ELEITORAL

Eliene e Dr. Odenilson apostam num plano de gestão técnico e humanitário

Assessoria

Dando início na corrida eleitoral pela prefeitura de Cáceres, a candidata Eliene Liberato (PSB) e vice Dr. Odenilson (Republicanos), apostam no “melhor plano de gestão para Cáceres”. A chapa conseguiu fechar uma aliança de 13 partidos e conta com 140 candidatos ao cargo no legislativo.

“Conhecemos bem nossa cidade e a nossa gente. Nosso propósito é manter o que está bom, mudar o que está ruim e fazer o que não foi feito”, disse Eliene, em vídeo de campanha ao lado do Dr. Odenilson. Conforme a candidata, uma vez na prefeitura, irá aliar as melhores técnicas de gestão, sem esquecer o lado social e humano.

“Precisamos de saúde, asfalto e educação. Mas também sem esquecer que precisamos de carinho, afeto e atenção”, aponta a candidata.

O vice Dr. Odenilson destacou a aliança montada em busca de uma cidade ainda melhor. “Vamos caminhar de mãos dadas com a nossa população e com os nossos 140 candidatos a vereadores. Com nossos apoiadores e nossos 13 partidos, onde foi formada uma grande aliança por Cáceres”, destacou.

A aliança formada pela chapa de Eliene Liberatto e Dr. Odenilson surpreendeu pela quantidade de partido e apoiadores, sendo registrada no sábado (26) com número recorde.

Os partidos da coligação “DE MÃOS DADAS COM VOCÊ”, são: REPUBLICANOS, PP, PDT, MDB, PSL, PODE, CIDADANIA, AVANTE, PROS, PSB, PV, PSD e SOLIDARIEDADE. “Vamos juntos, de mãos dadas, construir a Cáceres que tanto precisamos”, finalizou Eliene.

Foto: Ivanilson Barros



Eliene Liberato e Dr. Odenilson Silva

ANEXO 20 (TEXTO 20) - IN LOCO: Eliene diz que sua gestão terá geração de emprego e renda como prioridade.

IN LOCO

Eliene diz que sua gestão terá geração de emprego e renda como prioridade

Assessoria

Nova Era, Vila Real, Junco, Centro, DNER, Vila Irene, Cavalhada, São Luiz, Santa Cruz, esses foram alguns dos bairros visitados durante essa semana pela candidata à Prefeitura de Cáceres, Eliene Liberato (PSB) juntamente com seu vice, dr. Odenilson (Republicanos), que fazem parte da coligação de Mãos Dadas com Você.

Os moradores estão fazendo questionamentos mais voltados para

a saúde, geração de emprego, educação e água.

Eliene deixou claro em todas as reuniões que esteve presente, que em janeiro, assim que começar sua gestão, Cáceres retornará para o Consórcio Intermunicipal do Oeste de Mato Grosso.

"É um absurdo vocês terem que acordar de madrugada para pegar ônibus e irem para Cuiabá

realizar algum tipo de tratamento, sendo que aqui em Cáceres nós temos condições," diz Eliene.

A candidata também garante que investirá na logística para a reforma do aeroporto da cidade assim como o porto, o que trará para a população mais geração de emprego e consequentemente irá melhorar a renda populacional. Existe um perfil de consumo na cidade e é nele que Eliene irá focar.

Cultura, lazer e esporte. São pontos específicos que também geram um maior investimento e que é necessário para todo município. Cáceres é uma forte cidade de cultura, basta ser resgatada. Nela, temos o lazer que o Rio Paraguai nos proporciona, assim como clubes e cachoeiras.

O esporte é peça fundamental, assim como a educação, na construção do cidadão, pois a partir dele, muitos podem ter um futuro melhor e quem sabe, propiciar estruturas básicas dentro da própria casa.

Para Eliene "o jovem é reflexo daquilo que ele vive e aprende, então eu como gestora, tenho o dever de investir na educação e no esporte desde cedo."



Proposta de trabalho para geração de empregos

ANEXO 21 (TEXTO 21) - ELEIÇÕES: Eliene Liberato entra para história como a primeira mulher eleita prefeita em Cáceres.

Cáceres-MT, 17 e 18 de novembro de 2020 **CORREIO CACERENSE** www.jornalcorreiocacerense.com.br 03

ELEIÇÕES

Eliene Liberato Dias, vence as eleições e entra para história como a primeira mulher eleita para administrar Cáceres

Eliene Liberato entra para história como a primeira mulher eleita prefeita em Cáceres

Da Redação



Eliene Liberato e Dr. Odenilson 15.881 votos

Mostrando a força da mulher e a vontade de mudança por uma gestão mais humanizada, Eliene Liberato Dias, vence as eleições e entra para história como a

primeira mulher eleita para administrar Cáceres. Ela ao lado do vice-prefeito, o médico Dr. Odenilson Silva, vão assumir o comando da prefeitura em 1º de janeiro para o mandato que

terminará em 31 de dezembro de 2024.

Eles vão suceder o prefeito Francis Maris Cruz que foi eleito em 2012 e reeleito para o segundo mandato em 2016.



ANEXO 22 (TEXTO 22) - FORÇA DA MULHER: Professora Mazé é a primeira mulher negra eleita em Cáceres.

FORÇA DA MULHER

Professora Mazé é a primeira mulher negra eleita em Cáceres

Assessoria

A professora Maria José da Silva (PT) é a primeira mulher negra a vencer uma eleição em Cáceres. “Mazé”, como é conhecida na cidade, recebeu 432 votos e deve ocupar uma das 15 cadeiras do legislativo municipal à partir do próximo ano.

Nascida em Cáceres, Mazé atua até hoje como professora na Escola Estadual “Dr. José Rodrigues Fontes” e também na escola municipal “Fazendo

Arte”. Ao Cáceres Notícias a professora disse que terá um mandato dedicado ao respeito às minorias e aos desfavorecidos. “Na câmara de vereadores vamos levar pautas de luta que há muito tempo o movimento negro vem cobrando do poder público, o enfrentamento da violência contra a mulher além da atenção especial à mulher na saúde, e essas são só algumas das nossas pautas”, afirma a professora.

Foto: Assessoria



Mazé é cacerense e se elegeu com 432 votos

A atenção aos bairros periféricos também é um dos compromissos de Mazé para Cáceres. “Muitas crianças dos residenciais Minha Casa Minha vida brincam na rua, isso mostra quanto o poder executivo esteve ausente nos bairros. O valor arrecadado dos impostos é usado pra maquiagem o centro da cidade e os bairros distantes são abandonados”, diz Mazé. Nunca na história da Câmara de Vereadores de Cáceres, uma mulher negra havia ocupado o cargo de vereadora.

O resultado da Eleição de Mazé aconteceu poucos dias antes do Dia da Consciência Negra, comemorado nesta sexta-feira (20). “Isso é um fato histórico, quando uma professora antirracista, feminista e anti machista consegue ser eleita. A representatividade de uma mulher negra na câmara importa sobretudo para a identidade das nossas crianças”, completa ela.

De acordo com informações do Tribunal Superior Eleitoral, dos 15 vereadores eleitos em Cáceres apenas três se declararam pretos, outros cinco pardos e o restante (07) brancos. Além da professora Mazé, apenas uma outra mulher foi eleita na cidade, Valdeniria Dutra (PSC), que se declara como parda.

ANEXO 23 (TEXTO 23) - Grupo Juba promove evento de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade.

EMPODERAMENTO DA MULHER

Grupo Juba promove evento de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade

Assessoria

No Dia 08 de Março foi comemorado o Dia Internacional da Mulher. O Grupo Juba, mais uma vez, reconhecendo a importância delas no contexto social e familiar, desenvolveu diversas atividades e reuniu a maioria das 200 mulheres que fazem parte da empresa, para comemorar e refletir o verdadeiro papel delas na sociedade.

O principal evento foi uma palestra ministrada pela professora Neuliane Auxiliadora Rondon Garcia Cestari, que proferiu o tema “O Empoderamento da Mulher”. Durante a atividade dinâmicas e sorteios de prêmios socializaram e integraram as mulheres da família Juba.

Segundo Marta Luchesi Ribeiro, uma das diretoras da empresa, a participação das mulheres tem se estendido em importantes esferas da sociedade. “A prova disso é que só no Grupo Juba, 200 mulheres desenvolvem diversas funções e contribuem de maneira significativa com nossas empresas e suas famílias”, observa Marta.

Ela ressalta que as mulheres tem participado mais ativamente na construção de uma sociedade mais equilibrada e justa.

“Hoje, as mulheres tem se qualificado mais, chegam mais preparadas ao mercado. “Aqui no Recursos Humanos do Juba constato isso, as mulheres apresentam currículos ricos.

Isto demonstra a competitividade que o mercado de trabalho exige e como elas estão se preparando”, destaca a diretora.

Uma dessas mulheres que exercem cargo de liderança no Grupo Juba, é a gerente de uma das lojas da família Ribeiro, o Atacado Pantanal, que desde que foi inaugurado em 2013, está no comando de Edil Dos Santos Garcia.

Ela gerencia o maior Atacado do sudoeste de Mato Grosso. “É uma responsabilidade

muito grande estar à frente deste grande projeto, porém me sinto valorizada e amparada por todos colaboradores, clientes e principalmente pela diretoria”, salienta Edil.

Sobre a comemoração do Dia Internacional da mulher Edil parabenizou a iniciativa do RH que valorizou a mulher no âmbito profissional e social e oportunizou uma série de reflexões e comemorações numa data tão importante.

“Queria destacar o empenho da Marta Ribeiro, Vânia, Rubiana e Maria Aparecida Lira, a dona Cida, que não mediram esforços para sairmos daqui empoderadas e com a estima elevada”, finalizou Edil Garcia.

Foto: Assessoria



O Empoderamento da Mulher foi tema principal do evento

ANEXO 24 (TEXTO 24) - CERVEJA ARTESANAL: IFMT de Cáceres oferece curso para mulheres de assentamento.

CERVEJA ARTESANAL

IFMT de Cáceres oferece curso para mulheres de assentamentos

Assessoria c/ Redação

O Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) abriu inscrições para um curso de preparadora de cerveja artesanal para mulheres da Reforma Agrária no campus Prof. Olegário Baldo em Cáceres.

As inscrições serão realizadas até o dia 3 de junho em postos de inscrições abertos em Mirassol D'Oeste (Assentamento Roseli Nunes e Assentamento Margarida Alves) e em Cáceres (Assentamento Facão, Acampamento Renascer, Assentamento Vila Sadia e na Federação de órgãos para Assistência Social e Educacional de Cáceres (FASE-MT)). O edital completo pode ser conferido no site da instituição ou clicando aqui.

O curso é voltado para mulheres, maiores de 18 anos, assentadas ou acampadas da Reforma Agrária e tem duração de seis meses, com aulas ministradas três vezes por semana. O objetivo, segundo a instituição, é qualificar e aprimorar os saberes das mulheres com formação para cidadania e geração de renda para as alunas.

Ao todo, são 30 vagas com seleção feita através de sorteio. As matrículas serão realizadas entre os dias 5 e 6 junho. As aulas começam no dia 8 junho.

O curso é coordenado pelo professor Admilson Costa da Cunha, mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos.



Os kits para fabricação da cerveja são encontrados no mercado informal

ANEXO 25 (TEXTO 25) - CHOPP ARTESANAL: Camponesas participam de capacitação e criam cervejas.

CHOPP ARTESANAL

Camponesas participam de capacitação e criam cervejas

Assessoria

Cerca de 30 mulheres assentadas e acampadas de Cáceres e Mirassol D'Oeste, respectivamente, participaram de um curso de capacitação e criaram duas cervejas artesanais intituladas Cabocla Serrana e Crioula.

O curso foi ofertado pelo programa de extensão Tereza de Benguela do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Campus de Cáceres.

O curso, voltado para mulheres em situação de vulnerabilidade social, tem o propósito qualificar e aprimorar

saberes no ramo das cervejarias com formação para cidadania e geração de renda.

Atualmente, as mulheres estão aprendendo a sobre divulgação e exposição do produto. Por isso, estão participando de vários eventos públicos e privados, como feiras, festivais e exposições.

Além das aulas práticas, as alunas participam de ciclos de debate e troca de experiências sobre empreendedorismo e economia solidária, bem como formas de comercialização da cerveja.



Foto: Arquivo

Mulheres assentadas e acampadas criaram as cervejas artesanais

ANEXO 26 (TEXTO 26) – Unemat participa do 64º Fórum Nacional de Reitores a Abruem

Cáceres-MT, 15 e 16 de junho de 2019

Jornal
CORREIO CACERENSE

www.jornalcorreiocacerense.com.br

03

AUTO-DEFESA

Evento visou criar instrumentos de enfrentamento das políticas de gestão, bem como, condições para o avanço de ideias, pensamentos e deliberações coletivas

Unemat participa do 64º Fórum Nacional de Reitores da Abruem

Assessoria

O reitor da Unemat, Rodrigo Zanin, e a ex-reitora Ana Di Renzo, participaram do 64º Fórum Nacional de Reitores da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem), realizado nesta semana (13 e 14 de junho), no Auditório da Capes, em Brasília (DF).

Reitores e representantes das universidades filiadas à entidade discutiram, entre outros assuntos, a temática "Desenvolvimento Científico e Tecnológico regional e o papel da pós-graduação na correção das assimetrias". O objetivo, possibilitar, não somente a criação de instrumentos de enfrentamento do problema no campo das políticas de gestão, como também criar condições para o avanço de ideias, pensamentos e deliberações coletivas.

Rodrigo Zanin frisou a importância do fortalecimento da pesquisa e pós-graduação, principalmente neste momento de crise e falta de recursos. "A pós-graduação tem um papel significativo



Reitor Rodrigo Zanin fala sobre a expansão dos serviços da Unemat nos últimos anos

para a atração e fixação de recursos humanos qualificados em regiões periféricas do País. Dessa forma a pós-graduação deve se atualizar, aproximar mais dos problemas regionais e responder às

problemáticas do local onde está inserida, com produção de conhecimento e tecnologias que façam sentido para o estado e para a população Mato-grossense".

Durante a abertura, a ex-

reitora da Unemat, professora Ana Di Renzo, recebeu por parte da Associação o Diploma de Associada Honorária.

A intenção da Abruem foi reconhecer os trabalhos de excelência

desenvolvidos pelos reitores das IES Associadas durante seus anos de reitorado.

Os homenageados estiveram à frente das universidades entre 2010 a 2018.

ANEXO 27 (TEXTO 27) - Acadêmicos de Direito e Comissão da Mulher da OAB debateram sobre Violência contra a Mulher.

MESA REDONDA

Acadêmicos de Direito e Comissão da Mulher da OAB debateram sobre Violência contra a Mulher

Assessoria

Os acadêmicos do 1º e 2º semestres de Direito da FAPAN, em parceria com a Comissão da Mulher Advogada da Subseção da OAB de Cáceres/MT, se reuniram no último dia 15 para falar sobre o mês da mulher, com o tema: “Mesa-Redonda pelo Fim da Violência Contra a Mulher”.

A Presidente da Comissão da Mulher Advogada, Dra. Linnet Mendes Dantas, presidiu os trabalhos, com os seguintes temas: Evolução do Direito da Mulher no Brasil – Dra. Juliana Sales Pavini; Violência On-line Contra a Mulher: Reflexos e

Combate – Dra. Letícia Costa Barros e a Lei nº 13.718/2018 (Lei de Importunação Sexual) – Dra. Débora Pacheco Quidá.

O evento foi realizado para discutir as formas de prevenção e repressão à violência doméstica contra a mulher.

“Uma reflexão sobre esse assunto é muito importante para os acadêmicos de Direito, uma vez que contribui para a construção de operadores de Direito que abordam esse tema de maneira crítica”, explicou o Coordenador do curso, Joacir

Foto: Assessoria



Evento debateu a prevenção e repressão à violência doméstica contra a mulher

ANEXO 28 (TEXTO 28) - Mulheres vão às ruas neste sábado em ato de luta e protesto em Cáceres.

Cáceres-MT, 06 e 07 de março de 2020



www.jornalcorreiocacerense.com.br

03

DEFESA DA DEMOCRACIA

A programação do Dia Internacional da Mulher está inserida na programação da III Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres, evento que está acontecendo até 7 de março na UNEMAT campus Jane Vanini

Mulheres vão às ruas neste sábado em ato de luta e protesto em Cáceres

Assessoria

Mais juntas que nunca em defesa da democracia. Esse é o espírito que levará centenas de mulheres às ruas de Cáceres no próximo dia 7 de março em um grande ato de luta, reflexão e protesto no Dia Internacional da Mulher, marcado anualmente no Dia 8 de março.

Em Cáceres, o ato conta com uma extensa programação entre oficinas, marcha e apresentações, tudo organizado pela Associação dos Docentes da UNEMAT (ADUNEMAT), por meio de sua subseção local.

Já é tradição fazer atos, marchas, debates, greves e paralisações em nome de diversos direitos no Dia Internacional da Mulher: liberdade de escolha, direitos trabalhistas, poder sobre seu corpo, empoderamento, luta contra o fascismo, o machismo, contra a lesbobitranstobia, direito de ir e vir, dentre outros. As pautas são diversas e cada vez mais latentes.

Neste ano, as mulheres estão ainda mais organizadas e de mãos dadas para ocupar as ruas e fazer ecoar o grito contra todos os retrocessos que o governo Bolsonaro vem legitimando.

A defesa da educação pública, gratuita, laica e de qualidade também entram em pauta na programação das atividades que serão desenvolvidas pelo Sindicato em outras cidades, além Cáceres, como é o caso de Sinop e Colíder.

“Esse ano, vamos expressar



Com programação extensa elas clamam em defesa da democracia

nossa contrariedade e desgosto com as atitudes machistas do governo Bolsonaro e seus aliados, vamos dizer que lutamos pela democracia, pela educação e pela vida das mulheres”, reforçou uma das representantes da ADUNEMAT subseção de Cáceres e também organizadora da atividade, Giuliana Zilocchi.

Para ela, ir para as ruas manifestar as lutas é fundamental, considerando que temos nos mantido nas trincheiras, sobretudo lutando contra a retirada de direitos, a violência e a escalada autoritária.

Em Cáceres, a programação do Dia Internacional da Mulher está inserida na programação da III

Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres, evento que está acontecendo até 7 de março na UNEMAT campus Jane Vanini. A programação do 8M na cidade contará com oficinas, marcha e apresentações durante o sábado (07).

Além de Cáceres, Colíder e Sinop, por meio das subseções da Adunemat em parceria com alunos e coletivos, como o Coletivo Feminista Sinop para Elas, também realizarão atividades de conscientização, luta e resistência no Dia Nacional de Luta das Mulheres.

Em ambas as cidades, os atos programados não serão necessariamente no dia 8 de março, mas sim nos dias 6 e 7,

respectivamente.

Para a representante da Adunemat subseção de Sinop, Thiélide Pavaneli, a data é fundamental na conscientização e reflexão da sociedade no que diz respeito a temas que atravessam a vida das mulheres.

Segundo ela, “é importante mobilizar a sociedade sinopense para questões relativas à vida das mulheres, como políticas públicas inclusivas, combate à violência e representatividade política”.

As lutas que atravessam os

direitos das mulheres, trans, todos, todos e todas são pautas constantes da Associação dos Docentes da Unemat, para além do dia 8 de março.

O nosso Sindicato evidencia a importância do protagonismo na luta em busca de direitos iguais e respeito às especificidades, almejando a igualdade, independente da orientação sexual ou gênero.

Confira a programação das subseções da Adunemat para o #8M e participe.

ANEXO 29 (TEXTO 29) - FEMINICÍDIO & CIA: Executou a ex com 3 tiros e tentou matar amigo dela.

04

GIRO POLICIAL

CORREIO CACERENSE

Cáceres-MT, 16 e 17 de abril de 2019

FEMINICÍDIO & CIA

Assassino havia ameaçado matar a ex-companheira, que foi seguida ao deixar o clube com um amigo, e ainda teria ligado para o pai dela buscar o cadáver

Executou a ex com 3 tiros e tentou matar amigo dela

Da Redação

Fotos: Reprodução



Kendra, covardemente assassinada a tiros, (assassino Ronaldo no detalhe)

Um feminicídio com tentativa de homicídio foram registrados na madrugada de sábado último na vizinha cidade de Mirassol D'Oeste, quando a adolescente

Kendra Rayane de Carvalho, 17, foi covardemente assassinada a tiros em frente da casa onde morava na Rua Hélio Teixeira da Silva, frente ao Condomínio Bezerra, no Jardim das Oliveiras.

O amigo dela, Halif Thiago dos Santos, 25, que estava em sua companhia, foi baleado na região do abdômen, socorrido pela ambulância do Hospital Samuel Greve, mas devido a gravidade, encaminhado em seguida ao Hospital Regional de Cáceres, onde foi internado.

Logo depois do crime, o suspeito teria enviado uma mensagem para a ex-sogra, pedindo que ela fosse buscar a filha, que já estaria morta. Kendra deixou um filho.

De acordo com o boletim de ocorrência, registrado pela Polícia Militar que esteve no

local cuidando das primeiras providências, o principal suspeito é Ronaldo José de Souza Oliveira, ex-marido da vítima, não tinha ainda sido capturado até o fechamento desta edição, mas segundo os policiais, deve ser preso brevemente, pois é conhecido dos fardados, devido suas passagens por uso de drogas.

Segundo se apurou até o momento, a adolescente tinha ido em clube de festas do município, onde encontrou ex-companheiro Ronaldo, que já havia seguido a mãe da mesma, ameaçado a filha com mensagens no whatsapp na véspera, dizendo que iria matá-la e para concretizar o crime, armou uma cilada para tirar a jovem do

clube, informando ao segurança que ela seria menor de idade e deveria ser retirada do local.

Quando da saída de Kendra do clube com o amigo Halif, Ronaldo teria seguido o casal e na porta da casa dela, efetuou quatro tiros, três fatais contra a jovem e um no rapaz, evadindo-se em seguida.

Para a polícia, o caso, a priori trata-se de um feminicídio passional e uma tentativa de homicídio, que pode render futuramente uma pena longa para o criminoso.

As investigações estão a cargo do delegado Miguel Macário delegado.

ANEXO 30 (TEXTO 30) - FEMINICÍDIO: Armou cilada para assassinar ex-mulher a pauladas e facadas.

FEMINICÍDIO

Armou cilada para assassinar ex-mulher a pauladas e facadas

Da Redação

Um acerto para suposto pagamento de pensão alimentícia em atraso, seria a causa de um feminicídio registrado na manhã de anteontem em Cáceres na Rua Babaçu, bairro Espírito Santo, quando Sabino Guia da Silva, 52, assassinou sua ex-mulher Dilma Maria Ribeiro, 50 a golpes de faca e pauladas.

Para a delegada da Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, Judá Maali Marcondes, um crime bárbaro e inaceitável, quando se vê, alguém retirar a vida de uma mulher, mãe de 5 filhos, simplesmente, porque esta não quis mais conviver com ele.

O bárbaro crime segundo a filha da vítima, Sabrina Guia

Ribeiro, 18, a primeira pessoa a encontrar o cadáver da mãe no interior da casa, local do crime, um acerto de recebimento de pensão alimentícia de três filhos menores, pois Dilma recebera um aviso de Sabino residência, com isso, uma emboscada do pai, que teria combinado com sua mãe para receber o dinheiro da pensão dos filhos menores.

Conforme ela, como sua mãe que estava separada de seu pai há cerca de um ano devido as agressões sofridas, saiu cedo, já eram 11 horas e ela não voltava, foi à sua procura e quando chegou na residência encontrou a mãe caída, sem sinais vitais e desesperada comunicou-se com a polícia, que esteve no local de

providências.

O assassino foi preso horas após o crime, tranquilamente na casa de parentes onde havia se escondido e ao ser localizado fumando um cigarro, não esboçou reação, entregando-se aos policiais e com a maior frieza, confessando ter matado a ex-mulher. Com o covarde feminicida, os policiais aprenderam a faca utilizada no crime. O corpo da vítima foi removido ao IML para necropsia e a equipe especializada de homicídios está na captura do assassino, que se evadiu logo após o covarde crime.

O velório de Dilma foi na residência de familiares na Avenida Getúlio Vargas, nas proximidades e o sepultamento aconteceu ontem no cemitério Park dos Ipês.



Sabino Guia da Silva, confessou friamente a morte da ex-mulher

ANEXO 31 (TEXTO 31) - TENTATIVA DE FEMINICÍDIO: Em Cáceres, mulher é esfaqueada pelo companheiro enquanto fazia caminhada.

TENTATIVA DE FEMINICÍDIO

Em Cáceres, mulher é esfaqueada pelo companheiro enquanto fazia caminhada

Da Redação

Uma mulher de 27 anos viveu momentos de pânico, quando estava fazendo caminhada pelas ruas do bairro Monte Verde e foi atacada pelo convivente com golpes de faca.

Temendo pela própria vida, a vítima conseguiu escapar do agressor e saiu correndo, gritando por socorro pela Rua dos Cabral, quando populares ao verem aquela cena, acionaram o

Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar.

Testemunhas contam que ela gritava com uma das mãos no abdômen, dizendo que seu companheiro havia lhe esfaqueado.

A vítima Luana Bruna Ramos Marques, foi socorrida e encaminhada ao Hospital Regional de Cáceres, onde segundo informações passou por cirurgia.



Vítima foi socorrida e encaminhada ao HR

ANEXO 32 (TEXTO 32) - TRAGÉDIA FAMILIAR: Filho mata a própria mãe a facadas em bairro de Cáceres.

TRAGÉDIA FAMILIAR

Filho mata a própria mãe a facadas em bairro de Cáceres

Da Redação

Uma tragédia aconteceu no Bairro Jardim Guanabara, a dona de casa Marina Garcia Oliveira, de 66 anos, foi morta a facadas pelo próprio filho na noite de segunda-feira. O crime aconteceu na residência da vítima localizada na Rua Jacaranda.

Segundo Boletim de Ocorrência, Policiais Militares foram acionados via CIOSP, por volta das 19h50, com denúncia anônima relatando um

assassinato no Bairro Guanabara.

A Guarnição ao chegar no local encontrou o corpo da senhora Marina caído ao solo, e imediatamente solicitou a presença do Corpo de Bombeiros, que infelizmente constatou o óbito.

De posse das características e vestimentas que o suspeito usava quando deixou a casa, os policiais saíram em diligência e logo localizaram Jomarlei Garcia da Silva, de 28

anos, que foi preso em flagrante.

Jomarlei em conversa com a Guarnição, afirmou que matou a mãe para pegar o cartão dela e comprar cocaína. Ele disse que surtou diante da negativa da mãe em dar o cartão e desferiu vários golpes de faca em sua genitora. Vizinhos disseram que os suspeito era usuário de drogas e tinha problemas psicológicos.

O caso foi registrado como latrocínio, roubo seguido de morte. Agora ele está a disposição da justiça para as providências cabíveis.



Dona Marina caída ao solo, já sem vida

ANEXO 33 (TEXTO 33) - VÍTIMA DOPADA: Sexagenário preso em Cáceres suspeito de estuprar a enteada.

VÍTIMA DOPADA

Sexagenário preso em Cáceres suspeito de estuprar a enteada

Da Redação

Um idoso de 61 anos, identificado como J.S.E.S., foi preso pela Polícia Militar suspeito de ter estuprado a sua enteada de 31 anos, em um terreno localizado no bairro Santa Catarina, na cidade de Cáceres.

A vítima possui problemas mentais e era dopada pelo suspeito antes dos abusos.

Aos policiais, a vítima relatou que convive com o suspeito em um terreno separado da casa onde reside com a mãe.

A mulher disse ainda que há muito tempo vem sendo estuprada pelo suspeito e que na segunda-feira (13) foi novamente

abusada pelo padrasto.

Ela alega que por volta das 8 horas, o agressor entrou em seu quarto e a estuprou.

Além disso, a vítima contou que após os abusos, o padrasto fazia ameaças de morte, dizendo que a mataria caso ela o denunciasse à polícia.

Os policiais informaram, ainda, que a vítima sofre de problemas neurológicos e toma remédios controlados.

Diante dos fatos, o suspeito foi preso e encaminhado à delegacia para prestar depoimento ao delegado de plantão. O caso será investigado pela Polícia Civil.

Foto: Ilustrativa



Estupradores são motivos de repúdio mesmo entre os presidiários

ANEXO 34 (TEXTO 34) - Padrasto é preso acusado de estuprar enteada desde 2012.

TARADO CONTUMAZ

Padrasto é preso acusado de estuprar enteada desde 2012

Da Redação

Um indivíduo de 40 anos foi preso pela Polícia Judiciária Civil na última quinta-feira, (30) em Cáceres por estupro de vulnerável. Ele é acusado de estuprar durante sete anos a enteada que hoje tem 17. Ele teve a ordem judicial de prisão preventiva decretada pelos crimes de estupro de vulnerável e ameaça. A vítima é enteada do suspeito e vinha sofrendo os abusos sexuais desde os 10 anos. A menina possui debilidade cognitiva.

As investigações iniciaram no mês de abril, após a vítima procurar a Polícia Civil para denunciar os fatos. A menor revelou que vinha sendo abusada pelo padrasto há cerca de 7 anos, com quem perdeu a virgindade. A adolescente informou que chegou a contar para sua mãe e tia sobre os abusos. Na ocasião, ambas

foram tirar satisfação do suspeito, que negou as acusações, bem como ameaçou que mataria a vítima e toda família.

Conforme apurado, a mãe da menor encontra-se hospitalizada em Cuiabá tratando de um câncer. A vítima tem outras duas irmãs, sendo a mais velha hoje com 21 anos e a outra de 14 anos, contra as quais também há indícios de serem vítimas de estupro praticado pelo padrasto. Diante das investigações realizadas no inquérito policial, a Delegacia Especializada de Defesa da Mulher de Cáceres, representou pelo pedido de prisão preventiva do acusado, deferido pela Justiça.

Com o mandado de prisão expedido, os policiais civis efetuaram a prisão de A.P.F.N., que ficará detido à disposição da Justiça.

Foto: Suggestiva



No corró da delegacia o estuprador sabe o que o espera atrás das grades

ANEXO 35 (TEXTO 35) - CANA DUPLA: Padrasto preso por estuprar enteadas leva amigo em cana.

CANA DUPLA

Padrasto preso por estuprar enteadas leva amigo em cana

PJC-MT c/ Redação

Acusado de abusar sexualmente de suas enteadas de 10 e 14 anos, um rural que morava na Comunidade Sadia em Cáceres e agora vai morar um bom tempo atrás das grades, teve o mandado de prisão cumprido pela Polícia Judiciária Civil, na manhã da última sexta-feira (20), em ação realizada pela Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, da Criança e do Idoso (DEDMCI) e Delegacia Regional.

O suspeito, A.N.L., 30, foi preso em uma propriedade rural, na comunidade Vila Sadia, em Cáceres por força de mandado de prisão por

estupro de vulnerável.

O crime foi denunciado na Delegacia, após uma conversa na escola, quando uma das vítimas tomou coragem para falar dos abusos praticados pelo padrasto.

Ela revelou situações de estupro sofrido durante anos. Segundo a vítima, o suspeito oferecia presentes com intuito de aliviar os danos causados pelo abuso sexual.

Após o registro da ocorrência, foi representado pelo mandado de prisão preventiva contra o suspeito, que foi deferido pela Justiça e cumprido na sexta-

feira (20). Com a ordem judicial em mãos a equipe da DEDMCI, com apoio da Delegacia Regional, foi até o sítio, onde o suspeito estava escondido.

Além do cumprimento do mandado de prisão contra o suspeito, os policiais apreenderam na propriedade uma espingarda calibre 22, que pertencia ao dono do sítio. Diante da situação, os dois suspeitos foram conduzidos a Delegacia da Mulher de Cáceres, local em que foram tomadas as providências para cumprimento da ordem de prisão contra o estuprador e lavrado o flagrante contra o proprietário do sítio, por posse ilegal de arma de fogo.

Foto: Pedro Miguel



Tarado foi preso por estupro e amigo, por causa da espingarda

ANEXO 36 (TEXTO 36) - CANA NO PORTO: Polícia enquadra pai acusado de estuprar a filha e foragido.

CANA NO PORTO

Polícia enquadra pai acusado de estuprar a filha e foragido

Da Redação

Um homem acusado de estupro de vulnerável contra a própria filha, de 12 anos, teve o mandado de prisão cumprido pela Polícia Civil, na última segunda-feira (29), em Porto Esperidião. O suspeito M.C.S., 34, praticava os abusos contra a menor de forma reiterada há aproximadamente quatro anos.

A ordem de prisão contra o suspeito foi expedida pela Vara única da Comarca de Porto Esperidião, com base em investigações da equipe da Polícia Civil local. As diligências investigativas iniciaram após os responsáveis pela menor procurarem o Conselho Tutelar, que acionou a Polícia Civil, que instaurou inquérito para apurar o caso.

A vítima, atualmente com 12 anos de idade, declarou que os abusos praticados pelo pai aconteciam desde que ela tinha 08 anos, perdurando até os dias de hoje, relatando a menor que havia sofrido a violência sexual, na madrugada anterior ao seu depoimento.

Diante das evidências e dos indícios de autoria, foi representado pela prisão temporária do suspeito, a qual foi expedida pela Justiça e cumprida pela equipe de investigadores da Delegacia de Porto Esperidião.

Em outra ação realizada, na mesma segunda-feira (29), pela equipe da Polícia Civil daquela cidade, foi dado cumprimento ao mandado de prisão preventiva contra, Diego da Costa Aguiar, 23,

conhecido como “Já Morreu,” natural de Cuiabá e que estava com mandado de prisão preventiva decretado pela 2ª Vara Criminal de Cáceres.

A prisão do foragido ocorreu após ele apresentar comportamento suspeito ao avistar a viatura policial, fato que chamou atenção da equipe de investigadores que realizou a abordagem. Em checagem no sistema, foi verificada a ordem de prisão em aberto, sendo dado devido cumprimento.

Após terem os mandados cumpridos, os suspeitos foram conduzidos para a Delegacia de Polícia Civil de Porto Esperidião, e posteriormente encaminhados a audiência de custódia à disposição da Justiça.

ANEXO 37 (TEXTO 37) - DEDM DE CÁCERES: Polícia Civil proporciona dia de bem-estar e autoestima para mulheres vítimas de violência.

DEDM DE CÁCERES

Polícia Civil proporciona dia de bem-estar e autoestima para mulheres vítimas de violência

Assessoria

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, a Polícia Civil de Cáceres, a Polícia Civil, por meio da Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, promoveu na sexta-feira um evento para as vítimas atendidas pela unidade e também para servidoras.

Participaram do “Dia da Beleza” 30 mulheres vítimas de crimes de violência doméstica e familiar, que puderam usufruir de momentos especiais de bem-estar e autoestima.

O trabalho voluntário contou com a participação de diversos colaboradores, que disponibilizaram diferentes serviços voltados para os cuidados femininos, como manicure, penteado, maquiagem, massagem corporal e facial, design de sobrancelha, massagem redutora de medidas, entre outros. Todas as participantes receberam presentes doados por comerciantes de Cáceres.

Na ocasião também houve a apresentação da banda musical “Casa da Música”, regida pelo músico Rodrigo

Guimarães, proporcionando momentos de harmonia e alegria ao evento. Conforme a delegada titular da Dedm, Judá Maali Pinheiro Marcondes, a atividade que reuniu cerca de 50 pessoas, entre colaboradores e participantes, teve como principal objetivo elevar a autoestima e promover o autorreconhecimento das mulheres assistidas pela delegacia. “A Polícia Civil se preocupa com cada mulher atendida nesta unidade, por isso este evento foi criado para oportunizar o bem-estar a estas vítimas em situação de vulnerabilidade”, destacou a delegada de polícia.

Foram parceiros do evento: Manicure Jeane; Mônica Rocha Hair; Maurice Cabeleleira; Acadêmicos da Universidade Unopar; Casa da música; Mapili Decoração; Mary kay com a consultora Fernanda; O Boticário; Salão de beleza dos fios; Emanuely com produtos Hinode; Raissa Santos designer de sobrancelha; Léia Harmonia massagem; vereador Rosinei Neves e

Foto: Assessoria



Voluntários ofereceram vários serviços de beleza

ANEXO 38 (TEXTO 38) - Acordo MT/Bolívia firma parceria de combate ao tráfico de pessoas.

TERMO DE INTENÇÃO



Dados da Sesp mostram que mais de 500 pessoas foram vítimas de tráfico, entre 2013 e 2017, direcionadas, na maior parte, para o trabalho escravo

Acordo MT/Bolívia firma parceria de combate ao tráfico de pessoas

Assessoria c/ Redação

O Núcleo Estadual de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (Netrap), que é vinculado a Secretaria de Assistência Social e Cidadania (Setasc), firmará um

acordo bilateral com a Bolívia para viabilizar medidas de combate ao tráfico de pessoas.

O assunto está sendo pauta de reuniões entre representantes bolivianos com o

governador do Estado, Mauro Mendes, e a secretária da Setasc, Rosamaria Carvalho, iniciadas na última segunda-feira (29), data antecessora ao Dia Mundial de



Assunto foi pauta da reunião entre bolivianos com Mauro Mendes, e secretária da Setasc

Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, prosseguindo até esta quarta-feira.

O evento reúne autoridades de diversas áreas do Governo do Estado e técnicos de Mato Grosso e da Bolívia, na Casa Civil (Centro Político Administrativo), com a presença dos coordenadores e membros do Comitê de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (Cetrap). Na ocasião, as autoridades irão assinar um Protocolo de Intenções para a execução de diversas ações preventivas e de combate ao crime.

Um dos eixos da integração internacional é a Política de Assistência em Saúde Pública, com ênfase na prevenção ao tráfico de pessoas na região de fronteira entre Mato Grosso e a Bolívia. A representante da SFS-MT, Cleidi Souza, explica que a área da saúde integra a temática com ações do eixo de prevenção e assistência às vítimas.

Além da assinatura do Protocolo, no primeiro dia do evento houve a apresentação do Diagnóstico sobre Fronteira, realizado pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), além da divulgação dos avanços e desafios desde a primeira reunião, em 2018.

O governador ressaltou a importância do trabalho em conjunto e a boa vontade para resolver os problemas que envolvem o assunto.

“O tráfico de pessoas é algo que envolve muitos setores. É preciso que a importância do assunto seja de entendimento de todos. Estaremos sempre

apoiando ações como essa”, disse Mendes.

A secretária-adjunta de Direitos Humanos, Salette Morockoski, explicou que a 2ª Reunião Bilateral Brasil-Bolívia sobre Tráfico de Pessoas será dividida em três dias, finalizando com a assinatura do termo de intenção entre o governo de Mato Grosso e a Bolívia. “Estamos discutindo todas as áreas que envolve a problemática, incluindo entidades e representantes que trabalham com o tema, para chegar ao acordo bilateral”, pontuou.

A coordenadora do Comitê Estadual de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (Cetrap-MT), Dulce Regina Amorim, explicou que o tráfico de pessoas cresceu nos últimos anos principalmente entre crianças e adolescentes para exploração sexual, embora muitos casos não sejam quantificados.

Dados da Secretaria de Segurança Pública (Sesp) mostram que mais de 500 pessoas foram vítimas de tráfico, entre 2013 e 2017, direcionadas, na maior parte, para o trabalho escravo.

A representante do governo boliviano, Ana Valeria Escobar, informou os trabalhos de combate ao tráfico de pessoas realizados na Bolívia, mas destacou a necessidade do apoio bilateral para a continuidade das ações, principalmente no que se refere a prevenção. “É fundamental essa sincronia de informações para coibir esse crime nos dois países”, pontuou.